

'O maior novelista histórico de todos os tempos.'

THE TIMES



PATRICK O'BRIAN

*Clarissa Oakes,
Clandestina a Bordo*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Mestre dos Mares XV

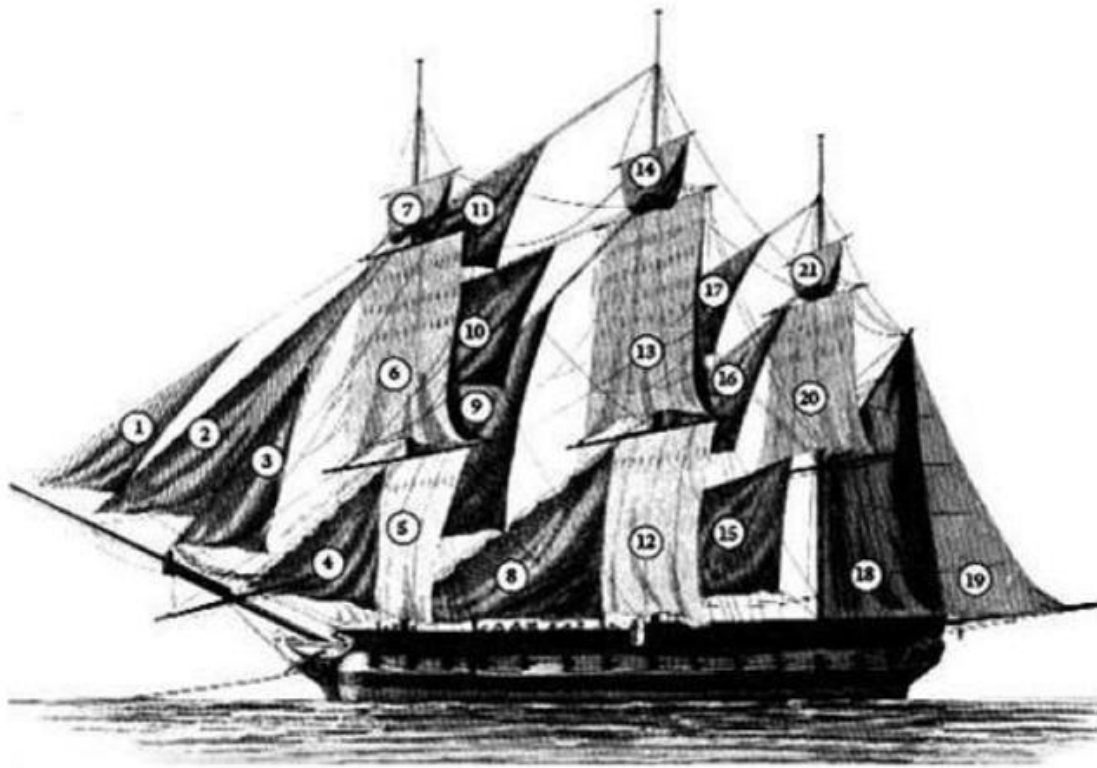
PATRICK O'BRIAN



*Clarissa Oakes,
Clandestina a Bordo*

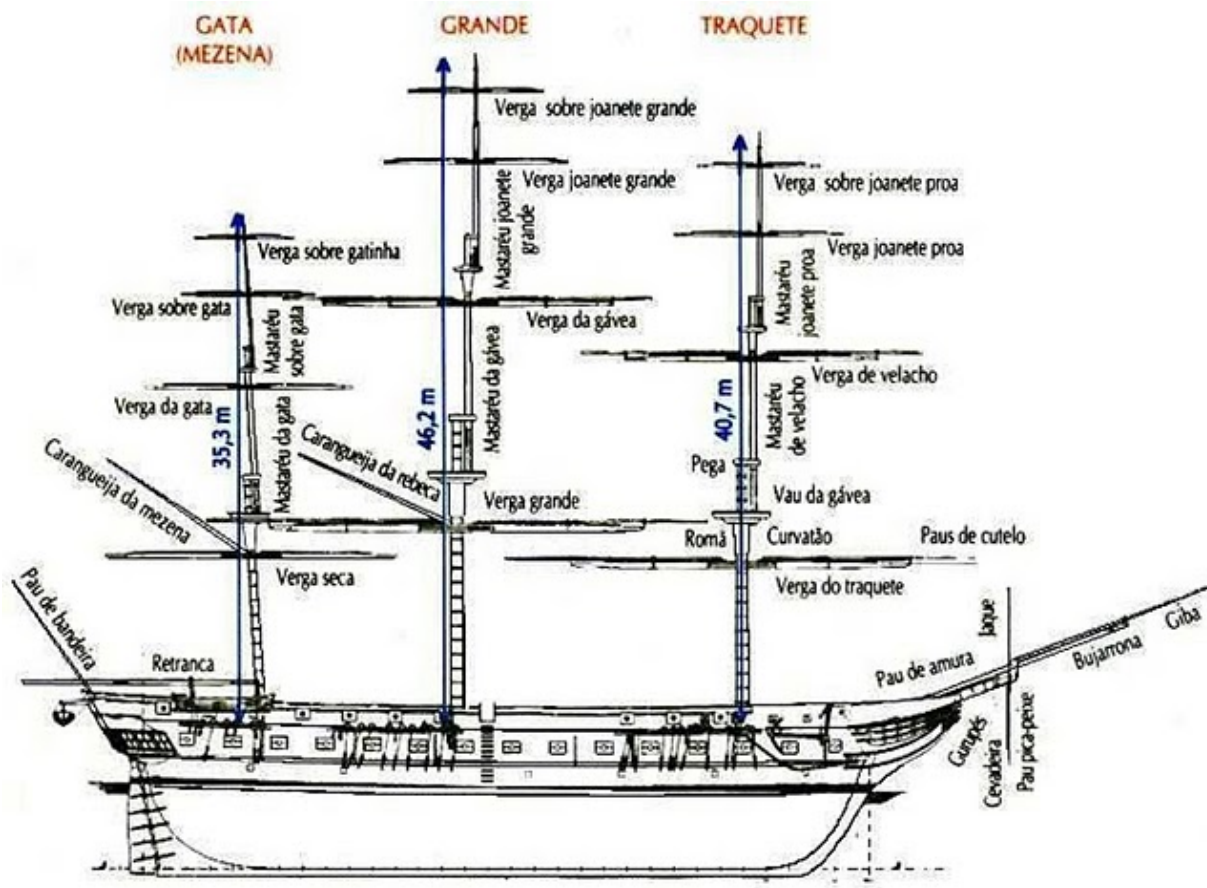
série **Mestre dos Mares**

Mestre dos Mares
O Capitão
A Fragata Surprise
Expedição à Ilha Maurício
A Ilha da Desolação
O Butim da Guerra
O Ajudante de Cirurgião
Missão em Jônia
O Porto da Traição
O Lado Mais Distante do Mundo
O Outro Lado da Moeda
A Patente de Corso
Treze Salvas em Honra
A Escuna Noz-moscada
Clarissa Oakes, Clandestina a Bordo
Um Mar Escuro como o Vinho do Porto
O Comodoro
Almirante em Terra
Os Cem Dias
Azul na Mezena



- 1— Giba
- 2— Bujarrona
- 3— Vela de Estai
- 4— Polaca
- 5— Traquete
- 6— Velacho baixo
- 7— Sobrejoanete de proa
- 8— Estai entre mastros
- 9— Estai do Mastaréu da gávea
- 10— Estai do meio
- 11— Estai principal do joanete

- 12— Grande
- 13— Gávea do grande
- 14— Joanete Grande
- 15— Estai da Mezena
- 16— Estai da gávea da mezena
- 17— Estai do mastaréu da mezena
- 18— Estai do joanete da mezena
- 19— Mezena
- 20— Gávea da Mezena
- 21— Sobrejoanete de popa



Ao comando da magnífica *Surprise*, o capitão Jack Aubrey e o espião e cirurgião Stephen Maturin abandonam as costas australianas em um dos breves períodos de paz nas guerras napoleônicas. Contudo, é evidente que algo misterioso inquieta a tripulação, e Maturin receberá informação a respeito dos serviços secretos franceses por um conduto muito pouco convencional. O tempo em que Aubrey e Maturin eram um par de jovens intrépidos e audazes já começa a ficar longe; chegou a hora de demonstrarem sua sagacidade e experiência em situações completamente imprevisíveis.

Nota da edição

espanhola

Este é o décimo quinto romance da mais apaixonante série de novelas históricas marítimas jamais publicada; por considerá-lo de indubitável interesse, ainda que os leitores que desejem prescindir disso podem perfeitamente fazê-lo, inclui-se um arquivo adicional com um amplo e detalhado Glossário de termos marítimos.

Foi mantido o sistema de medidas da Armada Real inglesa, como forma habitual de expressão da terminologia náutica.

1 jarda = 0,9144 metros.

1 pé = 0,3048 metros — 1 m = 3,28084 pés.

1 cabo = 120 braças = 185,19 metros.

1 polegada = 2,54 centímetros — 1 cm = 0,3937 polegada.

1 libra = 0,45359 quilogramas — 1 kg = 2,20462 libra.

1 quintal = 112 libras = 50,802 kg.

1 pinta = 0,47 litros.

1 celemine = 4,6 litros.

CAPÍTULO 1

De pé, junto ao coroamento da fragata e inclinado sobre este, Jack Aubrey observava a esteira, que não se estendia até muito longe nem com muito vigor sobre as cristalinas águas de colorido azul-verdoso; contudo, era uma esteira considerável para os ventos suaves que sopravam. A fragata acabava de mudar de bordo, tinha as velas amuradas para bombordo e, como ele esperava, na esteira se formou aquela curiosa fenda que aparecia quando as escotas ficavam amarradas mais perto da popa, pois então tinha a tendência de orçar independentemente do que o timoneiro fizesse.

Conhecia a *Surprise* melhor do que qualquer dos barcos nos que estivera de serviço. Quando era guarda-marinha, haviam lhe amarrado transversalmente ao canhão que ficava justo abaixo da cabine e lhe surraram por mau comportamento; quando já era capitão, também usara a força bruta para ensinar aos cadetes a diferença entre o que é certo e o que é errado na marinha. Estivera de serviço nela durante muitos anos e lhe tinha mais carinho que à primeira embarcação que tivera sob seu comando. Mas o motivo principal para amá-la não eram suas qualidades como barco de guerra, como máquina de combate, pois quando havia subido a bordo dela pela primeira vez, muito tempo atrás, nem seu tamanho nem sua potência eram consideráveis e, agora, depois de mais de vinte anos de guerra, quando as fragatas tinham geralmente trinta e oito ou trinta e seis canhões de dezoito libras e um calado de mil toneladas, ficara para trás, já que só tinha vinte e oito canhões de nove libras e um calado de menos de seiscentas toneladas. A Armada tinha vendido a *Surprise* e vendera ou destruíra as demais embarcações de sua classe, assim já não havia nenhuma de serviço,

apesar dos estaleiros franceses e norte-americanos estarem contruindo barcos com rapidez, com grande rapidez. Na realidade, ele a amava sobretudo por suas qualidades como embarcação, porque era tão rápida e respondia tão bem às manobras que se bem manobrada podia ultrapassar qualquer um dos navios de velas quadradas que conhecia, especialmente navegando de bolina. A *Surprise* também lhe permitira se recuperar de sua desgraça quando ambos estavam fora da Armada (ele havia sido expulso do serviço e a fragata tinha sido leiloada) e estava sob seu comando como um barco corsário. Ainda que isso poderia ter acrescentado um toque de fervor ao seu carinho, a verdadeira causa era o prazer que lhe proporcionavam sua forma de navegar e os inumeráveis traços que a definiam como embarcação. Por outro lado, agora era seu proprietário além de seu capitão, já que Stephen Maturin, o cirurgião da fragata que a comprara quando a puseram à venda, recentemente concordara a vedê-la. E o que era ainda mais importante, tanto a embarcação como o homem faziam parte da Armada outra vez, pois Jack Aubrey tinha sido reabilitado depois de uma operação de resgate sumamente brilhante (e depois de ser eleito membro do Parlamento), e a *Surprise* era atualmente uma fragata alugada para sua majestade (isto não equivalia a uma reabilitação completa, mas estava muito perto, e era suficiente para que, agora, ele se sentisse satisfeito).

A primeira tarefa da fragata nesta viagem havia sido levar Aubrey e Maturin, que era agente secreto além de médico, para a costa ocidental da América do Sul, onde tratariam de fazer os franceses fracassarem em sua tentativa de aliar-se com os peruanos e chilenos que dirigiam o movimento de independência da Espanha e, ademais, conseguir que a Inglaterra fosse o novo depositário de seu afeto. Contudo, como a Espanha era então, pelo menos nominalmente, aliada da Grã Bretanha, a missão devia ser realizada sob a aparência de uma operação corsária na qual iam atacar baleeiros e mercantes norte-americanos no Pacífico Sul e qualquer barco francês que encontrem por casualidade no leste do Pacífico. Mas o plano fora revelado por um traidor que ocupava um alto cargo em Whitehall e que ainda não havia sido identificado, de modo que

tivera que ser adiado. Então Aubrey e Maturin foram realizar outra missão no sul do Mar da China meridional, ainda que secretamente marcaram um encontro com a *Surprise* do outro lado do mundo, aproximadamente nos 40° N e 127° E, na entrada do estreito de Salibabu, e entretanto a fragata esteve ao comando de Tom Pullings, o imediato de Jack, e, naturalmente, tripulada pelos marinheiros que a manejavam quando era um barco corsário. Desse lugar, as presas capturadas mais recentemente foram enviadas a Cantão escoltadas pela Noz-moscada, um encantador barco correio emprestado a Jack Aubrey pelo vice-governador de Java, e eles prosseguiram a viagem para a Nova Gales do Sul, até chegar ao porto de Sidney. Lá Jack pretendia reabastecer e fazer importantes reparos na fragata com o fim de prepará-la para a viagem para o leste rumo à América do Sul ou ainda mais longe, e Stephen esperava ver as riquezas naturais das antípodas, especialmente o *Ornithorhynchus paradoxus*, o ornitorrinco, um animal com a boca parecida com o bico de um pato.

Infelizmente, o governador estava ausente e Jack viu truncadas suas esperanças devido à má vontade dos funcionários da colônia, enquanto isso a realização das de Stephen o levou à beira da morte, pois o incauto surpreendeu um ornitorrinco no meio da cerimônia de cortejo, e o animal, ofendido, cravou-lhe os dois esporões venenosos no braço. Foi uma desafortunada visita a uma terra infeliz e desolada.

Mas as costas do odioso presídio já haviam se perdido de vista a oeste e agora o horizonte era uma fina linha em torno do céu. Jack estava de novo em seu querido mundo, a bordo de sua própria fragata, à qual tanto amava. O estado de Stephen, que era lamentável (estivera muito inchado, surdo, cego e rígido), havia melhorado com extraordinária rapidez, e já não tinha a cara de cor azul-chumbo senão amarelada, sua cor habitual, e podia ser ouvido na cabine interpretando com o violoncelo uma peça muito alegre que tinha composto para celebrar o nascimento de sua filha. Jack sorriu (estimava muito ao seu amigo), mas depois de um par de compassos, pensou: "Não sei por que Stephen está tão contente por ter uma filha. Nasceu para ser solteiro. Não conhece a satisfação da vida caseira, da vida em família. Não está preparado para o

matrimônio, e muito menos para o matrimônio com Diana, que, indubitavelmente, é uma pessoa brilhante e com brio, uma estupenda amazona e uma excelente jogadora de bilhar e *whist*, mas gosta de fazer grandes apostas e o vinho costuma subir-lhe à cabeça. De qualquer maneira, é inadequada para Stephen, pois não gosta dos livros e seu interesse principal é a criação de cavalos. Mas geraram esta criatura, que, além de tudo, é uma menina..." A esteira se estendeu formando uma linha reta como um cabo esticado e, depois de alguns momentos, Jack continuou: "Sei perfeitamente que queria uma filha e me parece muito bom que tenha uma, mas espero que não reaja contra ele como um ornitorrinco. "Poderia ter acrescentado algumas considerações sobre o matrimônio e as relações, tão amiúde insatisfatórias, entre homens e mulheres e entre pais e filhos, se não fosse porque o grito de Davidge" recolham os cabos!", cortou o fio de seu pensamento.

— recolham Os cabos!

Aquele grito era mecânico, rotineiro e inútil, já que a fragata acabava de mudar de bordo (com mais conversa do que se costumava ter em um barco de guerra, mas também com mais precisão que a maioria) e os tripulantes da *Surprise*, como era natural, estavam recolhendo rapidamente as braças e as bolinas da exércia móvel, assim como o haviam feito milhares de vezes antes. Mas sem esse grito teria faltado algo, uma minúscula parte do ritual naval que era uma parte fundamental da vida no mar.

"Não tem vida melhor que a vida no mar", pensou Jack.

E, sem dúvida, nesse momento ele desfrutava do melhor dela, pois estava a bordo de uma embarcação bem provida (o governador, ao regressar, fez tudo o que pôde nos poucos dias que restavam), com uma excelente tripulação, integrada por antigos marinheiros da Armada Real e de barcos dedicados ao contrabando e ao corso, todos profissionais da cabeça aos pés, e se dirigia à ilha de Páscoa, pelo que ainda teria que navegar muitas milhares de milhas pelo alto mar. O mais importante era sua reabilitação, e ainda que a *Surprise* já não fosse verdadeiramente um barco do rei, seu futuro como embarcação privada e o dele como oficial da marinha estavam tão seguros como era possível naquele elemento tão

mutável. Certamente lhe ofereceriam o comando de um barco tão logo como chegasse ao seu país, porém, por desgraça, não uma fragata, mas provavelmente um navio de linha, porque já tinha muita antiguidade. E era possível que o nomeassem comodoro de uma pequena e isolada esquadra. Fosse o que fosse, como alcançar o cargo de almirante dependia da antiguidade e da sobrevivência e não dos méritos, não estava muito longe de consegui-lo, e o fato de ser membro do Parlamento por Milport (um distrito miserável, cuja opção de representação lhe fora dada como presente por seu primo Edward) significava que, apesar dos castigos recebidos, era quase certo que o nomeariam almirante quando ainda estivesse no mar, pois tanto se esse distrito era miserável como se não, um voto era um voto.

Tinha essa certeza desde que tinham aparecido impressas na *Gazette* as palavras: “Capitão Jack Aubrey, da Armada Real, foi reabilitado com seu grau e sua antiguidade anteriores e recebeu o comando da *Diane*, de trinta e dois canhões”. E todo seu coração se enchera de uma profunda felicidade. Agora tinha outro motivo mais imediato para estar contente, já que seu amigo havia experimentado uma assombrosa recuperação.

“Então, por que estou tão mal-humorado?”, perguntou-se.

Cinco badaladas. O pequeno Reade, o guarda-marinha de serviço, foi até a popa seguido pelo encarregado dos sinais, que levava a barquilha, e saltou para a borda. A nacela caiu na água e o barbante se moveu devagar para trás.

— Girar! — sussurrou o suboficial com a voz rouca por mascar tabaco.

Reade subiu o relógio de areia de vinte e oito segundos à altura dos olhos.

— Parar! — ordenou por fim em voz alta e clara.

O suboficial disse ofegando:

— Três e meio, companheiro.

Reade lançou ao capitão um malicioso olhar, mas ao ver sua expressão grave foi até a proa e, projetando a voz para a popa e alçando-a bastante, disse a Davidge:

— Três nós e meia braça, senhor, com sua permissão.

A esteira se alongou e começou a mover-se mais rápido do que Jack havia previsto (esse era o motivo do olhar malicioso).

— Estou mal-humorado desde a manhã e, além de tudo, irritável, como se fosse um homem de mau caráter, e isto é sumamente vergonhoso — disse e continuou refletindo.

Seu profundo afeto por Stephen não evitava que algumas vezes este lhe causasse insatisfação, uma insatisfação que inclusive podia durar longo tempo. Para reabastecer a fragata de um modo rápido e eficiente, era fundamental ter boas relações com a administração da colônia, mas isso não foi possível devido à presença de Stephen, um homem irascível, meio irlandês e católico até os tutanos, naquele ambiente marcadamente anti-irlandês e anti-católico (Botany Bay havia se enchido de membros da United Irishmen — Irlandeses Unidos — depois do levante de 1797). Para dizer a verdade, a causa não foi só sua presença mas também o fato de que no primeiro dia que passou na colônia que servia de presídio, depois de um almoço no palácio do governador, respondeu a um insulto e cobriu de sangue a escada de pedra de Bath. Jack teve que suportar durante semanas as obstruções e a atitude hostil dos funcionários (a humilhante revista da fragata para buscar prisioneiros, a detenção de seus botes e a prisão de marinheiros de licença em terra que estavam levemente bêbados) e não pôde pôr fim a tudo isso até depois do regresso do governador, a quem prometeu que nenhum fugitivo escaparia de Port Jackson na *Surprise*. Stephen, o pobre, não podia ser culpado de seu adverso nascimento nem de ter respondido a tão terrível insulto; contudo, podia ser culpado — e, em efeito, Jack o culpava — de ter planejado sem seu consentimento a fuga de seu antigo servente, Padeen Colman. Padeen, que era tão papista como ele e mais irlandês (era quase monolíngüe), havia sido sentenciado a morte por roubar láudano de um boticário, pois se tornara viciado a ele quando ajudava a Stephen na enfermaria, mas haviam lhe comutado a pena pela deportação para Nova Gales do Sul. Stephen explicara o caso a Jack quando este se encontrava exausto devido ao trabalho e aos últimos preparativos, sumamente decepcionado por causa de uma mulher presunsa e sem consciência e irritado pelas refeições oficiais em

meio do sufocante calor, e a grande diferença entre as opiniões de ambos havia posto em perigo sua amizade. Mas a fuga chegou a produzir-se em meio da confusão que seguiu ao encontro de Maturin com o ornitorrinco e agora Padeen estava a bordo. Acontecera com o consentimento do amo de Padeen e de toda a tripulação, mas não se podia dizer que o capitão havia faltado com sua palavra, pois o fugitivo não saíra de Port Jackson mas de Woolloo-Woolloo, um lugar situado ao norte dali, a um dia de caminho. Para Jack aquela evasão era como qualquer outra e pensava que fora manipulado, o que lhe desagradava muitíssimo.

Certamente, essa não era a única vez que haviam lhe manipulado. Durante a viagem de Batavia a Sidney, Jack Aubrey havia mantido a castidade, ainda que por obrigação, pois não tinha a ninguém com quem perdê-la; durante as angustiantes e decepcionantes negociações em Sidney também havia mantido a castidade, porque estava exausto ao final do dia; mas quando regressou o governador Macquarie tudo mudou. Em diversas recepções oficiais e não oficiais se encontrou com Selina Wesley, uma jovem bonita e gordinha, com um proeminente peito, olhos inquietos e uma reputação nem boa nem má, e ambos se sentaram juntos à mesa em dois almoços e dois jantares. Ela tinha conexões na Armada, sabia muito do mundo e falava com desenvoltura, e ambos se entendiam muito bem. Ela dizia que a exasperavam os monges e as monjas da igreja romana e que considerava o celibato uma soberana bobagem, algo antinatural. Uma noite, durante o intervalo de um concerto que tinha lugar em alguns jardins nos arredores de Sidney, ela lhe pediu que a acompanhasse até um bosquezinho de samambaia, e ele sentiu um desejo tão forte como quando era jovem e quase não pôde dominar sua voz. Ela pegou seu braço e ambos se afastaram discretamente da luz da lanterna, passaram por trás de um caramanchão e avançaram por uma vereda.

— Burlamos a vigilância da senhora MacArthur — disse ela, rindo, e apertou mais a mão durante um momento.

Continuaram avançando pela vereda e, finalmente, um homem saiu das sombras.

— Ah, está aí, Kendrick! — exclamou a senhora Wesley. — Não estava segura de poder encontrar-te. Muito obrigado, capitão Aubrey. Estou segura de que lhe será muito fácil encontrar o caminho de regresso guiando-se pelas estrelas. Kendrick, o capitão Aubrey teve a amabilidade de oferecer-me seu braço para avançar pela vereda na escuridão.

Jack tinha outros motivos de descontentamento, como os ventos suaves e desfavoráveis que mantiveram à vista a ilha Bird durante muito tempo e os ventos alísios, que eram falsos e forçaram a fragata a navegar um dia depois do outro de bolina e a mudar de bordo em redondo a cada quatro horas para dar bordejadas. Alguns dos motivos eram questões triviais. Da *Noz-moscada* para a *Surprise* só tinham passado dois guardas-marinhas, os dois de quem se sentia mais responsável, e ambos eram exageradamente incômodos. Reade, um garoto bem assemelhado que havia perdido um braço em uma batalha contra *dyaks* piratas, era mimado pelos tripulantes da *Surprise* e se tornara muito convencido; Oakes, seu companheiro, um jovem de dezessete ou dezoito anos muito peludo, ia de um lado para o outro cantando e saltando como um bezerro, o que era impróprio para um oficial. Jack esquivou o caso de Nathaniel Martin, o reverendo Nathaniel Martin, um clérigo sem benefício. Martin era um homem culto e um naturalista e tinha chegado à *Surprise* como ajudante de cirurgião para ver o mundo em companhia de Maturin. Era impossível que Martin, um homem muito respeitável, fosse desagradável para alguém, ainda que a forma com que tocava a viola nunca lhe teria servido de recomendação para nenhuma parte; contudo, Jack tampouco podia sentir simpatia por ele. Martin, indubitavelmente, era um companheiro mais adequado para Stephen em alguns aspectos, mas Jack achava que o fazia passar muito tempo falando de primatas no cesto da gávea do mezena ou observando indefinidamente seus exemplares de insetos e seus sapos mumificados na câmara dos oficiais. Jack deixou esse assunto de lado rapidamente, porque não queria deter-se a refletir sobre ele, e pensou no estranho e inexplicável comportamento dos tripulantes da fragata. Obviamente, não eram como os marinheiros da Armada Real, pois falavam muito mais, gozavam de mais independência,

eram menos respeitosos e mais companheiros que subordinados. Mas Jack havia se acostumado a tudo isso e já não lhe molestava. Além do mais, havia chegado a pensar que os conhecia muito bem depois de ter navegado com eles como corsário e ter feito a longa viagem de Salibabu a Nova Gales do Sul. Contudo, parecia que algo lhes ocorrera em Sidney, pois agora riam mais que antes, faziam gestos entre eles que provocavam risos no castelo e amiúde lhe lançavam olhares significativos. Em qualquer outro barco isso teria sido interpretado como má conduta, mas aqui até os oficiais se comportavam de forma rara. Às vezes inclusive Tom Pullings, a quem conhecia desde que estivera ao comando de um barco pela primeira vez, parecia estar lhe olhando inquisitivamente.

Tinha motivos para estar descontente e sentir-se ofendido, indubitavelmente, e nenhum era maior nem comparecia com tanta insistência a sua mente como aquela jogada no bosquezinho de samambaias, recordando-lhe sua humilhação e seu profundo desejo insatisfeito. Mas pensava que nem mesmo tudo isso conjuntamente justificava seu crescente mau humor, sua propensão à irritação desde que acordava ou seu incipiente mau gênio, que qualquer coisa podia aumentá-lo. Quando era jovem nunca se sentira assim, e nenhuma mulher o havia burlado tampouco.

Então pensou: “Talvez devesse pedir uma pílula azul a Stephen. Ou talvez um par de pílulas. Faz muito tempo que não vou ao sanitário”.

Avançou pela proa e a medida que caminhava o lado de barlavento do castelo de popa ia ficando vazio, e quando passou junto ao leme, tanto o encarregado dos sinais como o timoneiro viraram a cabeça para olhá-lo. Imediatamente a *Surprise* virou dez graus para barlavento e as bordas das gáveas fizeram uma ondulação de advertência que fez Jack exclamar:

— Cuidado com o leme, malditos marinheiros de água doce! Que demônios pretendem olhando-me como um par de pastores extraviados? Cuidado com o leme! Vocês me ouviram? Senhor Davidge, hoje não haverá grogue para Krantz nem Webber.

Todos no castelo de popa estavam assombrados e sérios, mas quando Jack desceu a escada do castelinho para ir para a cabine

ouviu risos no castelo. Stephen ainda estava tocando e Jack entrou na ponta dos pés, apoiou um dedo nos lábios e fez esses gestos que as pessoas costumam empregar para indicar que são como seres imateriais, silenciosos e invisíveis. Stephen, com o olhar ausente, consentiu com a cabeça e quando terminou o fragmento disse:

— Vejo que já desceu.

— Sim — respondeu Jack —, a verdade é que desci. Sei que este tempo não é o que dedica a estas coisas, mas eu gostaria de lhe fazer uma consulta se posso.

— É claro que pode! Só estava fazendo umas variações sobre um tema insignificante. Se o que tem a dizer é algo íntimo, vamos fechar a escotilha e nos sentar no escaninho do fundo.

A maioria das consultas que os homens do mar faziam pouco depois que um barco saía de um porto estavam relacionadas com doenças venéreas, que causavam vergonha a uns e a outros não. Geralmente, os oficiais preferiam que não se soubesse qual era seu estado.

— Não é realmente íntimo — disse Jack, fechando a escotilha de toda forma e sentando-se no escaninho que ficava junto à janela de popa. — Mas estou muito irritado, desde a manhã tenho mau humor e me parece que me tratam muito mal. Há algum remédio para o bom caráter e a benevolência, para que um fique mais satisfeito do que Deus o há dado? Pensei em uma pílula azul com um pouco de ruibarbo talvez.

— Mostre-me a língua — disse Stephen e, sacodindo a cabeça, continuou: — deite-se de costas.

Depois de um momento acrescentou:

— Como pensava, o fígado é o órgão culpado ou pelo menos o que tem mais culpa de todos. Está inchado e duro e se pode apalpar muito bem. Faz algum tempo que não gosto do aspecto de seu fígado e o doutor Redfern tampouco gostava. Nota-se muito na cara que tem excesso de bÍlis: a parte branca dos olhos estão de cor amarelo sujo e debaixo têm uma espécie de meia lua de cor cinza-violácea que lhe dá uma expressão de evidente desgosto. Sem dúvida, como tenho dito durante todos estes anos, você come muito, bebe demais e não faz exercícios suficientes. Ao longo desta

viagem notei que ainda que o mar esteja em calmaria desde que saímos de Nova Gales do Sul, mesmo que não tenha tubarões ao redor, não há absolutamente nenhum tubarão, e ainda que Martin e eu estejamos vigiando constantemente, você deixou de se banhar no mar.

— O senhor Harris disse que isso não era bom em meu caso. Disse que fecha os poros e que faria juntar-se a bÍlis amarela com a negra.

— Quem é o senhor Harris?

— É um homem com poderes extraordinários. O coronel Graham o recomendou quando você estava viajando pelos bosques. Só lhe dá o que cresce em seu próprio jardim ou no campo e lhe esfrega a coluna com um óleo. Conseguiu assombrosas curas e é muito apreciado em Sidney.

Stephen não fez nenhum comentário. Havia visto muita gente bem educada correr atrás de homens com poderes extraordinários para que isso lhe provocasse algo mais que uma leve exasperação.

— Vou fazer-lhe uma sangria — disse. — E prepararei um colagogo suave. Como já estamos muito longe de Nova Gales do Sul e do território desse taumaturgo, aconselho que retorne aos banhos de mar e às rápidas subidas ao mais alto dos paus.

— Muito bem. Mas não pensa em me dar o remédio hoje, né, Stephen? Amanhã vou passar revista, recorda-se?

Stephen sabia que para Jack Aubrey, como para muitos outros capitães e almirantes que conhecia, tomar remédios significava tragar improváveis quantidades de calomelano, enxofre e ruibarbo da Turquia (acrescentados quando receitado por seu próprio cirurgião) e passar o dia seguinte sentado na latrina ofegando, puxando, suando e arruinando a parte mais baixa do espaço alimentar.

— Não — respondeu. — Mas é só uma mistura que deve ir seguida de uma série de cômodos enemas.

Jack observou como o sangue caía sem parar na tigela e depois pigarreou e disse:

— Suponho que tem pacientes com... Bem, com desejos.

— Seria estranho que não tivesse.

— Quero dizer, se me perdoa a expressão, com frangas importunas.

— Claro que sim. Eu lhe entendo. Na farmacopéia se encontram poucas coisas que possam ajudar-lhes. Às vezes proponho uma simples operação — acrescentou, agitando a lanceta. — Sente-se uma dor momentânea, exala-se talvez um suspiro e se consegue a liberdade eterna, navega-se serenamente, sem ser açoitado pelas tormentas das paixões, sem ter tentações, sem problemas, sem pecado. Mas quando a recusam, o que fazem invariavelmente ainda que tenham dito antes que dariam qualquer coisa para liberar-se de seus tormentos, e se não têm alguma anomalia física, tudo o que posso recomendar-lhes é que aprendam a controlar suas emoções. Poucos têm êxito, e alguns são arrastados a insólitos extremos. Mas em seu caso, meu amigo, há uma clara anomalia física. Devo dizer que Platão e os antigos em geral acreditavam que o fígado era a fonte do amor. *Cogit amar jecur*, diziam os romanos. Assim que devo insistir em meu pedido de que tome mais banhos de mar, suba mais ao alto da exércia, faça mais exercício pela manhã cedo e, sobretudo, seja sóbrio no almoço para evitar que esse órgão tenha graves transtornos.

Fechou a veia e, depois de lavar a tigela no jardim^{1}, continuou:

— Quanto ao mau humor de que se queixa, meu amigo, não espere muito de meus remédios, pois, infelizmente, nem a juventude nem a despreocupação nem a felicidade podem ser engarrafados. Tem que compreender que certa melancolia e amiúde certa irrascibilidade acompanham a velhice. Na verdade, poderia dizer-se que a velhice leva aparelhada o mau caráter. Ao chegar à meia idade, o homem se dá conta de que já não pode fazer certas coisas, que perdeu a boa aparência, que tem uma enorme barriga e que, apesar de que arda em desejos, as mulheres já não o acham atraente, e por isso se rebela. A fortaleza, a resignação e a conformidade são mais efetivas que as pílulas, quer sejam vermelhas, azuis ou brancas.

— Stephen, não pensa que sou um homem de meia idade, né?

— A vida dos marinheiros é sumamente curta e chegam à meia idade antes que os cavalheiros abstêmios que vivem no campo. Jack, você tem levado uma vida o menos sã que um é capaz de imaginar, exposto constantemente à umidade, empapado até os ossos, ouvindo esse maldito sino a cada hora durante a noite. Foi ferido Deus sabe quantas vezes e trabalhou excessivamente. Não me admira que esteja grisalho.

— Não estou grisalho. O meu cabelo está se pondo amarelo como o botão de ouro.

Jack tinha o cabelo comprido e o usava arrumado em uma trança dobrada e atada com um grande laço negro. Stephen desatou o laço e aproximou a ponta da trança de seus olhos.

— Maldito seja! — exclamou Jack, olhando-o à luz do sol. — Maldito seja! Há alguns fios grisalhos... Montes de fios grisalhos. Indubtavelmente, tenho o cabelo grisalho como um texugo. Não o tinha notado.

Seis badaladas.

— Quer que lhe fale de algo mais alegre?

— Sim, por favor — respondeu Jack, que afastou a vista da trança e o olhou esboçando o mesmo doce sorriso que quando se conheceram.

— Dois de nossos pacientes estiveram nas duas ilhas pelas quais pensa passar. Philips esteve na ilha Norfolk e Owen na ilha de Páscoa. Philips a conhecia antes que a abandonassem como presídio, e a conhecia muito bem porque passou ali... Acho que aproximadamente um ano, conforme disse Martin, que foi a quem Philips lhe falou do lugar. O caso é que passou muito tempo na ilha depois que o barco em que navegava naufragasse. Eu me esqueci do nome... Era uma fragata.

— Deve de ter sido a *Sirius*, que estava sob o comando do capitão Hunt. As ondas a empurraram para um arrecife de coral em 1790, algo muito parecido ao que nos ocorreu daquela vez que estivemos a ponto de ser empurrados ao arrecife da ilha Inacessível. Meu Deus! Nunca em minha vida tive tanto medo. Não tinha medo, Stephen?

— Não. Não acho que haja ninguém na Armada tão valente como eu. Porém, além de tudo, como recordará, estava abaixo, jogando xadrez com o pobre Fox, e não soube de nada até que estávamos a salvo. Porém, como lhe dizia, Martin se pôs muito contente quando ouviu que as pardelas colicortas estão agora ali. Ele gosta mais dos petréis do que de mim, e a pardela colicorta, meu amigo, pertence a esse interessante grupo. Tem muitas esperanças de que desçamos a terra.

— Indubtavelmente, eu gostaria com prazer-lhe, se for possível desembarcar lá. Às vezes as ondas são muito grandes, sejam quais sejam as condições. Falarei com Philips e pedirei a Owen que me conte tudo o que saiba da ilha de Páscoa. Se este vento se mantiver, avistaremos o monte Pitt de Norfolk amanhã pela manhã.

— Espero que possamos descer a terra, pois, além de outras coisas, lá fica o famoso pinheiro de Norfolk.

— Lamentavelmente, acabaram com eles faz anos. Proporcionavam enormes paus, mas não suportavam nem sequer uma moderada pressão.

— Isso mesmo. Recordo que o senhor Seppings nos leu um excelente trabalho em Somerset House. Mas o que realmente queria dizer era que uma planta tão curiosa e assombrosa como o pinheiro de Norfolk pôde hospedar insetos igualmente curiosos e assombrosos e tão pouco conhecidos no mundo como seu hospedeiro.

— Falando de Martin — disse Jack, que não se importava com os insetos, por estranhos que fossem —, ontem pensei nele duas vezes. Uma quando revisava com Adams o monte de papéis de minhas propriedades para pô-los em ordem. Os documentos foram enviados por sete advogados diferentes, depois que paguei todas as hipotecas que meu pai tinha, e, além de tudo, as crianças os haviam revirado para buscar os selos. Adams me disse que tenho pleno direito de apresentar candidatos a três benefícios eclesiásticos e o direito compartilhado de apresentar-lhes mais outro. Não sei se Martin se interessaria.

— São rentáveis?

— Não tenho idéia. Quando era menino, o pastor Rusell, de Woolcombe, podia manter um coche, mas a verdade é que tinha meios privados e se casou com uma mulher que tinha uma bom dote. Não sei nada dos outros, salvo que a vicariato de Compton era pequena, lúgubre e bagunçada. Eu me fiz ao mar quando era como Reade, sabia?, e depois quase nunca voltei lá. Esperava que Withers me mandasse um amplo relatório da situação de Sidney. Sem dúvida, isso me teria proporcionado todos os detalhes.

— Qual foi a segunda circunstância que lhe fez recordar de Martin?

— Quando estava trocando as cordas de meu violino pensei que o amor à música e a capacidade de tocar bem não tinham nada a ver com a personalidade, que a personalidade era irrelevante, entende? Os dois amigos que Martin fez em Oxford, Standish e Paulton, são exemplos perfeitos. Standish tocava melhor que qualquer dos aficionados que já escutei, mas não era uma grande pessoa, como já sabe. Não o digo porque ficava constantemente enjoado nem porque nos atraçou, e tampouco digo que fosse mau. Mas não era uma grande pessoa. Em troca, John Paulton, que toca ainda melhor, é o tipo de pessoa com quem um poderia navegar ao redor do mundo sem trocar uma palavra dura nem um olhar malévolos em todo a viagem. O que me assombra é que Martin tenha tocado com esses dois excelentes músicos e que nenhum deles o tenha persuadido a tocar em um tom próximo ao que corresponde.

— Jack lamentou ter feito esse comentário sobre o amigo de Stephen assim que o disse, porque parecia feito com má intenção, e imediatamente continuou: — e é estranho que ambos tenham se convertido em papistas.

— Acha estranho que ambos tenham retornado à religião de seus antepassados?

— Não, em absoluto — respondeu Jack, muito envergonhado. — O que queria dizer é que parece que há uma afinidade entre Roma e a música.

— Então, vai passar em revista amanhã — disse Stephen.

— Sim e lamento não tê-la passado há uma semana. Passar revista favorece a união da tripulação depois de permanecer longo

tempo em terra e permite a um tomar o pulso, por assim dizer, da situação do barco. Os marinheiros estão se comportando de um modo estranho, sorriem tontamente, fazem gestos raros...

Jack empregou um tom inquisitivo, mas Stephen, que sabia perfeitamente bem por que os marinheiros sorriam tontamente e faziam gestos raros, limitou-se a dizer:

— Tenho que lembrar de me barbear.

Em seu estado atual, a *Surprise* não levava a bordo infantes da marinha e tinha uma tripulação muito menor que um barco de guerra normal de sua classe (sem homens do interior, sem grumetes e com muito poucas figuras com glória e galões dourados). Mas o que se tinha era um tambor, e quando soaram as cinco badaladas na guarda da manhã, enquanto a fragata navegava com grande quantidade de velame desdobrado e com vento fraco e constante, sob um céu limpo e com o monte Pitt, da ilha Norfolk, claramente visível no horizonte, a umas doze ou treze léguas, West, o oficial de guarda, disse a Oakes, seu companheiro:

— Convoque todos para a revista.

Oakes voltou-se para Pratt, um marinheiro com dotes de músico e ordenou:

— Chame para a revista.

Pratt baixou com determinação as baquetas, que estavam preparadas, e ouviu-se um estrondo por toda a fragata.

Isto não surpreendeu a ninguém. Na sexta-feira os marinheiros tinham lavado suas camisas e suas calças, e no sábado, quando já estavam secas, haviam terminado de arrumá-las. Além disso, durante o comprido café da manhã do domingo ouvira-se repetir a ordem:

— Lavar-se para passar revista!

E em caso de que alguém não tivesse escutado a mensagem, o senhor Bulkeley, o contramestre, havia aparecido nas escotilhas e, projetando a voz para baixo, gritou:

— Estão me ouvindo de proa a popa? Lavar-se para passar revista quando soem as cinco badaladas!

E seus companheiros, ainda mais alto, tinham gritado.

— Estão me ouvindo? Barbear-se e pôr camisa limpa para passar revista quando soem as cinco badaladas!

Muito antes disto, os marinheiros que faziam a guarda da alvorada subiram seus sacos de roupa e os colocaram junto a uma moldura do castelo de popa que ficava detrás do leme e que deixava um espaço livre sobre a escada do castelinho para que entrasse luz na cabine. E quando soaram as quatro badaladas, os marinheiros que se encontravam abaixo do convés subiram seus sacos e formaram com eles uma pirâmide sobre os paus situados diante dos botes, não sem grande quantidade de inocentes empurrões, gritos, risos e brincadeiras sobre o senhor O., encarregado da guarda de meia. Isso nunca teria sido aceitável na Armada Real, e alguns dos antigos tripulantes de barcos de guerra trataram de acalmar seus companheiros procedentes de barcos corsários. Mas quando os oficiais conseguiram pôr-lhes em fila e cada um deles informou a Pullings que todos em sua brigada estavam “presentes, limpos e corretamente vestidos”, todos os marinheiros estavam apresentáveis. Então Pullings pôde voltar-se para o capitão com a consciência tranqüila e tirando o chapéu, dizer-lhe:

— Todos os oficiais se reportaram, senhor.

A primeira brigada era a da guarda de popa, sob o comando de Davidge, e todos seus componentes, colocados atrás dele, cumprimentaram. Seus chapéus voaram pelo ar e eles se mantiveram erguidos e tão firmes como o forte fluxo de ondas permitia. Jack caminhou ao longo da fila, olhando atentamente os rostos familiares. A maioria mantinha uma expressão cerimoniosa (Killick tinha a boca franzida com um gesto de desaprovação e parecia que nunca o vira antes), mas no olhar de alguns notava algo que não podia definir. Jocosidade? Perspicácia? Cinismo? Em qualquer caso, era diferente do habitual olhar franco, amável e vazio.

Depois se encontravam West (o pobre West havia perdido o nariz porque que tinha congelado ao sul do cabo de Hornos) e sua brigada, que era composta pelos marinheiros do castelo. Quando Jack começou a inspecioná-la, um membro que estava ausente por

doença e se encontrava na enfermaria, um marinheiro velho chamado Owen, disse:

— E lá estava eu na Ilha de Páscoa, cavalheiros, vendo ao *Proby* passar pela costa a sotavento e gritando a meus companheiros que não me abandonassem. Mas eles eram um monte de impiedosos sacanas e quando terminaram de passar roçando o cabo afastaram-se com vento em popa e lhes juro que não tocaram em nenhuma escota até que cruzaram a linha do Equador. E lhes serviu de algo, cavalheiros? Não, senhores, não, porque o povo Peechokee, do norte do estreito de Nootka, matou-os e arrancou o couro cabeludo de todos e queimaram o barco para ficarem com o ferro.

— Como lhe trataram os habitantes da Ilha de Páscoa?

— Oh, em geral muito bem, senhor! Não têm maus sentimentos, ainda que gostem de roubar. E tenho que admitir que comiam uns aos outros mais do conveniente. Não sou melindroso, mas uma pessoa fica desassossegada lhe servem a mão de um homem. Quando tenho muita fome não digo que não comeria qualquer coisa, mas uma mão revira o estômago de qualquer um. De qualquer maneira, nos dávamos bastante bem. Cheguei a falar sua língua depois de certo...

— Como sucedeu isso? — perguntou Martin.

— Bem, senhor, é que se parece com a língua que falam em Otaheite e outras ilhas, ainda que não seja tão refinada. E também se parece com o escocês.

— Pelo que vejo, conhece as línguas da Polinésia — disse Stephen.

— Quê, senhor?

— As línguas do Pacífico Sul.

— Oh, sim, senhor! Estive nas ilhas Society muitas vezes, e também cheguei a conhecer bem os habitantes da ilha Sanduíche, pois como o comércio de peles requer fazer viagens muito compridas, até a costa oeste da América do Norte, costumávamos passar por lá no inverno, quando o comércio terminava. E o mesmo ocorreu em Nova Zelândia.

— Qualquer um sabe falar as línguas do Pacífico Sul — disse Philips, o paciente que estava junto dele por estibordo. Eu sei falar as línguas do Pacífico Sul. E também Brenton e Scroby e o velho Chucks, qualquer um que tenha estado a bordo de um baleeiro no Pacífico Sul.

— Além do mais, tinha uma mulher e ela me ajudou a aprender muitas palavras. Vivíamos em uma casa feita por seus antepassados há muito tempo. Estava em ruínas, mas a parte que ocupávamos se mantinha em bastante boas condições. Era uma casa de pedra em forma de canoa e tinha uns cem pés de comprimento e vinte de largura e as paredes de cinco pés de grossura.

— Na ilha Norfolk meus companheiros e eu cortamos um pinheiro de duzentos dez pés de altura e trinta de grossura — disse Philips.

O capitão Aubrey, acompanhado pelo senhor Smith, o condestável, e o senhor Reade, chegaram ao extremo da brigada seguinte, que era composta pelos chefes das brigadas de artilheiros, os artilheiros mais velhos e o armeiro. Quando olhava atentamente ao marinheiro barbudo Nehemiah Slade, chefe da brigada do canhão chamado *Morte Súbita*, a fragata deu um forte solavanco ao ser empurrada por uma monstruosa onda de dupla crista. Ainda que Jack navegasse desde que era um garoto, ainda podia perder o equilíbrio, e agora, quando os artilheiros se inclinaram para trás e caíram sobre o parapeito do costado de sotavento, caiu sobre o peito de Slade.

O riso espontâneo e franco que se seguiu poderia ser o causador da jocosidade da brigada seguinte, formada pelos gavieiros, os membros da tripulação mais jovens, mais brilhantes e mais profusamente decorados, que estavam sob o comando do senhor Oakes. Ainda que fosse um jovem normal, de cara larga, era muito popular. Amiúde estava bêbado, sempre alegre, e tinha um grande instinto. Não tiranizava seus homens nem denunciava a nenhum pecador, e ainda que não fosse um bom marinheiro por seus conhecimentos de navegação ou científicos, subia correndo para a cruzeta e se pendurava dela de cabeça para baixo como os melhores.

— Outra coisa maravilhosa da Ilha de Páscoa são o que lá chamam de “mole” — disse Owen.

— Os moles não têm nada de maravilhosos — disse Philips.

— Cale-se Philips — ordenou Stephen. — Continue, Owen.

— O que que lá chamam de “mole” — disse Owen, mais claramente que antes. — Os moles são plataformas construídas nas ladeiras das colinas, e as da parte mais próxima do mar têm uns trezentos pés de comprimento e trinta pés de largura e são feitas de pedras quadradas que às vezes chegam a seis pés de largura. Nessas plataformas, talhadas em pedra cinzenta, há gigantescas figuras de uns tipos de até vinte e sete pés de altura e oito de largura na parte dos ombros. A maioria das figuras foram derrubadas, mas algumas ainda estão em pé. Tinham enormes chapéus vermelhos, e sei que mediam quatro pés e seis polegadas de largura e quatro pés de altura porque me sentei com minha mulher em um dos que haviam derrubado e o medi com meu polegar.

Jack chegou ao castelo sentindo certo alívio, e ali foi recebido pelo senhor Bulkeley, o contramestre, e o senhor Bentley, o carpinteiro, que vestiam suas grossas casacas ao estilo do leste da Inglaterra. Tinham uma expressão grave, mas não muito mais que a dos marinheiros do castelo, excelentes marinheiros de meia idade que, depois de tirarem os chapéus para cumprimentarem ao capitão, alisavam seus cabelos, que alguns haviam perdido na parte superior da cabeça e tinham complementado com cabos para fazer tranças que chegavam à cintura. Atrás deles, quando a *Surprise* fazia o serviço regular, ficavam os grumetes, ao comando do oficial encarregado de manter a ordem; contudo, em um barco corsário não havia lugar para os grumetes, e, em seu lugar, ainda que parecesse absurdo, havia agora duas meninas que eram ainda menos úteis para ajudar a combater com a fragata. Eram Sarah e Emily Sweeting, duas meninas da remota ilha Sweeting, de Melanesia, as únicas sobreviventes de uma comunidade aniquilada pela varíola que fora levado para lá por um baleeiro que pescava no

Pacífico Sul. O doutor Maturin as trouxe a bordo e Jemmy Ducks, que cuidava das aves na fragata, ficara encarregado por elas e agora lhes sussurrou:

— Ponham a ponta dos pés na risca e façam uma reverência.

As meninas colocaram a ponta de seus negros pés descalços junto de uma das juntas das madeiras do convés, estiraram os lados de seus vestidos de dril e fizeram uma reverência.

— Espero que estejam bem, Sarah e Emily — disse o capitão.

— Muito bem, senhor, obrigado — responderam, olhando-lhe com ansiedade.

Jack passou para a cozinha, onde as panelas de cobre brilhavam como o sol, e onde se encontravam o alegre cozinheiro e seu mal-humorado ajudante, Jack *Mal-encarado*, cujo apelido sempre ia anexo ao cargo, o mesmo que ocorria com o carpinteiro, a quem chamavam *Lascas*, e com Jemmy Ducks. Depois desceu para a coberta inferior, para o lugar onde se penduravam as macas durante a noite e que agora estava vazio. Havia velas em cada compartimento e diversos adornos e quadros pendendo dos baús dos marinheiros, mas não havia nem uma pinta de poeira nem um só grão de areia que arranhasse a sola dos sapatos. A luz se filtrava pelo gradeado e formava um bonito conjunto de feixes paralelos. Tudo isso levantou um pouco o ânimo de Jack, que imediatamente passou aos camarotes dos guardas-marinhas, cabines construídas em ambos os costados tão perto da popa como a câmara dos oficiais. Eram muito pequenas na época em que havia a bordo da fragata muitos ajudantes de oficial de derrota, guardas-marinhas e cadetes; contudo, agora pareciam muito grandes porque só as ocupavam Oakes e Reade, já que Martin, o ajudante de cirurgia, e Adams, o escrevente do capitão, viviam e comiam na câmara dos oficiais, onde estavam vazias as cabines do contador, do oficial de derrota e do oficial de Infantaria da marinha.

Jack e seus acompanhantes não inspecionaram a câmara dos oficiais, ainda que a câmara pudesse ter passado pela mais severa e hostil inspeção, pois mesmo os travessões da mesa estavam polidos por cima e por baixo. Desceram para a enfermaria, para o compartimento que Stephen preferia à enfermaria tradicional, um

lugar que era melhor ventilado mas onde havia muito mais ruído e onde os afetuosos companheiros dos pacientes tinham mais facilidade para embebedá-los.

— E outra coisa que gostariam dali são as andorinhas do mar — disse Owen. — Chegam quando as estrelas e a lua estão de certa maneira e as pessoas sabem exatamente o dia em que chegarão. Chegam milhares e milhares de andorinhas gritando e fazem seus ninhos em uma ilhota muito próxima da costa que se parece a Bass Rock, mas que sobressai muito mais.

— Na ilha Norfolk há milhões e milhões de pardelas colicortas — disse Philips. — Chegam ao anoitecer e descem do céu para ir para suas tocas, porque vivem em tocas. E se um se aproxima da entrada e grita “Ki, ki, ki”, respondem “Ki, ki, ki!” e mostram a cabeça. Costumávamos matar entre mil e duzentas e mil e quatrocentas em cada noite.

— Você e suas pardelas colicortas... — começou a dizer Owen, mas se interrompeu e aguçou o ouvido.

Jack abriu a porta. Stephen, Martin e Padeen se puseram de pé e os enfermos, rígidos.

— Bem, doutor — disse o capitão —, espero que o bombear tenha tido um bom resultado.

Desde que Stephen dissera que abaixo do convés da *Surprise* havia mau odor em comparação com o ar puro da *Noz-moscada*, trataram de limpar a sentina deixando entrar água do mar a cada noite e bombeando-a na manhã seguinte.

— Bastante bem, senhor — disse o doutor Maturin. — Mas temos que admitir que esta fragata não é a *Noz-moscada*. Às vezes, quando lembro que era francesa e que os franceses enterravam seu mortos entre o lastro, pergunto-me se lá embaixo não há um ossuário.

— Isso é impossível. O lastro foi mudado muitas vezes, montes de vezes.

— Tanto melhor. Apesar de tudo, agradeceria que colocasse outra mangueira de ventilação. Este ar rarefeito, quase irrespirável, faz que os pacientes se tornem irritáveis e até mesmo que briguem.

— Que assim seja, capitão Pullings — disse Jack. — E se algum brigar, seu nome deve ser incluído na lista dos que cometem faltas.

— Aqui estão os homens de quem lhe falei, senhor — disse Stephen. — Philips, que esteve na ilha Norfolk, e Owen, que passou vários meses entre os habitantes da Ilha de Páscoa.

— Ah, sim! Bem, Philips, como está?

— Lamento dizer-lhe que não muito bem, senhor — respondeu Philips com voz débil e lamurienta.

— E o senhor, Owen, como está?

— Não me queixo, senhor, mas às vezes a dor e a sensação de ardor são terríveis.

— Então, por que demônios não se mantém afastado dos bordéis, maldito estúpido? Um homem de sua idade nos antros do porto de Sidney, os piores de todos, onde há a pior sífilis do mundo! Claro que tem sensação de ardor. Mas segue cometendo o mesmo erro em cada maldito porto... Se lhe descontasse do pagamento uma quantia pelas doenças venéreas, como na Armada, o dia do pagamento não receberia nem um penique, nem sequer um quarto de penique.

O capitão Aubrey, ainda respirando com dificuldade, perguntou aos outros pacientes como se encontravam e todos disseram que muito bem e lhe agradeceram. Depois voltou a se dirigir a Philips.

— Assim que o senhor estava na *Sirius* quando encalhou. Não havia perto da ilha nenhuma parte do fundo onde a âncora pudesse se agarrar?

— Não, senhor — respondeu Philips, falando agora como um cristão. — Foi terrível. Ao redor da costa havia arrecifes coralíneos.

— Foi ainda pior na Ilha de Páscoa, senhor — disse Owen. — Também havia arrecifes coralíneos a considerável distância da costa e a corda de medir a profundidade não chegava ao fundo nas zonas de águas profundas. Além do mais, tinha ondas muito fortes — acrescentou em voz muito baixa.

— Não pudemos desembarcar no sul da ilha, senhor, assim que a rodeamos até chegar à parte nordeste. E quando estávamos lá em paio, pescando, com um vento fraco que soprava da terra, o capitão do bergantim *Supply*, que estava em paio mais perto do alto mar,

gritou para o capitão Hunt que nosso barco se movia para a costa. E era verdade. Mandaram todos os marinheiros se prepararem para zarpar e zarpamos, mas então corrente, que naquela parte da ilha costuma vir do norte, fixou-se, senhor, e não pudemos avançar contra ela por isso e pela forte marejada, ainda que tivéssemos vento pela alheta. Jogamos as duas âncoras de proa, mas o coral cortou as amarras imediatamente; depois jogamos a âncora pequena e a âncora de reserva e também se desprenderam. Quando soou a primeira badalada na guarda da tarde, nosso barco chocou-se com o arrecife e depois avançou um pouco por cima e então os mastros se partiram. Nosso capitão deu ordem de abrir a escotilha de popa e romper todos os barris de rum...

Philips disse tudo isso quase sem pausa e nesse momento teve que tomar fôlego. No intervalo, Owen tentou intervir:

— Na Ilha de Páscoa, senhor...

— Doutor — disse o capitão, interrompendo-o —, vou pedir ao senhor Adams que se entreviste com esses dois homens em separado e que tome nota do que tenham a dizer. Agora vou à proa para comprovar qual foi o efeito do bombeamento nos ratos e no odor. Colman, traga uma lanterna.

Com a pressa, Padeen deixou cair a lanterna, voltou a acendê-la e o deixou cair de novo. Então o capitão Aubrey lhe maldice e o chamou de marinheiro de água doce, estúpido e desajeitado em um tom que refletia mais irritação e pior humor do que habitualmente empregava, e quando se foi deixou atrás de si um silêncio reprovatório e certa consternação.

Stephen não falou do capitão da fragata com ninguém nem, obviamente, de seu amigo Jack com os oficiais, mas podia falar perfeitamente de seu paciente Jack Aubrey com Martin, um homem exageradamente sensato e instruído. Então, em latim, disse:

— Raras vezes ou talvez nunca vi tanta irritação, tão constante e, por assim dizer, acumulativa, neste sujeito. É óbvio que não lhe fizeram efeito nem os enemas nem os colagogos. Essa exarcebação crescente e constante me faz supor que o motivo não é uma obstrução ordinária dos condutos hepáticos, mas uma doença adquirida em Nova Gales do Sul.

Como ajudante de médico, Martin não levava em consideração os valores morais, e por isso perguntou:

— Quando diz doença, refere-se àquela que é tão comum entre os marinheiros, tanto de alta quanto de baixa classe?

— Neste caso não. Eu lhe fiz a pergunta diretamente: “Teve algum trato com Vênus?” E me respondeu que não, que claro que não, com surpreendente veemência, e acrescentou algo que não pude entender. Aqui há algo estranho e me há produzido uma grande preocupação recordar o que disse o doutor Redfern sobre os diversos tipos de hepatite que vira na colônia, entre os quais estava o provocado por quistos hidatídicos... Me mostrou o fígado de um paciente que vivera somente à base de carne de canguru e rum e que tinha um surpreendente grau de cirrose. Mas pior que isso, tendo em conta nosso objeto, são os casos que registrou em um livro, casos de um longo sofrimento do fígado acompanhado de melancolia, extrema irritabilidade e cansaço da vida que em ocasiões se transformou em desespero. Não se conhecem as causas de nenhum caso, mas em todos eles a autópsia revelou que o fígado tinha um lóbulo salpicado de nódulos amarelos do tamanho de uma ervilha. A essa afecção do fígado ele chama de “doença de Botany Bay”, e eu temo que nosso paciente adquiriu essa ou outra das doenças de Nova Holanda. É óbvio que padece de um estado de irritação, de grande irritação.

— É muito triste ver como as doenças podem alterar o modo de pensar e o caráter de uma pessoa — disse Martin. — E às vezes nossos remédios são tão maus como a própria doença. Pelo que parece, restringem muito o livre arbítrio.

— O doutor dirá o que queira, Tom — disse o capitão Aubrey, mas acho que a *Surprise* cheira tão bem como a *Noz-moscada* ou melhor.

Agora se aproximavam da parte da cobertura inferior onde se guardavam aduchados os grandes cabos, as guindalezas e os cabos finos (na *Surprise* havia uma passarela que permitia ir diretamente da plataforma mais próxima da popa até a proa). Todos os cabos chegavam sempre a bordo empapados e amiúde fedorentos e

cobertos de limo, e a água que jorrava deles caía na bodega pelas juntas das tábuas; contudo, agora estavam secos porque a fragata estivera atracada a cabeços ou ancoradouros no porto de Sidney. Jack recordava quanto havia se deleitado deitando-se neles quando jovem, quando estava sonolento depois de terminar a guarda da alvorada e queria fugir do ruído do camarote dos guardas-marinhas.

— Sem dúvida, cheira muito bem, senhor — disse Pullings —, mas apesar do bombeamento ainda tem bichos. Vi um monte desde que saímos do camarote dos guardas-marinhas.

Nesse momento, com um ágil movimento, deu um chute em uma rato muito audaz que havia viajado muito, uma rato da Noruega que havia subido a bordo em Sidney, e o fez saltar por cima do rolo de cabos mais próximo até a rótula que servia de anteparo que ficava detrás. Então uma figura saiu de atrás dos cabos, sacudindo-se para livrar-se do rato.

— Que demônios está fazendo aqui, garoto? — perguntou Jack. — Não ouviu o tambor quando chamava para a revista? Quem diabos é você?

Depois, afrouxando um pouco a mão com que o tinha agarrado e retrocedendo um pouco, inquiriu:

— O que é isto, senhor Pullings?

Pullings subiu a lanterna e com um tom neutro respondeu:

— Acredito que é uma jovem, senhor.

— Está com um uniforme de guarda-marinha.

Jack pegou a lanterna, sob cuja luz parecia mais corpulento que nunca, e a observou durante um momento. Era óbvio que Pullings tinha razão.

— Quem a trouxe aqui? — inquiriu com segura, muito desgostoso.

— Vim sozinha, senhor — respondeu a jovem com voz trêmula.

Esse argumento era absurdo. E obviamente, sem dúvida, podia ser demolido em um minuto, mas Jack não queria forçá-la a mentir e mentir até que se visse encurralada e obrigada a dizer o nome...

— Sigamos, senhor Pullings — ordenou.

— Como? E vamos deixá-la aqui?

— Já me ouviu, senhor. Pegue a lanterna.

Silenciosamente inspecionaram os paióis das velas, os armazens do contramestre, do condestável e do carpinteiro e o paiol onde se guardava o alcatrão. Depois regressaram ao ar livre, onde todos os marinheiros voltaram a se livrar do chapéu e mudaram de expressão ao ver o rosto do capitão grave e pálido.

— Não vamos celebrar a cerimônia religiosa, capitão Pullings — disse. — Nesta ocasião, os artigos do Código Naval bastarão.

A formação se rompeu e os marinheiros avançaram para a popa. Alguns se alinharam ao longo do castelo de popa até a escotilha da escada do castelinho, outros se sentaram em bancos ou tamboretas ou nas barras do cabrestante desmontadas e situadas entre duas tigelas para colocar as mechas ou nas cavilhas que rodeavam o mastro maior. No lado de barlavento se colocaram cadeiras para o capitão e os oficiais; no lado de sotavento, para os guardas-marinhas e os suboficiais.

Diante do capitão havia um móvel para colocar sabres coberto com uma bandeira e tinha encima o Código Naval. E durante todo esse tempo o sol brilhava desde o céu limpo e o cálido vento atravessava a coberta desde a popa com a força suficiente para inchar a grande quantidade de velame desdobrado. O vento, a exércia e os moitões quase não faziam ruído e a água quase não sussurrava nos costados. A ilha Norfolk, que subia e descia pela amura de bombordo com as longas e uniformes ondas, estava visivelmente mais perto. Ninguém falava.

— Silêncio de proa a popa! — gritou Pullings.

Depois de um momento Jack se pôs de pé, abriu as delgadas capas que cobriam o Código Naval e começou a ler. Havia trinta e seis artigos e dezenove dos delitos que mencionavam eram castigados com a morte, que às vezes se fazia referência com as palavras “ou qualquer outro castigo que o delito mereça por sua natureza ou sua gravidade e que imponha o conselho de guerra”. Ele os leu cuidadosamente e com voz potente, e os artigos, que já estavam cheios de hostilidade, tomaram um tom ameaçador. Quando terminou, o silêncio era ainda mais profundo e estava acompanhado de maior desassossego.

Fechou as capas devagar, olhou muito sério para a proa e a popa e disse:

— Capitão Pullings, vamos arriar as sobrejoanetes e a bujarrona. Quando as velas já estejam guardadas, pode chamar os marinheiros para almoçar.

Foi uma refeição silenciosa, sem quase nenhum dos habituais gritos ou golpes de bandeja, com os que geralmente se recebiam o pudim de sebo do domingo e o grogue. E enquanto comiam, Jack dava passeios pelo castelo de popa como havia feito tão amiúde: dando dezessete passos para frente e dezessete passos para trás e dando a volta em uma cavilha que, com o sapato, havia ficado da cor da prata polida.

Obviamente, agora as brincadeiras que ouvira pela metade, as secretas alusões ao cansaço do senhor Oakes, de sua necessidade de ter uma boa dieta e outras coisas estavam muito claras. Ficou remoendo a situação e de vez em quando uma onda de raiva interrompia seus pensamentos, mas sentiu que podia controlar perfeitamente sua ira quando mandou buscar o guarda-marinha.

— Bem, Oakes, o que o senhor tem a dizer?

— Não tenho nada a dizer, senhor — respondeu Oakes, virando para um lado seu rosto manchado. — Nada em absoluto. E apelo por sua clemência. Só esperamos... só espero que nos afaste desse horrível lugar. Ela era muito desgraçada.

— Devo entender que ela é uma presidiária?

— Sim, senhor. Mas estou seguro de que foi condenada injustamente.

— Sabe perfeitamente bem que devolvi dúzias, vintenas de presos.

— Mas permitiu a Padeen subir a bordo, senhor — disse Oakes, e juntou as mãos em uma estúpida e inútil tentativa de desdizer essas palavras, de apagá-las.

— Vá para a proa. Não vou tomar uma decisão nem empreender nenhuma ação hoje, porque é domingo, mas é melhor que prepare seu baú.

Quando o jovem se foi, Jack chamou com a campainha o seu dispenseiro e lhe perguntou se os oficiais haviam terminado de

almoçar.

— Não, senhor — respondeu Killick. — E não acho que já tenham chegado à sobremesa.

— Quando terminarem, quando tenham acabado por completo, fixa-te, eu gostaria de falar com o capitão Pullings. Apresente ao capitão Pullings meus respeitos e diga-lhe que quero vê-lo.

Revisou cuidadosamente as folhas que havia feito para Humboldt com as medições de certas magnitudes físicas como a temperatura e a salinidade da água a várias profundidades, a pressão barométrica ou a temperatura do ar, operações para as quais tinha empregado um termômetro com um bulbo sensível a elementos úmidos ou secos. Era uma série de medições feitas ao longo de mais da metade do mundo e lhe produziam certa satisfação. Por fim ouviu os passos de Pullings.

— Sente-se, Tom — disse, fazendo um gesto com a mão para; indicar-lhe uma cadeira. — Falei com Oakes e a única explicação que pôde me dar foi que ela era muito desgraçada. Depois o maldito estúpido me jogou na cara o caso de Padeen.

— Não o sabia, senhor?

— É claro que não! E você?

— Acredito que todos os tripulantes o sabiam, mas não estava seguro. Tampouco perguntei. Pensava que a situação era tão delicada que o senhor não gostaria que lhe falassem dela nem da possibilidade de regressar a Botany Bay.

— Mas seu dever como imediato não era me dizer?

— Talvez sim, senhor. E se me equivoquei, eu sinto muito. Em um barco de guerra normal, com um galhardete real, infantes da marinha, um oficial encarregado de manter a ordem e vários cabos não poderia ter evitado de informar-me de maneira oficial e, portanto, meu dever teria sido informar-lhe. Mas aqui, sem infantes da marinha, sem um oficial encarregado de manter a ordem e sem cabos teria tido que escutar atrás da porta para ter certeza. Não, senhor, ninguém queria nos dizer, porque assim não saberíamos oficialmente até que fosse tarde demais, e o senhor não poderia ser culpado de nada e poderia seguir navegando até a Ilha de Páscoa com a consciência tranqüila.

— Acha que é muito tarde, né?

— O almoço está pronto, senhor, por favor — disse Killick da porta da cabine refeitório.

— Tom, deixamos essa detestável jovem na parte de estibordo da coberta inferior. Suponho que Oakes lhe terá dado de comer, mas não pode ficar ali todo o tempo. Seria melhor que se ficasse na proa com as meninas até que decida o que fazer com ela.

Esse era um dos poucos domingos em que não havia convidados na cabine porque o capitão estava muito irritado, um dos poucos domingos em que Maturin comeu na câmara dos oficiais e Aubrey ficou sozinho em meio daquele esplendor. Isso era habitual para outros capitães, mas raro para ele, pois gostava ver os oficiais sentados em sua mesa e, sobretudo, o cirurgião, ainda que Stephen não podia considerar-se um convidado, pois havia compartilhado a cabine com ele durante muitos anos e até pouco tempo fora o dono da fragata.

Jack esperava que Stephen fosse tomar o café, mas não o viu até a noite, quando chegou com a dose de um novo remédio e com um enema. Stephen e Martin se haviam passado as horas anteriores descrevendo os exemplares menos duráveis que recolheram em sua viagem pelo bosque e escrevendo para suas esposas.

— Estou metido em uma enrascada — disse Jack. — Uma pequena enrascada!

A solidão e um profundo sono durante a tarde haviam incrementado seu mau humor. Stephen não se agradou da cor de sua cara.

— O que foi? — perguntou o médico.

— O que foi? É que a fragata se converteu em um bordel. Oakes tem mantido escondida uma mulher na coberta inferior desde que saímos do porto de Sidney. Todo mundo sabia e me enganaram, apesar de meu cargo.

— Ah, isso! Isso não tem muita importância, meu amigo. E quanto a terem lhe enganado, isso é uma mostra do afeto dos tripulantes, pois queriam evitar que ficasse em uma desagradável situação.

— Você sabia e não me disse nada!

— É claro que não! Não podia contar a meu amigo Jack sem dizer ao mesmo tempo capitão Aubrey, que encarna a autoridade. E tem que entender que não sou e nunca serei um delator.

— Todo mundo sabe quanto detesto que haja mulheres a bordo porque trazem pior sorte que os gatos e os curas. Mas fora isso, analisando de forma objetiva, a presença de mulheres a bordo não traz nada de bom mas constantes problemas, como você mesmo viu nas ilhas Juan Fernández. Essa jovem é detestável e ingrata.

— Você a viu?

— Eu a vi esta manhã na coberta inferior, logo depois que lhe deixei. E você?

— Eu também. Fui perguntar às meninas como estavam e escutá-las dizer de memória um fragmento do catecismo e encontrei um guarda-marinha com elas, um guarda-marinha que não conhecia e que era muito charmoso. Então me dei conta de que era uma mulher e lhe roguei que se sentasse. Trocamos umas palavras e ela falou em tom humilde e cortês. Chama-se Clarissa Harvill e, obviamente, é de boa família e tem uma boa educação, o que se diz uma dama.

— Não mandam as damas para Botany Bay.

— Bobagens! Recordar-se de Louisa Wogan.

Jack passou por alto o inquestionável caso de Louisa Wogan e voltou à carga:

— Um bordel! — gritou. — Só falta a coberta inferior se encher de prostitutas de Portsmouth, na metade das cabines haverá uma senhorita e a disciplina estará no chão. Isto será como Sodoma e Gomorra.

— Querido Jack, se não soubesse que é seu fígado que o faz falar assim e não sua cabeça ou, Deus não o queira, seu coração, ficaria envergonhado com essa injustificada irritação e esse tom grave, por não falar do lançamento de um monte de primeiras pedras do que deveria se envergonhar. Como você mesmo me disse há muito tempo, a Armada é como uma caixa de ressonância e nela as histórias se repetem até a eternidade. Todos os tripulantes da fragata sabem perfeitamente bem que, quando tinha mais ou menos a idade de Oakes, você foi degradado por esconder uma jovem

nessa mesma parte do barco. Sem dúvida, perceberá que essa atitude de falso moralista é ao mesmo tempo absurda e hostil.

— Pode dizer o que quiser, mas farei os dois desembarcarem na ilha Norfolk.

— Por favor, tire os calções e incline-se sobre esse baú — disse Stephen, lançando um jorro do enema pela janela aberta.

Pouco depois, dessa posição moralmente vantajosa, continuou:

— O que mais me surpreende de todo o caso é que não perceba o estado de ânimo da tripulação, mas a verdade é que eu, como cirurgião, estou mais perto deles em muitos aspectos. Acho que não sabe distinguir bem entre os traços distintivos de um barco de guerra e os de um barco corsário. Nesta comunidade predomina um sentimento democrático e é preciso um consenso. Diga o que diga a lei, você está ao comando da *Surprise*, a *Surprise* que é um barco corsário, somente pelo respeito que a tripulação lhe tem. Sua nomeação não tem importância. Sua autoridade depende integralmente do respeito e do afeto que lhe tenham os tripulantes. Se lhes ordenar que deixem em uma ilha quase abandonada um garoto imaturo e uma frágil mocinha e sigam navegando comigo e com Padeen, vai perder ambas as coisas. É possível que muitos de seus velhos seguidores a bordo digam “Meu capitão, com razão ou sem ela”, mas não tem infantas da marinha e não acredito que prevaleça a idéia de seus seguidores nesta comunidade, dado o modo como pensa agora e sua inclinação de pôr por em cima de tudo o que é justo e correto.

— Maldito seja, Stephen Maturin!

— E maldito seja você, Jack Aubrey! Tome esta poção meia hora antes de deitar-se e os comprimidos se não puder dormir, coisa que duvido.

CAPÍTULO 2

Como a maioria dos médicos, Stephen Maturin vira os efeitos do vício, o arraigado vício em álcool e em ópio; e como a maioria dos médicos sabia por experiência que quando a vítima era privada deles sentia um desejo imensamente forte e se tornava astuta e falsa. Portanto, de muito má vontade, incluiu no estojo de remédios um pequeno frasco quadrado de láudano (tintura de ópio preparada com vinho). Em outro tempo o láudano chegava a bordo em garrações, e ele e Padeen estiveram a ponto de arruinar suas vidas por usá-lo quando estavam tensos. Agora, ainda que estivesse bastante seguro de si mesmo, não tinha a mesma confiança em Padeen, e mantinha esse único frasco, camuflado e às vezes com um emético acrescentado, em um cofre de ferro e longe dos medicamentos comuns.

Nos barcos era necessário ter certa quantidade, pois havia casos em que só a tintura podia produzir alívio. Aquele frasco quadrado era o que continha a menor quantidade que ainda podia considerar-se razoável, que Stephen, de acordo com sua ética como médico, podia admitir.

— É curioso que ainda que um homem saiba perfeitamente bem que não deve enganar seus amigos, não hesite em fazê-lo em casos relacionados com a medicina — disse Stephen a Martin. — Administramos poções, pílulas e bolos de cores e sabores fortes que são inoperantes fisicamente, para aproveitar-nos da crença do paciente de que se tomar um medicamento tem que se sentir melhor, uma crença cujos bons resultados físicos vimos com freqüência. Neste caso administrei a tintura em uma dose muito efetiva, trinta e cinco gotas, camuflada com uma mistura de assa-

fétida e um pouco de almíscar, e omiti seu nome, pois o paciente sente horror pelo o ópio. Ao mesmo tempo, para contrariar a excitação que inicialmente acompanha a ingestão de narcóticos em quem não está acostumado a eles, eu lhe dei quatro pílulas de argila tingida de rosa para que tomasse se não pudesse dormir. O paciente, tranqüilizado pela idéia de que tem esse recurso, passará os primeiros dez minutos refletindo placidamente, fazendo caso omissos da leve excitação, e depois cairá em um sono tão profundo como o dos sete dorminhocos ou ainda mais. Acho que essa imensa paz e a ausência de desgosto e irritação permitirá aos órgãos realizarem suas funções sem nenhum impedimento e, além de tudo, responder aos colagogos eliminando os maus humores e restabelecendo o equilíbrio anterior.

Mas os sete dorminhocos não se criaram desde seus primeiros anos ouvindo o sino de um barco. Quando soou a segunda badalada na guarda da alvorada, Jack Aubrey saltou de sua maca quando se movia para sotavento com o balanço, e aturdido e meio cego avançou cambaleando até a bomba de baldes situada no costado de estibordo, onde os marinheiros estavam se agrupando. Ocupou seu lugar, e sua alta figura, com a camisa de dormir agitada pelo cálido vento, destacou-se na penumbra.

— Bom dia — disse aos preocupados marinheiros que estavam ao seu lado na escuridão, cuspiu nas mãos e gritou: — adiante!

Este horrível costume havia começado fazia muito tempo, muito ao norte do trópico de Capricórnio, tanto tempo que os marinheiros já não o consideravam uma carga mas algo natural e tão difícil de evitar como as ervilhas secas, tanto tempo que Jack tinha as mãos tão calejadas como as de seus companheiros. As mãos de Stephen poderiam ter estado duras e ásperas também, pois desde que involuntariamente havia posto aquele processo em marcha se sentia obrigado a levantar-se de madrugada e trabalhar duro, e esteve levantando-se de madrugada e trabalhando duro até que quase destruiu a si mesmo, até que o capitão, amavelmente, disse que seu dever era manter as mãos tão suaves como as de uma dama para poder cortar pernas como um artista, não como um açougueiro.

— Adiante! — gritou.

A água começou a sair a jorros da bomba, jorros que caíam longe do costado da fragata. E seguiu saindo e saindo, como uma enorme massa. Meia hora depois Jack jorrava, as gotas de seu suor caíam na coberta, e começava a recuperar sua agudeza mental, que haviam nublado as trinta e cinco gotas que Stephen lhe dera. Lembrou os fatos do dia anterior, mas não sentiu nenhuma emoção. Na borda de seu campo de visão notou que a maré de água seguida de areia e pedra arenito e, por último, de faxineiros avançava incessantemente para a popa.

— Creio que algum tonto diligente deixou aberta durante meia guarda a válvula que permite a entrada de água — disse após um tempo, e começou a contar as vezes que movia a manivela.

Quase chegara a quatrocentos quando por fim ouviu o grito:

— Já chega!

Todos se afastaram da bomba e, ofegando, fizeram uma inclinação de cabeça uns para os outros.

— A água saía tão limpa e clara como a de um manancial — observou um dos homens que estavam junto a ele.

— Isso mesmo — disse Jack e olhou ao seu redor.

A *Surprise*, ainda navegando com o mesmo rumo, ainda que somente com as gáveas desdobradas, havia se aproximado tanto da ilha Norfolk que quando se elevava com o cabeceio podia se avistar a costa. No alto das colinas podiam ver-se as enormes árvores recortando-se sobre o céu, um céu com menos nuvens que nunca, só com um banco de nuvens baixas pela popa. No centro o colorido azul-noite estava muito mais claro e mudava imperceptivelmente para água-marinha que havia no leste, por onde passavam algumas nuvens altas em direção sudeste empurradas pelo vento do oeste que soprava acima dos ventos alísios e que era mais forte que eles. Aqui embaixo os ventos tinham quase a mesma intensidade que antes, mas a marejada era mais forte.

— Bom dia, senhor West — cumprimentou depois de examinar a tabuinha com os dados de navegação. — Há tubarões ao redor?

Então lhe devolveu a tabuinha, que tinha exatamente a informação que esperava, e soltou a empapada camisa de dormir

sobre a borda.

— Bom dia, senhor. Não vi nenhum. Ei, os do castelo! Há tubarões ao redor?

— Nem um único, senhor! Somente nossos queridos delfins!

E quando o grito chegou à popa, a borda do sol, alaranjado e brilhante, apareceu sobre o horizonte. Foi possível observá-lo durante um momento antes que os olhos não pudessem resistir olhá-lo, e na mente de Jack teve lugar uma luta similar pela vida, que desterrou quando se jogou na água do portaló e esqueceu completamente quando mergulhava entre as bolhas com o cabelo estendido para trás pela água cristalina, que tinha a temperatura justa para ser refrescante. Mergulhou uma e outra vez, deleitando-se com o mar, e em um desses mergulhos se encontrou cara a cara com dois dos delfins, alegres criaturas inquisitivas, mas discretas.

Quando regressou a bordo o sol já estava bastante separado do mar e era de dia. Era um dia realmente maravilhoso, ainda que lhe faltavam aquelas qualidades que lhe teriam feito parecer de outro mundo. E ali estava Killick, de pé junto ao pontal, com uma grande toalha branca e um gesto de desaprovação.

— O senhor Harris lhe advertiu de que isso fecharia seus poros e jogaria a bÍlis amarela em cima da negra — disse, pondo a toalha em cima dos ombros de Jack.

— A maré sobe ao mesmo tempo sob a ponte de Londres e em Dodman? — perguntou Jack.

E depois de deixar Killick assombrado com essa pergunta, perguntou se o doutor estava levantado.

— Eu o vi na enfermaria — respondeu Killick em tom mal-humorado.

— Então vá perguntar-lhe se gostaria de tomar o primeiro café da manhã comigo.

Jack Aubrey tinha que manter um corpo robusto, e o conseguia desjejuando duas vezes, uma quando o sol saía, tomando uma torrada com café, e outra pouco depois quando soavam as oito badaladas, tomando algo muito mais substancioso, como qualquer tipo de pescado fresco que tivesse a mão, ovos, bacon e, às vezes, costeletas de cordeiro. Frequentemente convidava para desjejuar ao

oficial e ao guarda-marinha encarregados da guarda da alvorada, mas o doutor Maturin geralmente estava lá.

Stephen chegou antes que Killick regressasse.

— O odor de café ressuscitaria a um morto. Obrigado por convidar-me e muito bom dia, querido amigo. Como dormiu?

— Como dormi? Meu Deus! Fui vencido no ato igual como se apaga uma luz e não recordo de nada. Não me despertei até que as bombas tiraram quase toda a água. E depois nadei. Que alegria! Espero que venha comigo amanhã. Sinto-me como um homem novo.

— Talvez vá — disse Stephen sem convicção. — Onde está esse pilantra resmungão do Killick?

— Vim assim que pude — respondeu Killick, e depois, pondo a bandeja sobre a mesa, acrescentou: — *Jezebel* foi bem mais avarenta com seu leite.

— Acho que terei que ir muito cedo — disse Stephen depois de tomar a segunda xícara. — Assim que soe o sino teremos que preparar dois pacientes para uma operação.

— Vá! — exclamou Jack. — Espero que não seja importante.

— Uma cistostomia. Se não houver infecção (e é mais raro que haja no mar que em um hospital), a maioria dos homens a suportam perfeitamente bem. Naturalmente, faz falta fortaleza, e qualquer vacilação do bisturi poderia ser fatal.

Soou o sino. Stephen comeu rapidamente outras três torradas, bebeu outra xícara de café, olhou a língua de Jack com satisfação e se foi correndo.

Não voltou a sair para o convés até muito avançada a guarda da manhã, e ao subir se encontrou com a habitual procissão matutina, que acabava de chegar ao castelo de popa desde o corrimão de sotavento. Era formada por Jemmy Ducks, que levava três galinheiros, um deles vazio, Sarah, que tinha nos braços uma galinha manchada, e Emily, que guiava a cabra *Jezebel*, e se dirigiam ao lugar onde os animais passavam o dia, detrás do leme.

Saldações, sorrisos, reverências... E então Emily, com sua clara voz infantil, disse:

— A senhorita está chorando e retorcendo as mãos na proa.

Nesse momento Stephen estava pensando: “como os animais se comportam bem com as crianças! Essa cabra é uma carrancuda e essa galinha é malévola e, contudo, se deixam levar pelas meninas quase sem protestar”. E até depois de alguns momentos não observou a importância do comentário.

— Sim! — disse, assentindo com a cabeça.

Seguiram avançando com os animais e foram recebidos com o canto de muitos patos que já estavam instalados em uma jaula elevada.

Estava pensando na senhorita Harvill, na ilha (agora muito mais próxima), seus arrecifes e suas árvores altas e raras quando ouviu Jack gritar:

— Que desça a tripulação do bote!

Então se deu conta da tensão que havia no castelo de popa. Ali estavam todos os oficiais e tinham uma expressão muito grave. Os marinheiros que estavam no castelo e nos corrimãos tinham o olhar fixo na popa. Toda a operação devia ter sido preparada há algum tempo, pois descer um bote pelo costado era um processo laborioso. Os marinheiros desceram rapidamente aos seus postos, o remador da proa engatou o croque e todos ficaram ali sentados, olhando para cima enquanto o bote e a fragata subiam e desciam.

— Esse é um exemplar de petrel da ilha Norfolk — disse Martin, que estava junto de Stephen.

Mas Stephen só passou uma rápida olhada na ave.

— Chamem ao meu timoneiro — ordenou Jack.

— Senhor? — perguntou Bonden ao chegar um momento depois.

— Bonden, leve o bote à baía que há entre o cabo e a pequena ilhota coberta de árvores e olhe se é possível desembarcar apesar do fluxo de ondas.

— Sim, senhor.

— Será melhor que vá remando, mas pode regressar com as velas desdobradas.

— Sim, senhor, ir remando e voltar com as velas desdobradas.

Jack e Bonden haviam navegado juntos durante muitos anos e se entendiam perfeitamente bem. Para Stephen lhe pareceu que

ainda que tivessem falado em tom neutro e usado as palavras habituais, haviam se passado alguma mensagem, mas apesar de que conhecia intimamente a ambos não sabia qual podia ser.

O bote foi se afastando pouco a pouco e quando as ondas que havia entre este e a fragata aumentaram, desapareceu e reapareceu e voltou a desaparecer e reaparecer, cada vez menor, avançando diretamente para terra, que se encontrava a duas milhas de distância. Havia espuma ao redor da ilhota coberta de árvores próximo à costa leste da ilha, espuma entre a ilhota e a acidentada costa, espuma ao redor do cabo no oeste da ilha, e uma faixa de espuma na baía. Toda a costa visível era formada por uma rocha cortada quase verticalmente, exceto a parte que formava a baía, com uma praia que era provavelmente de areia e se estendia até uma colina onde parecia que havia um estreito bastante bem definido que permitia a entrada.

Todos olhavam com atenção e falavam pouco, mas quando soaram as cinco badaladas, Jack se retirou de repente do lado de barlavento e disse:

— Capitão Pullings, vamos nos aproximar e afastar até que o bote regresse. — Depois, ao fazer uma breve pausa na escada do castelinho, acrescentou em um tom que parecia o de uma sugestão: — Quando nos aproximarmos, poderíamos medir a profundidade.

Então desceu rapidamente.

— Philips me disse que na ilha também tem louros, periquitos, alcatrazes e pombas — disse Martin. — Quanto desejo que possamos desembarcar! Se não pudermos desembarcar neste lado, acha que poderemos no outro?

Pela primeira vez Stephen achou que Martin era um companheiro chato. Como era possível que não soubesse o que desembarcar na ilha Norfolk poderia significar? Porém, pensando bem, isso podia suceder. Do mesmo modo que o capitão Aubrey tinha sido a última pessoa a saber que havia uma mulher a bordo, Nathaniel Martin poderia ser o último a saber que essa mulher e seu amante corriam o perigo de ser abandonados ali. Na verdade, a ameaça era muito recente e provavelmente os oficiais não haviam tido tempo de falar disso na câmara dos oficiais, e havia poucas

possibilidades de que Martin houvesse se informado pelos marinheiros, pois não tinha servente e Padeen não podia ter-lhe dito ainda que tivesse querido. Além do mais, era possível que Martin tivesse ouvido falar da ameaça e que não a houvesse levado a sério. Com relação a isso, Stephen não sabia o que pensar. Às vezes se podia ler o pensamento de Jack tão facilmente como um livro bem impresso; outras, era totalmente impossível lê-lo. Enviar o bote ali formalmente e em público lhe parecia algo incompreensível, contraditório com a atitude alegre e a familiaridade do Jack ainda molhado de água do mar que vira no café da manhã.

A *Surprise* aproximou mais a proa do lugar de onde vinha o vento e Pullings deu ordem de sacar a sonda para medir a profundidade em alto mar. Stephen avançou pelo corrimão pela proa e quando chegou ao castelo os marinheiros reunidos ao redor das bitas guardaram silêncio e se dispersaram. Do costado havia uma magnífica vista da baía e pela luneta de bolso viu como o bote entrava, com os tripulantes remando sem cessar. Já havia percorrido mais da metade, e nesse momento viu a Bonden rodear uma grande rocha sobre a qual se redemoinhava a espuma. A fragata tinha uma velocidade apenas suficiente para manobrar, e ainda que os amantilhos ragessem cada vez que as longas ondas a subiam ou a desciam, quase não havia ruído na proa. Então, a medida que os marinheiros alinhados junto ao costado soltavam um depois de outro o pedaço de corda que seguravam, ouviu gritar:

— Cuidado! Cuidado!

Depois ouviu a escandalosa voz de Reade dizer:

— Sessenta e oito braças, senhor. Coral, areia e conchas.

Soaram as seis badaladas. O bote chegou na beira do lugar onde rompiam as cachoeiras, muito perto da ilhota, e bordejava agora a costa trabalhosamente em direção oeste. A vela triangular que tinha na frente, provavelmente a vela de estai do traquete, inchou, e a *Surprise* começou a mudar de bordo e depois se afastou devagar de terra. Martin, que podia interpretar sinais como qualquer um, tinha se retirado para o cesto da gávea do mezena — de onde havia agora uma estupenda vista da ilha Norfolk —, e Stephen pensou em reunir-se com ele ali, mas não tinha desejo de falar e o

movimento do mastro, que era exagerado agora que a fragata navegava justamente contra as ondas, fez com que desistisse. Foi ao castelo de popa, e de pé junto ao coroamento observou como o bote avançava para o cabo que limitava a baía, bordejando a parte onde as ondas rompiam, ainda que dali parecia que a pequena embarcação estava quase dentro dessa zona e que corria o perigo de afundar.

Ainda estava nessa parte do barco refletindo quando o bote chegou à ponta, desdobrou uma vela e saiu para o alto mar. E estava tão abstraído em suas meditações que se assustou quando Jack lhe deu uma palmadinha no ombro e, sorrindo, disse:

— Acho que está muito pensativo, doutor Maturin. Eu lhe chamei duas vezes. Como estão seus pacientes? — Então, assinalando com a cabeça o sangue seco que Stephen tinha na mão, acrescentou: — Não é difícil adivinhar que já os abriu.

— Estão muito bem, obrigado. Além do mais, encontram-se tão bem como podia esperar-se e se Deus quiser melhorarão logo.

— Estupendo, estupendo! — exclamou. — Eu lhes farei uma visita. Já fui ao sanitário — acrescentou, baixando a voz. — Pensei que gostaria de saber.

— Alegro-me muito — disse Stephen, que lhe fez algumas perguntas de caráter íntimo e muito concretas, mas Jack Aubrey era mais reservado do que podia se imaginar sobre assuntos desse tipo e, afastando-se, limitou-se a responder:

— Como um potro.

Jack fez a fragata mudar de bordo outra vez para ir ao encontro do bote e Stephen ficou onde estava. Com o giro da fragata se perdeu de vista e em seu lugar apareceu o extenso oceano. Nesse dia a linha do horizonte era completamente reta e muito visível em todas as partes exceto no oeste-sudeste, onde o banco de nuvens matutino havia aumentado, enquanto isso o vento lhe soprava contra, como ocorre amiúde às nuvens das quais saem raios e violentas rajadas de chuva, contrariamente ao que é normal que suceda em terra.

— Com sua permissão, senhor — disse Reade aproximando-se de Stephen —, mas o capitão pensou que gostaria que lhe jogasse

água nas mãos.

— Deus lhe bendiga, senhor Reade, estimado amigo — disse Stephen. — Por favor, jogue-me enquanto eu as esfrego. Recordo bem que as lavei antes, mas provavelmente ajustei uma venda depois. Por sorte arregacei os punhos da casaca, porque se não, teria um sério problema com...

Interrompeu-se ao ver que Bonden subia pelo costado.

— E aí, Bonden? — perguntou o capitão Aubrey no castelo de popa, onde todos escutavam em silêncio.

— Não se pode desembarcar, senhor — respondeu Bonden. — Tem umas ondas horríveis e uma ressaca ainda pior, ainda que a maré estava baixa.

— Não se pode desembarcar de nenhuma maneira?

— Não, senhor.

— Muito bem. Capitão Pullings, como não é possível desembarcar, subiremos o bote e continuaremos navegando com o mesmo rumo de antes na maior velocidade possível.

— Convés! — gritou o serviola do tope do mastro. — Barco justo pela popa! Aparelho latino, acho!

Jack pegou a luneta reservada para a guarda e subiu com rapidez ao alto da exércia.

— Onde, Trilling? — perguntou da cruzeta.

— Justo pela popa, senhor, na borda daquele banco de nuvens — respondeu Trilling, que havia se deslocado até o penol.

— Não posso vê-lo.

— Para dizer verdade, eu tampouco, senhor — disse Trilling em um tom alegre e coloquial que era mais freqüente ouvir em um barco corsário que em um barco de guerra. — Vai e vem. Mas poderia vê-lo do convés se a atmosfera se aclarasse um pouco, pois não está a grande distância.

Jack desceu para a coberta por um brandal, como fazia desde que era menino.

— Como lhe disse, capitão Pullings, continuaremos navegando com o mesmo rumo de antes à maior velocidade possível. Não há nem um momento a perder.

Os marinheiros subiram e amarraram o bote. Um grupo originário de Orkney içou e caçou as escotas das joanetes entre estranhos cânticos e outro esticou as bolinas acompanhado da única cantinela tolerada na Armada Real:

— Um, dois, três, amarrar!

Martin disse a Stephen:

— Eu me surpreendi ao ouvir que não puderam desembarcar devido ao fluxo de ondas. Da posição vantajosa em que me encontrava vi a leste do cabo uma faixa onde havia relativa calmaria e teria jurado que ali podia se desembarcar. Espero que não esteja muito triste, Maturin.

— A verdade, se tivesse me afligido em cada vez que passamos por uma ilha promissora sem pararmos durante minha carreira naval, teria me tornado louco e melancólico há muito tempo. Pelo menos vimos a pardela colicorta e os monstruosos pinheiros, que o diabo os carregue. Acho que são tão feios como altos, as árvores mais feias depois da espantosa *Araucária imbricata* do Chile, que se parecem em muitos aspectos.

Falaram das coníferas que tinham visto em Nova Gales do Sul e observaram como os marinheiros que trabalhavam nas vergas superiores subiam rapidamente para largar as sobrejoanetes. Martin olhou ao seu redor e depois, em voz baixa, disse:

— Diga-me, Maturin, por que dizem que as vão colocar para voar? Para voar? Já passei tanto tempo no mar que não me atreveria fazer essa pergunta a ninguém mais.

— Martin, acho que escolheu a pessoa menos indicada. Estamos iguais. Contentemo-nos com a idéia de que nem todos nossos companheiros de tripulação sabem a diferença entre o ablativo e o ablativo absoluto.

— Senhor — disse West, que estava de pé sobre o parapeito de sotavento olhando por uma luneta. — Eu a vi quando a fragata subia no balanço. Acho que leva um galhardete, e caso seja assim, é o cúter do qual ouvimos falar.

Pullings comunicou isto ao capitão e acrescentou:

— Quando estávamos em Sidney nos disseram que um cúter de catorze canhões, o *Éclair*, vinha do cabo Van Diemen.

— Ouvi falar dele — disse Jack, dirigindo a luneta para a popa.
— Mas não vejo nada.

Meio-dia. Os oficiais mediram a altitude do sol e Pullings informou que se encontrava no meridiano. Jack assegurou que eram as doze em ponto e anunciou que começava um novo dia de navegação. Soaram as oito badaladas. Os marinheiros foram almoçar correndo e fizeram um ruído estranho, diferente dos abafados sons que refletiam sua ansiedade no dia anterior, mas ainda tão débil que parecia motivado por uma conspiração.

Depois que o ruído cessou, quando os marinheiros haviam chegado mais ou menos à metade da refeição (aveia, bolachas e queijo, porque na Armada nas segundas-feiras a carne era substituída por pescado ou queijo), West disse que agora estava convencido de que via um cúter e quase seguro de que tinha um galhardete.

— É possível que tenha razão — senhor —, mas não vejo nada. E ainda que tenha razão, não tem nada de extraordinário que um cúter venha à ilha Norfolk, pois, conforme dizem, ainda restam ali muitas provisões do governo e algumas pessoas.

— Não há dúvida de que estão içando bandeiras de sinais, senhor — disse West um momento depois.

— Não as vejo — negou Jack secamente. — Além do mais, não tenho tempo para murmurar com o capitão de um cúter.

Davidge, que era mais andado que seu companheiro, murmurou:

— *Tace* é a palavra latina para silêncio, meu amigo.

Quando os marinheiros e os guardas-marinhas terminaram de almoçar, Jack desceu e mandou buscar Oakes.

— Sente-se, senhor Oakes — disse. — Estive pensando o que fazer com o senhor, e ainda que é evidente que devemos nos separar, sobretudo porque não se permitem mulheres na *Surprise*, não quero lhe fazer desembarcar até que não chegemos a algum porto cristão razoavelmente bom do Chile ou do Peru, onde lhe será fácil pegar um barco para a Inglaterra. Terá dinheiro suficiente para fazê-lo, pois além de seu pagamento, provavelmente terá também

certa quantidade de dinheiro como butim. E se não fizermos nenhuma presa, eu lhe adiantarei o que seja necessário.

— Muito obrigado, senhor.

— Também lhe darei uma recomendação para qualquer oficial da marinha que queira. Direi que teve uma conduta própria de um bom marinheiro sob meu comando. Mas também há a sua... companheira. Conforme tenho entendido, está sob a sua proteção.

— Sim, senhor.

— Já pensou no que vai fazer?

— Sim, senhor. Se tiver a bondade de nos casar, ficará livre. E no caso desse cúter se abordar com a fragata, poderíamos mandar a todos a... poderíamos deixá-los com a cara no chão.

— Já lhe fez uma proposição de matrimônio?

— Não, senhor. Achava que...

— Então vá e faça. Se ela aceitar, traga-a aqui para que me confirme. Que o diabo me leve se consentisse em um matrimônio à força em meu barco. Se ela não aceitar, teremos que buscar algum lugar onde pendurar sua maca. E agora vá e volte tão rápido como possa, porque tenho muitas coisas a fazer. A propósito! Como ela se chama?

— Clarissa Harvill, senhor.

— Clarissa Harvill.

— Muito bem. Adiante, senhor Oakes.

Os dois chegaram ofegantes à popa e Oakes a instou a passar pela porta da cabine. Depois de ouvir a proposição de seu amante havia arrumado a roupa, a cara e sua loira cabeleira o melhor que pôde naquelas circunstâncias, e agora tinha muito bom aspecto. Estava ali de pé, com a cabeça baixa, e sua figura parecia mais esbelta e um pouco masculina pelo uniforme.

— Senhorita Harvill, sente-se, por favor — disse Jack, pondo-se de pé. — Oakes, aproxime uma cadeira e sente-se.

Ela se sentou com a costas retas e baixou o olhar. Depois cruzou os tornozelos e se pôs as mãos no colo, como se tivesse usando uma saia. Jack se voltou para ela e disse:

— O senhor Oakes me disse que a senhorita aceitaria casar-se com ele. Isso é verdade ou é uma presunção dele?

— Sim, senhor. Quero casar-me com ele.

— Voluntariamente?

— Sim, senhor. E lhe estamos infinitamente agradecidos por sua bondade.

— Não me agradeça nada. Temos um pastor a bordo e seria impróprio de um leigo ocupar seu lugar. Tem outra roupa?

— Não, senhor.

Jack ficou pensativo um momento.

— Jemmy Ducks e Bonden poderiam fazer-lhe um traje com lona número oito, a que usamos para as sobrejoanetes e as monterillas^{2}.

E depois de refletir uns momentos, continuou:

— Ainda que talvez a lona seja inapropriada, talvez não seja formal o bastante.

— Oh, sim, senhor! — murmurou a senhorita Harvill.

— Tenho algumas camisas velhas que poderiam ser cortadas, senhor — disse Oakes.

Jack franziu o cenho e, alçando a voz ao tom que habitualmente empregava, gritou:

— Killick, Killick!

— Senhor?

— Sobe o rolo de seda escarlata que comprei em Batavia.

— Acho que meu ajudante e eu juntos teríamos que remover tudo na bodega de popa, senhor, e, além disso, dois marinheiros teriam que movê-las e recolocá-las todas outra vez senhor, todas outra vez — queixou-se Killick. — Levaria horas de trabalho duro.

— Bobagens! — exclamou Jack. — Está perto dos armários laqueados no paiol onde se guardam minhas coisas. Está envolvido em uma esteira e depois em algodão de cor azul. Tardará dois minutos ou mesmo menos.

Killick abriu a boca, mas pensou no atual estado de ânimo do capitão e voltou a cerrá-la e se foi emitindo um som inarticulado que indicava desaprovação. Jack seguiu falando à senhorita Harvill:

— Mas provavelmente a senhorita saberá costurar muito bem.

— Por desgraça, senhor, só sei fazer simples costuras com pontos longos e muito devagar. Quase não consigo costurar uma

jarda em uma tarde.

— Isso não será suficiente. O vestido deve estar terminado quando soem as oito badaladas. Senhor Oakes, em sua brigada há dois homens que fazem bonitos bordados em suas camisas...

— Willis e Hardy, senhor.

— Exatamente. Cada um pode costurar uma manga. Jemmy Ducks pode fazer a saia e Bonden pode ocupar-se da parte... superior.

Houve um silêncio, e Jack, que sempre se punha um pouco nervoso diante das mulheres, tratou de enchê-lo dizendo:

— Espero que não tenha muito calor, senhorita Harvill. Estão se formando tormentas pela popa e isso amiúde provoca um calor sufocante.

— Oh, não, senhor! — exclamou a senhorita Harvill com mais veemência da que sua discrição lhe havia permitido até agora. — Em um barco tão bonito como este, nunca faz muito calor.

A frase era estúpida, mas era evidente que tinha desejo de agradar e de que a agradassem, e a bajulação à *Surprise* não podia falhar.

Killick regressou tão desgostoso que apenas pôde dizer:

— Eu lhe tirei a esteira.

— Obrigado, Killick — disse Jack, girando o rolo entre as mãos.

Afastou o algodão azul e então apareceu a seda. Era uma seda não muito brilhante, de uma excepcional textura e um colorido mais forte que o escarlata, que adquiria um tom extraordinário com os raios do sol que entravam diagonalmente pelas janelas de popa.

— Senhor Oakes, leve este rolo para Jemmy Ducks — ordenou. — Tem seis pés de largura, e uma peça de um comprimento apropriado cortada perpendicularmente aos lados poderá cobrir à jovem dos pés à cabeça. Diga a Jemmy o que tem que fazer e pergunte-lhe se há na fragata outros alfaiates que sejam melhores, e se for assim, que o ajudem. Não há nem um momento a perder. Senhorita Harvill, espero ter o prazer de vê-la quando soem as oito badaladas.

Abriu a porta e ela tentou fazer uma reverência, mas se deu conta de que estava em uma situação absurda e se limitou a olhá-lo

como se lhe pedisse desculpas e a dizer:

— Não sei como agradecer, senhor. Por Deus que esta é a seda mais bonita que já vi em minha vida.

A entrevista, ainda que curta, havia sido esgotadora para Jack, e durante um tempo ficou sentado na escaninho próximo às janelas de popa com um copo de vinho de Madeira ao lado. Através da escotilha de popa podia ouvir os habituais sons da fragata. Davidge, o oficial de guarda, ordenou que esticassem ainda mais a bolina do velacho; Edwards o *Sujo*, o suboficial que governava a fragata, ordenou a Billy, o timoneiro “soltar um pouco, orçar e dar um toque”; depois Davidge falou outra vez.

— Não sei onde pô-la, senhor Bulkeley. Terá que esperar até que o capitão suba ao convés.

Jack terminou de tomar o vinho, estirou-se e subiu ao convés. Assim que apareceu, semicerrando os olhos pela luz do sol, Davidge lhe disse:

— Senhor, o senhor Bulkeley quer saber onde os marinheiros têm que pôr a grinalda para o casamento.

— A grinalda para o casamento? — perguntou Jack. Então olhou para o castelo e viu alguns marinheiros da brigada de Oakes olhando para cima. Observou como içavam silenciosamente o tradicional conjunto de aros adornados com fitas e galhardetes. Se perguntava onde devia colocar-se. Se Oakes fosse um marinheiro, poria no mastro onde trabalhava; se fosse o capitão, no estai da joanete maior, porém, onde devia pôr neste caso?. — Coloquem-na no tope do mastaréu de joanete do joanete de proa — ordenou, e se foi devagar para a popa.

Essa grinalda não fora feita meia hora antes e os galhardetes não estavam recém postos. Os malditos marinheiros sabiam o que ele ia fazer, tinham previsto qual seria sua decisão e haviam se burlado dele. Cheio de raiva pensou: “Que se vão ao inferno. Minha mente deve de ser transparente como o cristal”. Mas seu pensamento se afastou disso ao ver que o doutor Maturin ensinava a Reade, com grande precisão, uma série de passos rápidos de uma dança irlandesa.

— É assim mesmo que se baila em um casamento — dizia. — Mas um não deve mover os braços nem mostrar nenhuma emoção, muito menos gritar, como desafortunadamente fazem em alguns países. Esse é um má costume. Aqui está o capitão, e ele mesmo poderá lhe dizer que gritar quando se baila não é elegante.

— É curioso que aparentemente não surpreendi ninguém na fragata — disse Jack quando Reade se foi. — Os marinheiros tinham a grinalda preparada muito antes de que zarpassemos e você estava ensinando a Reade como se baila em um casamento, ainda que só faça dez minutos que se acordou. Duvido que possa surpreender ao senhor Martin quando lhe pergunte se quer officiar a cerimônia. Como provavelmente recordará, hoje come conosco.

— Queria que não chegasse tarde. O estômago me pede aos gritos a comida, ainda que seja possível que isso seja produto do terror. Já notou em o navio que está nos perseguindo? É um navio com um galhardete de barco de guerra.

— Deixo passar que chame de navio a um cúter, mas permita me opor à palavra *perseguindo*. Não há dúvida de que navega quase com o mesmo rumo, nem há dúvida de que aparentemente seu capitão quer falar conosco, mas é possível que se dirija a uma baía que fica na costa noroeste da ilha Norfolk para algum assunto oficial. Ainda que parece que leva um galhardete, acho que posso ignorá-lo sem buscar-me problemas. Não tenho tempo para fofocas e a distância que nos separa é bastante grande para permitir-me fazê-lo sem que seja uma flagrante ofensa. Além do mais, seguiremos levando bastante vantagem até que caia a noite.

— Não podemos navegar mais rápido e deixá-lo para trás?

— É claro que não, Stephen! — exclamou. — Como pode ter idéias tão raras? Ambas as embarcações se movem quase à mesma velocidade, mas a fragata, como tem aparelho de velas quadradas, só pode aproximar a proa a 65° da direção do vento, enquanto que o cúter pode aproximá-la a 55°. Como consequência, apesar de que estejam em igualdade de condições, com o tempo o cúter ultrapassará a fragata, a menos, naturalmente, que naveguemos com o vento em popa, o que a afastaria muito, mas seria a prova de uma indevida fuga. Se ainda estiver aí pela manhã, se não virar a

sotavento da ilha Norfolk, e se não houver notáveis mudanças no tempo, terei que pôr a fragata em paio. Terei que detê-la — acrescentou, pois pensou que alguém que chama a um cúter de navio depois de navegar durante tantos anos, necessitava ouvir a explicação inclusive dos termos mais simples. — Mas, então, a companheira de Oakes já será uma mulher livre, pois Martin terá realizado sua tarefa com um livro, uma campainha e uma vela.

— Não se esqueceu de Padeen, né? — perguntou Stephen em voz baixa.

— Não — respondeu Jack —, não me esqueci. Acho que não há nenhum Judas a bordo, e ainda que houvesse, o capitão do cúter teria que ser muito atrevido para poder encontrá-lo em meu barco.

Passou alguns minutos olhando o *Éclair*, o cúter em questão, pela luneta. Era bem governado e parecia que avançava um pouco mais rápido que a *Surprise* porque a proa formava um ângulo menor com a direção do vento. O galhardete pôde ver-se claramente quando virou. Mas não poderia ultrapassar à fragata antes que anoitecesse e, além disso, havia poucas possibilidades de que superasse a ilha Norfolk e saísse para o oceano, mesmo no caso de que realmente estivesse perseguindo a *Surprise*. Guardou a luneta e disse a Stephen:

— É assombroso o poder que tem uma jovem sentada com recato e modéstia, olhando para o piso e respondendo com cortesia, ainda que não digo que como uma bobona, cuidado, Stephen, com cortesia, mas não muita. Nenhum homem poderia falar com rudeza a uma jovem assim, a menos que fosse um bárbaro. O velho Jarvey não poderia falar com rudeza a uma jovem assim.

— Acredito que sua misoginia é principalmente teórica.

— Sim, gosto das jovens, é verdade — disse Jack, assentindo com a cabeça —, mas as jovens que estão no lugar que lhes corresponde. Vamos trocar de roupa, Stephen. Tom e Martin se reunirão conosco dentro de cinco minutos.

Aos cinco minutos o capitão Pullings, em todo seu esplendor, e o senhor Martin, com uma aceitável casaca negra, entraram na cabine. Em seguida lhes ofereceram algo de beber para abrir-lhes o apetite (ainda que a essa hora do dia não fosse necessário) e

quando soou o sino todos se sentaram à mesa. Durante a primeira parte da refeição ambos os marinheiros trataram de conseguir que os dois médicos compreendessem, realmente compreendessem, por que uma embarcação que pode aproximar a proa a 55° da direção do vento termina por ultrapassar a outra que pode aproximá-la a 65° quando ambas navegam de bolina e à mesma velocidade. Depois de acabar o cordeiro assado, que ficou convertido em um simples esqueleto, Jack, desesperado, mandou buscar a Reade e lhe encarregou que pedisse a Adams um baralho e que cortasse dois triângulos isósceles, um com um ângulo de 135° e outro com um de $112^\circ 30'$.

Quando chegaram os triângulos, já haviam tirado a toalha da mesa, e Jack teira traçado com vinho do porto, sobre a brilhante superfície de mogno, várias linhas que indicavam a direção do vento e os pontos onde viravam os barcos se Killick não tivesse gritado:

— Oh, não, senhor, por favor! Permita-me estender pedaços de merlín branco.

Quando os pedaços de merlín branco estavam estendidos, Jack disse:

— Agora, cavalheiros, o vento sopra para o centro, do colete do doutor para o meu. As linhas paralelas de cada lado indicam aproximadamente onde viram os barcos para avante, por onde ele está. Agora vou colocar o triângulo que representa o que se aproxima a 65° junto da linha da esquerda, com a base perpendicular à direção do vento, e depois vou traçar sua rota, em que navegará de bolina, até a linha da direita, onde vira, e vou marcar o ponto com um pedaço de pão. Depois vou fazer o mesmo em cada vão até que chegue ao ponto onde vira no sexto vão, que vou marcar com este gorgulho morto. Agora pego o triângulo que representa o cúter, que se aproxima a 55° , e faço o mesmo. Como vêem, o quarto vão da rota do cúter coincide quase com o sexto vão da fragata. A distância percorrida para barlavento favorece mais à embarcação de velas de latinas em uma proporção de quatro para três.

— Isso é inegável — disse Stephen, olhando atentamente o gorgulho —, mas minha mente está mais convencida do que meu

coração. Esta embarcação tão ligeira e esbelta, que há derrotado a tantos inimigos de potência superior...

— Gostaria mais de uma prova trigonométrica? — perguntou Tom Pullings.

Stephen negou com a cabeça e dissimuladamente aproximou o gorgulho de seu prato.

— Uma vez folheei um livro de trigonometria — disse Martin. — O título era *A Simple Way of Resolving All Triangles, invaluable for Gentlemen, Surveyors and Mariners, carefully adapted for the Meanest Understanding (Uma forma simples de resolver os triângulos, inestimável para cavalheiros, inspetores e marinheiros e cuidadosamente adaptado para os mais baixos intelectos)*, mas tive que largá-lo. Parece que alguns intelectos são inclusive mais baixos do que o autor pensava.

— Pelo menos todos podemos apreciar este excelente vinho do porto — propôs Stephen. — Bebamos uma taça juntos, senhores.

— Com muito prazer — disse Martin, fazendo uma inclinação de cabeça sobre seu prato. — Na verdade é um vinho do porto excelente, mas esta deve ser minha última taça porque tenho que celebrar uma cerimônia dentro de uma hora, como sabe, e não gostaria de ficar todo o tempo cambaleando e falando entre os dentes.

Depois da refeição, Stephen, que não assistia a nenhuma cerimônia a menos que fosse um funeral, foi para a enfermaria. Ali Owen lhe contou as viagens que fizera pela costa oeste do continente americano e às ilhas próximas para comerciar com peles e dali para Cantão através das ilhas Sanduíche, especialmente o Havaí, ou em ocasiões para a Inglaterra pelo cabo de Hornos ou o estreito de Magalhães, às vezes fazendo escala em Más Afuera^{3} para encontrar as melhores peles. Também lhe falou de outras partes do Pacífico Sul onde estivera, sobretudo da Ilha de Páscoa, que Stephen achava mais interessante que os outros lugares, especialmente pelas enormes figuras erguidas sobre plataformas de pedra cuidadosamente polidas que fora trabalhada por um povo desconhecido e que, além de tudo, deixou como testemunho tábuas escritas com caracteres desconhecidos e em uma língua também

desconhecida. Owen era um homem inteligente, sagaz e gostava de medir coisas e medir distâncias com passos, e, apesar de que tinha quase sessenta anos, conservava uma excelente memória. Ainda estava falando, ainda que agora com voz rouca, e Stephen ainda lhe estava fazendo perguntas quando Martin desceu para preparar as doses de medicamentos e as vendas que usariam pela noite.

— Quanto eu gostaria de ver a Ilha de Páscoa! — Stephen lhe disse. — Owen me contou mais coisas sobre ela. Recorda a que distância está?

— Acho que o capitão disse que a cinco mil milhas, mas passaram a garrafa tantas vezes depois da cerimônia que não se pode confiar em mim. Ah, ah, ah!

Naturalmente, Padeen estava presente porque era o ajudante de cirurgião. Estava muito angustiado desde que avistara o cúter e agora, quando entravam no ambulatório, inclinou-se e sussurrou ao ouvido de Stephen:

— Pela mãe de Deus, sua senhoria, não se esqueça de mim, eu lhe suplico.

— Não me esquecerei, Padeen, prometo — disse Stephen. — E o capitão também me deu sua palavra.

Então, em parte para tranquilizar-lhe, seguiu falando com Martin em um tom normal.

— Como foi a cerimônia? Espero que bem.

— Oh, sim, obrigado! Se não fosse pelo cabeceio, que quase nos fez cair duas vezes, qualquer um teria dito que era uma cerimônia íntima celebrada em um salão. O capitão entregou a noiva, o armeiro fez um anel de um guinéu, todos os oficiais estavam presentes e no livro de navegação se escreveu tudo devidamente firmado. Eu me assombrei ao ver a noiva em um vestido escarlata, mas depois, quando a felicitei, agradeceu-me efusivamente.

— Não a vira antes?

— Claro que sim. Fui até a proa antes da cerimônia para falar-lhe das formalidades e assegurar-me de que as entendia. Supunha que era um tipo de mulher muito diferente, quase iletrada... Ainda usava a roupa com que subira a bordo, e devo dizer que apesar de

que se via muito bem como noiva, parecia mais com um garoto. Suas formas pouco pronunciadas, mas não por isso menos atraentes, fizeram me sentir se não como um pederasta, como algo parecido.

Stephen se assombrou. Nunca ouvira Martin dizer algo tão íntimo e quase licencioso. Enquanto isso ambos preparavam as pílulas e Padeen as vendas, Stephen pensou que talvez esse era um dos efeitos de trazer uma mulher a uma comunidade de celibatário ou que talvez Martin se sentia agora mais médico que pastor. Ainda que não fosse químico, tinha vários amigos que eram e vira como um sábio sueco jogava uma gota de um catalizador em um líquido transparente e então o líquido se enturvava e se separava e depois se precipitavam cristais de colorido vermelho-fogo.

— Vamos — disse Martin. — Não queria que chegássemos muito tarde. Haverá uma grande festa no castelo. Vão tocar charamelas, naturalmente, e peças de baile *como Jack's alive (Jack está vivo)* e outras mais antigas como *Cuckolds All Awry (Todos os cornudos estão equivocados)* e *An Old Man's a Bed Full of Bones (Um homem velho é como uma cama cheia de ossos)*. Costumava bailá-las quando ia à escola.

— Nada poderia ser mais apropriado — disse Stephen.

Na Surprise sempre houvera muitos cantos e bailes, mas nunca tantos como nessa tarde. No abarrotado castelo, os marinheiros que bailavam danças rurais inglesas avançavam e retrocediam alinhados e saltavam no momento adequado apesar do fluxo de ondas, enquanto isso outros tocavam, quase sem pausa, violinos, trompas, berimbaus e pífanos em cima das bitas ou mesmo no pescante de barlavento. Outros grupos de marinheiros bailavam por sua vez ao som das charamelas, cada um animado por seus companheiros de brigada; outros, gigas; e os marinheiros de Orkney faziam as evoluções de uma estranha dança e davam gritos ao compasso dela.

— Estão se divertindo, senhor — observou Pullings.

— Deixemos que desfrutem enquanto possam — disse Jack. — A segunda-feira está acabando e tomarão uma chuvarada antes que chamemos aos que têm que fazer guarda.

Ambos olharam por entre a nuvem de velas o céu coberto, onde quase não se viam estrelas. Então continuou:

— Mas me alegro muito. Esse maldito cúter lançará outro foguete azul dentro de um minuto e tampouco desta vez poderemos vê-lo.

De fato, quando uma charamela estava terminando, entre complicados passos executados com extraordinária agilidade, duas débeis luzes azuis apareceram longe, pela popa, mas a terceira, que completaria o sinal convencional, não pôde ser visto.

— Mesmo assim, seguiremos deste modo quando soem as oito badaladas. Creio que esse tipo vai diminuir velame durante a noite, porque não está perseguindo a toda vela uma valiosa presa. Dois prisioneiros fugitivos que não têm nem um penique não são valiosas presas.

— Talvez deseje uma ascensão, senhor.

— É verdade. Mas se pegar dois insignificantes fugitivos não conseguirá uma notável ascensão, enquanto que se navegar a toda vela e, acidentalmente, o cúter perde algum pau e tem que voltar ao porto com uma bandola, conseguirá ser recebido com palavras muito duras, dado o estado atual dos apetrechos navais em Sidney. Com as joanetes e as sobrejoanetes nos afastaremos tanto dele durante a noite que, em minha opinião, não o faria seguir nem mesmo por uma ascensão, no caso de que buscasse uma. A verdade é que tenho a certeza de que dentro de uma hora virará e rumará para a costa norte da ilha.

Fez uma pausa e aspirou o ar ao mesmo tempo que percebia a grande série de forças que atuavam sobre a fragata.

— Mas com tantas velas superiores desdobradas e a possibilidade de que haja tormenta... — acrescentou, e nesse momento houve dois relâmpagos de uma só vez que desconcertaram aos marinheiros que bailavam e a primeira rajada de cálida chuva provocou febre com que os violinos desafinassem. — Eu gostaria que se encarregasse da guarda de meia.

Era raro que o capitão Aubrey interpretasse mal uma situação no mar, mas ao amanhecer do dia seguinte um distante canhão o

tirou de seu sono, e um momento depois viu a Reade junto a sua maca na penumbra.

— O capitão Pullings, o encarregado da guarda, senhor, diz que o cúter está a meia milha pelo través de estibordo, fez um sinal e baixou um bote.

— Que diz o sinal, senhor Reade?

— Ainda não havemos podido ver toda a fileira de bandeiras, senhor, porque há muito pouca luz, mas achamos que as palavras *governador e despacho* fazem parte dela.

No convés, Pulling, um pouco nervoso, disse:

— Perdoe que o tenha tirado da cama tão cedo, senhor, mas aí o tem. O capitão não diminuiu velame, como nós, para enganar-se de novo, e o cúter navegou a toda vela e é provável que cruzou a esteira da fragata aproximadamente quando soaram as quatro badaladas.

— Não podemos fazer nada a esse respeito — disse. — Prepare tudo para receber aos visitantes tão cortesmente como possamos. Mande secar os corrimãos e arrumar o convés o melhor possível. Porei o uniforme. Senhor Reade, terá que trocar essas calças sujas. Parece que estão descendo um extraordinário número de objetos pelo costado — acrescentou da parte superior da escada do castelinho.

Ao chegar abaixo despertou a Stephen Maturin e lhe disse:

— Pode chamar-me de Jack *o Brando*, se quiser, mas o cúter está abordado com a fragata e tenho que receber ao seu capitão. Eu lhe convidarei para desjejuar, mas se vier, não se esqueça de se barbear e pôr uma camisa, uma boa casaca e a peruca. Killick trará água quente.

Chamou aos gritos ao seu despenseiro.

— O uniforme. Diga ao cozinheiro que prepare um café da manhã para visitantes e que esteja preparado para fazer almoço para eles se desejarem ficar. — Depois, tratando que ninguém mais lhe ouvisse, pediu a Bonden: — Por favor, esconda a Padeen.

Jack e Bonden tinham muita experiência em sacar à força aos marinheiros dos mercantes, em alguns casos escondidos muito engenhosamente, e confiavam em que ninguém poderia descobrir

esses esconderijos, a menos que se permitisse fumigar a fragata com enxofre.

Os botes se aproximavam devagar e seus homens remavam com cuidado para não molhar os numerosos pacotes que levavam a bordo. Pouco depois, entre os gritos do contramestre, subiu a bordo um tenente, seguido de um guarda-marinha. Cumprimentou aos oficiais, que responderam ao cumprimento, e avançou com o chapéu sob o braço e com um pacote envolvido em um pedaço de lona alcatroada na mão esquerda.

— Capitão Aubrey, senhor, sou M'Mullen, o oficial ao comando do *Éclair*, e tive a honra de que me encarregassem de entregar-lhe pessoalmente ordens de sua excelência.

— Obrigado, senhor M'Mullen — disse Jack, pegando o pacote oficial com a deviada gravidade e apertando-lhe a mão.

— Além disso, senhor, tenho grande quantidade de cartas para a *Surprise* que chegaram em dois barcos, um depois do outro, justo depois que o senhor zarpu.

— Estou seguro de que todos os marinheiros se alegrarão muito — disse Jack. — Senhor West, por favor, traga o correio a bordo. Espero que desjeje comigo, tenente.

— Com muito prazer, senhor — respondeu M'Mullen, cuja cara redonda e vermelha, com uma expressão grave até esse momento, resplandeceu como o sol.

— Além disso, senhor West — disse Jack —, creio que os oficiais atenderão ao guarda-marinha e se ocuparão de que os tripulantes do bote comam o que queiram.

Na cabine, M'Mullen olhou ao seu redor com muita atenção, e quando lhe apresentaram a Stephen apertou-lhe a mão muito forte e largamente. Depois, durante o café da manhã, disse:

— Sempre ansiei estar a bordo da *Surprise* e conhecer ao cirurgião, porque meu pai, John M'Mullen, ocupou esse posto em 1799.

— O ano em que *Hermione* a resgatou?

— Sim, senhor, o mesmo ano. Contou-me isso com todo o luxo de detalhes e acho que é quase comparável ao que se passou em Troya, onde tanto o lugar como sua gente eram heróicos.

— Senhor M'Mullen, corrija-me se me equivoco — disse Stephen —, mas para mim não acho que haja mais heroísmo na *Ilíada* porque, afinal de contas, os gregos dispuseram de dez anos para levar a bom porto suas façanhas, enquanto que os tripulantes da *Surprise*, em 1799, tiveram menos de dez horas.

— Seria o último em contradizer ao doutor Maturin — disse M'Mullen —, não só porque compartilho de sua sensata conclusão, mas porque meu pai sempre falou dele com o maior respeito. Me disse, senhor, que considerava seu livro *Diseases of Seamen* (*Doenças dos marinheiros*) a obra mais brilhante e clara que já leu sobre esse tema.

— Seu pai me atribui mais mérito do que tenho — disse Stephen. — Quer que lhe sirva outra fatia de bacon, tenente, e um ovo com gema dupla delicadamente frito?

— O senhor é muito amável, senhor — replicou M'Mullen, aproximando o prato.

Depois, quando o deixou vazio, disse a Jack:

— Capitão Aubrey, senhor, poderia pedir-lhe um favor? Tenho o compromisso de fazer rumo para o continente dentro de meia hora e queria passar esses minutos percorrendo a fragata com um guarda-marinha. Eu me alegraria muito de poder ver os cestos das gáveas, os lugares de onde se combate e outros e também a enfermaria, por meu pai.

— Porém, não ficará para almoçar? — perguntou Jack.

— Não, senhor, e o lamento muitíssimo — disse M'Mullen. — Nada me agradaria mais, porém, desafortunadamente, estou de mãos atadas.

— Bem — disse Jack, chamando imediatamente a Killick: — Killick, Killick!

— Mas se estou justo atrás de sua cadeira! — disse Killick.

— Então mande buscar ao senhor Oakes — ordenou Jack, lançando-lhe um olhar que significava “Diga-lhe que não venha bagunçado, para honrar a fragata”.

No momento em que M'Mullen saiu da cabine com Oakes, Tom Pullings entrou e disse:

— Senhor, os oficiais e os marinheiros estão ansiosos e me pediram que lhe rogasse que abrisse as sacas de correio.

— Não estão mais ansiosos que eu, Tom — disse Jack e subiu rapidamente ao convés, onde havia um surpreendente monte de caixas, cofres e bolsas.

Comprovou com desgosto que a maioria eram cofres atados com cordas que continham documentos legais. Os afastou de um lado e pegou as inconfundíveis sacas de correio. Rompeu os selos, verteu o conteúdo sobre o largo escaninho situado junto às janelas de popa, apressou-se em buscar os envelopes que tinham a bem conhecida letra de Sophie e depois chamou ao escrevente.

— Senhor Adams, faça-me o favor de classificar estas cartas. As que sejam para os marinheiros devem ser imediatamente entregues.

Levou para a cabine-dormitório o pequeno monte de cartas que eram suas e o pacote oficial envolvido em lona alcatroada, que abriu primeiro pelo seu grande senso do dever. Continha, como esperava, cartas do Almirantado para Stephen Maturin, em três grandes envelopes, e uma carta do governador, na qual provavelmente mandava felicitações. Colocou-as de um lado e pegou as cartas de sua casa. Sua amada Sophie havia aprendido por fim a numerar os envelopes para que ele pudesse ler as cartas em ordem. E isso foi o que fez com um alegre sorriso e com a alma a dez mil milhas de distância, junto a seu filho, que progredia em latim guiado pelo reverendo Beales, e em equitação, por sua prima Diana (um centauro fêmea), e junto a suas filhas, que progrediam em história, geografia e francês sob a direção da senhorita O'Mara, e em dança, desenho e conduta, na academia da senhora Hawker, em Portsmouth. Além do mais, eles mesmos haviam escrito notas que demonstravam em parte seu progresso, que provavam que já eram bastante instruídos. Mas o sorriso se apagou do seu rosto de repente quando leu uma referência a Diana, prima de Sophie e esposa de Stephen. Sophie sempre fora contrária a dizer algo desagradável sobre alguém e, quando se tratava de sua prima, fazia uma crítica tão dissimulada e sutil que era difícil entendê-la. Algo ia mal, mas a segunda leitura não lhe permitiu entendê-la bem tampouco e não

teve tempo para lê-la pela terceira vez porque Oakes chamou à porta e disse:

— Com sua permissão, senhor, o senhor M'Mullen quer despedir-se.

— Obrigado, senhor Oakes. Por favor, comunique ao contramestre.

Jack subiu ao convés e viu que M'Mullen estava pronto para ir embora e o *Éclair*, a um tiro de pistola.

Despediram-se amigavelmente. O cúter virou para colocar-se com o vento em popa e desdobrou as velas. Quando pôde ser visto pela última vez, navegava com as alas das joanetes desdobradas e a grande velocidade para chegar ao encontro com uma jovem dos subúrbios de Sidney. Mas muito antes Jack havia regressado para a grande cabine, seguido de todos os oficiais, e lhes havia entregado suas cartas dizendo:

— Cavalheiros, ainda que seja possível que o senhor Oakes nos abandone no próximo porto apropriado da América do Sul, pois na *Surprise* não podem viajar as esposas, enquanto isso seguirá ocupando o posto de guarda-marinha e todos os marinheiros devem tratá-lo com o devido respeito aos oficiais. O memo é aplicável à senhora Oakes. Vou convidá-los para almoçar e também espero poder desfrutar de suas companhias.

Todos fizeram uma inclinação de cabeça e disseram que isso lhes agradaria muito, lhes comprazeria muito, lhes encantaria... E se foram imediatamente para ler suas cartas. Jack entregou os avultados envelopes a Stephen e regressou para sua cabine-dormitório. Quando estava a ponto de regressar à Ashgrove Cottage e ao assunto relacionado com Diana, observou que a carta do governador dirigida ao capitão Aubrey, da Armada Real, MP, etcétera, era mais avultada que uma normal que contivesse felicitações, por muito florido que fosse a linguagem usada.

De fato, continha ordens, ordens diretas do governo, e, como a maioria dessas ordens, deixavam a porta entreaberta, de maneira que quem as executasse poderia ser culpado de fechá-la ou de abri-la. Houve problemas em Moahu, uma ilha situada ao sul das ilhas Sanduíche. Ali haviam retido vários barcos britânicos e maltratado os

marinheiros britânicos. Aparentemente, a rainha da parte sul e sua rival da parte norte estavam em guerra, e se ordenava ao capitão Aubrey que tomasse as medidas necessárias para conseguir a liberação dos barcos e suas tripulações. Parecia que havia um equilíbrio de forças e era indubitável que a presença de um barco de Sua Majestade seria decisiva no conflito. O capitão Aubrey, depois de profundas reflexões, decidiria que bando tinha mais probabilidades de reconhecer a soberania britânica e aceitar como residente a um conselheiro acompanhado de uma adequada guarda, e usaria sua influência para favorecer a esse bando. Era preferível que houvesse um só governante com quem o governo tivesse que tratar. Ainda que tivesse que evitar o desnecessário derramamento de sangue, se a força moral fosse insuficiente, o capitão Aubrey devia considerar outras formas de persuasão. Moahu era britânica, naturalmente, pois o capitão Cook havia tomado posse do arquipélago em 1779, e o capitão Aubrey devia ter em conta a importância da ilha não só como base do comércio de peles entre a parte ocidental dos Estados Unidos e Cantão, mas também como base do comércio entre a Coréia e o Japão, muito mais importante. Assim mesmo, terá que pensar nos benefícios que provavelmente obterão seus habitantes da proteção britânica e de uma administração estável... Nas superstições, nos costumes bárbaros, nos hábitos indesejáveis... Na atenção médica, a educação e o desenvolvimento do comércio. Jack saltou o parágrafo que sempre se repetia ao final, mas notou que o haviam escrito com pressa porque, apesar de que se pensara em uma declinação como *o fim justifica os meios*, não tivera tempo de reescrever todo o parágrafo e essas palavras estavam riscadas, o que lhes dava um aspecto fantasmagórico e as fazia, ao mesmo tempo, mais enfáticas.

Moahu. Jack entrou na grande cabine, aproximou-se da mesa onde ficava a carta marítima e, depois de estudá-la um pouco, regressou ao convés e ordenou:

— Senhor Davidge, por favor, mude o rumo para norte-nordeste. Mande desdobrar a cevadeira e a sobrecevadeira e, não é necessário que o diga, as velas de estai.

Os convidados (eram somente sete) começaram a se reunir em uma sala da cabine, que era o dormitório de Stephen quando não preferia dormir no pequeno compartimento que dava para a câmara dos oficiais e também, em todo momento, seu estúdio, mas agora estava muito limpa e arrumada para que parecesse uma ante-sala. Quando Stephen entrou, Martin lhe disse:

— Sinto que não vamos à Ilha de Páscoa.

— Eu também — disse Stephen. — Meu coração se partiu quando o capitão me disse, mas agora acho que essa é mais uma das muitas decepções que um sofre nesta vida miserável. Eu me consolo pensando que quase não se descreveu as aves dessas outras ilhas. Acredito que Moahu não fica muito longe do Havaí, que como sabemos possui uma grande variedade de malifágidas e inclusive uma franga d'água com a testa de cor escarlata.

— Sim. E agora terá o consolo de ver à senhora Oakes vestida com o bonito traje escarlata do qual lhe falei.

A porta se abriu, mas não apareceu nenhum traje escarlata. O algodão azul com que Jack protegia o rolo de seda havia se transformado, mediante sabe Deus que esforços e engenhosos recursos, em um vestido que combinava muito bem com um lenço negro de Barcelona, dos que usavam os marinheiros para descer a terra, usado como xale. Jack se adiantou para dar as boas-vindas à senhora Oakes e ao seu esposo e, como devia ser, conduziu-a para a grande cabine seguido de todos os demais. A cabine tinha um aspecto extraordinariamente bonito. Na comprida mesa, onde brilhavam os objetos de prata, havia talheres postos para oito, bastante separados entre si, mas ainda restava muito espaço livre nos extremos, e esse espaço o enchiam os reflexos dos raios de sol ao cair sobre a esteira e as águas dançarinas e cheias de vida, reflexos que entravam pelas janelas de popa, uma série de grandes janelas situadas a toda a largura desta que formavam uma quarta parede de brilhante cristal inclinada para dentro e que convertiam a cabine na sala mais bonita do mundo. Clarissa Oakes olhou ao seu redor com evidente satisfação, mas não disse nada. Jack lhe indicou que se sentasse a sua direita e os outros começaram a ocupar as outras cadeiras. Davidge se sentou diante dela, Reade a sua direita e

Martin diante de Reade. Tom Pullings, como era natural, sentou-se em um extremo, e Oakes a sua direita e Stephen a sua esquerda. Não havia nenhuma Casaca Vermelha, ou seja, nenhum infante da marinha nem muitos marinheiros trabalhando como serventes, mas somente Killick, que ficava atrás da cadeira de Jack, seus ajudantes, que traziam os pratos e as garrafas, Padeen, que ficava atrás da de Stephen, e um jovem gavieiro que servia a Pullings e outro a Davidge, mas o conjunto refletia a magnificência própria dos atos dos marinheiros, em meio da qual não pareciam fora de lugar os dois canhões de doze libras que se encontravam de um lado e do outro.

— Tivemos um agradável visitante esta manhã, senhora — disse Jack, servindo-lhe sopa. — Era o capitão do *Éclair*. Estava ansioso para conhecer a fragata porque seu pai estivera a serviço nela em 1799, o ano em que participou na famosa batalha em Porto Cabelo. Bem, digo famosa... Quer um pouco de xerez, senhora? É um vinho inofensivo. Digo famosa porque se falou muito dela na Armada, mas suponho que a senhora não terá ouvido falar de Porto Cabelo nem da *Hermione* em terra.

— Acho que não, senhor, ainda que as batalhas navais me fascinam desde que era uma menina. Por favor, conte-me o que passou em Porto Cabelo. Saber como foi uma batalha naval de primeira mão seria interessantíssimo.

— Por desgraça, eu não estava lá. Quanto o lamento! Fui guarda-marinha da *Surprise* uma vez, mas isso foi muitos anos antes. Contudo, posso fazer um sucinto relato dos fatos. Senhor Martin, a garrafa está ao seu lado, senhor. Bem, a *Hermione* estava nas mãos dos espanhóis, que nessa época eram nossos inimigos e aliados dos franceses... Não lhe contarei por que a tinham já que isso não é relevante neste caso, mas ali estava, em Porto Cabelo, na costa norte da América do Sul, atracada pela proa e a popa na entrada do porto, entre duas potentes baterias, com as vergas colocadas, as velas envergadas e tudo pronto para zarpar. O capitão Hamilton, Edward Hamilton, não seu irmão Charles, estava então ao comando da *Surprise* e se aproximou do porto para ver a *Hermione*, uma fragata de trinta e dois canhões com 365 homens a bordo. A *Surprise* tinha vinte e oito canhões e 197 homens, entre marinheiros

e grumetes, mas o capitão decidiu sacar a *Hermione* dali e os tripulantes estavam de acordo. Só cabiam 103 em seus seis botes, assim que elaborou com cuidado um plano de ataque e o explicou a seus homens tão claramente como pôde. Mais ou menos uma hora depois do pôr do sol, todos vestidos de azul, sem usar nada branco em nenhuma parte, zarparam organizados em duas brigadas. O capitão ia na pinaça com o condestável, um guarda-marinha e dezesseis marinheiros; o imediato, no bote... Quem foi o primeiro a chegar ao Porto Cabelo, capitão Pullings?

— Frederick Wilson, senhor. E o primeiro guarda-marinha foi Robin Clerk, que agora é capitão da *Arethusa*.

— Ah, sim! E depois iam outro guarda-marinha, o carpinteiro e oito marinheiros no bote. A brigada seguinte era formada pelo cirurgião, o pai de nosso amigo M'Mullen, que estava ao comando do esquife e dezesseis marinheiros... Mas não devo dar tantos detalhes. Em total eram seis embarcações, incluindo os dois cúteres. As embarcações das duas brigadas avançaram em fila, amarradas com um cabo umas às outras, cada uma com uma tarefa diferente. Os homens do bote, por exemplo, abordariam a fragata pela alheta de estibordo para cortar a amarra de popa e dois deles subiriam ao alto da exércia para largar a sobremezena. A noite era escura, o mar estava tranqüilo e soprava o terral. Tudo foi bem até que chegaram a uma milha de distância da *Hermione*, pois então lhes viram os tripulantes de duas canhoneiras espanholas que estavam patrulhando. Hamilton disse: "Malditos sejam!". Então cortou o cabo, deu três vivas e avançou diretamente para a fragata confiando em que todos o seguiriam. Contudo, alguns estavam desejosos de matar espanhóis e foram ao encontro das desprezíveis canhoneiras, de modo que o capitão Hamilton e seus homens estavam praticamente sozinhos quando abordaram a fragata pela amura de estibordo e avançaram até o castelo. Havia um ruído terrível e compreenderam com assombro que os espanhóis estavam em seus postos de combate na coberta inferior e disparavam com os canhões a um inimigo imaginário que ainda não havia chegado. Assim que os tripulantes da *Surprise* avançaram pelo corrimão até o castelo de popa, onde encontraram forte resistência. O doutor e os tripulantes

do esquife já haviam abordado a fragata pela amura de bombordo, mas esqueceram que deviam reunir-se com seus companheiros no castelo de popa e atacaram os espanhóis que estavam no corrimão e os feriram gravemente. Devido a isso, Hamilton ficou sozinho no castelo de popa e quatro espanhóis o derrubaram. Por sorte, alguns tripulantes da *Surprise* correram para a popa e o resgataram, e um momento depois os infantas da marinha abordaram a fragata pelo portaló de bombordo, formaram, dispararam uma descarga através da escotilha de popa e depois calaram as baionetas. Mas havia grande quantidade de espanhóis a bordo e as forças estiveram igualadas até que os tripulantes da *Surprise* conseguiram cortar a amarra da âncora pequena. Depois largaram o velacho e com os botes rebocaram a *Hermione* até alto mar. Naturalmente, as baterias dispararam na fragata enquanto ela esteve ao seu alcance, mas só derrubaram a carangueja e parte da exércia. Às duas da madrugada já estava fora de seu alcance e todos os prisioneiros estavam a salvo. Nessa batalha nenhum tripulante da *Surprise* morreu e somente doze ficaram feridos, mas o pobre condestável, a quem conhecia bem, foi ferido gravemente quando levava o leme da *Hermione* e a conduzia para o alto mar. Dos 365 espanhóis morreram 119 e 97 ficaram feridos. O capitão Hamilton foi nomeado cavalheiro e desde então na *Surprise* quase sempre lhe permitiram levar um terceiro tenente, uma concessão feita não por mandato oficial mas por costume.

— Oh, senhor, essa foi uma grande vitória! — exclamou a senhora Oakes, juntando as mãos.

— De fato, foi, senhora — disse Jack. — Permita-me servir-lhe um pedacinho de focinho em conserva. Senhor Martin, a garrafa está ao seu lado, senhor. Mas de certa forma é ainda mais admirável uma batalha em movimento, quando as embarcações avançam com rapidez pelo Canal entre águas turbulentas, com quase todas as velas aferradas, a costa a sotavento a um tiro de pistola, as forças quase igualadas e rodeadas de tantos clarões como na noite de Guy Fawkes^{4}. Senhor Davidge, acha que poderia contar o que fizeram a *Amethyst* e a *Thétis* em 1808? Meu Deus, essa foi uma grande batalha!

— Sim, por favor, senhor Davidge — rogou a senhora Oakes —, nada me agradaria mais.

— Bebamos juntos uma taça de vinho enquanto se recorda, senhor Davidge — disse Jack ao mesmo tempo que enchia a taça da senhora Oakes.

— Bem, senhora — disse Davidge, secando a boca —, no outono daquele ano, numa tarde que estávamos perto da costa de Bretanha, com o vento para o este-nordeste, um vento que permitia usar as joanetes abertas, avistamos um barco. Era uma potente fragata que havia escapulado de Lorient e navegava rumo sudoeste. Imediatamente começamos a persegui-la...

Se sucederam umas histórias depois de outras, cada uma ampliada com detalhes, nomes e histórias de alguns oficiais contadas pelos demais comensais, e, também, acompanhadas por um burburinho geral, mas nunca afastando-se do tema central. E durante esse tempo Jack, fiel à tradição naval, enchia e completava de vinho as taças de seus convidados. Quando olhou para o extremo da mesa para perguntar a Pullings quem fora o primeiro a capturar o *Éclair*, a jovem disse muito baixo:

— Senhor Reade, sou uma ignorante, e como nunca comi com oficiais da Armada Real, não sei se as damas costumam se retirar.

— Na verdade, sim, senhora — sussurrou Reade, sorrindo-lhe —, mas não até que tenhamos brindado ao rei. Além do mais, brindamos sentados, sabia?

— Espero aguentar até então — disse.

E de efeito, ainda estava reta, quase não estava ruborizada e não falava muito (ao contrário de seu esposo) quando passaram a garrafa ao redor da mesa e Jack, com uma tosse que indicava formalidade. Disse:

— Senhor Pulling, pelo rei.

— Senhora, senhores, pelo rei.

— Bem, senhor — disse Clarissa, voltando-se para Jack depois de ter cumprido com seu dever —, esta foi uma deliciosa refeição. Agora tenho que deixar-lhes para que continuem bebendo vinho, mas antes de ir, poderia fazer um brinde também? Por sua querida

Surprise, para que siga assombrando aos inimigos do rei durante muito tempo.

CAPÍTULO 3

Depois dessa memorável ocasião, Clarissa Harvill, isto é, Oakes, deixou de ser o centro da atenção de Stephen Maturin. Obviamente, Stephen a via quando fazia um bom dia (e como a *Surprise* navegava rumo norte-nordeste, houve uma série de dias muito bons, realmente alentadores, até que chegou às calmarias equatoriais), tomando ar fresco, umas vezes sentada ao final do lado de sotavento do castelo de popa e outras no castelo, onde as meninas lhe ensinavam a fazer brincadeiras com a corda, arqueando-se de um modo que nenhum gato europeu podia superar; quando a via cumprimentava-a com a cabeça e lhe falava, contudo, durante esse período tinha o pensamento fixo em seu trabalho como espião e nas cartas de Diana, que tratava de decifrar para averiguar o que se encerrava debaixo de sua linguagem lacônica, sua brevidade e, em alguns casos, sua incoerência. Amava muito a sua esposa e estava muito bem preparado para amar a sua filha, que ainda não vira, com um carinho igual, mas não podia chegar a nenhuma das duas através daquele véu de palavras. Diana nunca gostara muito de escrever cartas e geralmente se limitava a dar as datas de suas saídas ou suas chegadas, os nomes de pessoas que convidava e uma breve informação sobre seu estado de saúde, como "estou muito bem" ou "quebrei uma costela quando *Tomboy* caiu ao saltar a cerca de Drayton." Mas suas cartas ou notas sempre tiveram um tom direto e nunca deixaram de conseguir uma comunicação real, ainda que agora as listas de nomes de cavalos, suas qualidades e seus pedigrees, com o que enchera o papel, não lhe diziam nada. Falava muito pouco de Brigid. Depois de fazer um breve relato de seu nascimento, dizendo que fora "muito desagradável, uma terrível

chateação” e que estava “contente” de que tivesse acabado, limitava-se a dar os nomes das ineptas amas-de-leite e a dizer que a menina “parece um pouco boba, assim que não espere demais dela”. Ao contrário de Sophie, Diana não numerava as cartas nem lhes punha a data completa mas somente o dia da semana, por isso, ainda que não fossem muitas, era impossível pô-las em uma ordem que fosse convincente. Amiúde, quando deveria estar decodificando os compridos informes de sir Joseph Blaine, que era o encarregado da espionagem naval, ficava mudando esse ordem para que as ambíguas frases de Diana tomassem outro significado. Não obstante, duas ou três coisas estavam claras. Uma era que Diana não se sentia feliz; outra, que ela e, Sophie discordavam com respeito às reuniões sociais, pois tanto Sophie como sua mãe pensavam que duas mulheres cujos esposos estavam navegando não deviam sair muito nem ir às reuniões sociais onde havia baile nem receber muitas visitas, a não ser as de membros da família ou as de velhos amigos; e outra, que Diana passava muito tempo em Barham Down, uma casa grande rodeada de extensos pastos e colinas que comprara em um lugar distante para criar seus cavalos árabes, em vez de ficar em Ashgrove Cottage, e que ia de um lado para outro conduzindo ela própria seu novo coche verde.

No passado Stephen tinha esperanças, ainda que não demasiadas, de que ter um filho mudaria Diana radicalmente; contudo, nunca imaginaria que seria uma mãe tão despreocupada como parecia concluir-se dessas cartas, essas inquietadoras cartas.

Eram inquietadoras pelo que diziam e talvez ainda mais pelo que não diziam. Além do mais, o comportamento de Jack também lhe desassossejava, pois quando recebiam cartas de sua casa costumavam ler fragmentos um para o outro, e ainda que Jack lera alguns referidos às crianças, o jardim e os bosques, notava que se reprimia ao falar-lhe de Barham Down ou da própria Diana, que não era tão aberto como antes.

A medida que Jack penetrava de maneira sistemática nas cartas de Sophie, notava que sua resistência a dizer coisas desagradáveis diminuía gradualmente, e quando leu a última se informou de que a

menina parecia “um pouco estranha” e que Diana bebia muito. Mas Sophie acrescentava, fazendo ênfase nisso, que não devia dizer nada, que talvez estivesse equivocada com respeito à Brigid, pois às vezes as crianças pareciam estranhas ao princípio e depois resultavam ser adoráveis, e que provavelmente Diana seria diferente quando Stephen voltar a ficar em casa. De toda forma, Sophie sabia que ele não ia dizer nada e, por outro lado, era inútil e cruel fazer Stephen padecer o restante da viagem. Isso não era positivo, mas no passado, antes que Stephen e Diana se casassem, também tivera um período de silêncio entre os dois amigos por causa dela. Por outro lado, desde que ambos navegavam juntos Jack nunca lhe ocultara nada sobre as ações da Armada na guerra, porque a informação secreta e a ação eram complementares e, além de tudo, porque oficialmente, e de muitas outras formas, haviam lhe pedido que consultasse ao doutor Maturin e lhe pedisse conselho; contudo, agora nas ordens não se mencionava Stephen. Não sabia se essa omissão nas ordens era deliberada ou se se devia a que as haviam redigido em Sidney em vez de em Whitehall, mas o mais provável era o segundo, já que o motivo que as havia originado era um problema que acabava de surgir em Moahu. Contudo, também havia uma remota possibilidade de que as autoridades de Sidney, informadas pelas de Whitehall, soubessem, como Jack, a opinião que tinha o doutor Maturin sobre a colonização, a “proteção” forçada e o governo de uma nação por outra. Jack lhe ouvira falar com freqüência do “estúpido e descarado Colón”, “o diabólico Papa da família Borgia”, “o desprezível Alejandro”, “o abjeto Julho César” e ultimamente do pior de todos: o “miserável Bonaparte”. Jack pensava que ia ofender Stephen tanto se lhe pedisse que colaborasse em algo que se pareceria muito com uma anexação, como se o ignorasse deliberadamente. Alguma solução lhe ocorreria com o tempo, mas agora sua situação lhe preocupava, ainda que esse não era o único motivo de preocupação. Não fazia muito que havia recebido duas heranças, a primeira com a morte de seu pai, que lhe tinha convertido em dono da propriedade rústica Woolhampton, e a segunda de seu ancião primo Edward Norton, entre cujas numerosas posses estava incluído o distrito de Milport,

que agora Jack representava no Parlamento (só tinha 17 eleitores e todos foram arrendatários do primo Edward). A herança, sobretudo a herança de terras, levava consigo um monte de procedimentos legais a seguir, impostos a pagar e juramentos a fazer, e Jack o sabia, mas sempre havia dito: "Por sorte, aí está o senhor Whitters para ocupar-se de tudo", já que o senhor Whitters era um advogado de Dorchester que se ocupava dos negócios da família e havia administrado ambas propriedades desde que ele era um guarda-marinha.

Mas enquanto Jack navegava por mares distantes (concretamente, pelo estreito de Macassar), o senhor Whitters morreu, e ao seu sucessor não ocorreu nada melhor que mandar-lhe uma grande massa de papéis e pedir instruções sobre montes, centenas de assuntos, tais como cercados, direitos sobre minerais e a disputada herança de Parsley Meadows, que estava na chancelaria há doze anos. Jack não sabia nada daqueles assuntos, mas agora tratava de ordenar os papéis com ajuda de Adams, seu escrevente, ainda que a cada passo se encontrava com contradições ou com a falta de documentos, comprovantes ou recibos.

— Finalmente! — exclamou, entrando na cabine de Stephen com um desses papéis. — Tenho os detalhes sobre os benefícios eclesiásticos de que lhe falei faz um tempo. Mas diga-me, acha que Martin é uma pessoa idônea?

— Idônea para que?

— Oh, simplesmente idônea! Dois dos benefícios estão vagos, e esta carta diz que tenho que apresentar uma pessoa idônea.

— Com relação aos benefícios eclesiásticos, ninguém pode ser mais idôneo ou apropriado que Martin, já que é um pastor anglicano.

— Então isso o converte em idôneo, né? Não havia me dado conta. Bem, aqui estão os detalhes dos benefícios que herdei. As duas vagas são em Fenny Horkell e Up Hellions e já deveriam estar ocupados, mas como estou de serviço, o bispo tem que esperar que eu mande as propostas. Ambos pertencem à mesma diocese, apesar de estarem muito separados, e acho que nenhum dos dois, nem mesmo remotamente, poderia se considerar uma maravilha. Fenny

Horkell tem uma casa decente, que um pastor rico construiu há quarenta anos que quis ficar por afeição à pesca, algo que sei que Martin desfrutará. Tem 60 acres de terreno, ainda que seja pantanoso, mas o rio Test o atravessa de um extremo ao outro. O dízimo que se arrecada chega apenas a 47 libras e 15 xelins, ainda que haja 356 paroquianos. O outro benefício, Up Hellions, é melhor, pois abarca 36 acres de terreno cultivável, excelente para semear trigo, e com um grande número de lebres, só há 137 almas de que ocupar-se e a renda é de 160 libras por ano. Se Martin se interessar, poderia ter, o mesmo que o outro pastor, um coadjutor em Up Hellions, que é um lugar espantoso.

Como Stephen não dizia nada, Jack continuou:

— Suponho que não se importará em comunicá-lo. Eu tenho um pouco de vergonha de oferecer algo que poderia ser interpretado como um favor, ainda que muito pequeno, sobretudo pelo disparatado imposto sobre a renda que pagaria. Talvez prefira esperar por Yarell, que tem mais do triplo de renda. É ocupado pelo reverendo Cicero Rabbetts, um homem muito velho, com mais de setenta anos, que vive em Bath.

— Arme-se de coragem, meu amigo, e lhe comunique diretamente. Mostre os papéis e diga que medite sobre o assunto.

— Muito bem — disse Jack com desânimo, saindo da cabine.

Assim que a porta se fechou, Stephen seguiu escrevendo a carta, uma dessas longas cartas cheias de digressões que costumavam escrever os marinheiros a mais de cinco mil milhas de distância da agência de correios mais próxima. Tinha se acalmado um pouco pensando que o mundo tranqüilo e estável de Sophie, típico da classe média provinciana, censurava o de Diana; que Sophie não gostava de cavalos porque os achava fedorentos, imprevisíveis e perigosos; nem apreciava o vinho porque só tomava uma bebida feita das flores do sabugueiro no verão e outra feita das bagas no inverno, ainda que obviamente, os dias que tinha convidados não lhe pareciam apropriadas. Mas com respeito ao clarete, opinava que uma taça era suficiente para uma mulher, uma opinião contrária à de Diana. Na verdade era surpreendente ver quanto se notava ainda a influência que a senhora Williams tivera

em sua filha Sophie desde muito cedo, pois desaprovava que Diana tivesse uma vida social ativa, que fosse à caça da raposa e que conduzisse sua nova carruagem verde de quatro cavalos só com um servente que ia de pé na parte traseira. Stephen refletiu um momento sobre a curiosa inter-relação das classes na Inglaterra, que podia dar lugar a que duas primas carnis pertencessem a duas culturas completamente diferentes. Essa situação tinha que provocar forçosamente o desacordo, ainda que Diana fosse uma mãe devota, o que, sem dúvida, não era. E a consequência natural do desacordo, mesmo no caso de uma pessoa tão bondosa como Sophie, poderia ser um relato dos fatos pouco objetivo e que, apesar de que não contivesse nenhuma mentira do início ao fim, seria falso.

Molhou a pena e continuou:

Na breve nota que foi só o que pude escrever antes que o *Éclair* nos deixasse, acho que disse que descobri que o ornitorrinco (um animal de pêlo suave e cálido, inofensivo, tímido e desprovido de dentes) tinha meios de defesa que não esperava: esporões muito parecidos ao dente da serpente e, como este, capazes de injetar veneno; e lhe contei também como sobrevivi à descoberta. Também lhe falei, talvez em um tom humorístico um pouco exagerado, do primeiro encontro consciente de nosso querido Jack com a idade madura, mas acho que não descrevi o novo membro da tripulação, uma jovem que um guarda-marinha trouxe a bordo vestida de homem e que escondeu *baixo das escotilhas*, como nós dizemos, até que foi muito tarde para que Jack regressasse àquela desprezível colônia penal e a entregasse às autoridades, como teria sido seu dever se Nova Gales do Sul não estivesse tão longe. No início o pobre Jack estava terrivelmente furioso, pálido de raiva, e repetia que deviam ser abandonados em uma ilha. Para guardar as aparências, como era necessário, simulou que ia executar a temível sentença no dia seguinte, e os tripulantes, com expressão grave, deram todos os passos indispensáveis para inspecionar uma praia na parte da ilha mais exposta às ondas e depois informaram que era impossível desembarcar com aquele fluxo de ondas. Estava furioso com a jovem (detesta que haja mulheres a bordo porque diz que

trazem problemas e má sorte e, além de tudo, são capazes de usar água doce para lavar sua roupa), mas ela é muito bonita, modesta e bem educada, não o tipo de mulher que poderia se esperar, e já se resignou com a sua presença. Nathaniel Martin casou os dois jovens na cabine, e a senhorita Clarissa Harvill se converteu na senhora Oakes. Jack reincorporou o senhor Oakes ao seu posto (ainda que no fim terá que partir), e sua esposa, que obteve a liberdade graças à cerimônia, também conseguiu ter liberdade para ficar no castelo de popa. Escrevo seus nomes, o que não é correto nem discreto, porque esta carta é pouco mais que o fantasma de uma carta real, já que estou quase certo de que nunca a terminarei nem a enviarei. Mas me encanta conversar contigo, ainda que só seja com o pensamento e através do papel. Assim que ela senta-se no castelo de popa debaixo de um toldo quando faz um bom dia, como ocorre quase sempre, e me disseram que às vezes também pela noite, quando seu esposo está de guarda. Ainda que não cheguei a conhecê-la bem, porque meu trabalho me ocupa muito tempo, já percebi que em seu interior há duas mulheres, o que não é raro, dirá você. Mas nunca vira uma diferença tão grande. Geralmente, está desejosa de agradar e de estar em harmonia com todos. Sempre tem uma atitude amável, que demonstra inclusive quando inclina a cabeça cortesmente, sabe escutar e nunca interrompe. Os oficiais a tratam com o devido respeito, porém, assim como eu, estão desejosos de saber por que motivo uma jovem como ela foi enviada a Botany Bay. Tudo o que puderam averiguar é o que o esposo sabe, ou seja, que ela ensinava francês, música e as constelações para as crianças de uma casa que ele visitava. A informação não lhes satisfaz, claro, e às vezes vão à caça de mais; contudo, quando isto sucede, desaparece a amabilidade (uma amabilidade genuína, estou seguro) e aparece a segunda mulher. Uma vez, para meu assombro, Jack insistiu em saber mais a respeito de sua viagem e lhe perguntou se vira ilhas de gelo ao sul do cabo da Boa Esperança, e então apareceu Medea em vez de Clarissa Oakes e disse: "Estou em dívida com o senhor, senhor, e lhe estou muito agradecida, mas esse foi um período muito doloroso e espero que me perdoe se não falo dele", e seu olhar foi ainda mais eloqüente, assim que Jack desistiu

imediatamente. Por outro lado, quando Davidge fez perguntas similares, ela respondeu que sua resposta habitual às perguntas impertinentes era... Eu esqueci da resposta exata, mas incluía as palavras “vulgar curiosidade”. Desde então acho que ninguém a tem incomodado.

A fragata continuava navegando rumo este-nordeste, avançando raras vezes mais de cem milhas de um meio-dia ao do dia seguinte, apesar de que os marinheiros atendiam constantemente a grande quantidade de velame desdobrado. Mas o domingo, imediatamente depois da cerimônia religiosa, os ventos alísios do sudeste voltaram a soprar como deviam, e ainda que os marinheiros arriaram as sobrejoanetes e as alas, a *Surprise* recuperou a vida que não tinha desde que havia saído do porto de Sidney. A coberta se inclinou, a amura de bombordo desceu e a proa começou a atravessar as ondas dividindo-as com um largo sulco de branca espuma. Todos os sons produzidos pela exércia (cada grupo de estais, amantilhos e brandais produzia um diferente) subiam e subiam de tom, e quando chegou a guarda do primeiro quartilho, o som resultante de todo o conjunto e transmitido adiante pelo casco alcançou o triunfante tom agudo que Stephen associava aos dez nós. Debaixo de um bonito céu de um intenso colorido azul com manchas brancas, o vento trazia consigo espuma e uma extraordinária frescura. Quando soaram as duas badaladas se fez a medição com a barquilha e Stephen ouviu com satisfação que Oakes dizia:

— Dez nós e uma braça, senhor, com sua permissão.

A satisfação era geral. Todos os marinheiros gostavam que a fragata navegasse muito rápido, com um forte cabeceio, com a água borbulhando nos costados e com as ondas provocadas pela proa baixando de tal maneira junto à coxia que se via a placa de cobre. E ainda que o tempo não fosse favorável para bailar no castelo, estavam alinhados no corrimão de barlavento satisfeitos e sorridentes.

Clarissa Oakes compartia a alegria dos tripulantes da *Surprise*. Fazia tempo que haviam tirado o toldo, mas ela seguia sentando-se

ali, com o assento amarrado ao coroaamento, com um lenço na cabeça, do qual sobressaiam várias mechas de cabelo que ondeavam ao vento, e a cara com mais cor que o habitual. Pela primeira vez tinha ficado sozinha, e Stephen se aproximou para perguntar como estava.

— Muito bem, obrigado — respondeu ela e logo acrescentou: — Quase havia decidido a mandar-lhe uma nota perguntando se poderia me atender. Mas talvez tratar os transtornos femininos não compete a um cirurgião naval.

— A verdade é que tem pouco a ver com ele, mas eu também sou médico e, portanto, sei tratar tudo. Eu me encantarei ser-lhe útil quando a senhora tenha um momento livre... Se a senhora quiser, agora mesmo, porque ainda há luz e ainda falta tempo para que faça minha ronda noturna. Talvez o seu esposo gostasse de estar presente.

— Oh, não! — exclamou, pondo-se de pé. — Vamos?

E quando passaram pela bitácula, disse:

— Billy, o doutor terá a amabilidade de examinar-me agora.

— É muito amável — disse Oakes agradecido, sorrindo para Stephen.

— E quanto ao lugar — disse Stephen na escada do castelinho —, a cabine, obviamente, está descartada. Por outro lado, como os transtornos femininos são amiúde como são, em sua cabine não haverá luz suficiente e com este calor a luz das lanternas será muito desagradável. Minha cabine tem muitas coisas a seu favor, mas lhe falta intimidade, pois cada palavra que se diz ali pode ser ouvida na coberta. Isso é um fato, ainda que não estou sugerindo que meus companheiros de tripulação escutem de propósito. A menos de uma jarda da escotilha fica o lugar que ocupam o timoneiro, às vezes dois timoneiros, e o encarregado dos sinais, por citar somente a alguns marinheiros.

— Poderíamos falar em francês — sugeriu Clarissa. — Eu o falo com bastante soltura.

— Muito bem — acedeu Stephen, abrindo a porta para que ela entrasse e fechando-a com trinco depois para evitar intrusões.

— A propósito! — exclamou ela, ficando imóvel com a mão na abotoadura do vestido. — É verdade que os médicos, inclusive no mar, nunca falam de seus pacientes, né?

— É verdade no que se refere aos oficiais e suas esposas, mas não aos marinheiros, pois há algumas doenças das quais se deve dar constância. Quando me fazem uma consulta pessoal, não digo nada a ninguém, nem sequer ao meu ajudante ou a um especialista sem o consentimento do paciente. E o senhor Martin também.

— Que alívio! — exclamou a senhora Oakes.

Tirou o vestido e Stephen viu que tinha uma calcinha feita de lona número dez, uma lona tão gasta pelo vento e tão descolorida pelo sol que quase tinha a suavidade do cambraia. Como ela era tão popular entre os marinheiros do traquete, que lhe lançavam olhares carregados de afeto e desejo, e a lona era a que o veleiro recebia como gratificação, indubitavelmente ele lhe havia feito esse presente.

Ao final do exame, Stephen disse:

— Acho que posso assegurar, sem medo de equivocar-me, que sua idéia de que está grávida é errônea. E tenho que acrescentar que as possibilidades de que tenha uma gravidez são muito remotas.

— Que alívio! — exclamou outra vez a senhora Oakes, mas com muito mais ênfase. — O senhor Redfern me disse isso, mas ele é simplesmente um cirurgião. Eu me alegro de que alguém com mais autoridade tenha confirmado sua afirmação. Não encontro palavras para expressar a angústia que se sente quando a força pende sobre um como a espada de Damocles. Além do mais, odeio crianças.

— A todas as crianças?

— Naturalmente, há algumas pequenas criaturas muito bonitas e afetuosas, mas preferiria ter uma manada de babuínos em casa que ao típico menino ou a típica menina.

— Sem dúvida, há alguns babuínos afetuosos. Agora tenho que receitar-lhe um remédio para que o tome a cada noite antes de deitar-se. E venha me ver de novo no próximo mês.

Mantiveram a conversa em francês, que ambos falaram com absoluta correção, ainda que Clarissa com um leve sotaque inglês e Stephen com sotaque do sul. Assim que terminaram e a paciente se

foi, Martin entrou. Se tivesse escolhido com cuidado esse momento não teria podido demonstrar melhor que em um barco de guerra eram raros os lugares onde se podia falar em particular. Tinha que consultar um assunto confidencial com seu amigo e sugeriu em latim que subissem ao cesto da gávea do mezena se o vento não fosse tão forte que desse medo de subir ou pudessem voar alguns papéis.

Falou com bastante calma, mas Stephen notou que tinha uma grande agitação.

— O capitão Aubrey acaba de fazer-me uma oferta muito generosa — disse —, ofereceu-me dois benefícios eclesiásticos que recebeu de herança. Sei que lhe falou do assunto, mas como talvez tenha esquecido os detalhes, eu os trouxe comigo — acrescentou, entregando-lhe os papéis. — Como ele mesmo disse, do ponto de vista material, nenhum deles é desejável, mas talvez os dois combinados, com um coadjutor que se encarregue do menor, seriam bastante rentáveis. Contudo, acrescentou que talvez eu preferisse esperar por Yarell, cujo titular, um ancião de mais de setenta anos e muito enfermo, vive em Bath. Nesta folha estão os dados de Yarell. Finalmente me disse muito amavelmente que pensasse todo o tempo que quisesse, e isso estive fazendo desde então, mas ainda estou indeciso. A princípio me gostou a idéia de ficar em Yarell, pois isso me permitiria cumprir com meu dever e manter a minha família perfeitamente e no futuro imediato dedicar alguns anos mais a deleitar-me vagando pelo mundo. Tenho que admitir que Fenny Horkell, que inclue meia milha das duas margens do Test, era muito tentador. Mas como me oponho totalmente a um cargo sem residência, não posso encarregar-me ao mesmo tempo do distante Up Hellions, e sem Up Hellions, Fenny não proporcionaria a um pastor o suficiente para manter-se. A grande mansão do pastor foi construída há quarenta anos por um eclesiástico que tinha muitos recursos econômicos próprios.

— *Il faut que le prêtre vive de l'autel*, dizem os franceses — comentou Stephen.

Então lembrou que, quando se conheceram, Martin teria ficado radiante de alegria se tivesse a possibilidade de ocupar um benefício eclesiástico de qualquer tipo e com uma renda muito mais modesta

que a de Up Hellions ou mesmo de Fenny, mas a verdade era que então ainda estava solteiro.

— Isso é muito certo — disse Martin. — Assim que estava muito contente pensando em Yarell quando me ocorreu que ainda que, sem dúvida, o motivo principal do capitão Aubrey era me fazer um favor, e o admiro por isso, também poderia ser outro, o desejo de deixar-me em terra, de desfazer-se de mim. Já faz algum tempo tenho notado que o capitão não gosta muito de minha presença e, infelizmente, na câmara dos oficiais comecei a compreender o que significa ficar encerrado em um lugar com alguém que não suporta a um durante meses e meses, vendo-lhe todos os dias por um tempo indefinido. Por isso acho que deveria aceitar Up Hellions e sair do meio assim que termine esta viagem. Não está de acordo? Ademais, deveria acrescentar que o capitão mencionou Yarell de passagem, como se tivesse se recordado na última hora.

— Se eu estou de acordo? Não. Essas premissas são errôneas e, portanto, também o é a conclusão. Em primeiro lugar, aceitar Yarell não lhe permitirá passar vários anos mais navegando e vendo o que é um deleite para os naturalistas, pois quando, por meio de Deus, regressemos à Inglaterra, a *Surprise* será retirada e o capitão Aubrey estará condenado a fazer a guerra a bordo de um navio de linha, encarregado de um bloqueio ou de uma esquadra. Não voltará a navegar tranqüilamente de um lado para o outro nem chegará a remotas praias de estranhos lugares e costas desconhecidas. Em segundo lugar, o capitão Aubrey não lhe tem antipatia. O fao de que o senhor seja um eclesiástico o faz se reprimir ante certas coisas, sem dúvida, mas não lhe tem antipatia. Em terceiro lugar, equivocase ao pensar que lhe falou de Yarell porque lhe ocorreu de última hora, já que esse foi o primeiro benefício do qual me falou, assim que o tinha em primeiro lugar na mente. E a menos que em sua igreja tenha alguma regra contrária, não vejo por que o capitão, que é tão generoso, não lhe ofereça quando fique vago. Bem, não deveria remoer esses aspectos mas analisar outra vez o assunto sobre uma base mais ampla. E lhe rogo que não suponha, como muitos homens bons, que o que é desejável é mau. — Então, em um parêntese, pensou: “Clarissa Harvill é desejável”, mas alçando a

voz, em tom coloquial, disse: — Vejo que tem os documentos com os detalhes dobrados dentro do *De Lue Venerea*, de Astruc.

— Sim — disse Martin, que também atendia alguns pacientes em particular, pois alguns marinheiros (nesta ocasião o contramestre) tinham vergonha de consultar a Stephen. — Há um caso que me tem desconcertado. Hunter descreve duas doenças que, conforme ele, são essencialmente iguais e as causas o mesmo vírus. Astruc o nega. E notei sintomas que não são próprios de nenhuma das duas.

Falaram durante um tempo da dificuldade de fazer um diagnóstico precoce, e quando se preparavam para a ronda da noite, Stephen disse:

— Em ocasiões é ainda mais difícil nos casos em que há infecção residual, especialmente nas mulheres. Por exemplo, alguns eminentes médicos ficam desorientados com o fluxo branco. Nadamos na ignorância. Se as doenças não têm características evidentes e muito bem definidas, são difíceis de se detectar, e quando as detectamos, realmente podemos fazer muito pouco. Além dos cuidados gerais, nosso único recurso é o mercúrio em seus diversos compostos, e às vezes o remédio é pior que a doença. Pense no efeito que produz o sublimado corrosivo quando está em mãos inexpertas.

Na quinta-feira era o aniversário do bota-fora da fragata e o capitão se encarregou da guarda da tarde. Isso permitiu a todos os oficiais sentarem-se juntos à mesa, e Stephen, que não comia com eles há dias, ocupou seu lugar habitual, com Padeen detrás. Conhecia bem aquele lugar e também aquelas caras, mas aquela atmosfera nunca a vira antes e imediatamente compreendeu a que Martin se referia quando dissera que era desagradável ficar encerrado em um barco com alguém que um não podia suportar. Era evidente que West e Davidge se davam mal. Adams, o oficial mais velho e com mais antiguidade na Armada de todos os presentes, sentado no posto do contador, na cabeceira, e Martin, que estava diante de Stephen, faziam todo o possível para suavizar as coisas, e os tenentes eram educados o suficiente para se comportarem

geralmente com cortesia. Mas a refeição, como ato comemorativo, foi um fracasso. Em um dado momento, Stephen, quase sem pensar, disse aos apáticos comensais:

— Acho que estamos cruzando o oceano por uma rota que passa perto das ilhas Fidji. Tenho muitas esperanças de ver as ilhas Fidji.

— Oh, sim! — exclamou Martin, reagindo depois de um breve silêncio. — Owen, que passou algum tempo lá, disse que cultuam a um Deus enorme chamado Denghy que tem forma de serpente e uma barriga tão grande como o aro de um tonel; contudo, como o Deus não presta muita atenção aos humanos, geralmente eles veneram a outros deuses locais muito menores. Parece que fazem muitos sacrifícios humanos.

— São muito cruéis — disse Adams. — São os piores canibais do Pacífico Sul e matam os enfermos e os anciãos. Além disso, quando botam uma de suas pesadas canoas, usam homens atados de pés e mãos como rolos de bota-fora. Mas há que admitir que constroem com maestria seus típicos barcos e que são bastante bons marinheiros.

— Um homem pode ser um marinheiro bastante bom e um perfeito estúpido — observou Davidge.

— Sim, são canibais — disse Stephen. — E li que na ilha principal cresce o *Solanum anthropophagorum*, que cozinham com sua carne favorita para fazê-la mais tenra. Tenho muita vontade de ver as ilhas Fidji.

Nesse dia Stephen almoçou na câmara dos oficiais, mas jantou na cabine. Jack e ele comeram com voracidade um refogado de carne com vegetais, especiarias e bolachas trituradas.

— Deixei meus companheiros discutindo o que deviam oferecer aos senhores Oakes quando lhes convidem para almoçar — disse. — Martin estava seguro de que haveria porcos nas ilhas Fidji e dizia que a senhora Oakes gosta de porco assado, mas todos os marinheiros afirmaram que o vento não nos levaria tão longe. Isso é verdade, meu amigo?

— Isso mesmo. Normalmente os ventos alísios amainam antes dos vinte graus sul. Mesmo agora pode notar que perderam a

estabilidade e a grande força que tinham. Os oficiais foram muito negligentes, porque deviam tê-los convidado muito antes. Se tivessem feito antes que morressem todas as ovelhas, não diriam bobagens sobre os porcos de Fidji.

— Sobrevia uma praga muito rara, garanto. Mas diga-me, Jack, é possível que passemos pelas ilhas Fidji e não possamos vê-las? Estão justamente nesta rota.

— Stephen — disse Jack —, não posso controlar o vento, sabia? Mas prometo que farei todo o possível para lhe agradar. Anime-se tomando outra xícara.

Agora, após uma taça de conhaque, estavam tomando café. Depois pegaram as partituras e os atris, graduaram cuidadosamente as luzes, afinaram seus instrumentos e interpretaram com paixão o concerto em dó maior de Bocherini, seguido por um de Corelli que conheciam tão bem que não necessitavam da partitura.

As badaladas iam sucedendo-se e eles seguiam tocando e desfrutando muito da música. Justo depois da troca de guarda, Jack largou de um lado o arco do violino e disse:

— Isso foi delicioso. Notou a parada dupla que fiz no final?

— É claro que a notei! Tartini não poderia tê-lo feito melhor. Mas acho que agora vou me deitar. Estou ficando com sono.

Stephen Maturin valorizava o sono e tratava de aproveitá-lo, geralmente em vão desde que havia largado o láudano. Jack Aubrey não lhe dava mais valor que ao ar que respirava e o conciliava tão rápido que quase sua maca não se mexia três vezes e já estava fora do mundo sensível. As primeiras vezes que a maca de Stephen se balançou pareciam promissoras, realmente promissoras; os versos que recitava interiormente os começava a repetir agora de forma mecânica e eram cada vez mais confusos; perdia a consciência por momentos...

Mas então, na cabine contígua, começaram a ouvir-se os familiares roncões, fortes e descarados roncões que se interrompiam somente no momento do espantoso clímax. Stephen introduziu mais profundamente nos ouvidos os tampões de cera, mas isso não lhe serviu de nada, pois uma barreira que tivesse o triplo de grossura não teria impedido que o ruído passasse. Além do mais, a raiva e

uma agradável letargia não podiam coexistir dentro de uma pessoa. Quando isso ocorria (e ocorria com frequência), geralmente Stephen descia para a cabine que oficialmente lhe correspondia como cirurgião, mas essa noite não tinha vontade de estar na câmara dos oficiais e era improvável que conciliasse o sono antes da guarda de meia, assim que pôs a camisa e os calções e subiu para o convés.

A noite era escura. A lua havia se ocultado e ainda que entre as altas nuvens se viam bastantes estrelas e mesmo o enorme Júpiter, a luz mais brilhante era a da bitácula. O quente vento ainda chegava pela alheta e, apesar de ter amainado, ainda era favorável para alcançar as ilhas Fidji, e a fragata, cabeceando e balançando suavemente, aproximava-se delas navegando a uns cinco nós. Antes de que seus olhos se acostumassem à escuridão, começou a caminhar em direção à popa e quase imediatamente tropeçou em um rolo de cabos.

— Permita-me dar-lhe uma mão, senhor — disse Oakes, a quem não podia ver.

Oakes o endireitou, aconselhou que tivesse cuidado com o “maldito moitão” e o conduziu até seu lugar habitual, junto ao coroamento, então anunciou:

— Clarissa, tem companhia.

— Eu me alegro muito — disse Clarissa. — Billy, por favor, traga uma cadeira para o doutor.

Stephen costumava apoiar-se no coroamento para contemplar as aves que seguiam a fragata, especialmente nas altas latitudes do sul, ou para observar a hipnótica esteira. Raras vezes se sentara junto dele de cara para a proa, e durante alguns minutos ficou contemplando as altas e brancas gáveas, que subiam e subiam para o céu no meio da noite. A fragata atravessava as ondas com um sussurro; as abafadas vozes dos marinheiros, que conversavam debaixo da escada do castelo de popa, chegavam até a popa; e qualquer um que escutasse com atenção poderia ouvir facilmente o som que acompanhava o sono do capitão Aubrey.

— Doutor Maturin — disse Clarissa —, espero que não tenha pensado que me referia a Sarah e Emily quando falei com raiva das

crianças na segunda-feira. As meninas são muito, muito boas e gosto muito delas.

— Oh, não! — exclamou Stephen. — Nunca me ocorreu que estava ofendendo-as. Em geral, não gosto muito das crianças, mas se minha própria filha... Porque tenho uma filha, senhora... se minha própria filha, quando crescer, for tão amável, afetuosa, inteligente e vivaz como elas duas, bendizerei minha sorte.

— Estou segura de que o será — disse Clarissa. — Na realidade, falava das crianças que não receberam bons ensinamentos em casa. E quando os pais, por serem ricos ou descuidados, mimam as crianças e deixam que se guiem por seus próprios impulsos, elas quase sempre se convertem em bárbaros. São berrões, egoístas, cruéis, frios, invejosos e tontos. Além do mais, falam sem parar, e se lhes faltam palavras, simplesmente gritam. Com a prática, podem chegar a alçar muitíssimo a voz. São a pior companhia do mundo. Mas mais que as crianças que se comportam com naturalidade me incomodam as que têm um comportamento afetado, por exemplo, aquelas meninas gorduchas e estúpidas de sete ou oito anos que saltam com dificuldade de um lado para o outro sacodindo as mãos diante do corpo, como se fossem esquinhos ou coelinhos, e falam com voz de meninas muito menores. Todas as crianças que haviam em Nova Gales do Sul eram bárbaras.

Durante o lento avanço para as ilhas Fidji, já que o vento estava amainando, houve algumas conversações noturnas a mais, pois Stephen evitava ir à câmara dos oficiais, onde o ódio parecia ter-se propagado. Mas poucas foram tão reveladoras como a primeira, pois a senhora Oakes, como estava tão desejosa de agradar, concordava com todas as opiniões e as reforçava. Em certas ocasiões isso conduzia a uma estranha situação, como aquela em que Stephen e Davidge tiveram uma disputa sobre os méritos que tinham a música, a poesia, a arquitetura e a pintura da época clássica e da época romântica (frequentemente compareciam ali outros oficiais, antecipando-se a Stephen) e ela chegou a estar de acordo com os dois.

Mas havia momentos nos quais Stephen ficava sozinho com a jovem, e ela falava como no início. Por algum contexto que Stephen podia recordar agora, expressou o desagrado que os interrogatórios lhe causavam.

— A fórmula de perguntas e respostas não é uma maneira de conversar civilizada.

— Oh, estou totalmente de acordo! — exclamou ela. — Um preso é, sem dúvida, muito mais sensível a isso, porém, além disso, sempre me pareceram odiosos os interrogatórios. Mesmo pessoas que casualmente encontramos esperam que lhes contemos nossa vida.

— Isso é de muito má educação, muito freqüente e exageradamente difícil de recusar de forma cortês ou sem ofender.

Os sentimentos que motivaram Stephen a falar eram mais fortes que os comuns, pois, devido a sua condição de espião, responder ou evadir mesmo as perguntas mais tontas poderia despertar suspeitas.

— Isso sempre me desgostou — disse Clarissa depois de uma pausa na qual soaram as seis badaladas e os serviolas, por todas as partes da fragata, gritaram: “Tudo bem!”. — Quando era uma adolescente cheguei à conclusão de que às perguntas impertinentes, que surgem do desejo de falar ou da vulgar curiosidade, não se devia responder com a verdade, assim que costumava dizer o que me passava pela cabeça. Mas não tenho palavras para expressar como é difícil manter uma mentira por tempo indefinido, guardando a compostura, se essa mentira se converteu em algo importante e a pessoa fica obrigada a seguir com ela. Passa-se de uma emergência para outra, tentando recordar o que disse antes, correndo pela borda do precipício, esgotando-se. Agora me limito a responder que esse é um tema do que prefiro não falar. O que é esse ruído que se repete? Não é possível que estejam bombeando água a esta hora da noite.

— Responder poderia julgar-se como amotinamento, mas aqui e entre nós lhe direi que, por desgraça, esse é o capitão Aubrey.

— Meu Deus! E não podem virá-lo? Provavelmente está deitado de boca para cima.

— Sempre se deita de boca para cima. Sua maca é feita de tal maneira que não pode deitar-se de outra forma. Já lhe pedi muitas vezes que a mande fazer mais profunda, que a alonguem e alarguem, porém, como um relógio, repete que dorme nela desde que era menino e que gosta das coisas que está acostumado. Eu lhe disse em vão que com os anos se tornou mais alto e mais largo e inclusive mais gordo e que, como é natural, teve que usar botas maiores, roupa íntima maior...

Suspirou e se ficou silencioso. E o silêncio foi longo e agradável.

Da proa chegou a voz de Davidge, que estava encarregado da guarda.

— Senhor Oakes, suba correndo ao cesto da gávea do traquete com um par de marinheiros e comprove como estão as rabichos de barlavento.

Depois que subiram, Davidge se voltou, anotou algo na tabuinha com os dados de navegação e depois foi até a popa.

— Ainda está aqui, doutor? — perguntou. — Não dorme nunca?

Falou em um tom que Stephen nunca o ouvira usar, bêbado ou sóbrio. Stephen não respondeu, mas a senhora Oakes disse:

— Deveria se vergonhar, Davidge. Doutor, por favor, dê-me seu braço para descer a escada. Eu vou para minha cabine.

Quando chegaram à escada do castelinho se encontraram com o capitão Aubrey, que subia correndo ao convés para ver o que se passava no cesto da gávea do traquete, porque entre sonhos ouvira que estavam subindo o primeiro moitão. Mas poucas horas depois permaneceu indiferente ao ruído estrondoso da pedra arenito ao atritar o convés e continuou roncando e sorrindo como se atrás de suas pálpebras fechadas houvesse um sonho agradável.

Uma manhã depois da outra, agora que haviam deixado em paz as válvulas por onde entrava água limpa na sentina, o capitão também dormia em paz, recuperando as incontáveis horas que passava no convés pela noite (pois apesar de Jack Aubrey não estava encarregado de nenhuma guarda, poderia se dizer que um tipo de capitão como ele se encarregava de todas, sobretudo quando

fazia mau tempo), preparando tudo para resistir a furacões, evitar a costa à barlavento e os arrecifes que, sem dúvida, tinham pela frente, mas que não apareciam nas cartas marítimas.

Dormiu tranqüilamente entre os ruídos que acompanhavam a rotina diária da fragata ao longo de seu lento e tedioso avanço pelas ilhas Tonga pelas cálidas águas. Não se levantava cedo pela manhã para nadar, mas até que o sol já estava muito acima do horizonte, e às vezes após a hora do primeiro café da manhã. Dormiu muito durante esses dias. Amiúde, depois de comer, deitava-se sobre o escaninho situado junto à janela de popa, e ficava na maca quase toda a noite e sonhava muito. Muitos de seus sonhos eram eróticos e alguns muito característicos, porque em Nova Gales do Sul havia experimentado uma grande frustração. E via Clarissa não só em sonhos, o que não podia evitar, mas também mentalmente, com uma freqüência inadmissível, quando estava acordado, e isso sim podia e devia evitá-lo. Não era um moralista mais rígido que a maioria dos membros da Armada que tinham sua idade e eram vivazes, mas isso não era uma questão de moralidade mas concernente à disciplina e à forma apropriada de governar um barco de guerra. Nenhum capitão podia converter em um corno um subordinado e conservar toda sua autoridade.

Jack sabia disso muito bem. Vira os efeitos desse impróprio comportamento em toda uma tripulação, essa sociedade complexa e de delicado equilíbrio. De qualquer maneira, para ele as mulheres dos marinheiros eram sagradas, exceto na rara ocasião em que alguma desse mostras inequívocas de que não desejava ser julgada como tal, e, sem dúvida, a senhora Oakes nunca tinha feito nada assim. Portanto, ela era duplamente sagrada e não devia considerá-la do ponto de vista carnal; contudo, uma e outra vez vinha a sua mente em imagens obscenas e com palavras e gestos lascivos, por não falar de sua presença em seus sonhos, ainda mais obscenos.

Portanto, Jack evitava ir ao castelo de popa quando ela estava sentada junto ao coroamento, às vezes fazendo renda de um modo que revelava sua falta de experiência e outras, muitas mais, falando com os oficiais que iam à popa perguntar-lhe como estava. Portanto, não se informou de muitas coisas que ocorreram, como, por

exemplo, o nascimento da amizade íntima de Pullings e West com a senhora Oakes. Ambos os estavam muito desfigurados, Pullings devido a um golpe que lhe deram em um lado da cara e West por ter perdido o nariz que congelara ao sul do cabo de Hornos; por isso eram tímidos com as mulheres, e ao longo de centenas de milhas haviam se limitado a dizer-lhe: “Bom dia, senhora” ou “Faz calor, né?” quando não podiam evitar, mas sua amabilidade e sua simplicidade os tinha animado a falar-lhe. Pouco a pouco se acostumaram a reunir-se com ela e o doutor Maturin, que, com freqüência, ao mesmo tempo que ficava sentado ao seu lado olhava ao redor para ver se via o albatroz de Latham (que conforme os informes habitava aquelas latitudes), agora que já terminara o laborioso processo de decodificação das cartas e mensagens, e que na enfermaria reaparecera a sonolência típica da navegação com bom tempo e por águas tranqüilas e haviam ficado para trás as fontes de infecção mais comuns.

Como era natural, Jack tampouco pôde ouvir o que Stephen disse a Davidge no dia seguinte ao que este mandou Oakes ao cesto da gávea do traquete. Essa manhã Stephen não tomou o café da manhã na cabine, e quando Killick ouviu que iam pôr um talher para ele na câmara dos oficiais, assentiu com a cabeça satisfeito. Os dois marinheiros que estavam ao leme e o encarregado dos sinais haviam ouvido as palavras de Davidge e as tinham propagado por toda a fragata.

West, que tivera a seu cargo a guarda de meia, ainda estava adormecido, mas todos os outros oficiais se encontravam presentes quando Stephen entrou e cumprimentou.

— Bom dia, cavalheiros.

— Bom dia, doutor — responderam todos.

Stephen se serviu de uma xícara do que passava por café na câmara dos oficiais e disse:

— Senhor Davidge, por que ontem à noite foi tão insolente ao perguntar-me: “Não dorme nunca?”

— Bem, senhor — disse Davidge, ruborizando —, sinto que tenha interpretado mal. Só queria fazer uma brincadeira, mas vejo

que me dei mau. Sinto muito. Se quiser, posso dar-lhe uma satisfação como goste da próxima vez que estejamos em terra.

— Não, de nenhuma maneira. Somente quero assegurar-me de que quando o senhor me veja conversando com a senhora Oakes no castelinho, deixará eu termine minha oração. Poderia estar justo ao final de um epigrama.

Muito antes que os marinheiros determinassem a posição da fragata medindo a altura do sol ao meio-dia, quase todos sabiam que o doutor havia repreendido duramente ao senhor Davidge por ter-lhe falado rudemente na noite anterior na guarda de prima, e também que o arrastara pelo piso de um lado para outro da câmara dos oficiais, havia lhe golpeado com seu bastão de cana da Índia com empunhadura de ouro e lhe fizera chorar lágrimas de sangue. Nesse momento Jack soube com certeza que sua querida *Surprise* estava a ponto de cruzar o trópico de Câncer, mas não sabia que o cirurgião havia maltratado o segundo tenente.

E não soube, até vários dias depois, que Martin estava ensinando à senhora Oakes a tocar viola. Stephen e ele estavam se preparando para tocar um dueto de Clementi que lhes havia seguido com perseverança entorno de meio mundo, ouviram um som estridente e ele exclamou:

— Meu Deus! Já ouvi ao pobre Martin desafinar muitas vezes, mas nunca com as quatro cordas de uma vez.

— Acho que essa é a senhora Oakes — disse Stephen. — Martin está tentando ensiná-la a tocar a viola há algum tempo.

— Não sabia. Por que não me disse?

— Porque não me perguntou.

— Tem talento?

— Nenhum em absoluto — respondeu Stephen. — Por favor, não, repito, não oculte meu colofônio no bolso de seus calções.

Durante esse período o capitão Aubrey esteve em uma espécie de retiro. Com ajuda de Adams, que era nominalmente um escrevente, porém, na realidade, também o contador da fragata e um eficiente secretário, pôde revisar todos os papéis oficiais e boa parte do horrível monte de documentos legais. Além do mais,

passou mais tempo que o habitual escrevendo para Sophie. Começou a folha da terça-feira (a quarta) com um detalhado plano para aumentar os bosques de Ashgrove Cottage do lado oeste de Fonthill Lane até o arroio. Poriam árvores madeirais, depois um grupo de castanhas, que eram muito boas para fazer tábuas de barris, e no final um grupo de amieiros, mas deixando um espaço de onde jogar o anzol. Levara muito tempo amadurecendo o plano, mas só agora tinha a tranqüilidade e o tempo livre necessários para explicá-lo. Dedicou bastante atenção ao tema e escreveu bastante sobre as virtudes do freixo, da faia, e do carvalho europeu, assegurou que seriam o deleite de seus bisnetos e inclusive fez um desenho bastante bom do bosque em seu esplendor. Depois fez uma pausa, durante a qual ficou meditando e mordendo a pena, pois tinha esse hábito desde menino e achava que o sabor da tinta favorecia a escrita. Contudo, como ocorrera tantas vezes no passado, a pluma, depois de mordida, ficou muito fraca para fazer bem seu trabalho e teve que recuperá-la cortando os lados cuidadosamente com uma navalha que guardava para isso e afiando a ponta em forma de ângulo reto com uma tesoura. A pena traçou agora uma elegante clave de sol e Jack continuou escrevendo:

O inesperado matrimônio parece que anda bem. Oakes está mais sério e mais atento a seus deveres que antes e o nomeei ajudante do oficial de derrota, o que será uma vantagem para ele em seu novo destino. A senhora Oakes ganhou a simpatia tanto dos marinheiros como dos oficiais. O pequeno Reade lhe tem muito apreço (é bonito ver como ela é amável com ele e com as meninas) e Stephen e os outros oficiais se sentam tão frequentemente com ela no castelo de popa que o lugar parece uma sala de estar. Por razões muito diversas, como as medições para Humboldt e os papéis oficiais, raras vezes estou ali, salvo se o requer o governo da fragata, e não sei de que falam. Mas Tom fala muito e ri de uma maneira que se assombraria, porque sempre teve uma atitude tímida quando esteve acompanhado. Atualmente estou bastante afastado de tudo, como ocorre amiúde aos capitães, mas noto que ela é muito popular entre os tripulantes, tanto que me surpreende que os

oficiais ainda não lhe tenham oferecido um banquete para acolher como é devido a uma recém-casada. Acho que tinham o propósito de fazer uma bonita festa, fazendo uma hecatombe com seus animais, mas as ovelhas morreram, as aves adoeceram de mormo e não pudemos ir buscar porcos em Fidji porque os ventos eram desfavoráveis e nos obrigaram a mudar o rumo para as ilhas Tonga. É possível que seja mãe antes que se sente para desfrutar do banquete, a menos que eles se conformem com um simples bolo de marinheiro acompanhado de um cachorro com manchas^{5} e um menino afogado^{6}. Mas ela não está ressentida e se senta ali para fazer renda e para escutar suas histórias, e sua presença contribue para a alegria da fragata. E não só a dos oficiais, pois os marinheiros, quando bailam e cantam no castelo pela noite, saltam mais alto e cantam mais melodiosamente porque sabem que ela está ali. Sem dúvida, ela contribue para a alegria da fragata, mas queria que não contribuísse demais. Aqui entre nós lhe direi que fico com medo por Stephen, que fica com ela muito amiúde. Não é que ela seja uma beleza espetacular (não provocaria a queima de Troia), mas é muito bem parecida, loira e de figura pequena e tem a tez bastante pálida e os olhos cinzentos. Não tem nada realmente extraordinário, mas leva a cabeça muito erguida. Por outro lado, é alegre, afetuosa e tem bons modos (não é muito modesta nem presunsa). É uma agradável companhia e representa uma grande mudança na tediosa rotina dos oficiais. E, sem dúvida, é uma mulher, você já me entende, é uma mulher e a única que haverá ao longo de centenas de milhas. Acho que lhe ouço dizer: "Mas Stephen não está em perigo. Stephen pensa em coisas tão elevadas e filosóficas que não está em perigo". Isso é verdade. Não conheço a ninguém mais sóbrio e temperado e com menos possibilidade de fazer o ridículo, contudo, esses sentimentos podem invadir a qualquer homem sem que se dê conta e inclusive o mais sábio pode desencaminhar-se. Ele próprio me disse outro dia que São Agustín nem sempre se mantinha equânime quando estava com mulheres jovens. Lamentaria muito que lhe ocorresse isso.

Uma espécie de relógio interior advertiu a Jack que dentro de poucos minutos ouviria as duas badaladas na guarda do primeiro quartilho. E, em efeito, antes que fechasse a escrivaninha, o senhor Bentley, o carpinteiro, e seus ajudantes chegaram ofegando na porta e esperaram para entrar rápido com as maças e derrubar os anteparos e as portas, uma operação que acabaria com a intimidade e faria que a cabine não pudesse distinguir-se do restante da coberta superior, a famosa eliminação de obstáculos de proa a popa que, como preparação para a batalha, era feita na *Surprise*, quando estava navegando, quase todos os dias desde a primeira vez que Jack teve o prazer de governá-la. Atrás dos carpinteiros, fungando-lhes no pescoço, encontravam-se Killick, seu ajudante e o forçado Padeen, preparados para pegar todas as posses que pudessem transportar e levá-las abaixo; e a uma distância que quase não se podia considerar decente, esperavam os artilheiros dos canhões de doze libras, pisando-lhes os calcanhares, ansiosos para chegar a eles.

Jack pôs a casaca, passou rapidamente por eles e subiu correndo a escada do castelinho. Ali, no lado de barlavento ou, pelo menos, de estibordo, de uma barricada, encontrava-se Pullings, o oficial encarregado da guarda, e muito perto dele, o marinheiro que tocava o tambor. O oficial que governava a fragata, dirigindo-se a um imaginário infante da marinha, deu uma ordem do ritual da Armada Real:

— Gire o relógio de areia e toque o sino! E depois ele mesmo girou o relógio e correu para o campanário.

Quando soou a segunda badalada, Jack ordenou:

— Capitão Pullings, chame todos para seus postos.

Seguiram as habituais repetições, o habitual som estrondoso do tambor, o habitual som amortecido dos pés descalços dos marinheiros que corriam para seus postos e finalmente o habitual informe que se dava ao capitão:

— Todos presentes e sóbrios, senhor.

Jack estava ali de pé, contemplando os atentos e silenciosos tripulantes. Os artilheiros de cada brigada estavam colocados em torno do correspondente canhão conforme uma invariável

disposição, e a fumaça se elevava das tigelas onde se encontravam as mechas. Aquela máquina de combate estava pronta para a batalha.

Mas nada era menos provável. O impressionante conjunto de velas, desde as maiores às monterillas, estava flácido e formava bolsas: a fumaça se elevava em linha reta das tigelas; e tanto a bombordo como a estibordo, o mar estava tão tranqüilo que parecia um espelho, um espelho de muitas milhas de largura e de comprimento com uma curiosa tonalidade roxa à luz do sol que se punha. Em todo o céu sem nuvens e o enorme disco plano que formava o oceano não se movia nada, nem vivo nem morto.

Em meio ao silêncio pôde ouvir-se a voz do doutor Maturin, que dizia a um marinheiro quase surdo e com dispepsia que a causa de sua doença era “o remorso de um estômago culpado”, que devia mastigar cada bocado quarenta vezes e “abjurar do asqueroso grogue”.

— Bem, capitão Pullings — disse Jack por fim —, como amanhã é dia de festa, hoje somente ordene sacar e meter os canhões meia dúzia de vezes. Depois mande arriar as monterillas e as joanetes e conceda a todos o dia livre em honra ao rei.

O rei, o pobre, fora um grande admirador do pequeno Mozart, havia se sentado com ele ao piano às vezes e lhe passara as páginas da partitura, e talvez tivesse gostado das peças que Jack e Stephen tocaram nessa noite, que eram tão mozartianas como sua admiração por esse grande homem permitia. O que ocorria era que não havia música canônica escrita para violino e violoncelo, e achavam que qualquer um que fosse audaz podia transcrever as obras para violino e viola e, além de tudo, algumas canções, de maneira que o violino tomasse a parte da voz e o violoncelo do acompanhamento. Com essa mesma audácia, ainda que em outra escala, interpretavam as óperas, tocando de uma vez vários fragmentos e depois improvisando variações sobre o tema alternativamente. Talvez isso não agradasse a todo mundo, e, sem dúvida, incomodava a Killick, mas lhes proporcionava uma grande satisfação. E quando ambos largaram de um lado os arcos depois de interpretar sua versão de *Sotto i pini*, Jack disse:

— Acho que não há nada deste gênero tão bonito e comovente. Ouvi Salterello e sua irmã menor cantá-lo quando era ajudante de oficial de derrota, justo antes de passar no exame de tenente. Sam Rogers, um bêbado e puteiro, que descanse em paz, estava sentado ao meu lado na silenciosa casa e se podia ouvir perfeitamente como lhe caíam as lágrimas no colo. Oh, meu Deus, a alegria me dá sono! A alegria não lhe dá sono, Stephen?

— Não. Acho que ultimamente sempre tem sono. Sem dúvida, depois das tediosas, angustiantes e preocupantes semanas ou mesmo meses nessa espantosa colônia penal fazem falta muitas horas de sono reparador, mas deve ter em conta que o sono e a gordura andam de mãos dadas. Pensa no arganaz, ou no porco espinho, que inverna... A verdade é que lamentaria que aumentasse ainda mais de peso. Talvez devesse se limitar a comer somente um prato de torradas com queijo antes de deitar-se. Já sinto o odor muito perto.

— Outro dia, sem dúvida — disse Jack —, mas esta noite é a véspera de Guy Fawkes e tenho o dever de celebrá-la com toda a pompa. Fazer o contrário seria quase como cometer traição ou agir como um miserável papista... Oh, Stephen, meti os pés pelas mãos outra vez! Sinto muito.

Ao sonolento capitão Aubrey a extraordinária tranqüilidade do mar e a conseguinte imobilidade de sua maca lhe causaram a sensação de que estava em sua casa. Essa sensação era tão forte e seu sono foi tão profundo que todo seu corpo relaxou completamente e nem mesmo o ruído da dupla limpeza do convés (porquê esse era um dia de festa) e o secado chegou até sua consciência. Nem foi fácil para Reade despertá-lo quando soaram as seis badaladas e desceu para dizer que a fragata havia sido furada.

— Senhor, o capitão Pullings, que está de guarda, diz que a fragata foi furada abaixo da linha de flutuação, justo debaixo do *Assassinato premeditado*, e pensou que o senhor deveria saber.

— Estamos fazendo água?

— Não exatamente, senhor. O buraco foi aberto por um peixe espada e a espada ainda o está tapando.

— Quando tenha terminado de brincar comigo, senhor Reade, pode ir contar ao doutor. E suponho que ainda não pegaram o peixe.

— Oh sim, senhor! Davies o *Lerdo* o acertou com um arpão com tal força que atravessou sua cabeça e os outros estão tentando passar-lhe uma bolina ao redor da calda.

Davies o *Lerdo* fora classificado como marinheiro de primeira porque havia seguido ao capitão Aubrey de barco em barco, fizesse Jack o que fizesse, e porque a bordo da *Surprise* não havia nenhum homem do interior nem nenhum marinheiro simples, não por ser um destro marinheir. Só tinha destreza para lançar o arpão com uma força terrível, algo que não tinha podido fazer em nenhuma missão nos últimos dez ou doze anos.

Quando Jack subiu ao convés, o peixe espada, depois de uma lenta luta com a morte, tinha deixado de dar rabadas por fim; os marinheiros colocaram a bolina; um grupo da guarda de popa estava tirando o peixe do mar dirigido por Davies, que não deixava ninguém, fosse oficial ou não, participar na operação; e o peixe, com a cinza barbatana dorsal para baixo, brilhava iluminado pelos primeiros raios do sol.

— É do grupo dos *Histiophori* — disse Stephen, que estava ali com sua camisa de noite. — Provavelmente um *Pulchelus*.

— Pode ser comido? — perguntou Pullings.

— É claro que pode! E é muito melhor que o atum.

— Então poderemos dar um banquete por fim — disse Pullings. — Já faz mais de quinze dias sinto tanta vergonha que quase não me atrevo a olhá-la nos olhos, porque uma recém casada... Bom dia, senhor! — exclamou ao ver Jack no arco do cabillero. — Pescamos um peixe, como pode ver.

— Fui eu que o peguei, senhor! — exclamou Davies, que era um homem de tez morena corpulento e forte e que geralmente ficava calado, triste e abatido, mas agora estava radiante de alegria. — Eu que o peguei! Tenham cuidado, malditos tontos. Atravessei sua maldita cabeça com o arpão, ah, ah, ah!

— Bem feito, Davies. Bem feito, palavra de honra. Deve pesar quinhentas libras.

— Eu lhe darei a calda e o ventre, senhor. Poderá fazer o que queira com a calda e o ventre.

CAPÍTULO 4

— Pelo menos a fragata tem velocidade suficiente para manobrar — disse Jack tirando a camisa e a calça e colocando-as no parapeito a considerável distância da fileira de brilhantes escamas. — Detesto meter-me na água quando tem a sujeira acumulada de dois, não, de três dias e três noites. Não vem?

— Com sua permissão, vou examinar a anatomia deste nobre peixe... Como está, senhor Martin?... Antes de que sofra a mais mínima mudança.

Não pode ficar no convés por mais de uma hora, doutor — disse Pullings. — Hoje é dia de festa, sabe?, e tudo deve ficar muito limpo.

— Senhor Reade, meu amigo — disse Stephen —, por favor, desça correndo e diga a Padeen que me traga o grande estojo para as dissecações e depois vá à proa e diga às meninas que venham ajudar, para me dar uma mão com as batas velhas e sujas.

As batas velhas e sujas já estavam de molho e era impossível que as meninas pusessem as novas, assim que foram à popa nuas. Pareciam vermes por sua figura pequena e sua cor negra e não provocavam nenhum comentário, já que passavam boa parte do dia metendo-se e saindo da água naquele período de bom tempo. Eram valiosas ajudantes, pois tinham força em suas pequenas mãos, podiam cortar um ligamento com os dentes se fosse necessário porque não eram escrupulosas, podiam agarrar as coisas tanto com os dedos das mãos como com os dos pés e estavam desejosas de agradar. Padeen também era útil porque levantava as partes mais pesadas e ainda mais porque mantinha afastados Davies, o cozinheiro e o açougueiro da fragata, o cozinheiro da sala de oficiais,

o cozinheiro do capitão e seus respectivos ajudantes, que estavam ansiosos para afastar do sol os pedaços que lhes pertenciam e levá-los para um lugar mais fresco ou metê-los em tinas para salgá-los, já que nessas latitudes o peixe espada era como a cavala: excelente antes do pôr do sol, regular no segundo dia e veneno no terceiro.

Mas por mais todos se apressassem (os marinheiros corriam com seus correspondentes pedaços quando os anatomistas lhe entregavam), na opinião de Pullings, não se apressaram o bastante. Pullings já havia mandado apresentar os respeitos dos oficiais ao senhor e à senhora Oakes e dizer-lhes que seria uma honra contar com sua presença à hora do almoço e Jack tinha aceitado o convite mesmo antes de atirar-se ao mar, assim que o imediato, ao mesmo tempo, tinha que pôr em marcha os preparativos para o banquete de maneira que recuperassem o longo tempo que levavam de atraso e decorar e preparar a fragata para disparar as tradicionais salvas com que se celebrava o cinco de novembro. Naturalmente, ele e o contramestre tinham preparado grande quantidade de empavesadas e bandeirolas, mas sabiam muito bem que não se podia pendurar nada acima até que em baixo tudo estivesse tão limpo que se pudesse comer no piso, até que todos os canhões e as carretas estivessem imaculados, os poucos objetos de bronze sem envernizar que havia na fragata brilhassem mais que o sol e toda uma série de tarefas que requeriam uma grande atividade tivessem sido realizadas.

Quando começaram os preparativos, Stephen ajudou as meninas, que cheiravam a peixe, a descerem pela borda e depois de comprovar que mergulhavam e de ouvir Jemmy Ducks dizer que suas batas para a cerimônia já estavam preparadas, foi rapidamente para a popa, atraído pelo odor de café, para desjejuar com Jack. Jack também tinha convidado a West e a Reade, e ainda que o café da manhã tenha sido agradável, nenhum dos marinheiros ficou muito tempo porque tinham muito o que fazer.

Stephen os seguiu para o convés, mas ao ver a confusão que havia se retirou para sua cabine. Ali, depois de fumar um cigarro por fora do escotilhão, sentou-se em sua escrivaninha, meditou um pouco e escreveu:

Meu amor, quando era menino e tinham que riscar o papel, costumava começar minhas cartas assim: “Espero que se encontre bem, eu estou bem”. E ainda que lá amiúde me abandonava minha musa, isso, como princípio, tinha seu mérito. Espero, realmente, que se encontre bem e tão contente como seja possível.

— Entre! — gritou.

Killick abriu a porta, pôs sobre a mesa o melhor uniforme de Stephen, seu chapéu de dois bicos e seu sabre, assentiu com a cabeça ao mesmo tempo que lhe lançava um significativo olhar e saiu.

Stephen continuou:

Da última vez que me sentei nesta escrivaninha lhe falava, se não me equivoco, da senhora Oakes, mas acho que não a descrevi. É uma jovem loira, delgada, de estatura um pouco abaixo da média e de constituição débil e tem os olhos de cor azul-cinzento e um tom de pele que espero que melhore com ferro e quina. Os principais atributos que lhe proporcionam beleza são seu porte elegante e suas maneiras sem afetação, que não diferem muito das suas. Com relação ao seu rosto... Porém, como se pode descrever um rosto? Só o que posso dizer é que seu rosto me recorda o de um gato mimoso, ainda que sem bigodes nem orelhas peludas, claro, porque é triangular e porque tem os olhos um pouco caídos. Ainda que sua atitude seja reservada, ela é franca e amistosa, muito amistosa, como se desejasse ganhar o afeto dos outros ou pelo menos de agradar-lhes. Acredito que, sem dúvida, ganhou isto ou mesmo ambas as coisas, e a prova disso é que, se algum tempo atrás os marinheiros tinham muita vontade de saber que delito grave ou menor a arrastara para Botany Bay, agora não a incomodavam com as indiretas maliciosas que ela se esquivava com uma firmeza que eu admirava. Acho que perderam a curiosidade porque a aceitaram como a um membro da tripulação e deixaram de lado as questões relativas à culpabilidade e à censura.

Sem dúvida, é uma agradável companhia e está ansiosa para agradar. Interessa-se sinceramente pelas batalhas navais (eu estava lá quando West lhe contou com todo detalhe a batalha de Camperdown e estou seguro de que seguiu cada passagem) e nunca interrompe. Nunca interrompe! Contudo, tenho que insistir em que seu comportamento não tem nada de provocativo, nada de paquera. Ela não busca a admiração, e ainda que alguns oficiais se sentam obrigados a dizer-lhe galanterias, não lhes responde do mesmo modo. Não protesta nem sorri com afetação mas apenas esboça um sorriso por cortesia. Na realidade, devo dizer que, em geral, é muito menos consciente de seu próprio sexo que os que a rodeiam, e o digo com certeza porque passei muitas horas sentado com ela, por exemplo, durante toda a guarda da tarde quando seu esposo era o oficial de guarda e eu estava atento para ver o albatroz de Latham; ou durante boa parte da noite, quando abaixo faz muito calor e no convés faz fresco. Temos poucas coisas em comum, pois ela sabe pouco de aves, mamíferos, flores e música e ainda que lera bastante ninguém pode chamá-la de erudita. Não obstante, conversamos animadamente, e em todas nossas conversações, de dia ou de noite, percebi que também poderia estar falando assim com um garoto inteligente, agradável e discreto, ainda que poucos jovens que conheço são mais conciliadores e estão mais desejosos de agradar e nenhum pode resistir melhor à intrusão em sua vida privada. Ela não é nem um pouco masculina, mas sua companhia é tão agradável como a de um homem. Poderá dizer que isso se deve a que não sou um Adônis, mas se não me equivoco, o mesmo passa com Jack nas raras ocasiões em que mantém uma breve conversa em algum momento do dia, e com Davidge, que vem com mais freqüência, e ambos os são considerados bastante charmosos. E Tom Pullings e West, que teve gangrena no nariz na viagem de ida, são inclusive menos atraentes que eu, mas recebem o mesmo trato amável. E também Martin, que é caolho, ainda que, o pobre, nem sempre é discreto e às vezes viu a outra face da lua, a Medea de que lhe falei faz tempo.

Não sei se seu trato amistoso e direto é produto de sua inteligência ou de sua bondade. Por desgraça, os homens tendem a

interpretar mal um comportamento assim, e mesmo quando não intervêm a vaidade masculina nem o egoísmo, acredito que alguns podem chegar a sentir ternura por ela. Bem, ternura ou talvez algo com um nome mais vulgar em alguns casos ou uma mistura de ambas as coisas em outros, porque afinal de contas, a dama chegou a bordo em circunstâncias que não podem ser consideradas ambíguas e mesmo o mínimo rastro de má reputação pode ser muito estimulante.

Meu querido Jack, que não é insensível a seus encantos, mantém-se a distância, mas comprovei com assombro que está preocupado com minha tranqüilidade de espírito, com minha tranqüilidade de espírito. Algumas das mais confusas alusões à felicidade humana as fez na terça-feira quando, para meu assombro, recitou o soneto que começa: *O sacrifício do espírito*. Ele o recitou em um tom de voz muito grave e melhor do que esperava e terminou assim, com a voz rouca e a raiva que essa parte requer, ainda que, geralmente, inutilmente: "Todo mundo sabe disso muito bem, mas ninguém sabe bem manter-se afastado do céu que leva o homem a esse inferno".

Fiquei paralizado e as palavras selvagem, extremo, rude, cruel e desconfiar ressoavam em minha mente.

O sino acaba de avisar-me de que verei à dama dentro de cinco minutos, a menos que ela mande cancelar de última hora o encontro, o que é provável porque vai almoçar com os oficiais hoje e, ainda que tenha algumas virtudes masculinas, creio que é mulher o bastante para passar várias horas arrumando-se para assistir a um banquete, assim que vou deixar esta folha sem terminar.

Stephen não era infalível, não era infalível muito pelo contrário. Quem bateu na porta cinco minutos mais tarde era sua paciente, pontual ao encontro. Tinha um pouco mais de cor nas faces devido ao iminente banquete e tinha muito bom aspecto, mas Stephen não notou melhoria nem piora em seu estado de saúde. Quando o exame terminou, disse:

— Acho que temos que seguir com o ferro e a quina. Acredito que vou aumentar um pouco a dose. Além do mais, mandarei um

pouco de vinho para a proa para que o tome como remédio, um copo ao meio-dia e dois copos pela noite.

— Que amável o senhor é! — exclamou Clarissa, com a voz amortecida pelas dobras do vestido.

E outra vez Stephen pensou que ela não dava mais importância a sua nudez que se os dois fossem homens. Talvez isso se devia a que ele era médico e por isso não o levava em conta; contudo, a maioria das poucas mulheres que tivera como pacientes tinham feito algum gesto que indicava pudor. Clarissa não fazia nenhum, igual a qualquer modelo profissional que pousasse para um pintor. Depois que sua cabeça emergiu e ela abotoou os botões e alisou o cabelo, disse com certo receio:

— Estimado doutor, poderia pedir outro favor que não tem nada a ver com a medicina?

Stephen assentiu com a cabeça e sorriu. Então ela continuou:

— Ontem passou algo muito desagradável. Quando o senhor Martin estava me ensinando a afinar a viola, seu gatinho... Já viu seu gatinho?

A mãe do gatinho havia subido para a fragata no porto de Sidney e o ajudante do contador tinha tolerado sua presença (porque caçava muitos ratos) durante tanto tempo que achara uma crueldade descê-la para terra quando comprovou que estava prenhe. Martin tinha pego o sobrevivente, um animal estúpido e incômodo, de seu leito de palha e o havia adotado. Stephen voltou a consentir.

— Bem, pois de repente saltou em meu colo, como faz amiúde, e como não gosto de gatos, o afastei, mas talvez um pouco mais forte que de costume. Então ele gritou: “Oh, não maltrate o meu gatinho, eu lhe rogo! Não havia gatos onde a criaram? Não havia gatos em sua casa quando era menina?” E depois fez uma série de perguntas mais. Como o senhor sabe, gosto ainda menos de perguntas que dos gatos e talvez lhe respondi com certa dureza.

— Talvez, sim, minha amiga.

— Talvez pense que ainda estou mal-humorada. E o que é pior, o maldito animal desapareceu ontem à noite e é possível que pense que o joguei pela borda. Por favor, poderia sentar-nos juntos no almoço? Lamentaria muito que não seguissemos sendo amigos.

Stephen, temendo que seu olhar deixasse transluzir seus pensamentos, baixou a vista e, em tom neutro, disse:

— Não tenho autoridade sobre isso, pois é Pullings que vai presidir a mesa, mas lhe direi se quiser.

Voltaram a chamar à porta, e dessa vez era Reade, que lhe apresentou os respeitos do capitão e disse de sua parte que se quisesse assistir à cerimônia tinha quatro ou cinco minutos para trocar-se. Deu a mensagem falando entre os dentes e com receio, e quando a senhora Oakes lhe perguntou se seu esposo já estava no convés, ruborizou-se e, sem sorrir e sem olhá-la, respondeu:

— Sim, senhora.

E entre essa atitude e a aberta admiração que costumava demonstrar havia um contraste tão forte que os dois o olharam inquisitivamente.

Mas Stephen tinha pouco tempo para olhares inquisitivos. Killick estava impaciente diante da porta e a senhora Oakes ainda não havia se afastado dela quando tirou a velha e gordurenta casaca de Stephen com uma série de repreensões e sensuras.

O doutor Maturin, devidamente uniformizado, foi impelido a subir a escada do castelinho e chegou ao castelo de popa quando estavam fazendo as medições do meio-dia. Inicialmente se assombrou um pouco ao ver a forte luz do meio-dia, que contrastava com a escuridão da cabine, e depois as bandeiras que havia ao redor, acima, abaixo, em todas as partes. Eram de diversos tons de vermelho, azul e amarelo, de quadros e de forma oblonga, quadrada, triangular ou de calda de andorinha e tinham um estranho brilho em contraste com o azul e o cinza eternos que as rodeavam. A fragata estava agora engalanada e era digna de ver-se sob o céu luminoso e limpo. O vento soprava apenas com a força suficiente para fazer ondear a infinidade de bandeiras e galhardetes que enfeitavam os mastros, as vergas e a exércia, e que resplandeciam sob o sol. Além disso, toda a fragata tinha um bonito aspecto, com as macas estendidas de maneira que formavam um conjunto branco brilhante sem nenhuma ruga; tudo, as cobertas, os canhões, as betas exatamente como qualquer marinheiro desejaria, o castelo de popa com uniformes com galões dourados e os corrimãos e o castelo

cheios de marinheiros vestidos com a melhor roupa de domingo: calças de dril, casacas azuis com botões dourados, camisas e chapéus com fitas.

— São doze horas, senhor West — disse Jack quando lhe comunicaram a hora.

E quando suas palavras ainda flutuavam no ar, soaram as oito badaladas. A seguir deveria ter-se ouvido geralmente o grito do contramestre chamando os marinheiros para almoçar e um ruído confuso de gritos, passos fortes e golpes de bandejas de madeira, mas agora houve um silêncio absoluto e todos os marinheiros ficaram olhando atentamente para a popa.

— Adiante, senhor West — disse Jack.

— Acima! — ordenou West.

A massa de tripulantes subiu pelos amantinhos de ambos os lados dos mastros com rapidez e a um ritmo constante.

— Fora! — gritou West — Fora!

Então vários correram para os extremos das vergas. E quando o último jovem de pouco peso chegou ao penol de estibordo da verga da joanete de proa e se colocou junto ao amantinho, Jack deu um passo para frente e, com uma voz que podia ouvir-se no céu, pronunciou as palavras:

— Três hurras para o rei!

— Deve tirar o chapéu e gritar: "Hurra!" — murmurou Pullings ao ouvido de Stephen, já que o doutor olhava distraidamente ao seu redor.

"Hurra! Hurra! Hurra!" Os gritos ressoaram como tantas e tantas descargas dos canhões, e depois do último, só se ouviram os gritos de Sarah e Emily que seguiram gritando alegremente e com voz muito alta:

— Hurra por Guy Fawkes!

Mas por fim Jemmy Ducks as fez calar.

— Senhor Smith, adiante — disse Jack.

O condestável, vestido com a excelente casaca negra que usava quando ajudava ao pastor da igreja presbiteriana na cerimônia religiosa, avançou um passo com um arame em vermelho vivo na mão. As salvas, que começaram com o canhão de bronze de Jack

situado na proa, continuaram a intervalos de cinco segundos por cada lado até a popa, e entre uma outra o condestável dizia as palavras rituais:

— Se não fosse condestável, não estaria aqui. Disparem a...

Depois de dizer “Disparem a décima sétima”, virou-se para a popa e tirou o chapéu. Jack lhe devolveu a saldação e disse:

— Senhor West, já podem chamar os marinheiros para almoçar.

Então se ouviu a último hurra, muito prolongada, e antes que as brancas nuvens de fumaça se deslocassem para um cabo de distância a sotavento, o habitual ruído do meio-dia alcançou um altíssimo nível.

— Em terra, em algumas partes da Irlanda, já vi celebrar o cinco de novembro com fogos de artifícios — disse Stephen.

— Nada pode superar o nobre estrondo de um canhão — disse o condestável. — Os busca-pés, os barris de breu ardendo e mesmo os foguetes de meia coroa cada um são simples bugingangas em comparação com um canhão bem carregado.

Posto que ia se encarregar da guarda da tarde com o fim de que todos os oficiais ficassem livres para assistir ao banquete, agora se encontrava no castelo de popa, e, voltando-se para Jack, disse:

— Bem, senhor, meus ajudantes e eu comeremos um bocado agora e regressaremos ao convés em quinze minutos. Tem que dar-me algumas instruções especiais?

— Não, senhor Smith, exceto que me comunique qualquer mudança considerável do vento e, é claro, se avistar terra ou algum barco.

Passaram quinze minutos e então no castelo de popa não restou ninguém mais que o condestável, seus ajudantes e os marinheiros que levavam o leme. Stephen e Padeen haviam subido duas dúzias de garrafas de xerez que tinham sobrevivido à viagem a Botany Bay e lhe confiaram ao despenseiro dos oficiais. Stephen já informara ao ansioso Pullings do desejo da senhora Oakes, tinha mostrado ao nervoso ajudante do despenseiro dos oficiais uma forma elegante de dobrar os guardanapos, havia proposto decorar a mesa com algas, dando exemplos, e depois todos seus companheiros, esquecendo temporariamente suas diferenças,

sugeriram que fosse ver se podia avistar algum albatroz de Latham até que soassem as quatro badaladas. Na verdade, não havia espaço para que tanta gente se movesse naquele lugar tão pequeno e, além de tudo, consumiriam o pouco ar fresco que havia. Martin já tinha ido ao cesto da gávea do mezena com as meias de seda no bolso.

Stephen foi para a grande cabine, onde o capitão descansava deitado sobre o baú que ficava debaixo da janela de popa e com um pé em uma bacia d'água.

— Sente dor, meu amigo ou isto é parte do supersticioso horror dos membros da Armada à sujeira? — perguntou.

— Sinto dor, mas moderada — respondeu Jack. — Recorda-se que fiquei de pé sobre o pinzote^{7} quando Dick Richards e eu destravamos o leme da *Noz-moscada*?

— O pinzote... Claro! Penso nisso constantemente. Raras vezes sai de minha cabeça.

— Bem, dei um horrível golpe nele e fiquei coxo várias semanas. E agora mesmo acabo de me chocar no mesmo lugar com esse parafuso. Como gritei!

— Estou certo disso. Quer que dê uma espiada agora?

Stephen lhe pegou o pé, observou e apertou, notando a falta de respiração.

— É um pequeno fragmento da parte externa do maléolo que trata de sair para o exterior.

— O que é a parte externa do maléolo?

— Na verdade, se você pode triturar-me com o pinzote, eu posso fazer o mesmo com os maléolos. Fique quieto. Quer que lhe cure agora? Tenho uma lanceta ali entre as algas.

— Talvez devermos esperar para depois do banquete — disse Jack, que não gostava que o cortassem a sangue frio. — Agora me sinto muito melhor. Pus muito sal na água.

Stephen estava acostumado a isso. Consentiu com a cabeça, ficou pensativo um momento e disse:

— Então, o condestável está encarregado da guarda... Diga-me, Jack, não é estranho que um condestável se encarregue da guarda?

— Oh, não! em uma fragata é raro, sem dúvida, mas em muitas corvetas onde há um só tenente e em muitas embarcações de baixa categoria é freqüente que experimentados contramestres ou condestáveis se encarreguem das guardas. E nesta ocasião é um *embarras de choix...* Disse que é um *embarras de choix*.

— Certamente — disse Stephen distraído.

— Muitos dos marinheiros de Shelmerston têm conhecimentos de navegação e inclusive já governaram seus próprios barcos. Se todos os oficiais perecessem...

— Que Deus não o queira.

— Sim, que Deus não o queira. Mas nesse caso poderiam levar a fragata para a Inglaterra.

— Isso é um grande alívio — disse Stephen. — Obrigado, Jack. Agora acho que irei ler um pouco.

Na sua cabine, Stephen espalhou vários livros escritos por autoridades como Wiseman, Clare, Petit, Swieten e John Hunter. Todos haviam feito uma prolixa exposição de casos de homens, porém, apesar de falarem pouco dos de mulheres, estavam de acordo que o mais difícil para um médico era diagnosticar uma infecção atípica, prolongada e crônica. Ainda estava lendo atentamente a Hunter quando o sino lhe indicou que devia reunir-se a seus companheiros na câmara dos oficiais para dar as boas-vindas aos convidados.

Na câmara dos oficiais havia um silêncio quase absoluto e muita ansiedade. West e Adams olhavam seus relógios franzindo o cenho.

— Ah, o senhor está aqui, doutor! — exclamou Tom Pullings. — Tinha medo de que o tivéssemos perdido, de que tivesse caído da escada como aqui, o pobre Davidge, ou do cesto da gávea, como o senhor Martin. Acha que a mesa tem um aspecto elegante?

— Muito elegante — disse Stephen, contemplando sua perfeição geométrica.

Notou que Davidge estava de pé no fundo com a mão na cabeça, e quando o olhar de Davidge se cruzou com o seu, o oficial sorriu e disse:

— Eu levei um golpe ao cair da escada do castelinho.

— A recém-casada se sentará a minha direita, como é natural — disse Pullings. — E depois Martin, o senhor e finalmente Reade. O senhor Adams se colocará na cabeceira. O capitão se sentará a minha esquerda e depois Davidge... Encontra-se bem, Davidge, né?

— Oh, sim! Não foi nada.

— Depois West e Oakes, à direita do senhor Adams. O que lhe parece, doutor?

— Uma excelente distribuição, meu amigo — disse Stephen, pensando que o que Davidge chamava de “nada” era uma mancha anegrada e turgente que se estendia da têmpora até a bochecha e que devia produzir mal-estar.

— Queria que chegassem logo porque a sopa vai se estragar — lamentou-se Pullings.

West voltou a olhar seu relógio. A porta se abriu e Killick entrou e disse:

— Dois minutos, senhor, por favor.

Então se colocou atrás da cadeira de Jack.

Martin rodeou a mesa para chegar ao seu lugar e com um ar triunfante bastante reprimido disse:

— Não me bata, Maturin, mas vi a ave que procurava.

— Oh! — exclamou Stephen. — É verdade? E eu que malgastei todo o dia vigiando! Tem certeza?

— Eu temo que não há dúvida possível. Era amarela e tinha a ponta do bico azul, as sobrelanceiras muito escuras, uma expressão confiada e as patas negras. Passou a dez jardas de onde eu estava.

— Bem, quem disse que o mundo era justo? Disseram-me que caiu do cesto da gávea e sinto muito.

— Isso é uma calúnia. Quando me apressava para descer para avisar-lhe o meu pé deslizou um pouco e me fiquei pendurado pelas mãos um ou dois segundos, totalmente seguro, com a situação totalmente controlada, e se John Brampton, com boa intenção, não me tivesse subido empregando toda sua força, teria regressado à plataforma sem dificuldade. De qualquer maneira, desci ao convés sem nenhuma ajuda.

Stephen aspirou com força e disse:

— Por favor, descreva-me a ave.

— Bem... — disse Martin, interrompendo-se imediatamente e voltando-se para cumprimentar com a cabeça ao capitão Aubrey.

Os oficiais cumprimentaram ao seu convidado e insistiram em que tomasse algo. Davidge repetiu que dera um golpe ao cair da escada do castelinho e Pullings disse a Jack que estava preocupado pela sopa.

Os que estavam perto da porta aguçaram o ouvido para dar conta da chegada dos recém casados, mas neste caso não ouviriam seus passos ao descer a escada, como havia ocorrido com Jack, posto que eles se alojavam em um dos camarotes dos guardas-marinhas, situados a curta distância, no mesmo corredor que ia da câmara dos oficiais até a extensa zona indivisa da coberta inferior, onde os marinheiros penduravam as macas, que agora estava deserta. Apesar de tudo, Adams, que tinha o ouvido muito aguçado, pôde distinguir o rumor da seda e abriu a porta, onde apareceu a jovem com o esplêndido traje escarlata brilhante que Stephen ainda não tinha visto.

— Dou a minha palavra de que nunca a vi com melhor aspecto, senhora — disse, quando sua vez de saudá-la. — A senhora ilumina este escuro e descuidado refeitório.

— Este escuro e descuidado refeitório — sussurrou o despenseiro para Killick na forma em que o faziam no mar. — Já ouviu alguma vez algo tão mal-intencionado?

— Isso é o que se chama de cumprimento cavalheiresco — observou Killick. — Não se espera que ninguém o creia.

— Tudo se deve à bondade do capitão Aubrey — disse, sorrindo e cumprimentando Jack com a cabeça enquanto se sentava. — Nunca vira uma seda tão bonita.

O som das cadeiras ao serem arrastadas pela mesa, a chegada da sopa de peixe espada e o ruído que a concha fazia quando a tiravam se misturaram na câmara dos oficiais para formar a confusão típica do começo de um banquete, mas imediatamente cessaram. O ódio de Davidge e West era tão grande mesmo agora, quando o capitão estava presente, que quase não trocavam palavras. Oakes, que se sentia mais à vontade em uma taberna, estava mais calado que o habitual e tinha o rosto pálido e uma expressão grave. Reade,

à direita de Stephen, com uma expressão triste, limitava-se a responder “Sim, senhor” ou “Não, senhor”. Martin, que estava a sua esquerda, manteve-se distante, mas cortês, diante de Clarissa enquanto tomavam a sopa. No extremo da mesa, Stephen, Adams e, até certo ponto, West, faziam bastante ruído falando dos peixes espada que tinham visto, os diferentes tipos que havia, o ódio que sentiam pelas baleias e os casos em que os barcos e seus botes haviam sido perfurados por eles e a angústia que sempre sentiam os que iam sentados no fundo dos botes, junto à bancada de popa. Jack e Pullings descobriram que tinham muito que dizer sobre o atum do Mediterrâneo, e faziam alguns incisos para explicar a Clarissa como os sicilianos e os árabes os pescavam.

Mas o tema tinha seus limites, e ainda que tanto Jack como Pullings tivessem gostado de ter uma conversa com Clarissa, tinham receio em falar-lhe. Houve um momento de descanso quando retiraram os pratos de sopa, que produziram bastante ruído ao se entrechocarem, e trouxeram as frituras de peixe espada. Enquanto isso, Stephen e Jack refletiram sobre as formas mais comuns de iniciar uma conversa nas refeições, tais como “Se recorda de...?” ou “Esteve alguma vez em...?” ou “Senhor X, provavelmente o senhor recordará...” ou “Suponho que já sabe...”, todas elas perguntas explícitas ou implícitas que poderiam ofender à dama ou trazer-lhe lembranças pessoais que não quisesse trazer a sua mente.

Stephen, Jack e, sobretudo, Pullings sentiram a horrível proximidade do silêncio e Jack recorreu a um recurso infalível:

— Bebamos a sua saúde, senhora.

Era infalível, mas não durava muito, assim que se alegrou quando West fez um inesperado comentário sobre o peixe serra. Stephen aproveitou a citação do animal (isto indicava até que ponto faltavam assuntos na mesa) e forçou Oakes e Reade a admitirem que viram sua cabeça dissecada em uma farmácia de Sidney e que especularam sobre o uso da serra.

Quando iam pela metade das frituras, Stephen comprovou com satisfação que Clarissa, que além de um bonito vestido tinham um bonito aspecto porque suas bochechas estavam coloridas e seus olhos brilhavam, e que estivera muito amável enquanto tomavam a

sopa, havia conseguido o que queria. Vencera a reserva de Martin e agora ambos conversavam animadamente.

— Oh, sim, senhor West! — exclamou, projetando a voz para o outro lado da mesa. — Ia falar ao senhor Martin da sua participação no glorioso primeiro de junho, mas estou seguro de que cometeria alguns erros tontos próprios de marinheiros de água doce. Peço que lhe conte por mim.

— Bem, senhora — disse West, sorrindo com amabilidade —, posto que o deseja, o contarei, ainda que não mereço muitos elogios por isso.

Ficou pensativo por alguns momentos, esvaziou a taça e continuou:

— Todo mundo conhece o que ocorreu no glorioso primeiro de junho.

— Eu não — replicou Stephen. — E possivelmente o senhor Reade tampouco, porque ainda não havia nascido.

Reade saiu de sua triste introversão um instante e lançou-lhe um olhar de censura, mas não disse nada.

— Só o que sei é que o feriram — observou Clarissa.

— Bem, senhora — disse West —, só contarei o mais geral que possa interessar a quem não havia nascido ou nunca participou de batalhas.

Isso ia dirigido a Davidge, que até Jack o ter admitido a bordo da *Surprise* não havia tomado parte em combates, e sua única reação ao golpe foi esvaziar a taça.

— Pois bem, em maio de 1794 a esquadra do Canal zarpu de Spithead ao comando do conde Howe com a bandeira da união no mastro maior. O vento por fim havia rolado para nordeste e todas as embarcações ganharam velocidade imediatamente. Eram quarenta e nove navios de guerra, noventa e nove mercantes que se reuniram em Saint Helen, incluídos os comboios que iam às Índias Orientais e Ocidentais e a Terra-nova. Era um conjunto de cento e quarenta e oito barcos digno de se ver, senhora.

— Esplêndido, esplêndido! — exclamou Clarissa, juntando as mãos com sincero entusiasmo, e todos os marinheiros a olharam com satisfação.

— Então, avançamos pelo Canal. Quando estávamos frente ao cabo Lizard nos separamos dos comboios e enviamos oito navios de linha e meia dúzia de fragatas para custodiá-los. Seis dos navios tinham que patrulhar a baía para ver se achavam um importante comboio francês que vinha da América. Assim que lorde Howe ficou com vinte e seis navios de linha e sete fragatas e os pôs a pairar diante de Ushant enquanto uma fragata ia observar o porto de Brest. Naquela época eu era um guarda-marinha no navio insígnia, o *Queen Charlotte*. Os homens da fragata viram vinte e cinco navios de linha franceses nas baías, e nossos barcos ficaram ali patrulhando em meio da espessa névoa durante um tempo, mas quando voltamos a observar o porto, todos os navios tinham saído. Por algumas presas recuperadas soubemos aonde se dirigiam, e posto que os seis navios que patrulhavam a baía eram fortes o bastante para enfrentar o comboio francês, lorde Howe começou a perseguir a toda vela a frota francesa. Mas o vento era fraco e variável e a névoa, espessa, pelo que não pudemos avistá-la até o domingo 28 de maio. Era composta por vinte e seis navios de linha e se encontravam a barlavento, a umas nove milhas de distância. Viraram em redondo e se alinharam com a proa dirigida para barlavento. Estavam em uma posição vantajosa, e como vimos que não pareciam muito ansiosos para aproveitá-la e atacar, tudo o que podíamos fazer era avançar para barlavento e incomodá-los o mais possível. O almirante mandou na frente quatro dos navios que navegavam melhor de bolina e houve uma escaramuça. No dia seguinte houve outra, quando conseguimos colocar nossos barcos a barlavento dos seus, ainda que não em muito boa ordem e tão avançada a tarde que não pudemos forçar uma batalha. Além do mais, havia uma marejada muito forte e no *Charlotte*, que tinha as portalós a pouco mais de quatro pés da superfície, entrava tanta água que teve que bombear a noite toda. E a verga mezena estava tão rachada que durante um tempo não lhe foi possível mudar de bordo. No dia seguinte a névoa se fez mais espessa e a frota francesa desapareceu. Ainda que o almirante tenha mandado fazer um sinal para os barcos da vanguarda cumprissem fielmente as ordens, havia momentos em que um não podia ver o barco que

estava adiante nem o que estava atrás. Mas às nove da manhã do dia seguinte, no dia trinta e um, senhora, a névoa se dissipou um pouco. O espetáculo era desolador e pensamos que tínhamos perdido a frota francesa, mas a avistamos ao meio-dia. Vários barcos mais haviam se unido a ela, e como alguns não atuaram com sensatez na última refrega, Dick *o Negro*... Chamávamos de Dick *o Negro* ao almirante, senhora, porém, apesar de parecer uma falta de respeito, não o era, verdade, senhor?

— Oh, não! — respondeu Jack. — Nós o chamávamos assim afetuosamente, ainda que nunca me atreveria a dizer na sua frente.

— Não. Bem, pois Dick *o Negro* decidiu não entabular um combate que poderia durar até o anoitecer e ordenou orçar e tomar o rumo que, em sua opinião, os franceses tomariam. E tinha razão. Ao amanhecer se achavam pela amura de estibordo, a umas duas léguas a sotavento e alinhados com as velas amuradas para bombordo. A marejada era moderada; o vento era estável e soprava do sudoeste. Nossos barcos viraram e voltaram a orçar às sete, a quatro milhas de distância dos franceses. O almirante fez um sinal para comunicar que atacaríamos o inimigo pelo centro e atravessaríamos a formação em fila para combater por sotavento. Então fomos desjejuar. Meu Deus, com que gosto comi meu mingau de aveia! Quando terminamos de desjejuar, viramos para que se inchassem as velas, e com as gáveas com um riz nos colocamos em fila, alguns paralelos aos outros. Os franceses estavam colocados um detrás do outro.

— Senhor, o cozinheiro diz que se não comermos os bifes de peixe espada agora mesmo, ele se enforcará — disse o despenseiro a Pullings. — Estive fazendo sinais para sua senhoria já faz quinze minutos.

Os bifes foram servidos com estilo. As vasilhas cobriram o centro da mesa e a intervalos e nas quinas foram colocadas vários tigelas, algumas com purê de ervilhas secas feito com um passador para ecaixar cabos e temperado com curcuma e outros com molho de vinho embelezados com cochinilha. Nesse momento o bigodudo Davies assomou sua horrível cara pela porta e olhou com receio ao seu redor, pois ele mesmo havia disposto a comida nas vasilhas.

Martin era um experimentado anatomista, e Stephen observou que com grande satisfação serviu à senhora Oakes alguns pedaços especialmente tenros. Também notou que Reade enchia sua taça de vinho cada vez que tinha a garrafa perto.

— Não tinha idéia de que o peixe espada fosse tão bom — disse Clarissa, alçando a voz para que a ouvissem acima do ruído das facas e dos garfos.

— Eu me alegro muito de que tenha gostado, senhora — respondeu Pullings. — Quer que lhe sirva uma taça de vinho?

— Só meia taça, capitão, por favor. Tenho muita vontade de ouvir o relato do restante da batalha do conde Howe.

Depois de resistir durante um intervalo apropriado e de ser animado por todos os comensais, West continuou:

— Acredito que me estendi demais. Agora, em vez de contar toda a batalha, direi apenas que quando eles formaram a fila, o almirante recolocou nossos navios mais potentes para enfrentá-los. Depois ordenou que todos virassem e avançassem para o que tinham justo enfrente para romper a fila e que cada um entrasse em combate independentemente desde o sotavento. Como todo mundo sabe, capturamos seis, afundamos um, inutilizamos muitos e não perdemos nenhum dos nossos, ainda que em ocasiões a batalha esteve muito disputada porque eles lutavam com muita energia. E dito isto, queria contar algumas coisas que vi. Eu me encontrava no castelo de popa, realizando o trabalho de mensageiro do imediato, e passei parte do tempo muito perto da cadeira do almirante... Deve compreender, senhora, que lorde Howe era muito ancião, tinha setenta anos, se não me equivoco, e se sentava em uma cadeira de madeira com braços. O navio que estava justo diante do nosso era o navio insígnia ao comando do almirante francês, o *Montagne*, de vinte canhões, e o que estava detrás era o *Jacobin*, de oitenta. Os dois começaram a disparar às nove e meia, mas como o vento soprava de nós para eles, a fumaça se deslocava para sotavento e podíamos vê-los perfeitamente bem. O almirante mandou desdobrar as joanetes e a traquete e avançar para o espaço que havia entre eles com a intenção de atravessá-lo, dirigir a proa para o costado de estibordo do *Montagne* e lutar penol a penol, mas quando

estávamos a um tiro de pistola, o capitão do *Jacobino*, a quem não gostava a idéia de que lhe disparássemos de proa a popa com nossa bateria de estibordo quando rompêssemos a fila, começou a mover-se para sotavento do *Montagne*. O almirante gritou: "Estibordo!" apesar do movimento do *Jacobin*. O senhor Bowen, o oficial de derrota, disse: "Milorde, o navio francês lhe fará estrago se não tiver cuidado". O oficial de derrota, senhora, é quem governa os barcos nas batalhas. Então o almirante perguntou: "Ora, senhor, o que lhe importa?" e gritou: "Estibordo!" O velho Bowen, não muito alto, replicou: "Se o senhor não se importa, eu tampouco. Aproximarei o navio o bastante para que se queime seu negro bigode". Depois virou o leme para estibordo com toda sua força e o navio quase não conseguiu passar por aquele espaço. A bandeira do *Montagne* roçou os amantelhos do *Charlotte* e o gurupés do *Charlotte* tocou levemente o do *Jacobin* quando tentava retroceder. Quando o navio se situou pela alheta do *Montagne*, nós lhe disparamos uma e outra vez ao mesmo tempo que disparávamos no *Jacobin* com a bateria de estibordo. Causamos tanto estrago que o sangue saía a jorros pelos embornais. Mas então perdemos o mastro traquete e se produziu o caos na proa. Eles conseguiram se afastar de nós amparados pela grande nuvem de fumaça que se afastava por sotavento. O restante da fila também estava se rompendo e o almirante fez um sinal que dava a ordem de começar a perseguição a todos. Depois disso, a confusão aumentou, naturalmente, mas recordo muito bem que ao final da tarde me infligiram a única ferida que sofri. O imediato tinha acabado de descer para o castelo de um salto e o almirante me ordenou: "Vá dizer ao senhor Cochet que ordene parar de disparar com os canhões do castelo nesse navio porque é o *Invincible*". Desci e nós dois corremos até a proa. O senhor Cochet disse: "parem de disparar no *Invincible*". Mas o senhor Codrington replicou: "Não é o *Invincible* mas um navio francês que nos está disparando já faz tempo". O senhor Hale estava de acordo. "Eu sei", disse o senhor Cochet. "Lancemos uma bala". Puxaram o canhão para dentro, limparam-no, carregaram-no e o senhor Cochet o apontou, esperou para que subisse com o balanço e disparou. A bala acertou no alvo.

Então West, olhando para Jack de soslaio, acrescentou:

— Quando a fumaça se dissipava apareceu o almirante. Golpeou o senhor Hale com o canto do sabre porque achava que tinha sido ele que disparara enquanto gritava. “Malditos sejam todos!” e me bateu muito forte na parte superior da cabeça. Então o navio orçou e pôde ver-se a bandeira francesa. Cochet, para deixar o almirante em bom lugar, disse: “Está pintado como o *Invincible*, mas...”

Há algum tempo, desde que o relato de West tinha deixado de ser verdadeiro, a fragata inclinava cada vez mais. Para contrariar a inclinação, os que estavam sentados a barlavento, à direita de Pullings, apoiavam os pés contra o travessão, mas Reade tinha as pernas muito curtas para alcançá-lo e deslizou para baixo da mesa com os olhos fechados e o rosto pálido. Stephen olhou para Padeen, que levantou o garoto e o tirou dali tão facilmente como se transportasse a maca depois de tirá-la e dobrá-la. Não houve confusão nem comentários, e West não se deteve em seu relato.

Jack o escutava pela metade, satisfeito de ouvir algum som, mas desejando que fosse substituído por algo mais interessante. Não era propenso a censurar mas dava tão pouca importância à história que West obviamente, tinha inventado para comprazer à senhora Oakes, como ao desmaio de Reade. Ainda que West costumava ser a verdade personificada, sua história era pobre, vergonhosamente pobre, e muito longa. Portanto, sentiu certo alívio quando viu aparecer na porta o mensageiro do castelo de popa. O ajudante do condestável observou a enfeitada câmara dos oficiais e depois de vacilar um momento, avançou para o fundo a grandes passos, como se fosse entrar em um combate.

— O condestável, que está encarregado da guarda, senhor — disse muito alto, inclinando-se para Jack —, comunica que o vento está aumentando de intensidade e pergunta se deve diminuir o velame.

— Muito bem, Melon. Diga-lhe que me alegra muito sabê-lo e que o deixo a sua discrição.

— Sim, sim, senhor. Alegra muito sabê-lo e o deixa ao...

— A sua discrição.

— A sua discrição.

— Alegria-me muito sabê-lo — repetiu para todos os que estavam na mesa. — Havemos navegado durante muito tempo por águas tranqüilas como as de um tanque e os marinheiros estiveram sem fazer nada durante todo este tempo.

Recordou-se de algo que ouvira em sua infância sobre Satanás e a preguiça, mas não se recordava direito e terminou por pensar: “E não só os marinheiros, malditos sejam!”.

Passara algum tempo desde que havia comido com os oficiais. Na última ocasião tinha passado uma tarde chata (Davidge e West não eram muito animados e só falavam de compras ou contavam histórias já conhecidas, e a presença Martin sempre lhe coibia), mas aceitável, uma tarde habitual em uma embarcação bem governada.

Agora tudo era muito diferente. As causas só podia imaginá-las, mas os efeitos eram óbvios para um homem que tinha passado a maior parte de sua vida no mar: a comunidade de oficiais estava a ponto de desaparecer como comunidade civilizada, mas estava em jogo muito mais que o bem-estar social. Se não houvesse boas relações entre os oficiais era impossível a cooperação voluntária e efetiva, e sem cooperação não se podia governar um barco de modo eficiente. O ódio entre os suboficiais ou os oficiais sempre se notava no castelo e sempre afetava os marinheiros, entre outras coisas porque cada grupo era fiel a alguém determinado. E parecia que o ódio se estendia por vários caminhos, pois não só West e Davidge o sentiam como também Pullings e mesmo Martin o inspiravam em outros.

Agora havia de novo uma animada conversa, que, pelo que recordava, tinha sido iniciada pela senhora Oakes — pensou: “Sempre a admirarei por ter evitado a ruína do banquete” —, e até o mal-humorado Davidge estava loquaz.

Jack tinha perdido o início porque estava refletindo sobre a situação e suas possíveis causas e remédios, sobre a voz íntima da fragata, que era urgente apesar das velas terem sido arriadas, e sobre seu dever como convidado. Nesse momento ouviu Stephen dizer:

— Oh, maldito espartano! Caíram mais que por causa da angústia, da fome e do mar.

Então, projetando a voz para o final da mesa, perguntou:

— Que era isso, doutor? Falava do imposto sobre a renda?

— Não, não, em absoluto! Estávamos falando dos duelos e de quando eram permitidos por consenso geral, quando condenados por todos e quando absolutamente necessários. A senhora Oakes perguntou se, conforme o código militar, o oficial a quem o conde Howe golpeou não estava obrigado a pedir uma satisfação, pois golpear é uma ofensa intolerável. E todos lhe dissemos que não porque o cavalheiro era muito velho e, portanto, podia-se consentir que fosse um pouco teimoso, porque por seus inumeráveis méritos se lhe desculpava quase tudo e porque se podia dizer que havia pedido perdão ao tenente dando-lhe palmadinhas no ombro e dizendo: “Bem, afinal de contas, não é o *Invincible*”.

— Estou tão envergonhada! — exclamou Clarissa. — Vivi muito afastada do mundo quando era menina e essa era uma das duas manifestações de sabedoria popular que aprendi. A outra era que se um paga qualquer coisa em uma loja com uma nota sempre deve deixar bem claro qual é seu valor para que depois não haja nenhuma discussão sobre o troco.

— Quanto teria gostado que me dissessem isso quando era menino! — disse Jack. — Não me encontrava muito amiúde com notas, mas no primeiro butim decente que consegui havia uma de dez libras emitida nada menos que pelo banco Child, e aquele maldito... Perdoe, senhora... Aquele desprezível tipo de Keppel's Knob me deu troco de cinco. Depois me jurou que não tinha nenhuma nota de dez libras na caixa e me disse que podia revistá-la e que se encontrasse alguma podia ficar com ela. Porém, doutor, o que tem a ver com isso o maldito espartano?

— Eu achei que assim expressava o estado de ânimo de um homem ferido e enfurecido ao afundar sua espada nas entranhas de seu oponente em um duelo.

— Quer que lhe corte um pedaço mais de sobremesa, senhora? — perguntou Pullings, motivado pela associação de idéias.

Clarissa disse que não, mas Jack, pensando que devia mostrar sua complacência pelo banquete dos oficiais, que já estava bastante chato, aproximou-lhe seu prato. Ainda que agora, pela primeira vez,

compreendeu com tristeza que o terceiro pedaço ia dar-lhe trabalho em vez de satisfação. Lembrou das palavras *non sum qualis* eram daqueles distantes anos em que lhe fizeram adquirir noções de latim a golpes, mas não pôde recordar-se do resto da frase. Talvez não tivesse nada a ver com a sobremesa, mas o efeito era o mesmo.

— Senhor Martin, como se diz sobremesa em latim, uma sobremesa deste tipo? — perguntou.

— Meu Deus, não sei! — respondeu Martin. — Que diz o senhor, doutor?

— *Sebi confectio discolor* — disse Stephen. — Quer que lhe sirva um copo de vinho, colega?

— Com sua permissão, senhor — disse Davidge, pondo-se entre Jack e Pullings. — Vão soar as oito badaladas dentro de dois minutos e Oakes e eu temos que substituir ao condestável.

— Meu Deus, é verdade! — exclamou Pullings. — O tempo voa! Mas primeiro temos que brindar pelos recém-casados. Vamos, cavalheiros, encham as taças até a borda e não deixem escorreduras.

Então, assinalando para Clarissa com a cabeça, disse:

— Pela recém-casada!

E depois, assinalando para Oakes com a cabeça, acrescentou:

— Pelo afortunado marido!

Todos se puseram de pé e depois, inclinando-se ao ritmo do balanço, gritaram:

— Hurra, hurra, hurra!

Imediatamente, movendo a taça em direção a Clarissa, voltaram a gritar:

— Hurra, hurra, hurra!

Depois fizeram o mesmo com Oakes e finalmente deram um estrepitoso hurra acompanhados por todos os marinheiros que trabalhavam como serventes.

Quando o festim terminou, Stephen se levou Padeen para a proa e administraram um potente emético em Reade para esvaziá-lo, despiram-no, limpam e o meteram na maca ainda meio bêbado e muito triste. Stephen se ficou sentado do seu lado durante um

tempo depois que Padeen levou a bacia, a roupa suja e as gazes. Reade tinha para ele sozinho toda o camarote dos guardas-marinhas de estibordo, que ficava diante do dos Oakes, e parecia muito espaçoso à luz da lanterna. Desde o início, a *Surprise* não tinha uma distribuição de cabines convencional, e como agora não iam a bordo infantas da marinha e a tripulação era pequena, o carpinteiro, o contramestre e o condestável haviam aproveitado o espaço vazio e tinham mudado as cabines que ficavam justo na frente da proa, pequenas cabines triangulares independentes, e os dois camarotes dos guardas-marinhas tinham ficado isolados. Depois deles se encontravam o anteparo da câmara dos oficiais, com a escada para subir ao convés superior detrás, e o grande espaço aberto onde dormiam os marinheiros na proa; e no corredor que os unia só se achava a despensa do capitão, uma robusta construção que chegava à altura da entrecoberta e media sete pés de largura por cinco de comprimento.

Em uma ocasião Reade falou de forma confusa e incoerente sobre a senhora Oakes. Disse que a *havia amado* muito e que estava seguro de que seu coração se partiria. Mas agora estava adormecido e sua respiração e seu pulso eram normais. Stephen diminuiu a intensidade da luz e saiu devagar para a escura coberta inferior. Viu mover-se ao longe, na parte de bombordo, perto da despensa do capitão, uma figura com casaca negra que imediatamente desapareceu de sua vista. Era estranho que a figura com casaca negra não tivesse lhe falado nem tivesse perguntado por Reade, mas não pensou mais nisso até que subia a escada próxima à porta da câmara dos oficiais, quando olhou para a esquerda e se deu conta que o homem devia estar apoiado contra a parte anterior da despensa, o único lugar que não se via desde a escada. Então pensou: "teria sido muito melhor ter passado correndo para o outro lado do anteparo. Assim não teria que se esconder e daria explicações mais facilmente no exageradamente improvável caso de que lhe pedissem".

Seguiu subindo, sustentando a alça da lanterna com os dentes e agarrado com as duas mãos à grade da escada, pois agora a

Surprise se movia caprichosamente e o movimento era mais violento à medida que subia.

Como havia se avisado desde cedo, hoje não haver revista, e encontrou Jack com as mãos atrás das costas olhando para fora pela escotilha de barlavento e com uma expressão sombria. Jack se voltou e sua face se iluminou.

— Ah, já está aqui, Stephen! Dentro de um momento trarão café, se esse condenado não voltar a derramar a cafeteira porque a fragata está se movendo caprichosamente. Suponho que esteve atendendo a Reade. Como está o pobre garoto?

— Sobreviverá, se Deus quiser.

— Suponho que quando um perde um braço se reduz sua capacidade de absorver o álcool... Sei que Nelson era abstinente e que... Espere! — gritou. — Segure-se ao armário!

Então o conduziu até uma cadeira e disse:

— Meu Deus, deu uma cambalhota! Espero que não tenha quebrado nada.

— Nada, obrigado — disse Stephen, apalpando-se a cabeça. — Mas se não tivesse com a peruca, Martin teria que atender um caso de fratura de crânio. Sem dúvida, esse foi um movimento caprichoso, Jack.

— Acho que vai fazer isso de vez em quando, porque há agitação e o vento é variável e está aumentando de intensidade. Muitos dizem que os barcos são como as mulheres porque são imprevisíveis, compreende?

— Foi um golpe terrível — disse Stephen, esfregando a parte superior da cabeça.

Killick entrou com a cafeteira suspensa em um elegante cardan e duas jarras grossas e resistentes que se usavam quando fazia mau tempo e que tinham sido muito úteis em muitas furiosas marejadas. Compreendeu a situação imediatamente e, em voz bastante alta e um tom mais didático que o habitual, lembrou a Stephen que sempre devia ficar alerta ao tempo que fazia e usar uma mão para ele e outra para o barco.

— Sua melhor peruca de cachos destrocada e suja! — acrescentou, levando-a.

— Quando tenhamos tomado o café, tirarei a roupa de gala e subirei ao convés — disse Jack. — Como provavelmente pela noite haverá demasiada agitação para tocar música, que lhe parece se jogarmos gamão?

— Muito bom — respondeu Stephen.

Durante muitos anos tinham jogado xadrez com bastante similar fortuna, mas se concentravam tanto no jogo para não perder que às vezes parecia mais um trabalho que um passatempo. Além do mais, como eram amigos muito íntimos, às vezes o remorso de ter ganhado do outro embaçava a alegria do triunfo. Também haviam jogado o jogo das centenas inumeráveis vezes, mas a sorte acompanhava tão amiúde a Stephen, proporcionando-lhe muito boas cartas e seqüências, que as partidas resultavam chatas. Ambos gostavam do gamão porque ganhar dependia em grande medida do lançamento dos dados, pelo que não causava vergonha perder, e porque, ao mesmo tempo, era um jogo em que se podia demonstrar habilidade o suficiente como para que um pudesse se sentir satisfeito com a vitória. Além das mesas normais, tinham outras apropriadas para o mau tempo que iam seguras por cavilhas, e Stephen as havia colocado muito antes que Jack regressasse, molhado e com o cabelo cobrindo-lhe um lado da cara.

— Acredito que passará uma noite tranqüila — disse. — O vento se fixou no sul-sudoeste, navegando rumo nordeste, quarta ao norte com as gáveas e as maiores rizadas estaremos melhor.

Entrou no jardim, secou-se e depois saiu e disse:

— E se o barômetro não mente, teremos mau tempo por um bom momento. Ao seu tempo amadurecem as uvas, já sabe. Uma rajada de vento levou meu chapéu, um estupendo chapéu de Lock com fitas douradas e tudo, mas um vento assim mesmo bem-vindo, e uma dúzia também. Ver o barômetro baixar e a perspectiva de que baixará ainda mais nunca tinham me alegrado tanto.

— Oculta sua alegria muito bem, meu amigo.

— Mas estou muito contente. Talvez pareça um pouco preocupado, e estou, sobretudo porque comi excessivamente em seu esplêndido banquete, porém, ao mesmo tempo, garanto que estou muito contente de que haja uma tempestade porque é

possível que leve a fragata até as ilhas Tonga. Passe o que passe, penso ocupar-me do governo da fragata e manter todos os marinheiros ocupados, muito ocupados, dia e noite. Sem mais inatividade nem brincadeiras... Acredito que pode começar a jogar.

Agora o estrépito do mar ao chocar com a amura de estibordo da fragata e o movimento desta se produziam a intervalos regulares. E quem estava acostumado a ouvir os habituais ruídos de uma embarcação de quinhentas toneladas que navegava empurrada pelo vento a nove nós pelo mar embravecido, podia distinguir com bastante claridade o ruído provocado pelos dados ao rodar e gritos como: "Um e três! Dois e cinco! Alguns, Meu Deus!". Mas depois de um tempo Stephen afirmou:

— Meu amigo, não tem a mente posta no jogo.

— Não — disse Jack. — Sinto muito. Esta noite estou mais lerdo que de costume. Acreditava que era uma verdade irrefutável que independentemente da quantidade de comida que um coma sempre tem lugar para a sobremesa. Agora compreendo que não é assim — acrescentou, olhando para baixo e negando com a cabeça. — Comi o terceiro pedaço para agradar a Tom Pullings e ainda o tenho aqui. Não pretendo fazer nenhuma crítica ao magnífico banquete. Palavra de honra que foi excelente.

Mas o pobre Tom estava angustiado e não teria sabido o que fazer se a senhora Oakes não tivesse falado o tempo todo tão animadamente. Quanto a bendisse! E foi ela que fez West falar.

— A West. Sim, a West. Diga-me, Jack, que parte do relato era realmente histórica?

— Toda a primeira parte, até que disse que se colocaram em fila, uns paralelos aos outros, ainda que a seqüência dos fatos não estava muito clara e não falou suficiente de como o *Charlotte* rompeu a linha francesa no dia vinte e oito. Mas depois, bem, talvez foi um pouco imaginativo. Um diz essas coisas para as damas, sabe?, como esse tipo negro da obra *Veneza Preserved*, que falava sem parar dos campos e das inundações.

Olhou fixamente para Stephen um momento e depois vacilou, mas não disse nada mais. Stephen tampouco disse nada durante um tempo, mas depois comentou:

— O pudim, claro. Tudo começa com o pudim ou o maçapão e depois não se sabe o que um perderá primeiro, se os dentes ou o cabelo, a vista ou o ouvido. E depois vem a impotência, porque a velhice castra os homens irremediavelmente, salvando-lhes assim de morrer de angústia.

Quando Stephen foi fazer a ronda noturna, Jack pegou a página da carta de Sophie que estava meio terminada e escreveu:

Por fim os oficiais puderam receber os Oakes, com um banquete que deviam ter celebrado há muito tempo, graças à providencial aparição de um peixe espada. Tinha um sabor excelente e nunca comi nenhum que soubesse melhor. Além disso, foi acompanhado por um extraordinário xerez seco de Stephen que estava intacto apesar de ter atravessado a linha do Equador e os dois trópicos pelo menos duas vezes. Mas o banquete estava chato e o pobre Tom estava muito envergonhado. Como sabe, nunca gostou de ficar na cabeceira da mesa porque, como ele mesmo diz, sua conversa não é de tom elevado. Começou mal, com pelo menos três oficiais comportando-se indignamente, ainda que é verdade que depois de um tempo West fez um longo relato dos fatos do primeiro de junho. Martin teve um comportamento cortês, como correspondia, e também Adams e, é claro, Stephen, quando pensava nisso, mas não teríamos ido a nenhuma parte sem a senhora Oakes, que falou animadamente, sem deixar que houvesse silêncio. Provavelmente lhe deu trabalho, pois tinha em sua frente três rostos com expressão grave, quase mal-humorada. Sorri forçadamente e bebi vinho todo o tempo e tratei de demonstrar o melhor que pude que tudo me parecia agradável, porém, como sabe muito bem, meu amor, não tenho muito talento para isso, sobretudo se começam a me assaltar montes de idéias desagradáveis. Fiz o possível para melhorar a situação aceitando pratos, servindo mais comida e vinho às pessoas e comendo e bebendo até que não pude mais, mas entre as náuseas e a confirmação dessas idéias deixei de ser uma agradável companhia no final da refeição. Essas idéias passaram de uma séria suspeita a quase uma certeza.

É uma lástima que não possa falar com Stephen a respeito de seus companheiros. Tinha muitas esperanças de poder fazê-lo agora, quando me perguntou se o relato da batalha que West fez podia ser tomado ao pé da letra. Esperava que isso o levasse a falar da situação atual, mas quando me informei de que só queria saber se era realmente histórico, não me atrevi a nada. Se tivesse pedido que atraísse seus companheiros, ainda que fosse tão levemente, teria me torcido o pescoço. De todas as pessoas que conheço é a que mais despreza os delatores. Na realidade, não quero que os atraia senão beneficiar-me de sua sabedoria, já que sabe mais do que eu dos oficiais e da generalidade dos seres humanos porque é um tipo muito astuto. Mas não sei como separar a traição da sabedoria.

Já faz algum tempo, como estive escrevendo uma sinopse do discurso para a feira de Helmholtz, com alguns fragmentos de minha própria colheita, e também revisando os papéis das propriedades (por certo, Martin aceitou os dois benefícios eclesiásticos vacantes e obterá o de Yarell quando fique livre), estive isolado salvo quando tocava música ou jogava gamão com Stephen. Não obstante, pelas estranhas frases que ouvia trocar no castelo de popa ou, isto é, por seu tom, sabia que havia certa apreensão entre alguns oficiais, ainda que não sabia com que rapidez tinha aumentado nem que proporção havia alcançado até esta tarde. Imagine a três homens que são considerados cavalheiros sentados em fila em uma mesa posta com elegância e rodeada de convidados sem abrir a boca mais que para comer? É verdade que Oakes, apesar de ser um jovem de boa família e um marinheiro passável, não tem nenhuma graça e que Davidge acabava de cair da escada, mas isso não bastava para explicar a situação. Além do mais, nunca vira que uma queda desse tipo produzisse uma mancha-roxa como a que Davidge tinha em um lado da cara. Parecia mais com um golpe de uma maça ou um soco. Cada vez me parecia mais provável que Oakes ou West lhe tinham dado um golpe, um golpe realmente forte, capaz quase de deixá-lo sem sentido. Não estou seguro do *porquê*, mas acho que a explicação é a seguinte: a senhora Oakes, ainda que ninguém a qualificaria de muito bonita, é uma agradável companhia.

O fato de que era uma presidiária, que ao princípio despertou tanto interesse, agora não tem importância. Quando se está a bordo de um barco — e acho que ocorre igual quando se fica encerrado em uma prisão, ou pelo menos era assim em Marshalsea, como sabe muito bem, meu amor — as diferenças que pudesse haver inicialmente quase não contam após um tempo. Na *Surprise* se nota menos porque quase todos somos brancos, mas na *Diane*, onde havia marinheiros negros, acobreados e amarelos, assim como cristãos, judeus, muçulmanos e pagãos, quase não havíamos acabado de dobrar o cabo da Boa Esperança (ainda que bastante ao sul) quando todos deixaram de ter em conta as diferenças. Todos já estavam roxos pelo frio e eram tripulantes da *Diane*. Da mesma maneira a senhora Oakes já é considerada uma tripulante a mais da *Surprise* ou uma pessoa muito achegada deles. Além do mais, como lhe disse, é afetuosa, amável e conversadora, sabe escutar e mostra interesse pelas histórias relacionadas com o mar. Contudo, ocorre que todos, exceto Davidge, são horríveis, e a maioria das mulheres retrocederiam ante eles, mas ela não, porque é muito amável. A prima Diana me disse faz muito tempo que em cada homem quase sempre podia achar-se um pretencioso, mesmo quando parecia improvável, e acho que esses homens interpretaram sua amabilidade como preferência por uma razão muito distinta e estão ciumentos uns dos outros. Isto não só é absurdo como imprudente no caso de West e Davidge. O maior desejo de ambos é serem readmitidos na Armada, e como até agora se comportaram bem na *Surprise*, estão no bom caminho para consegui-lo, mas necessitam de minha recomendação, a recomendação de seu capitão, e, além de tudo, o respaldo de minha influência no Parlamento. E que capitão vai falar bem dos oficiais que não podem controlar melhor suas paixões ou usar a influência que tem com o governo para ajudar-lhes? Durante o almoço estiveram falando de duelos, uma conversa que a senhora Oakes iniciou com a melhor intenção, estou certo, e Davidge, saindo de sua apatia, assegurou energicamente que era impossível tolerar uma ofensa.

Consola-me pensar que, como a fragata passou muito tempo imóvel, ou virando devagar no plácido oceano ou avançando

lentamente com ventos variáveis enquanto os marinheiros pescavam dos costados e o tempo era quente e úmido, ninguém teve muito o que fazer. Inclusive nas práticas de tiro se faz um simulacro porque é provável que haja problemas em Moahu e tenho que poupar a pólvora. Mas agora, graças a Deus, o vento é bastante forte e vou mantê-los ocupados, muito ocupados, porque quero fazer navegar a fragata tão rápido como seja conveniente estando tão longe dos apetrechos. Acho que durante muito tempo soprará um vento que obrigará usar as gáveas rizadas e, quando cesse, espero que eles já tenham recobrado a sensatez. Se não, terei que tomar sérias medidas.

Estou ouvindo Stephen na cabine, tratando de subir em sua maca. Já derrubou a cadeira com o pé duas vezes, mas não gosta que o ajudem. Já se deitou... Acabo de ouvir um prolongado rangido. Como tem muita umidade, ofega e geme como um cachorro velho. Além disso, esta tarde, quando a fragata atravessou duas cristas seguidas, levou um terrível golpe porque deu uma cambalhota como um acrobata, mas não se feriu. A verdade é que não sei como tem sobrevivido no mar.

Jack deixou a folha de um lado para que secasse e a tinta úmida brilhou à luz da lâmparina. Pegou outra pasta com documentos relacionados com suas propriedades, mas em pouco tempo, quando observou que lia a mesma linha duas vezes, colocou-a na gaveta de sua escrivaninha e se deitou para dormir.

Deitado ali, enquanto o movimento do mar o fazia balançar diagonalmente, ficou refletindo um pouco. Não conseguia conciliar o sono de nenhuma maneira. Então pensou: "É verdade que Clarissa Oakes não é realmente bonita, mas eu gostaria muito que agora estivesse deitada ao meu lado." Um momento depois saiu da maca, pôs a camisa e as calças e subiu ao convés. A noite era escura, muito escura, e a cálida chuva chegava a rajadas pela proa. Havia quatro marinheiros ao leme, West estava apoiado na barricada que havia na coxia e a maioria dos marinheiros de guarda se encontravam debaixo da escada do castelo. Jack foi até a popa e ficou ali, olhando a iluminada bitácua e a branca espuma que a

água formava ao passar rapidamente pelo costado da fragata. Depois de um tempo, quando a chuva o havia empapado dos pés à cabeça e o cabelo molhado se movia para trás com o vento e parecia um monte de algas, sentiu-se mais calmo.

CAPÍTULO 5

O barômetro baixou, o vento aumentou de intensidade, e ainda que Jack Aubrey não pôde fazer navegar a fragata tão rápido como se tivesse por perto um estaleiro cheio de apetrechos, forçou-a até onde, pelo que a conhecia, sabia que era razoável.

Indubtavelmente, aquele vento foi bem-vindo, ainda que tivesse virado muito para o leste e estivesse acompanhado de demasiada chuva para que a situação fosse agradável. A *Surprise* navegava um dia depois do outro com as bolinas esticadas, por águas tão cinzentas e coroadas de espuma branca como as do Canal, ainda que quentes como caldo e fosforescentes de noite, e dando bordejadas debaixo das nuvens baixas que cruzavam com rapidez pelo céu. Avançava com ligeireza, quase sempre com as gáveas com dois rizes, e com as velas de estai abertas, ainda que só Jack achasse que fossem as mais adequadas, e como o movimento do vento e do mar mudavam tanto, isso requeria constante atenção, assim que o capitão passava no convés a maior parte do tempo, empapado até os ossos.

Esta forma de navegar era a que mais gostava depois da empregada para a perseguição real de um inimigo, e se não fosse pela angústia que os problemas dos oficiais lhe produziam, teria se sentido muito contente. Contudo, sentia uma grande alegria cada vez que podia soltar algum cacho e, como ocorria com freqüência, a fragata respondia aumentando muito a velocidade e formando com a proa ondas muito maiores, de maneira que a espuma chegava com rapidez à popa e Reade, com voz abafada, gritava: "Dez nós e uma braça, senhor, por favor!". Fazia trabalhar muito duro aos oficiais e aos marinheiros, mas todos estavam acostumados a isso. A *Surprise*

tinha navegado com patente de corso e a maioria de seus tripulantes eram marinheiros que provinham de barcos corsários e tinham mais desejos de conseguir riquezas que glória, pelo que quando viram que Jack fez a fragata navegar de bolina tão rapidamente, olharam uns para os outros sorridentes e assentindo com a cabeça. Normalmente, quando o capitão Aubrey levava seu barco de um lado para outro sem um vento estável, virava por redondo em vez de por avante; quer dizer, não deixava que a quilha formasse com a direção do vento o menor ângulo possível e depois virava o leme para sotavento, de maneira que a proa se pusesse justo contra o vento e depois continuava virando até que as velas se inchassem para o lado oposto, senão que, pelo contrário, aproximava a popa da direção do vento e continuava movendo-a até que a fragata virava para o outro lado. Mudar de bordo por redondo era mais lento, já que a embarcação tinha que passar por vinte pontos da bússola em vez de por doze, e parecia uma ação excessivamente prudente, além de fazer retroceder parte da distância percorrida navegando de bolina; contudo, era muito mais seguro e requeria menos esforço e o trabalho de menos marinheiros, enquanto que mudar de bordo por avante, sobretudo com um vento de grande intensidade e uma forte marejada, punha em perigo os paus e as velas, além de requerer o trabalho de todos os marinheiros dos dois grupos de guarda. Os marinheiros sorriram ainda mais quando Jack mandou pôr tanta quantidade de velame que Pullings o olhou angustiado antes de dar a ordem. Todos conheciam bem o seu capitão, um homem que tivera um grande êxito capturando presas e que aparentemente as encontrava por intuição, e estavam convencidos de que suspeitava que havia um mercante ao leste, pois um marinheiro como o capitão Aubrey nunca trataria de avançar pelo menos um pouco para barlavento quando o mar estava nessas condições, assim que faziam de muito boa vontade o duro trabalho que seguia à freqüente ordem de "Todos a mudar de bordo!". E quando ouviam no castelo de popa ao conhecido vozeirão gritar: "Leme para bombordo!", imediatamente, tanto se estivesse escuro como se fizesse bom tempo, soltavam as escotas do traquete, as velas de estai de proa e as do bujarrona e esperavam que ordenassem: "Soltem as amuras e

as escotas!”. Então, os marinheiros colocados nos lugares indicados para isso, soltavam a amura e a escota correspondentes da vela maior e depois todas as amuras das velas de estai situadas atrás do traquete e passavam as escotas por cima dos estais. Em continuação se ouvia o grito: “Girar a vela maior!”, e depois que a vela girava e se fazia retroceder a amura e se atavam os cabos, ouvia-se: “Soltar e puxar!”. Nesse momento se desatava uma furiosa atividade, pois os marinheiros subiam as bolinas das velas de proa, faziam girar as vergas e depois tensionavam as bolinas ao compasso dos gritos: “Um, dois, três! Um dois, três! Bolinas!” Depois alguns oficiais empapados gritavam de maneira que lhes ouvissem no castelo de popa: “Bolinhas acima, senhor!”, e seguidamente se ouvia a ordem de que aduchassem todos os cabos. Depois os marinheiros a que não estavam de guarda desciam com passos abafados e se deitavam em meio daquele ambiente que era como um banho turco e a água começava a jorrar de suas macas.

Os oficiais opinavam o mesmo. Eles também estavam sob seu comando quando a fragata navegara com patente de corso, e como naquela época não ia a bordo nenhum guarda-marinha haviam se acostumado a subir ao alto da exércia como se ainda fossem cadetes; contudo, nos últimos meses tinham se tornado fracos e agora Jack os tratava com dureza e com uma voz lhes parecia terrível dizia coisas como: “Senhor West, gostaria que lhe subissem a maca?” ou “Senhor Davidge, por favor, suba outra vez ao cesto da gávea do traquete porque a última vigota de estibordo não está como deveria”.

O mau tempo trouxe consigo, como sempre, um monte de feridas, e a enfermaria se encheu com numerosos casos de entorses, costelas quebradas e ossos partidos e um caso de hérnia, que junto com as queimaduras que costumavam produzir-se quando a fragata dava solavancos e os marinheiros caíam sobre os forninhos da cozinha nos dias em que era possível acendê-los, mantinha ocupados a Stephen, Martin e Padeen e permitiu acrescentar alguns pontos interessantes ao tratado de Basra.

As meninas de Stephen, Sarah e Emily eram muito úteis em um período como esse, pois nem as coisas mais horríveis de uma

enfermaria lhes molestavam ou surpreendiam. Haviam lhes ensinado a dissecar e a manter limpos os currais de Jemmy Ducks e nem na remota ilha de Melanesia onde viviam nem a bordo da *Surprise* as haviam tratado com mimo e delicadeza. Agora levavam e traziam coisas, além de acompanharem e consolarem os marinheiros enfermos e lhes darem mais informação sobre o mundo exterior que a que podiam tirar dos médicos. Falavam aos marinheiros do castelo na linguagem dos marinheiros (“O capitão mandou tirar a vela de estai do maior quando soou uma badalada, mas diz que logo o maldito vento vai mudar de bordo mais para leste, assim que terá que pôr bainhas e acrescentar um condenado aferrador”), com um marcado sotaque da região ocidental da Inglaterra, e a Stephen e a Martin no dos oficiais:

— Senhor, Jemmy Ducks diz que vai pedir ao velho Chuck...

Então William Lamb, um artilheiro, perguntou:

— Que modos são esses, Sarah?

Mas ela continuou:

—...vai pedir ao senhor Bulkeley, o contramestre, que ponha quartéis nas escotilhas porque a proa está inundada e teme pelas galinhas que estão chocando.

— *Pôr quartéis?* — perguntou Martin. — Já ouvi muitas vezes essa expressão e também *corrente interior e arrastar para sotavento*, mas nunca cheguei a compreender realmente o que significam. Talvez o senhor possa me explicar, senhor.

— É claro! — exclamou Stephen.

Os marinheiros não pronunciaram palavra e sua expressão impassível não deixou transluzir nada. Só dois deles trocaram uma furtiva olhada.

— É claro! mas neste caso uma imagem vale mais que mil palavras, assim que vamos acima para buscar papel e tinta. Apenas tinham chegado à porta, seguidos por Padeen, quando se ouviram gritos no corredor que levava para a escada. Imediatamente desceram Reade jorrando sangue. Ao ser derrubado por um moitão desprendido, caíra sobre um passador que levava na mão, que se cravara entre as costelas, e estava meio inconsciente pela dor.

— Mantenha assim e sente-o no degrau — ordenou Stephen para Bonden, que carregava o garoto. — Padeen, leve dois baús e uma lanterna grande para sua cabine agora mesmo.

Amarraram os dois baús um ao outro para formar uma mesa, e em cima, sobre um aba de reserva, puseram Reade de boca para cima. Tinha a boca crispada e a respiração débil e rápida. O cirurgião o observou sob a forte luz e ao limpar-lhe o sangue pôde notar o passador na ferida e como rangiam os ossos.

— Isto será doloroso — disse Stephen. — Vou buscar o ópio.

Desceu correndo, pegou o láudano que tinha encerrado sob chave, tirou uma dose bastante grande em uma ampola, pegou alguns instrumentos e regressou. Ao chegar ordenou a Padeen:

— Traga a sonda comprida de marfim e dois pares de retratores.

Assim que Padeen se foi, levantou a cabeça do garoto e lhe jogou toda a dose na boca. Apesar da fortaleza de Reade, as lágrimas lhe corriam pelas bochechas.

Jack Aubrey apareceu na porta, e Stephen disse:

— Volte dentro de meia hora.

Em meia hora a dor aumentou e diminuiu alternativamente, chegando ao ponto máximo justo antes de que Stephen lhe tirasse uma lasca que lhe comprimia um nervo torácico. Agora Reade estava pálido, inerte e banhado em suor.

— Já passou o pior, meu amigo — Stephen sussurrou ao seu ouvido—. Jamais tive um paciente mais valente.

Então se voltou para a porta, onde Jack estava.

— Ele se salvará, se Deus quiser.

— Alegra-me muito sabê-lo — disse Jack. — Voltarei a visitá-lo quando soarem as oito badaladas.

Quando as oito badaladas soaram Reade estava sem consciência. Stephen ouviu os passos de Jack e depois de dizer algumas frases em voz baixa, Jack acrescentou:

— A senhora Oakes pergunta se gostaria que ela cuidasse dele esta noite.

— Primeiro quero ver como evolui.

— Sim, está bem — disse Jack.

— Seria possível deitá-lo em um catre em vez de uma maca e que dois homens fortes o trocassem?

— De imediato.

Colocaram o catre, e Bonden e Davies, com sumo cuidado, tratando de contrariar o balanço produzido pelo mar, carregaram o garoto na tensa vela, baixaram-no até o catre tão delicadamente que nem sequer se moveu e depois saíram silenciosamente.

Stephen voltou a sentar-se e refletiu sobre coisas muito variadas. Pensou primeiro na presença de um sistema olfativo muito desenvolvido nos albatrozes e, paradoxalmente, na ausência do mesmo nos abutres; pensou também no movimento da fragata, que agora era menos violento, e na situação na câmara dos oficiais. Quando soaram as duas badaladas, Reade, com a característica voz de alguém meio adormecido, disse:

— Duvido que estejamos navegando a mais de oito nós agora.

— Escute, meu amigo — disse Stephen —, gostaria que a senhora Oakes se sentasse ao seu lado um pouco? A senhora Oakes.

— Ah, ela! — exclamou Reade e fez uma longa pausa.

—...entram e saem por aquela porta como pela de um bordel. Eu os vejo daqui... — acrescentou, e depois virou a cabeça e perdeu a consciência de novo.

Quando Jack regressou, Stephen lhe disse que ainda era necessário que ao paciente lhe cuidasse um médico, que Martin o substituiria em menos de uma hora e que no dia seguinte, se fosse possível, desceriam-no para que estivesse atendido constantemente.

— Não há dúvida de que o temporal há amainado — disse Stephen, entrando na cabine iluminada pela lâmparina. — Agora há a metade de ruído e subi a escada quase sem cambalear.

— O vento perdeu intensidade pouco a pouco — disse Jack. — E depois do último aguaceiro... Meu Deus, como choveu forte! A água quicava no convés até a altura da cintura e saía pelos embornais de sotavento como de um carro de bombeiros. Se não tivéssemos posto logo os quartéis nas escotilhas, sua maca estaria empapada. Depois do último aguaceiro, o céu se limpou. Porém, diga-me, como está o menino?

— Está profundamente adormecido e roncando. A ferida não foi grave, pois a pleura está intacta, e a extração do passador não foi muito difícil; contudo, uma lasca da costela lhe oprimia um nervo e tirá-la foi uma operação muito delicada. Agora que já está fora, deve sentir-se melhor, e a menos que contraia uma infecção, o que é muito raro no mar, nós o veremos andar de um lado para outro dentro de muito pouco tempo. Os jovens têm uma grande resistência.

— Alegra-me sabê-lo. E suponho que você se alegrará ao saber que sabemos onde estamos. Tom e eu pudemos fazer duas estupendas medições lunares, uma com referência a Marte e a outra com referência Fomalhaut. Se o vento não tivesse rolado um pouco para noroeste, teríamos podido chegar às ilhas Tonga amanhã.

— Não irá me dizer, pelo amor de Deus, que estive navegando a toda vela dia e noite por estas agitadas águas sem saber onde estávamos. E se tivéssemos nos chocado contra uma ilha, fosse uma das ilhas Tonga ou não, o que teria sido de você, maldito seja?

— Pode-se fazer uma estimativa, sabe? — replicou Jack com voz suave. — Quer que comer algo?

— Eu me encantaria — respondeu Stephen, dando-se conta de repente de que tinha tanta fome que estava débil e sentia uma pontada no estômago.

— É que pegamos a melhor parte da galinha que morreu, e como o forninho da cozinha ainda está quente, pôde se fazer um caldo onde molhar as bolachas como aperitivo — disse Killick fazendo uma aparição como no teatro, que eles conheciam tão bem.

— Caldo de galinha, que alegria! — exclamou Stephen.

E quando Killick se foi, continuou:

— Diga-me, Jack, como explicaria o que quer dizer *pôr quartéis*?

Por seu olhar penetrante, Jack compreendeu que não estava zombando dele ainda que isso parecia quase impossível, e respondeu:

— Primeiro lhe direi que usamos a palavra “quartéis” de forma imprecisa e amiúde a empregamos para nos referir aos corredores que levam para as escadas, como, por exemplo, em “Ele saiu pelos

quartéis de proa”, onde, obviamente, não falamos dos quartéis. Os verdadeiros quartéis são as armações com que cobrimos as escotilhas, uma espécie de gradeados. Como sabe muito bem, quando uma grande quantidade de água do mar ou do céu ou de ambos chega a bordo, tapamos as escotilhas com lona alcatroada.

— Acho que já vi — disse Stephen.

Jack disse para si: “Não menos que cinco mil vezes”, e em voz alta continuou:

— E se além disso a chuva e o vento são muito fortes, nós as cobrimos com grossas pranchas que se fixam no cerco saliente que fica ao redor e, portanto, tensiona-se a lona como a pele de um tambor. Alguns pregam as pranchas ao convés, mas isso é uma imperfeição, isso não é próprio de um bom marinheiro. Nós usamos degraus da escada de corda. Eu lhe mostrarei amanhã à primeira hora da manhã.

Para os marinheiros “a primeira hora da manhã” significava essa hora ao final de uma longa e esgotadora noite em que os marinheiros tiravam com as bombas abundante água no castelo, na coberta superior e no castelo de popa, que já estavam empapados, e ainda meio adormecidos avançavam em grupos para a popa esfregando com pedra arenito, varrendo e mais ou menos secando a golpes de esfregões. Mas para alguns também significava a hora em que deviam levar Reade, ainda adormecido pelo ópio, para uma resguardada ampliação da enfermaria, onde Padeen ia vigiá-lo.

Para Stephen, contudo, significava a primeira coisa que um cristão fazia no dia, e, de acordo com essa idéia, Oakes desceu para apresentar-lhe os respeitos do capitão e perguntar-lhe se queria ver os degraus da escada de corda de que lhe havia falado. Agora era um jovem pálido e calado e tinha um gesto ameaçador, já não era aquele menino simples e excessivamente desenvolvido para sua idade, mas conseguiu sorrir para Stephen e acrescentou:

— Além disso, poderá ver outra coisa.

A outra coisa era o mar muito pouco agitado, de cor azul-prússia quase até a linha do horizonte, sob um céu de cor azul-claro e limpo. O sol acabava de separar-se do oceano pelo leste, e pelo outro lado a lua se afundava nele, e pela amura de bombordo se

avistava uma ilha de considerável tamanho com pequenas elevações formando uma cúpula. Estava muito longe, mas abaixo dos oblíquos raios de luz já se apreciava sua cor verde-esmeralda. O vento soprava justamente desde a ilha e era tão fraco que quase não produzia um sussurro na exércia e não era capaz de inchar com convicção a enorme quantidade de velas desdobradas; contudo, Stephen achava que trazia o aroma da terra.

— Onde está o capitão, barbeiro?

— Está no tope, senhor.

Aparentemente também estavam ali todos os que desempenhavam um cargo de importância e dispunham de uma luneta. Ainda não haviam ordenado subir as macas, mas os marinheiros a quem cabia descansar abaixo tinham comparecido ao convés por sua própria vontade e ali estavam, olhando com grande satisfação a distante ilha e falando muito pouco. Soaram as seis badaladas e terminou o turno de John Brampton ao leme.

Era um jovem de Shelmerston, marinheiro de barco corsário e contrabandista, e pertencia à seita de Seth, mas era menos rígido que seus companheiros. Quando se dirigia à proa passou junto de Stephen e disse alegremente:

— Bom dia, senhor.

— Bom dia, John — respondeu Stephen.

Brampton parou e perguntou se não admirava ao capitão.

— Nunca se equivoca. Sabíamos que não estava navegando a toda vela para divertir-se. Aí está a presa!

— Onde? Onde?

— Junto à costa da ilha. Quando o sol iluminou suas velas, meu tio Sadle a avistou com a luneta desde a cruzeta do mastaréu de proa. Ninguém pode enganar ao capitão, ah, ah, ah!

Ainda rindo se agarrou ao amantilho do traquete e subiu rapidamente para reunir-se ao seu tio.

— Bom dia, doutor — disse Jack ao descer para a coberta pelo brandal com uma agilidade própria de um menino, que contrastava com as rugas de seu rosto. — Como está Reade?

— Até agora está muito bem — respondeu Stephen. — Não tem febre, sente incômodo, mas não uma dor muito forte, e pode

ficar deitado sem dificuldade. Agora o senhor Martin está com ele na enfermaria.

— Quanto me alegro! — exclamou Jack. — Peço desculpas por ter subido na exércia quando mandei lhe chamar, mas avistaram um barco. Como veio para ver os degraus da escada de corda, que acha se descemos para a cobertura superior?

— Você se importaria de falar-me antes da ilha e do barco?

— Esta é a ilha que o capitão Cook chamou de Annamooka e se encontra exatamente na posição que ele determinou.

— É uma das ilhas Tonga?

— Isso mesmo. Não lhe disse ontem à noite?

— Não, mas me alegra sabê-lo. E o barco?

— Está junto à costa. Ainda se pode ver bastante bem do tope com uma luneta. É um barco europeu, quase com toda certeza um baleeiro... Com as primeiras luzes vi uma manada de umas vinte baleias ofegando.

— Quanto eu gostaria que fosse diretamente para a ilha, capturasse a presa e nos deixasse na costa para ver a flora e a fauna e...!

— O café já está pronto, senhor — disse Killick.

— Descemos? — propôs Jack.

Ao passarem pela cobertura superior, mostrou a Stephen na escotilha de popa, o cerco saliente e os degraus da escada de corda.

— Um passador entra pelo buraco dos degraus da escada de corda, vê?, e segura fortemente as pranchas. Não é um invento meu mas de meu predecessor. Recorda-se de Edward Hamilton?

— Acho que não.

— Vamos, Stephen! Sir Edward Hamilton, o que estava ao comando da *Surprise* quando recuperou a *Hermione*! Foi expulso da Armada porque agarrou à força ao condestável na exércia.

— Não se deve agarrar à força a um condestável na exércia?

— Oh, não! Está protegido por sua nomeação, como você. Pode-se agarrar à força e açoitar a qualquer marinheiro, mas o único que se pode fazer a quem tem uma nomeação é ordenar-lhe que se encerre em sua cabine até que compareça ante um conselho de guerra. Como Hamilton tinha muito boas relações com o príncipe de

Gales, logo o reabilitaram... É curioso que dois capitães da *Surprise* tenham sido expulsos da Armada e reabilitados.

Jack havia convidado Pullings e Oakes para desjejuar, e como nessa refeição era permitido falar de questões de trabalho, falaram das correntes em direção oeste, da maré, do vento desfavorável, da nacionalidade e da classificação prováveis da distante embarcação, da urgente necessidade de água, gado, vegetais e cocos da fragata e, além de tudo, da conveniência de fazer numerosos reparos na exércia fixa e na móvel. Mas Jack também falou de outras coisas e perguntou pela senhora Oakes.

— Está muito bem, senhor, obrigado — respondeu Oakes, ruborizando —, mas se deu um golpe contra um escaninho quando fazia mau tempo e quer ficar na cabine durante algum tempo.

Stephen se desculpou muito cedo, entre outras coisas, porque lhe parecia que aquele era o café da manhã mais chato que Jack tinha oferecido, pois o próprio anfitrião, apesar de ter avistado terra, não estava muito animado, e os convidados estavam preocupados e tinham um comportamento um pouco estranho. Martin, que havia substituído Padeen e as meninas quando soaram as oito badaladas, ainda estava apoiado na borda.

— Felicitações por ter chegado às ilhas Tonga e ter a possibilidade de capturar uma presa — disse. — Todos os marinheiros que subiram à cruzeta me asseguraram que é um baleeiro norte-americano. Dizem que está carregado até os topos de esperma de baleia e provavelmente também de grande quantidade de âmbar cinza. Acha que o capitão pensa ir diretamente para capturar a presa, ao estilo de Nelson, e que depois de apresá-la nos deixará percorrer a ilha? Quanto eu gostaria que assim fosse!

— Eu também. Quem pode ser indiferente a um butim? E se além deste esplêndido butim, conseguimos passar uma semana percorrendo Annamooka, isso seria maravilhoso. Acho que há um curioso cuco de cor marrom e algumas espécies de ralídeos, e as pessoas, a parte de terem certa tendência ao roubo, são muito amáveis.

— Ouvi que nas ilhas Tonga tem corujas.

— Lá está! — gritou Stephen junto com um monte de seus companheiros de tripulação.

A cem jardas para barlavento viram elevar-se um jorro de água que lhes era familiar e imediatamente a uma negra baleia sair da água, dar uma volta e mergulhar. Era um enorme, velho e solitário animal com a calda partida.

— Corujas, Nathaniel Martin? — continuou. — Corujas na Polinésia? O senhor me assombra.

— Eu o ouvi de uma autoridade na matéria. Aqui vem o contramestre, que esteve em Tongataboo não faz muito tempo.

Então, projetando a voz para baixo, para o castelo, gritou:

— Senhor Bulkeley! Viu corujas em Tangataboo?

— Corujas? — repetiu o contramestre com seu vozeirão. — Oh, sim, senhor! Perto do lugar onde pegamos água havia uma árvore onde haviam pernoitado tantas que era difícil distinguir a árvore das corujas. Eram roxas.

— Tinham orelhas, senhor Bulkeley? — perguntou Martin, em um tom próprio de quem duvida do valor de sua pergunta.

— Não lhe poderia jurar, senhor, e me arriscaria a dizer uma mentira se respondesse tanto sim como não.

— Com orelhas ou sem elas — disse Stephen após um tempo —, acho que passará muito tempo antes que vejamos as aves e a presa. Anteriormente o capitão usou a ominosa e inconveniente palavra *ainda*. Disse que *ainda* se podia ver bem de certo lugar elevado. E durante o café da manhã me explicou que este maldito vento fraco soprava diretamente da ilha para nós e que, além de uma corrente em sentido contrário que era temporal, havia outra permanente que nos empurrava para o oeste. Acrescentou que era possível que tivéssemos que aproximar-nos e afastar-nos repetidas vezes porque, apesar de nossos esforços, nos veríamos obrigados a retroceder constantemente. Vê como esses homens giram a verga um pouco mais e soltam a bolina? Quanta diligência! Adoram os butins!

— E a mim também — disse Martin. — Não acredito que se pudesse dizer que rendo culto à riqueza, mas o dinheiro obtido como butim é diferente e agora sou como um tigre que provou sangue

humano. Espero que o capitão tenha dito isso para zombar do senhor, assim como o contramestre acaba de fazer comigo.

— É possível, mas recordo muitas ocasiões em que tratávamos de chegar a um porto e tivemos que ficar a pairar ou avançar e retroceder durante semanas, famintos, sedentos e descontentes, e às vezes ficamos de fora. Mas não nos desanimemos. Confiemos em que amanhã poderemos entrar, fazer uma matança de baleeiros, apoderar-nos de suas coisas e internar-nos nesses verdes bosques com nossas redes para caçar mariposas e com nossos estojos para colecionar insetos.

A *Surprise* seguiu avançando devagar e virou para Annamooka. Ali apoiados na borda, olhando para as tranqüilas águas, que haviam tomado um colorido azul-escuro e avermelhado com veios de azul-claro, e falando de viagens anteriores e de suas esperanças de fazer outras logo, para Stephen pareceu que tinha ao seu lado o velho Martin, o Martin sincero, ingênuo e amável. Ainda que não pudesse precisar a causa da mudança, pensava que podia ser a prosperidade, o cuidado com a família, o ciúme ou outros motivos imperceptíveis, mas a verdade era que os laços de amizade que os uniam já não eram fortes. Contudo, nessa manhã falaram largamente sem reserva. Viram uma andorinha desconhecida e enumeraram os traços comuns que tinha esta com outras andorinhas que conheciam. Também viram a grande distância uma ave que possivelmente era o albatroz de Latham. Os raios de sol que chegavam até eles eram cada vez mais fortes.

Em um dado momento, quando a fragata não tinha velocidade suficiente para manobrar, desceram um bote para mudar de bordo com a proa a reboque; depois, lhes pediram que avançassem um pouco mais para a popa para poder estender o toldo.

— Este seria um dia perfeito para que a senhora Oakes tomasse ar fresco — disse Stephen. — Ainda que não subiu ao convés desde que começou o temporal, desafortunadamente levou um golpe na cabeça quando fazia mau tempo e terá que ficar abaixo por um tempo. Perguntei a Oakes se queria que a visse, mas diz que só experimentou uma sacudida e tem uma mancha-roxa. Creio que a causa foi um solavanco.

— O maldito porco! — disse Martin com veemência em voz baixa e mudando totalmente a expressão. — Esse maldito porco lhe bate!

O capitão Aubrey não havia zombado deles. Um dia depois do outro a *Surprise* tratava de avançar para barlavento, e às vezes, ajudada pela corrente ou um vento mais forte, avançava um pouco, de modo que o barco que estava em Annamooka podia ser visto inclusive do convés, mas retrocedia durante a calmaria da noite.

Ainda que a pouca quantidade de víveres fosse preocupante, Jack não queria rumar para Tongataboo quando tinha uma presa à vista. Os marinheiros da Armada Real, e ainda mais os oficiais, gostavam muito das presas porque eram a única fonte de riquezas possível. Mas esse desejo não podia se comparar com a paixão mórbida dos tripulantes de barcos corsários, para quem eram seu meio de vida, sua única razão de existir. Portanto, agora os marinheiros da *Surprise* a tripulavam atendendo à mínima mudança do vento, antecipando-se às ordens e mantendo as velas inchadas, ainda que a medida que as horas e os dias passavam, as possibilidades de que o distante baleeiro fosse uma presa de lei diminuía. Mostrava uma atitude firme e desafiante, pois não tratava de escapar de noite. A cada manhã ainda aparecia ali, com as vergas cruzadas e as velas inclinadas. O estado de ânimo dos tripulantes da *Surprise* mudou da alegria para algo parecido com o desalento, o que motivou uma certa tendência à briga.

Na tarde da quinta-feira, depois da revista, a senhora Oakes voltou a subir ao convés e se sentou em seu lugar habitual perto do coroamento. Tinha em um olho uma mancha-roxa de vários dias e agora estava rodeado de um cerco verde e amarelo. Para ocultá-lo parcialmente usava um grande pedaço de tecido sobre a cabeça, como se soprasse um vento que obrigasse a levar as gáveas rizadas.

— Espero que esteja bem, senhora — disse Stephen, fazendo uma inclinação de cabeça. — O senhor Oakes nos disse que tinha caído e teria ido vê-la se não me houvesse dissuadido de fazê-lo.

— Oxalá tivesse vindo, estimado doutor — disse a senhora Oakes. — Eu estive muito chateada. Não foi nada que obrigasse

alguém a ficar acamado pois só produziu esta repulsiva mancha-roxa no olho, porém, ainda que este horrível tempo não tivesse me retido abaixo, não gostaria que me vissem com o aspecto de uma boxeadora. Na verdade, não teria subido agora se não estivesse anoitecendo.

Jack foi até a popa, fez algumas perguntas corteses e voltou a ocupar-se de fazer avançar um pouco a fragata para barlavento nas mais adversas circunstâncias. Depois apareceram Pullings, Martin e West, que mantiveram uma conversa bastante animada, mas para Stephen pareceu que a aversão que sentiam um pelo outro ou pelo menos a tensão entre eles era maior, enquanto que a atenção que prestavam a Clarissa tinha diminuído na mesma medida que ela havia piorado. Clarissa, por sua parte, mostrou-se muito amável e simpática com todos.

Quando Stephen pensou nisso mais tarde, achou que a explicação era muito simples. Havia outro sentimento a bordo, que talvez podia definir-se como desprezo, mas não podia precisar da parte de quem nem podia recordar nenhum exemplo concreto.

Certamente, essa era sua impressão, e no dia seguinte foi reforçada não só pelo tom dos oficiais mas também pela atitude de alguns dos marinheiros. Ainda que muitos, a maioria, sorria afetuosamente para Clarissa, outros a olhavam inquisitivamente ou com uma expressão perplexa ou com deliberada indiferença. Mas o assunto mais importante desse dia foi a troca de velas, que foram substituídas cada uma pela correspondente vela mais leve. Jack Aubrey, que era tão sensível às mudanças de tempo como os gatos, viu que o barômetro confirmava o que o formigamento de seus polegares lhe havia indicado, porém, ainda que até agora não podia dizer em que direção o vento começaria a soprar, havia dado a ordem para não decepcionar aos marinheiros. Como a *Surprise* levava mais de trinta velas, isso requeria uma grande atividade. Stephen não compreendia por que as mudavam, pois o conjunto atual lhe parecia muito adequado, mas o que captou, e muito claramente, foi que quando o capitão não estava no convés os marinheiros maldiziam muito mais e havia muito mais discussões, brigas e resistência a obedecer as ordens, algo que não era

incomum em um barco corsário, mas muito raro e perigoso em um da Armada Real.

Também se deu conta de que para cada marinheiro que olhava para Clarissa com desconfiança havia meia dúzia que olhavam com frieza para Oakes. Mas Oakes não estava de serviço quando Jack, inclinado sobre a borda com o senhor Adams para medir a salinidade, ouviu algo estranho na cruzeta.

Alguém perguntou:

— Não vê que tem que passar este cabo primeiro, caramba?

E outro, em voz baixa mas perfeitamente audível, replicou:

— A quem diabos importa o que diz?

Então Jack olhou para cima e ordenou:

— Senhor West, anote o nome desse homem.

Depois prosseguiu com sua tarefa.

O vento começou a soprar do sul, justo pela amura da fragata, ao final da guarda da manhã. Quando chamaram os marinheiros para almoçar, a água sussurrava nos costados, o convés havia se inclinado uns dez ou doze graus e a atmosfera da fragata tinha mudado e se ouviam brincadeiras e risos.

Quando os marinheiros acabaram de almoçar, a ilha estava tão perto que ocupava a oitava parte do horizonte e um grande *pahi*, uma canoa dupla com um barracão e uma imensa vela triangular, afastava-se da margem e navegava em direção contrária à da fragata para reunir-se com ela.

— Killick, suba a caixa com plumas vermelhas, o baú com os presentes para os ilhéus e todos os doces que restem.

— Senhor, o serviola diz que tem um homem branco a bordo — disse Oakes.

— Com uma casaca?

— Sim, senhor, e também com um chapéu.

— Muito bem, senhor Oakes, obrigado. Killick, traga-me a casaca mais fina que encontre, o chapéu de dois bicos número três e uma calça de dril limpo. E chame o capitão Pullings. Ah, Tom! Conhece tão bem como eu aos habitantes das ilhas do Pacífico Sul e sabe que são pessoas encantadoras, mas não quero que desembarque nenhum deles, exceto os que eu convide para minha

cabine, e tem que prender com parafusos todos os objetos do convés que possam se mover, incluindo a âncora. Doutor, em sua opinião, qual dos tripulantes fala melhor as línguas do Pacífico Sul e, se for possível, também seja inteligente?

— O contramestre, ainda que acho que seria muito pouco sério como intérprete. Melhor seria Owen ou John Brampton ou Craddock.

Tom Pullings apenas teve tempo para dar à fragata um aspecto apresentável e o capitão Aubrey quase não havia passado cinco minutos no convés com suas impecáveis calças quando o lento *pahi* chegou a uma distância em que era possível a comunicação a viva voz. A *Surprise* se pôs em paio girando a gávea maior, e a canoa, seguindo as normas de cortesia da marinha, aproximou-se pela popa e se abordou com ela pelo costado de bombordo.

Vários rostos morenos e sorridentes e um branco e angustiado se voltaram para cima; uma jovem jogou sobre o convés um feixe de erva muito verde e de um forte odor; vários cabos foram lançados e o homem branco e um ilhéu subiram pelo costado.

— O senhor é o capitão Aubrey, não é mesmo? — perguntou o homem branco, aproximando-se dele enquanto tirava o chapéu. — Sou o senhor Wainwright, capitão do baleeiro *Daisy*, e este é Pakeea, o subchefe de Tiaro, que lhe traz como presentes pescado, frutas e vegetais.

— É muito amável — disse Jack, olhando sorridente para Pakeea, um jovem alto, forte, cheio de bonitas tatuagens e com a pele brilhante porque estava untada de óleo, que também lhe sorriu amavelmente. — Por favor, agradeça-lhe de todo coração em meu nome. Nada poderia ter sido melhor acolhido.

Depois de apresentar seus oficiais, pediu a Pullings que subisse a bordo os presentes e continuou:

— Gostaria de descer para a cabine?

Na cabine Killick serviu umas bolinhas farinhasas polvilhavas com vinho de Madeira e cobertas de geléia recém saídas da cozinha. Depois de alguns comentários sem importância, Jack abriu um caixote, mostrou a Wainwright um monte de plumas vermelhas e lhe perguntou em um aparte:

— São adequadas?

— Oh, sim! — exclamou Wainwright.

— Oh, sim! — repetiu Pakeea.

Jack lhe deu junto com um pedaço de seda cor escarlata e uma pequena lupa. Pakeea elevou os presentes à altura da cabeça com uma expressão satisfeita e falou durante longo tempo em uma língua Polinésia.

Jack o escutou atentamente e depois disse:

— Sinto muito, mas não o entendo, senhor.

— Pakeea diz que espera que desça a terra. Não sabe inglês, mas repete as últimas palavras que ouve com grande exatidão.

— Por favor, diga-lhe que com muito prazer descerei a terra para pegar água e fazer troca de certas coisas por porcos, cocos e batata-doce e, principalmente, para passear por essa bonita ilha.

Wainwright traduziu isso e outras frases corteses e finalmente disse:

— Eu me alegro muito de que venha porque tenho certa informação importante que dar-lhe e, além disso, porque meu barco está em muito más condições pela falta do carpinteiro, seus ajudantes e o toneleiro. Assim que vi a *Surprise* se aproximar disse a Canning: “Meu Deus, estamos salvos!”.

— Como sabia que era a *Surprise*?

— Bem, senhor, seu sobressalente mastro maior é inconfundível. Além do mais, muitas vezes naveguei em sua companhia pelo Canal e nas Antilhas e com freqüência subi a bordo dela no Mediterrâneo para entregar mensagens do navio insígnia. Servi na Armada como guarda-marinha e ajudante do oficial de derrota e passei no exame de tenente em 1798, mas como nunca me atribuíram nenhuma missão, ao final me alistei no marinha mercante.

— Como muitos outros excelentes oficiais — disse Jack, apertando-lhe a mão.

— O senhor é muito amável, senhor — disse Wainwright. — Como vai descer para terra, talvez eu pudesse ficar a bordo para dar as importantes notícias e mostrar o canal por onde se atravessa o arrecife. Pakeea poderia regressar com sua gente no *pahi*, porque

podem ser um estorvo para fazer manobras delicadas no canal e jogar a âncora.

Durante esse tempo, o subchefe, dominando sua alegria natural, permanecera sentado com a expressão séria que correspondia a sua categoria enquanto os olhava e olhava o tecido com a lupa, cujo uso tinha compreendido imediatamente. No convés, pelo contrário, não havia ninguém sério, exceto de Sarah e Emily. Enquanto subiam a bordo o pescado, as batatas-doces, a cana-de-açúcar, as bananas e frutas pão, todos os ilhéus do *pahi* também subiram exceto os poucos que cuidavam da embarcação. Todos os tripulantes da *Surprise* que sabiam algumas palavras de línguas polinésias (e pelo menos uma vintena deles falavam alguma com bastante soltura) começaram a conversar, e os que não sabiam se contentavam em falar em sua própria língua incorretamente e muito alto. Havia três jovens mulheres de Tonga que também tiveram tempo para untar-se com óleo — o que dava a seus bustos desnudos um bonito brilho —, e enfeitar-se com colares de flores e de dentes de tubarão; contudo, os marinheiros se coíbiam de aproximar-se delas na presença dos oficiais, e elas, por outro lado, pareciam levar muito em conta a categoria. Uma falou só com Pullings, que usava sua estupenda casaca azul; outra falou com Oakes e Clarissa; e outra se aproximou de Stephen, sentou-se ao seu lado na carreta de um canhão e o entreteve com um animado relato de um fato recente, rindo e dando-lhe palmadinhas no joelho muito amiúde. Pela freqüência com que repetia certas orações, Stephen estava convencido de que lhe contava uma conversa com frases como: “Então lhe disse... E me disse... Assim que lhe respondi... E disse: Oh...!”. Sua loquacidade e seu ânimo lhe pareceram agradáveis durante um tempo, mas em pouco tempo a conduziu, falando ainda, ao castelo, onde estavam as meninas (que já não eram tão pequenas porque tinham começado a se desenvolver) olhando com desagrado o espetáculo. Jimmy Ducks lhes havia dito que não deviam voltar a dizer “estúpidos negros” porque não era cortês, mas elas murmuravam essas palavras de vez em quando. Stephen lhes disse que fizessem uma reverência e que se a jovem as cumprimentasse tocando seus narizes com o dela

tinham que aguentar. E a jovem fez precisamente isso, como se fosse o mais natural do mundo, com suavidade e inclinando-se um pouco para frente. Depois Ihes falou naquela língua Polinésia, mas ao perceber que não a entendiam riu muito, deu a Emily um de seus coles de flores e a Sarah um pingente de madrepérola e depois continuou falando com loquacidade enquanto assinalava alternativamente a ilha e o tope do mastro e ria amiúde.

Pouco depois Jack, Wainwright e Pakeea subiram ao convés. O jovem subchefe chamou os ilhéus, demonstrando que tinha uma assombrosa autoridade, pois imediatamente todos começaram a descer da fragata. Parsons, um dos marinheiros que falava aquela língua do Pacífico Sul disse em voz baixa para Stephen:

— Com sua permissão, senhor, aquela jovem Ihe roubou o lenço enquanto o senhor olhava para o tope do mastro. Quer que Ihe diga para devolver?

— Verdade, Parsons? — perguntou Stephen, metendo a mão no bolso com naturalidade. — Bem, não se preocupe. Estava velho e roto e não posso guardar rancor de uma criatura tão bonita.

Então disse para si: “Mas também me roubou a lanceta e o lamento muito”.

O *pahi* se afastou e quando a vela se inchou, começou a avançar para a costa com extraordinária rapidez quase sem formar ondas e, devido a ter o casco duplo e muito largo, com muito pouca inclinação. Além dos modestos presentes feitos voluntariamente, transportava cinco lenços, uma lanceta, duas garrafas de vinho (uma com uma rolha colorida), uma tabaqueira e cinco barrinhas de ferro e duas de madeira usadas para amarrar os cabos. Mas o que os ilhéus tinham trazido superava com folga o que se tinham levado e era impossível que alguém, com excessão do marinheiro de quem roubaram o tabaco, quisesse fazer justiça ou sentisse indignação.

Quando voltaram à cabine Wainwright disse:

— Tenho que dizer-Ihe, senhor, que um barco inglês e vários marinheiros ingleses estão detidos na ilha Moahu, que se encontra ao sul...

— Conheço sua posição, mas não tenho uma carta marítima exata.

— Talvez deveria começar dizendo que os donos de meu baleeiro possuem seis embarcações que empregam como baleeiros ou como barcos para comerciar peles que vão até o estreito Nootka e à zona que fica ao norte. Esses barcos costumam reunir-se em Moahu para reabastecer, como outros muitos, devido ao lugar ser apropriado, e também para trocar informação ou receber instruções dos donos antes de vá a Nootka passando por Cantão ou percorrer o Pacífico Sul em busca de baleias, chegando às vezes até o porto de Sidney, o cabo Van Diemen ou mesmo mais além. Se os barcos que vão comerciar peles não têm êxito na primeira estação, ficam lá e regressam no início da seguinte, antes que os norte-americanos dobrem o cabo de Hornos. A maior parte do ano, quando sopram os ventos alísios do nordeste, ancoramos em Eeahu, mas no restante do tempo ancoramos em Pabay, ao norte.

— Poderia desenhar um mapa com as posições aproximadas?
— perguntou Jack, dando-lhe lápis e papel.

— É muito fácil no caso de Moahu — disse Wainwright e desenhou a forma de um oito de grande tamanho com a parte central muito larga. — De norte a sul há vinte milhas. O lóbulo superior, menor, onde se encontra o porto de Pabay ao nordeste, é o território de Kalahua. As duas metades estão divididas por altas montanhas e bosques que se estendem de ambos os lados. O lóbulo do sul pertence a Puolani. Falando com propriedade, Puolani é a rainha de toda a ilha, mas várias gerações atrás, os chefes das tribos do norte se rebelaram e agora Kalahua, que matou a todos os outros chefes, diz que ele é o rei de Moahu por direito porque ela comeu carne de porco, o que é proibido para as mulheres. Todos dizem que isso é absurdo. Indubtavelmente, ela, como é costume, come determinados pedaços dos chefes inimigos que morrem nas batalhas, mas é uma mulher muito religiosa e nunca comeria carne de porco. Assim que, como vê, senhor, o norte e o sul estão em guerra. Os donos de nosso baleeiro nos disseram para nos mantermos fora da guerra porque temos que usar os dois portos. Pabay, situado no nordeste, é um porto muito bom porque está localizado em uma profunda enseada e tem um rio em um extremo, e o usamos quando sopra o úmido vento do sul; Eeahu, o porto

situado no território de Poulani, nós o usamos quando temos dificuldades para chegar a Pabay por causa dos ventos alísios. Se fosse por mim, apoiaria a Puolani, que sempre foi amável conosco, cumpriu sua palavra e, afinal de contas, não é mais que uma débil mulher, enquanto que Kalahua é um detestável canalha em quem não se pode confiar. Ambos tinham mais ou menos as mesmas forças e nos tratavam cortêsmente, mas quando estive em Pabay a última vez para reunir-me com os barcos *Truelove*, sob o comando de William Hardy, e *Heartsease*, sob o comando de John Trumper, constatei que tudo havia mudado. Kalahua tinha a suas ordens um grupo de europeus, alguns com mosquetes, e tinha brigado com os dois capitães. Queria, por assim dizer, pedir-lhes emprestado seus canhões, mas não pediu imediatamente mas quando Hardy estava em uma situação delicada, pois havia ordenado querer o barco porque tinha entrada de água. Ainda estavam discutindo quando eu cheguei, e Kalahua já tinha aprisionado uma vintena de homens de sua tripulação com um pretexto ou outro. Por roubo, fornicção e inclusive por tocar frutas ou árvores proibidas. Quando fui vê-lo me disse que não permitiria carregar água nem provisões nos barcos nem soltaria os marinheiros até que suas demandas fossem satisfeitas. Tinha uma atitude estranha e se mostrava tão confiante que resultava desagradável e constantemente adiaria nossos encontros com a desculpa de que tinha saído do país ou estava dormindo ou indisposto.

“Precisamente — continuou —, quando realmente havia ido para as montanhas com os europeus apareceu em alto mar o quarto barco, o *Cowslip*, sob o comando de Michael McPhee.

Eu fiz sinais indicando-lhe que não atravessasse o banco de areia e mandei uma mensagem com um marinheiro de Kanaka em que dizia que pegasse água em Eeahu, o porto no território de Poulani, se necessitasse, e que fosse até o porto de Sidney a toda vela para informar que estavam abusando de nós.

“Antes que Kalahua regressasse — prosseguiu —, chegaram dois grandes *pahis*, um deles de propriedade de um velho meu amigo, um grande amigo, o chefe de Oahu, uma das ilhas Sanduíche situada junto a Molokai, e por ele soube por que Kalahua se

mostrava tão confiante. Estava esperando o *Franklin*, um potente barco corsário com vinte e dois canhões de nove libras que navegava com bandeira norte-americana mas que estava tripulado por franceses do Canadá e da Louisiana. Por outro lado, ainda que Kalahua havia tratado de manter os homens brancos afastados de nós, pude ver alguns, por isso sei que falavam francês entre eles e um estranho inglês conosco. Foi então quando me informei que o dono do barco é um francês e estive no Havaí recrutando marinheiros. É um homem que não consegue ficar calado e disse a uma bonita jovem das ilhas Marquesas, meio francesa, que Kalahua não valia nada, que era um tipo odioso e falso e que assim que as duas partes, o norte e o sul, debilitassem um ao outro o suficiente, matariam Kalahua e destruiriam as canoas que Poulani empregava na guerra (seu ponto mais forte) e Moahu seria declarada possessão francesa porque esse era o desejo do povo e dos chefes sobreviventes que sabiam o que lhes convinha. Ensinariam aos nativos a gritar: “*Vive l'Empereur!*”, o que era justo porque fora o governo francês que gastara dinheiro no barco. Mas em quanto a guerra terminasse se estabeleceria um regime diferente onde todos seriam tratados igual, a terra seria de todos, teria justiça, paz e abundância e tudo se decidiria por consenso.

— Isso dá ao caso um aspecto diferente — disse Jack, pensando em Stephen com alívio.

— Sim, senhor. Assim que pus um sentinela em um posto situado estrategicamente para ficar atento à chegada do *Franklin*. Não se podia fazer nada pelo *Truelove* porque o estavam querendo no povoado e, além disso, a maré não era apropriada, mas Trumper, o capitão do *Heartsease*, e eu preparamos nossos barcos o melhor que pudemos, ainda que só tínhamos o que se pode esperar em um mercante. Nessa mesma tarde o sentinela desceu gritando que havia avistado um barco navegando em direção ao porto com pouco velame desdobrado. Tínhamos nos atrasado tanto que os ventos alísios haviam começado a soprar de novo, e em direção nordeste, mas graças a Deus rolou para o norte o suficiente para que dobrássemos roçando o cabo do sul navegando de bolina. O *Heartsease* passou primeiro, e o único dano que sofreu foi um ou

dois buracos nas gáveas. Mas depois o *Franklin* aumentou de velocidade de tal maneira que formava ondas de proa tão largas como sua vela traquete, aproximou-se de nós rapidamente porque a verdade é que a *Daisy* não foi construída para navegar velozmente, e nos disparou uma descarga que causou a morte do carpinteiro e seu ajudante e destruiu os botes que ficavam no convés. Foi o bombardeio mais potente que já vi e pensei que se as coisas continuassem assim teria que me render, mas aparentemente só teve sorte, porque a seguinte descarga passou por cima, e antes que pudesse disparar de novo, pois nosso barco era muito lento comparado ao seu, senhor, tive a satisfação de ver cair seu mastaréu de joanete de proa pela borda. Eu gostaria de acreditar que a bala que eu acabava de disparar com o canhão de popa cortou o brandal, ainda que o mais provável é que tenha caído simplesmente porque as velas faziam pressão excessiva. Fosse pelo que fosse, o barco orçou, e como não podiam controlar seu movimento com o leme, não pôde nos seguir pelo sinuoso canal que atravessa o arrecife.

A fragata estava perdendo velocidade há algum tempo, e Wainwright, olhando para a margem, disse:

— Falando de canais, senhor, talvez devesse indicar ao timoneiro como este se situa. Já estamos muito perto e não é conveniente seguir o *pahi* porque os nativos não podem acreditar que nossos barcos desloquem tanta água.

No convés, Jack comprovou que realmente se aproximaram muito do arrecife. Os sondadores estavam colocados nos pescantes de ambos os lados e Davidge se encontrava na verga velacho governando a fragata. Pullings ordenara a todos os marinheiros segurarem as braças e as adriças e a âncora pendia do turco, pronta para ser jogada n'água.

— O capitão Wainwright conduzirá a fragata ao porto — disse Jack a Pullings.

Então Wainwright, guiando-se pelas marcas da costa que lhe eram familiares, começou a dobrar pelas perigosas curvas tão habilmente que todos os que iam a bordo relaxaram.

Todos relaxaram exceto os médicos e Clarissa Oakes. Na realidade, ela nunca achou que corriam perigo e tinha toda sua

atenção posta na costa, a brilhante praia de coral com coqueiros inclinados em todas as direções que moviam graciosamente seus galhos, a pequena povoação formada por pequenas casas isoladas entre irregulares campos e jardins e a vereda que conduzia ao verde bosque. E quanto a Maturin e Martin, permaneciam inclinados sobre a borda olhando pela luneta para o baleeiro, que estava muito perto da costa e tinha um andaime por cima da borda.

— Acho que é um alcedo do Velho Mundo — disse Stephen. — Eu o vi na água.

— Como pode dizer isso, Maturin? — perguntou Martin. — Um alcedo do Velho Mundo nestas latitudes?

— Sem dúvida, é um alcedo de plumagem branca e negra — disse Stephen, seguindo-lhe em seu rápido vôo. — Estou convencido de que é um alcedo do Velho Mundo.

— Olhe, olhe! — gritou Martin. — Pousou no cesto da gávea do traquete!

A fragata tinha atravessado o canal e avançava devagar para o baleeiro. Wainwright virou a proa para onde vinha o vento e gritou:

— Soltar!

A âncora caiu ao mar produzindo um chape, esse som que todos recebiam com complacência. A *Surprise* começou a mover-se à mercê das águas da maré-cheia, estendendo um grande pedaço da amarra da âncora, e finalmente parou em uma zona de cinco braças de profundidade e tão perto do baleeiro que podiam ver perfeitamente a ave, que parecia observá-los com curiosidade.

— Se vier ao meu barco almoçar comigo, senhor, terminarei meu relato — disse Wainwright. — Sinto muito não poder convidar os oficiais, mas a cabine do *Daisy* está cheia dos mais valiosos fardos do *Truelove* e quase não há espaço para duas pessoas sentarem.

— Com muito prazer — disse Jack —, mas antes queria que rogasse a Pakeea que ordene a seus súditos que não subam a bordo até que ele mesmo o indique. Senhor Davidge, minha falua. Capitão Pullings, vou subir a bordo do baleeiro e não quero que permita a troca de coisas por curiosidades até que o barco tenha sido carregado com as provisões.

Quando desciam a falua, Stephen, desde o corrimão, gritou:

— Capitão, senhor! Por favor, diga-me se essa ave que está na plataforma... quero dizer, no cesto da gávea do baleeiro não é um alcedo do Velho Mundo.

— Bem, não sou um especialista, como sabe muito bem, mas na verdade parece um pouco velho — disse Jack, observando-o. — Pode ser comido?

— Sem dúvida, é um alcedo do Velho Mundo, doutor — disse Wainwright. — É um exemplar de alcedo do Velho Mundo fêmea. Chama-se Agnes e pertence ao cirurgião. Ele a cria desde que rompeu o ovo. Se quiser vir a bordo conosco, ele lhe mostrará com muito prazer, estou seguro.

— Não queria incomodar-lhe, senhor — disse Stephen. — Tenho um esquite próprio e, com sua permissão, visitarei ao cavalheiro um pouco mais tarde.

— Quer outro pedaço de torresmo, senhor?

— Sim, por favor — respondeu Jack, aproximando o prato. — Gosto muito de porco assado!

— Então, senhor, depois de deixar o *Franklin* para trás, navegamos à maior velocidade possível para alcançar o *Heartsease*, mas não muito rápido porque a desafortunada descarga do barco corsário tinha acertado na quilha e muito abaixo da linha d'água, e como as velas tinham que ficar amuradas para bombordo, entrava grande quantidade de água por três lugares se não navegássemos com as gáveas rizadas e tentássemos abrir mais velame. O tempo piorou naquela noite e não voltamos a ver ao *Heartsease* apesar de que continuamos avançando com todas as velas desdobradas que o barco podia suportar, bombeando todo o dia e a maior parte da noite. Conseguimos tampar os orifícios maiores descendo velas pelo costado para que se introduzissem neles com a força da água que entrava, e tampamos outros por dentro, mas isso só durou um tempo, pois o mar estava tão agitado que após uns dez dias desfez o que tínhamos feito. Por outro lado, os marinheiros estavam rendidos de cansaço, assim que tive que rumar para Annamooka. Espero que o *Heartsease* tenha chegado ao porto de Sidney.

— Chegou — disse Jack. — E por consequência de seu relatório me enviaram para resolver a situação. Tenho que ir a Moahu o mais cedo possível.

— Oh! — exclamou Wainwright, apoiando a faca e o garfo na mesa e olhando fixamente para o capitão Aubrey. — É verdade que vai? Alegro-me muito pelos homens que largamos para trás e também pelos donos de meu baleeiro. O *Truelove* é um barco novo, um magnífico barco construído em Whitby, e leva um valioso carregamento, além do que lhe sacamos. Posso ir com o senhor? Talvez o *Daisy* não possa levar canhões muito pesados, mas conheço essas águas e aos nativos e sei falar sua língua. Além do mais, tenho sob meu comando dezenove marinheiros de primeira, além dos oficiais.

— Sua oferta é muito generosa, mas neste caso a velocidade é o mais importante. A poucos graus ao norte poderemos encontrar os ventos alísios, que agora são fortes e fixos, e a *Surprise* navega melhor de bolina. Nestas latitudes, já chegou a percorrer um dia mais de duzentas milhas de um meio-dia até o do dia seguinte, e acho que o *Daisy* não poderá segui-la nem mesmo que estivesse em boas condições para navegar.

— Já chegou a navegar a sete nós com o vento pela alheta — contou Wainwright —, mas tenho que admitir que não há comparação possível.

— Espero encontrar esse barco ancorado — disse Jack. — Acho que o senhor disse que o capitão não era um bom marinheiro.

— Essa foi minha impressão, senhor. Disseram-me que nunca havia patrulado e que era dado a filosofar.

— Então, quanto mais cedo ponhamos fim a suas ações, melhor. Não devemos tolerar mais revoluções benevolentes, nem filantropos, nem malditos sistemas que são como panacéias. Olhe o que ocorreu ao malvado do Cronwell e aos miseráveis liberais no tempo do rei Jaime, que, por certo, era um excelente marinheiro. Mas diga-me, que danos seu barco sofreu?

— Oh, senhor! — exclamou. — Duvido que um experimentado carpinteiro e seus ajudantes tardem mais de um dia para reparar os mais graves e um dos botes para que possa flutuar.

— Então, se mandar chamar meu timoneiro, eu lhe direi que vá buscar ao senhor Bentley, que tem grande habilidade para tampar orifícios e recuperar curvas quebadas.

Stephen e Martin acharam no doutor Falconer, o cirurgião do *Daisy*, um homem com quem simpatizaram muito. Abandonara um lucrativo consultório em Oxford assim que juntou dinheiro suficiente para viver modestamente e embarcou em diversos barcos de seu primo para estudar a natureza. Gostava sobretudo dos vulcões e das aves, mas nada lhe parecia mau e havia dissecado um narval, um urso polar e uma morsa das altas latitudes sul. Mas seu interesse pela medicina, tanto na teoria como na prática, não havia diminuído, e quando rebocavam as duas embarcações pelo para colocá-las paralelas e assim facilitar o trabalho dos carpinteiros, eles abandonaram a ornitologia e começaram a falar da hidrofobia, de sua descrição científica, de alguns casos que haviam conhecido e dos diversos tratamentos.

— Recordo de um garoto de catorze anos muito forte que foi internado no hospital quando fazia um mês que fora mordido por um cachorro farejador com raiva — disse o doutor Falconer. — Alí tem uma ave tropical de bico amarelo. No dia seguinte que o cachorro o mordeu, levaram-no ao mar e o submergiram com a gravidade que uma operação assim requer. Depois do banho de mar, puseram-lhe uma cataplasma comum na ferida e após um mês a ferida quase tinha se curado totalmente e só faltava cicatrizar um fragmento de aproximadamente uma polegada de comprimento e um décimo de polegada de largura. Cinco dias antes de ser internado começou a se queixar de uma tensão nas têmporas e dor de cabeça e dois dias depois a hidrofobia começou a manifestar-se. A doença já estava muito avançada quando foi ao hospital. Administraram-lhe um bolo feito com um *escrúpulo*^{8} de almíscar e dois grãos de ópio; depois, a cada três horas, uma mistura de quinze grãos de almíscar, um de raiz de *Merremia turpethum* e cinco de ópio. Além disso, esfregaram suas vértebras cervicais com a pomada mercurial mais forte que existe e lhe aplicaram na garganta um preparado com duas onças de láudano e meia onça de *Aceto saturninum*. Quando lhe aplicaram

isto último começou a ter convulsões e o efeito continuou apesar de terem tapado seus olhos com um guardanapo. Então trocaram o linimento por uma cataplasma de cânfora em pó, meia onça de ópio e seis dracmas de *confectio Damocritis*.

— Qual foi o resultado? — perguntou Stephen.

— Parecia que a doença havia rescindido, mas pela tarde os sintomas apareceram de novo com mais violência. Às sete voltaram a lhe dar o remédio e às oito administraram cinco grãos de ópio sem almíscar nem *Merremia turpethum*. Às nove esfregaram seus ombros com outra onça de pomada mercurial e, sem nenhuma razão, injetaram em seu intestino meia onça de láudano com seis onças de caldo de cordeiro. Depois lhe administraram uma dose maior de ópio, mas fez tão pouco efeito como a anterior, e morreu nessa mesma noite.

— Por desgracia, minhas experiências foram muito parecidas — disse Stephen —, exceto em um caso de Oughterd, em Iarconnacht, em que aparentemente tomar a intervalos duas garrafas de uísque durante um dia teve como resultado uma cura radical.

— Não vou falar de remédio diante de dois doutores nessa ciência — disse Martin —, mas presenciei um caso em que se aplicou uma pomada feita com meia onça de sal de amônio, dez dracmas de azeite de oliva, seis dracmas de óleo de âmbar e dez dracmas de láudano.

As duas embarcações se juntaram produzindo um ruído surdo. Martin elevou a voz para ser ouvido acima dos típicos gritos dos marinheiros e dos risos que chegavam do enxame de canoas de Tonga que estiveram a ponto de serem esmagadas entre os costados, em algumas das quais eram crianças que remavam.

— Untaram-lhe com uma forte pomada mercurial na costas e nos ombros, como no caso citado pelo doutor Falconer — continuou Martin. — Além disso, para induzir o ptialismo, introduziu-se fumaça de cinábrio na boca do paciente...

Acima deles Bulkeley começou a chamar os marinheiros. Primeiro soou o agudo apito que significava: "Todos ao convés". Depois ouviu-se sua rouca voz gritar:

— Todos ao convés! Todos para a popa! Rápido! Rápido! Estão adormecidos!

A seguir ouviu-se a voz de Pullings ordenar:

— Silêncio de proa a popa!

Depois de uma pausa, o capitão Aubrey disse:

— Companheiros de tripulação, devemos fazer rumo ao norte assim que tenhamos carregado a água e as provisões. Imediatamente começaremos a carregar a água e esta noite a metade de cada brigada poderá descer a terra. Amanhã completaremos a aguada e começaremos a troca e pela noite a outra metade poderá ir de licença. No dia seguinte, depois de voltar a fazer troca pela manhã, devemos zarpar quando comece a baixa-mar. Não há nem um minuto a perder.

CAPÍTULO 6

Era uma noite sem lua e com o céu ligeiramente coberto. Ao longo da costa as brasas lançavam vermelhos lampejos, devido ao vento que vinha do mar, que iluminavam tudo. Ao redor daquelas abandonadas fogueiras, os tripulantes da *Surprise* e do *Daisy* e os habitantes de Tonga tinham bailado e cantado tão forte que ao final Jack e Stephen largaram de um lado os instrumentos e se puseram a moer e fazer café em um forninho de álcool (Killick era um dos marinheiros de licença e os fornilhos da cozinha estavam apagados porque os outros dormiam) e depois jogaram gamão.

Quando cada um ganhou duas partidas, comeram vários das pequenas bananas de excelente aroma que estavam empilhadas em uma bandeja e Jack, depois de ficar pensativo alguns momentos, disse:

— Quando estávamos diante da ilha Norfolk, chegaram ordens par mim naquele cúter, como sabe. Não lhe falei disso até agora porque ao contrário da maioria das que já recebi relacionadas com questões navais, não mencionavam seu nome. Não se dizia nelas: “Deve pedir conselho ao doutor Maturin”. E não só me informava que em Moahu haviam tratado mal aos marinheiros e retido aos barcos britânicos, como já sabe, como também que na ilha havia dois grupos em guerra, mais ou menos igualados. Também me pedia que depois, isto é, além de solucionar o problema dos barcos, tinha que apoiar ao bando que tivesse mais possibilidades de reconhecer o rei Jorge como soberano. Como sei o que pensa sobre os impérios e as colônias, não quis lhe fazer partícipe de algo que desaprova.

Pegou outra banana, descascou devagar e comeu. Stephen sabia escutar. Nunca interrompia, nem se movia nervosamente nem

olhava como se pensasse em suas coisas. Ainda que Jack estivesse acostumado a isso, achava que atender, guardar silêncio cortesmente e manter-se neutro durante uma alocução tão comprida e delicada era um pouco desalentador. Após comer a banana e organizar as palavras que ia dizer, em um canto de sua mente apareceu a idéia de que esse desapego era injusto porque ele sabia perfeitamente bem que Stephen havia recebido inumeráveis ordens que nunca lhe revelara.

— Porém, por outro lado — continuou —, achei então e acho agora, com mais motivos, que a razão de não mencionarem seu nome nas ordens é que as autoridades de Sidney não o acham capaz de dar conselhos sobre nada que não seja medicina. Agora estou seguro disso. Além disso, Wainwright, que acaba de chegar de Moahu e acho totalmente confiável, disse que os dois bandos já não estão iguais. Um capitão francês ao comando de um barco com bandeira norte-americana e tripulação francesa se uniu ao chefe do norte para lutar contra a mulher que governa o sul. Seu propósito é aniquilar os mais importantes aliados e oponentes depois que o norte e o sul tenham se debilitado mutuamente, pois quer converter a ilha em um paraíso onde os sobreviventes e os colonizadores franceses compartilham todas as propriedades, onde não haverá ricos nem pobres.

Refletiu durante alguns momentos, depois parafraseou o relato de Wainwright e finalmente disse:

— Ele se chama Jean Dutourd.

Então Stephen o olhou com viveza e com uma expressão satisfeita.

— Que alegria! — exclamou. — Melhor impossível!

— Você o conhece? — perguntou Jack.

— Claro que sim! Escreveu durante muitos anos sobre a igualdade, a perfeição da natureza humana e a bondade natural do ser humano e tem muitos seguidores. Julga aos outros por ele mesmo, o pobre. Foi em Paris que o conheci, e uma vez, para minha surpresa, eu o vi em Honfleur navegando em uma rápida embarcação de dois mastros. É o homem de trato mais amável que já existiu no sistema de governo que propõe o mais importante é

conseguir o bem dos outros. Gastou uma fortuna tratando de estabelecer os judeus no Suriname e outra, pois é muito rico, em criar fazendas e fábricas para delinqüentes juvenis. Ainda que ache que quem contou a Wainwright seu maquiavélico plano para aniquilar seus aliados polinésios exagerou um pouco, não duvido que para defender um sistema de governo Dutourd chegue a ser cruel, pois tolera mal aos dissidentes. E pode ser que seja assim, ainda que não seja má sua intenção. Um de seus livros sobre a criação de um paraíso no Pacífico contaminou àquele oficial da marinha norte-americana...

Então Jack gritou pela janela de popa:

— Killick! O que está fazendo com essa jovem?

— Nada, senhor — disse Killick imediatamente e, depois de uma pausa, acrescentou: — Isto é muito correto, muito natural. Estava lhe desejando boa noite. Ela me trouxe em sua canoa porque o bote dos marinheiros de licença partiu muito cedo.

— Killick, suba a bordo imediatamente — ordenou Jack.

— Como a rede de abordagem está colocada sobre o costado, senhor, pensei subir pelo jardim, mas vejo que ainda não se deitou — disse Pullings com voz trêmula, ainda que lhe pareceu injusto e abusivo que eles se ficassem sentados ali até tão tarde.

— Entre pela janela inferior.

A janela inferior podia ser alcançada dando um salto desde a canoa. Ainda que Killick estivesse cansado de trabalhar tão duro, tentou, mas caiu de costas no mar produzindo um chape com uma fosforescência como a de moderados fogos de artifício. Depois voltou a tentar e pôde agarrar o parapeito, mas ficou ali pendurado, e não subiu a bordo até que a jovem, rindo a gargalhadas, empurrou-lhe por detrás. Estava empapado, envergonhado e irritado e passou pela porta com a cabeça baixa, grunhindo e fazendo um gesto para afastar a mecha de cabelo que tinha sobre a testa.

Eles voltaram a se sentar, satisfeitos por terem conseguido por fim a superioridade moral com relação a Killick. Jack voltou a falar do parágrafo das ordens em que se dizia que, de qualquer maneira, Moahu pertencia à coroa britânica porque o capitão Cook tinha tomado posse do arquipélago em 1778.

Então Stephen disse:

— O mesmo pode se dizer de muitos outros lugares do oceano Pacífico. Lembro que sir Joseph me contou que Otaheite ou, como alguns dizem, Tahiti, foi declarada possessão do rei Jorge quando ele estava lá observando a trajetória de Vênus, ainda que foi Wallis, não Cook, quem a descobriu e a anexou à coroa. Mas ele pensava que nem os chefes das tribos nem as pessoas o levaram a sério, e suponho que a senhora em questão tampouco o viu assim, mas que o considerou uma simples formalidade ou cortesia.

— Desculpe-me se estou mais lerdo do que nunca, Stephen, porém, quem é a senhora em questão?

— Então, Puolani, a débil mulher de que Wainwright falava, a que reina no sul. Eu imagino que é a ela que você vai apoiar porque o corsário se aliou ao seu inimigo do norte e é um inimigo duplo já que representa os Estados Unidos e a França.

— Sem dúvida! Sinto muito, tinha me esquecido dela.

— Porém, ainda que um só seja formalmente súdito do rei Jorge...

— Deus o abençoe.

— Que assim seja, meu amigo. O destino que um terá será menos mau que se ficar submetido aos regimes atuais da França ou dos Estados Unidos ou ao do arquiteto de um sistema que tenta arrancar pela raiz todas as formas de organização social conhecidas pelo homem e que muito provavelmente levará rápido para a fogueira a muitos incrédulos e hereges.

— Então devo entender que não fazes objeções? — perguntou Jack, que agora estava muito cansado, sonolento e lerdo.

— Como sabe muito bem — disse Stephen —, sou a favor de deixar em paz os povos, por muito deficiente que seja seu sistema político. Acho que não se deve dizer a outras nações como arrumar suas coisas nem obrigá-las a ser felizes; contudo, sou também um oficial da marinha, meu amigo, e faz muito, muito tempo você me ensinou que qualquer um que se alimentasse de bolachas de barco tinha que aprender a escolher o menos mau de dois gorgulhos, e baseando-me apenas nisso posso dizer que não faço objeções a que Moahu se converta nominalmente em uma possessão britânica.

Separaram-se quando já estava avançada a silenciosa guarda de meia. Stephen, depois de ir à enfermaria, onde todos dormiam, atravessou a câmara dos oficiais na ponta dos pés e com uma lanterna com portinholas foi até a cabine que tinha lá. Tinha a esperança de escapar do infernal ruído da pedra arenito e dos esfregões, dos gritos rituais, do chiado das bombas d'água e o choque dos baldes, que começavam na alvorada, porque ele era uma pessoa que necessitava dormir se queria que sua mente funcionasse e ia passar em Annamooka seu dia livre, que esperava com ânsia, observando atentamente e descobrindo coisas, e era preciso que usasse toda sua capacidade mental se desejava fazê-lo de uma forma inteligente.

Em contraste, Jack Aubrey tinha a extraordinária capacidade de cair imediatamente em um sono profundo e reparador, sem o que os homens do mar não poderiam sobreviver, e depois de apenas uma hora já podia despertar com a mente aguda, às vezes exageradamente aguda, e trabalhar com eficiência. Agora, depois de tomar um banho, comia tranqüilamente seu primeiro desjejum, que Killick, com expressão de cansaço e tristeza e inusual submissão, havia lhe servido, e então lhe informaram que estava zarpando uma canoa do *Daisy*. O próprio Wainwright vinha nela para trazer a notícia de que Tereo, o ancião chefe, havia chegado e tinha dado a ordem de que não se abria nenhum mercado nem começaria a troca até depois das visitas e do intercâmbio de presentes oficiais. Essa era a razão para que a praia estivesse vazia e não houvesse um enxame de canoas de visitantes.

— É um cavalheiro muito formal e autoritário — disse Wainwright. — Repreendeu a Pakeea por sua libelaridade e lhe confiscou as penas vermelhas. Seus presentes chegarão dentro de meia hora aproximadamente e depois o senhor terá que corresponder-lhe com outros presentes e visitá-lo. Acho que seria um erro começar a carregar a água antes de pedir-lhe permissão.

— É possível que haja dificuldades?

— Não, se souber manejar-lhe.

— Capitão Wainwright, agradeceria infinitamente que me ajudasse enquanto dure todo este caso. Não deve haver mal-entendidos, nem desacordos, nem perda de tempo.

— É claro que o ajudarei, senhor! Mas sou eu que lhe estou agradecido. O ajudante do senhor Bentley está calafetando o bote vermelho do baleeiro neste momento e vai fazer uma nova *bulárcama*^{9}. Se o senhor me mostrasse os artigos que tem para fazer troca, poderia escolher alguns que lhe agradarão. Pakeea me descreveu até a última peça do presente.

Quando estavam mexendo enxós, machados, contas de colares, bolas de vidro, pedaços de algodão estampado e recipientes de estanho e latão, um *pahi* zarpou do porto. Um grupo de jovens moviam os remos às ordens de uma mulher muito robusta e de meia idade.

— Aquela é a irmã de Tereo — disse Wainwright. — É uma mulher muito alegre. Seria conveniente preparar uma guindola.

Indubtavelmente, era uma mulher muito alegre, porque sua habitual expressão risonha havia deixado marcas em seu rosto, mas no momento em que a desciam devagar no convés adotou com naturalidade uma atitude grave que impunha respeito. Depois se reuniram com ela três de suas jovens acompanhantes que subiram agilmente pelo costado. Todas, como ela, usavam vestidos que as cobriam dos ombros aos joelhos, porque, como Wainwright disse ao ouvido de Jack, pertenciam às grandes famílias de Tongataboo. Eram mais altas e tinham a pele mais clara que as jovens com o peito descoberto que estavam no *pahi* e também adotaram uma atitude muito grave. Depois mostraram o conjunto de presentes. Consistia em rolos de tapete vermelho-escuro, alaranjado e de sua cor natural; porquinhos envolvidos em esteiras; cestas com galinhas vivas e com aves de caça mortas, que incluíam uma fúlica de plumagem roxa e vários frangos-d'água que fizeram Martin ficar tenso como um cachorro de caça; pedaços de sândalo; cachorros assados; cana-de-açúcar, frutas e bagas; duas bengalas de madeira dura e de colorido escuro com um dente de baleia azul na formidável empunhadura. Os tripulantes da fragata estavam no castelo e nos corrimãos, e ainda que alguns lançavam olhares lascivos para as

remadoras ou faziam gestos com a cabeça e as mãos para as que haviam conhecido na noite anterior, a maioria deles observava tudo em silêncio e com admiração.

Jack disse a Wainwright:

— Por favor, diga-lhe que estou profundamente agradecido ao chefe por estes magníficos presentes e que dentro de pouco terei a honra de ir entregar-lhe os nossos, que, indubitavelmente, não serão apresentados tão maravilhosamente. Acrescente que lhe pedirei permissão para carregar água em sua ilha e fazer troca com seus habitantes para conseguir víveres. E diga-lhe também, que peço que ela e estas jovens venham para a cabine. Por favor, diga-o na forma mais elegante que possa.

Sem dúvida, Wainwright falou mais e provavelmente com mais elegância, pois os marinheiros que falavam essa língua do Pacífico Sul fizeram inclinações de cabeça aprovatórias quando ouviram algumas das passagens. Quando terminou, a irmã do chefe olhou comprazida para Jack, que conduziu a todas para sua cabine. Wainwright lhes indicou que se sentassem de acordo com o protocolo polinésio e Jack deu a cada uma um monte de plumas vermelhas e outros pequenos presentes. Elas gostaram sobretudo das plumas, mas não se agradaram muito com o vinho de Madeira que lhes serviram depois. Sua expressão de alegre expectativa mudou para uma de assombro ou, em alguns casos, de medo. Mas depois de um momento de desconcerto, os amáveis sorrisos voltaram a aparecer em seus rostos e, apesar de serem um pouco forçados, a reunião terminou com amostras de satisfação e afeto por ambas as partes.

Pouco depois que o pahi zarparou em direção à costa, Jack seguiu a sua rota com o timoneiro e os barqueiros vestidos com sua melhor roupa. Quando fazia cerca de uma hora que havia regressado, depois de tratar com êxito todos os assuntos, Stephen subiu ao convés, e ainda que reconhecesse que levantara tarde e que havia se demorado na enfermaria, assombrou-se ao ver o sol tão alto, o dia tão luminoso, tanta atividade na fragata que parecia um enxame e a praia tão cheia de gente e de cores que contrastavam fortemente. Debaixo daquela brilhante luz, uma

pirâmide de cocos sobre a branca areia da praia coralínea, diante das águas de colorido água-marinha e com as verdes palmeiras e jardins detrás, parecia mudar seu vivo tom marrom-avermelhado, e algo similar ocorria com os montes de bananas, batatas-doces e raízes de colocásia e com as cestas de lustroso pescado. Stephen ficou olhando para lá fixamente. Um *pahi* cujos tripulantes, homens e mulheres, estavam cantando, aproximou-se da fragata. Seus tripulantes rodearam a *Surprise* com sua larga e bem construída embarcação, em meio da suave brisa, com a habilidade de experimentados marinheiros, esquivando as amarras da âncora (agora a fragata estava ancorada pela proa e pela popa) e depois seguiram navegando com rapidez até a praia, onde descarregaram mais pescado. Acima dos jardins situados atrás da praia, passou uma revoada de papagaios de tamanho médio que não pôde identificar e uma pomba de plumagem verde que voava muito rápido. Na *Surprise* todos estavam muito ocupados e já estavam subindo a bordo os grandes tonéis de água do bote, passando-os para o convés suspensos no ar acompanhados por gritos como: "Todos juntos! Deem passagem! Devagar! Maldito seja, Joe! Meia polegada, meia polegada, meia polegada para frente, companheiro!". Depois desapareciam ao descer pela escotilha de popa acompanhados por outros gritos que se ouviam com menos clareza mas que eram mais veementes.

Mas a água não era o mais importante, muito pelo contrário. Jack e Tereo tinham acordado que toda a troca tivesse lugar em terra para evitar a complexidade de negociar com cinquenta canoas ao mesmo tempo, e se estabelecera um amplo mercado com artigos muito bons e variados. Os principais objetos com quais os tripulantes da *Surprise* faziam troca (ferramentas e objetos de metal, garrafas e qualquer outra coisa de vidro, roupa, chapéus, que eram muito apreciados, pingentes, contas de colares e quinquilharias) estavam metidos em barris e em cima de cada um ficava sentado um marinheiro. Primeiro foi Wainwright que realizou a troca para estabelecer uma espécie de padrão e depois, sobre essa base, os tripulantes da *Surprise* continuaram mais entendidos no assunto. Suas aquisições chegavam a bordo em um fluxo constante e eram

recebidas por Adams, seu ajudante, e o marinheiro encarregado do paiol do pão, mas se eram aves o fazia Jemmy Ducks e se eram porcos Weightman, o açougueiro da fragata.

Estes últimos estavam chegando de um em um ou de dois em dois desde muito antes que Stephen se levantasse. Eram porcos pequenos, de patas longas, lombada encurvada e pêlo abundante e escuro, e foram muito bem recebidos pelas meninas. Eles se pareciam tanto aos que existiam na ilha Sweeting, sua terra natal, tanto por seus grunhidos como por seu odor, que as duas choraram muito; falaram com eles na língua de Melanesia que quase tinham esquecido por completo; e ficaram com eles no castelo até que ampliaram o recinto onde tinham aos outros porcos para dar-lhes lugar, tratando de consolá-los todo o tempo, pois estavam angustiados e assustados. Mas os porcos que estavam abaixo se achavam num estado muito pior, e quando ouviram e cheiraram aos outros animais de sua espécie que estavam acima começaram a armar um escândalo espantoso, que também era familiar para Emily e Sarah. Ambas correram para ver Jemmy Ducks e lhe disseram que os animais estavam morrendo de fome, que gritavam porque queriam comida. Jemmy Ducks, que estava muito ocupado com as galinhas, conseguiu afastá-las durante um tempo dizendo que o açougueiro era que se ocupava dos porcos, mas lhe molestaram tanto que finalmente, em um momento de descanso, foi ver Weightman, um dos poucos homens desagradáveis que havia a bordo, e lhe disse que parecia que os porcos que estavam abaixo tinham fome. Recebeu o mau trato que esperava. Weightman lhe perguntou que quem achava que era para dizer ao açougueiro da fragata como tinha que cuidar dos porcos e que se ele lhe dizia como tinha que cuidar das malditas galinhas ou das tartarugas, que não dava a mínima. Acrescentou que já havia dado de comer aos porcos que estavam abaixo, que lhes ofereceu todas as coisas que havia na fragata, desde pão a tabaco, passando por um balde com estupendos restos de comida, e não tocaram em nada, não senhor, e que o diabo o levasse se voltasse a oferecer-lhes algo outra vez. Depois acrescentou que deviam matá-los enquanto ainda lhes

restava carne e conservar a carne salgada e que se Jemmy Ducks não gostasse, não podia fazer outra coisa além de aguentar.

Entretanto Stephen havia se afastado pouco a pouco do corrimão à medida que lhe repetiam: “Com sua permissão, senhor” ou “Com sua permissão, sua senhoria”. E logo havia se deslocado mais e mais para trás pelo castelo de popa até chegar ao coroamento, onde, atrás de uma enorme pilha de redes com batatas-doces, encontrou a senhora Oakes, que olhava absorta a costa. Sua satisfação a fazia parecer agora mais bonita que em qualquer outra ocasião em que Stephen a vira e tinha melhor aspecto apesar de que ainda lhe restavam partes da mancha-roxa do olho.

— Não é maravilhosa, doutor? — perguntou. — Sempre desejei viajar e chegar a lugares distantes, mas nunca cheguei a nenhum lugar exceto a...

Fez um gesto indicando Nova Gales do Sul e após um momento continuou:

— Isso mesmo como esperava que fossem outros continentes e as ilhas do Pacífico Sul. Meu Deus, quanta luminosidade! Como eu gostaria de poder conservar sempre esta imagem em minha mente! E quanto desejo descer para terra! Acha que o capitão dará licença a Oakes?

— Desculpe-me, senhora — disse Pullings —, mas temos que deixar livres as gruas.

Stephen e Clarissa estavam separados por um grupo de marinheiros que se esforçavam para soltar uma guindaleza de oito polegadas de diâmetro. Ela desceu a metade da escada do castelinho de modo que sua cabeça ficasse à altura do convés, porque não queria deixar de ver nada do que se pudesse observar por entre as pernas dos marinheiros. Ele passou a observar a ascensão ao cesto da gávea do mezena, e então a corpulenta figura de Padeen passou por entre os marinheiros e, com tanta emoção que lhe fez esquecer o pouco inglês que sabia, gritou em irlandês:

— Estimado cavalheiro, esse maldito açougueiro, esse ladrão filho de Judas, está atormentando aos porcos! Que o diabo o carregue!

— Os porcos? — perguntou Stephen.

Antes que Padeen terminasse de falar (mesmo em irlandês tardou por seu terrível gaguejo), Stephen já sabia que ia se referir aos porcos. A suave brisa formou um redemoinho e trouxe consigo um odor que Stephen conhecia tão bem como Padeen e as meninas e que era uma parte tão importante de sua infância como da deles, pois fora criado em um lar tradicional de camponeses irlandeses, onde os porcos entravam e saíam como cristãos, eram domesticados como os cachorros e, em geral, eram mais limpos e mais inteligentes que eles. Além do mais, em uma das casas em que vivera na Catalunha, ele e seu padrinho haviam criado um javali desde que era um leitãozinho com a pele rajada até que se converteu em uma enorme besta de cor escura e compridas presas. Pesava 130 libras e quando saía de sua caverna do bosque para saudar-lhes, galopando à velocidade de um cavalo de balanço, assustava a todos os cavalos salvo aos mais valentes. Ainda que Stephen soubesse que finalmente ia-se comer porcos, e com satisfação, também lhe parecia que tinham algo de sagrados, por considerá-los indivíduos em vez de membros de uma manada. Padeen e ele atravessaram o castelo para ir à proa, esquivando as cestas de tartarugas que chegavam a bordo por um lado e evitando os oscilantes tonéis ou os inumeráveis sacos de batatas-doces que chegavam pelo outro. Na escada do castelo, Sarah, a mais valente e veemente das duas meninas, foi correndo ao seu encontro.

— Oh, senhor, escute os porcos que estão abaixo! — gritou para Stephen. — Pedimos com insistência a Jemmy Ducks que diga ao açougueiro que deve dar-lhes colocásia, mas não nos fez caso.

Padeen começou a falar e apontou para baixo pela escotilha de proa, mas seu gaguejo não lhe permitiu dizer mais que:

— Escu... Escu... Escu...

Certamente, seu gesto e o enorme ruído foram suficientemente significativos. Stephen subiu ao castelo, onde Martin observava a pocilga de estibordo.

— Bom dia — Martin cumprimentou. — Temos um problema sério.

— Bom dia, colega — disse Stephen. — Sim, temos um problema muito sério.

Junto à pocilga, cujas barras alguns marinheiros estavam reforçando, Weightman alegava que havia dado de comer aos malditos porcos. Depois detalhou o que lhes tinha oferecido, incluídos restos de comida que enalteceriam a mesa dos oficiais, que constituiriam um banquete digno do lorde alcaide de Londres, e acrescentou que não tinham comido nem um bocado nem tinham bebido uma só gota. Depois, baixando a voz, acrescentou que o diabo o levasse se voltava a tentar outra vez ou escutar a um apicultor charlatão e que ele era o açougueiro da fragata e não ia ensinar-lhe seu ofício nenhum...

Então se calou de repente.

— Não pretende matar os porcos de fome? — perguntou Joe Plaice. — Necessitam que lhes dêem de comer com regularidade, se não, imediatamente.

— Isto é o que eu chamo de um ato cruel e vergonhoso — disse Slade.

— Por que não dá de comer para esses desgraçados que estão abaixo? — perguntou Davies.

Weightman respondeu essas perguntas e outras e expôs seu caso com tanta veemência que sua voz chegou a se parecer com a dos porcos que gritavam com mais força.

Nesse momento todos os oficiais com poder executivo estavam abaixo ou em terra. Stephen disse em voz baixa:

— Este caso deve ser resolvido pelo capitão. Já zarpou do porto.

Regressaram para a popa pelo corrimão, sentaram-se junto às bitas onde se amarravam as braças e observaram como a falua do capitão avançava por entre as numerosas canoas do porto.

— Sarah e Emily me disseram que um pouco de colocásia seria suficiente e foram correndo até aquele monte para pegar um pouco e os porcos que estão no castelo se lançaram sobre ela — disse Martin. — Eu disse a Weightman, mas não me fez caso. É um tipo mal-humorado e desagradável em seus melhores momentos, e

agora chegou a um nível inconcebível. Poderia ser qualificado de teimoso.

— Talvez sim. Como eu gostaria de estar em terra!

— Eu também. Quando tenhamos acabado nossas rondas poderemos pedir licença com a consciência tranqüila. Já tenho preparadas minhas redes, minhas caixas e toda a parafernália. O que encontraremos? A coruja Polinésia? Ah, ah, ah! Mas antes de dizer mais nada devo dar-lhe duas notícias que não era apropriado lhe comunicar no castelo. Uma lhe alegrará e temo que a outra lhe entristecerá. A primeira é que entre os presentes que o chefe mandou esta manhã havia dois frangos-d'água de espécies desconhecidas pelo mundo civilizado, dois frangos-d'água *diferentes*, e uma fúlica de plumagem roxa.

— Não era uma franga-d'água?

— Não. Era muito maior e de colorido roxo mais escuro. Como havia tanta abundância de aves, sem dizer a ninguém me apoderei delas porque são mais apropriadas para ser objeto de estudo de naturalistas que para estar na mesa dos oficiais.

— Acho muito bom. Que presente temos reservado! Mas o senhor falou de más notícias.

— Sim, por desgrça. Ontem à noite estava examinando nossas coleções e repondo a cânfora e a pimenta e quando cheguei aos louros pus as peles no escaninho e fui dormir. Esta manhã faltavam as penas vermelhas de todos os louros e as de cor escarlata das caldas das cacatuas.

— Esses malditos sem-vergonhas libidinosos e hipócritas sabem que podem conseguir qualquer coisa na ilha com penas vermelhas. Todos os tripulantes merecem condenação eterna!

Jack subiu a bordo pelo costado de bombordo, pois esse não era momento para nenhuma cerimônia, e imediatamente Pullings e Adams lhe assaltaram com perguntas. Stephen, ao compreender que não estaria livre dentro de certo tempo, desceu para ver os frangos-d'água e a fúlica. Eram criaturas fascinantes por sua forma externa, mas também pareciam ter algumas peculiaridades osteológicas.

— É nosso dever esfolá-las imediatamente — disse Stephen. — Depois Padeen poderá separar a carne dos ossos metendo-as na

caldeira da enfermaria. Sem dúvida, o caldo reforçará a sopa dos enfermos e nós teremos o esqueleto inteiro. Leve-as para sua cabine porque lá o faremos com mais discrição. Eu levarei os instrumentos.

Quando Stephen estava mexendo ruidosamente em serras, fórceps e retratores, disse:

— Senhor Reade, posso ouvi-lo perfeitamente daqui. Se continuar se levantando direi ao capitão que o açoite.

E nesse momento apareceu Oakes.

— Ah, o senhor está aqui, senhor! — exclamou. — Disseram-me que poderia encontrá-lo aqui. Poderia pedir um favor, senhor?

— Por favor, peça-me o que queira, senhor Oakes.

— Se for à terra, importar-se-ia de levar minha esposa com o senhor? Está louca para pisar em uma ilha do Pacífico Sul e eu não posso ir de licença porque a fragata tem que zarpar dentro de muito pouco e ainda há muito o que fazer.

— Muito bem, senhor Oakes — disse Stephen com um sorriso tão amável como pôde esboçar. — Com muito prazer irei buscar a senhora Oakes dentro de quarenta minutos.

— Oh, obrigado, senhor! Ela lhe agradecerá muito.

Stephen subiu a escada atrás dele, mas mais devagar.

— Senhor Martin — disse —, aqui tem bisturis para dois. Se o senhor se ocupar do frangos-d'água que tem mais perto, eu me encarregarei da fúlica. Acabo de combinar com o senhor Oakes que levaremos a sua senhora conosco. Tem alguma objeção a fazer?

A expressão de Martin mudou, e, depois de uma curta pausa, disse:

— Sinto muito, mas esqueci de lhe dizer que tinha um compromisso com o doutor... Com o cirurgião do baleeiro.

A falua do capitão deslizou pela areia da praia coralínea com um som sibilante. O primeiro remador desceu de um salto e colocou a prancha. Depois dois marinheiros, um sorridente e outro sério, ajudaram a senhora Oakes a descer para a praia, que lhes deu agradecimento efusivamente. Stephen a seguiu e eles lhe deram sua escopeta de caça, o frasco com a pólvora e o embornal. Plaiçe, um

velho amigo, pediu que tivesse cuidado com os leões, os tigres e os ladrões, e imediatamente a falua se fez ao mar outra vez.

— Quer ir ao mercado? — perguntou Stephen.

— Oh, sim, por favor! — exclamou a senhora Oakes. — Os mercados me encantam.

Caminharam de um lado para outro sob a luz do sol. Eram objeto da curiosidade de todos, que era muito menos incômoda do que esperavam. Como Stephen estava acompanhado de uma mulher, a jovem faladora que conhecera no dia anterior se limitou a sorrir lançando-lhe um olhar significativo, a saudá-lo discretamente com a mão e a dizer:

— *Ho aia-owa*

E as crianças se abstinham de importunar-lhe.

Wainwright e os marinheiros que falavam essa língua do Pacífico Sul lhes mostraram as maravilhas que Annamooka tinha a oferecer, e inclusive os que nunca tinham sido ou já não eram fiéis admiradores de Clarissa se alegraram de que ela visse que dominavam a língua e que tinham muitos conhecimentos.

Fizeram o percurso pelo menos duas vezes, detendo-se em ocasiões para observar a excelente construção das canoas que ficavam apoiadas no alto para serem calafetadas, as redes, o material das velas... Clarissa, desejosa de ver e entender como uma criança, desfrutava com tudo. Mas quando observava um homem incrustando pérolas na pá de um remo, viu Stephen com uma expressão séria seguindo com a vista um par de pombas, talvez *Ptilopus*, e depois de uma prudente pausa, disse:

— Bem, vamos ver as plantas. Estou segura de que nesta ilha há plantas muito curiosas.

— Não gostaria de ver o pescado recém chegado no outro extremo da praia? — perguntou Stephen.

Ainda que algumas vezes Clarissa fosse insensível e desajeitada, outras nenhum homem podia ocultar-lhe seus verdadeiros desejos atrás de frases corteses, por muitas que usasse, e neste caso não se requeria grande agudeza.

— Vamos pelo caminho largo — propôs. — Parece que leva ao... Bem, não pode ser chamado de povoado, mas pelo menos é o

lugar onde estão a maioria das casas. E acredito que penetra na... se lhe poderia chamar de selva?

— Acho que não. Ainda que o terreno esteja coberto de mato até o distante juncal situado diante do bosque, tenha em conta que na verdadeira selva não se pode encontrar nenhum ser vivo na estação de chuva. Pode-se ouvir pássaros, ver desaparecer o extremo posterior de uma serpente e distinguir a enorme silhueta de um búfalo, mas depois do percurso, se a pessoa não se perdeu, regressa sangrando por causa dos espinhos do junco das índias, devorado pelas sanguessugas e com as mãos vazias, sem ter adquirido nenhum conhecimento. Isto é muito melhor.

Continuaram avançando, seguindo o curso do rio, e passaram diante de três ou quatro casas (feitas simplesmente com um telhado de folhas de palma sobre alguns postes e o piso a certa altura) bastante separadas uma da outra e vazias, pois todo mundo estava no mercado. A não muita distância podiam ver outras casas meio ocultas atrás das palmeiras ou das amoreiras, mas aquilo não se podia considerar um povoado. Como o vento soprava de terra, logo deixaram para trás o ruído da multidão e seguiram caminhando rodeados de um silêncio só alterado pelo rítmico estrondo das ondas ao se chocarem contra o arrecife. Quando haviam rodeado três campos perfeitamente semeados de colocásia e cana-de-açúcar, viram passar uma revoada de aves. Stephen levou a escopeta ao ombro com um rápido movimento, apontou para uma e a matou.

— É um papagaio não descrito — disse com satisfação, pondo-o no embornal.

Ao ouvir o disparo uma anciã saiu da última casa que estava à vista e se encontrava muito perto do caminho. Cumprimentou-lhes com voz rouca e tom amável e se aproximou deles coxeando e descobrindo seu peito murcho. Com gestos eloqüentes os convidou e todos atravessaram um terreno coberto de capim curto e espesso de cor verde brilhante até pôr-se à sombra da casa. O piso elevado estava coberto por grossas capas de esparto com pedaços de tapete por cima em alguns lugares, e sobre eles se sentaram todos enquanto murmuravam frases amáveis sem se entenderem. A anciã lhes deu um pequeno peixe dessecado olhando-os significativamente

e dizendo com ênfase Pootoo-pootoo. Clarissa a presenteou com um broche adornado na ponta com vidro azul, que pareceu lhe encantar, e depois eles se despediram e se foram, virando-se de vez em quando para dizer adeus com a mão até que a casa se perdeu de vista.

O caminho, que seguia bordejando o caudaloso rio, era agora ascendente e atravessava campos povoados de amoreiras e bananeiras. Os raios do sol, que já estava perto do zênite, eram muito intensos.

— Não acha que a terra é mais dura depois de pisar a coberta de um barco? — perguntou Clarissa depois de um silêncio, o primeiro desde que tinham descido da fragata.

— Comigo sempre ocorre o mesmo — disse Stephen. — As ruas de Dublin me parecem feitas com pranchas de ferro quando caminho por elas depois de estar navegando um tempo. Além do mais, em uma grande cidade tenho que usar sapatos de pele e às vezes até botas, que são mais pesados que as sapatilhas de cânhamo que normalmente uso a bordo, e por causa disso e da dureza do pavimento já ao meio-dia estou extenuado. E fico de mau humor...

A umas dez jardas de distância, na copa de um jovem sândalo, viu um coleóptero muito grande, da família dos escaravelhos, que começava o processo de sacar as asas da capa que as cobria para estendê-las. Dentro de um momento se elevaria no ar. Stephen se interessava pouco pelos insetos, e menos ainda pelos escaravelhos, mas interessavam muito ao seu amigo sir Joseph Blaine, que estava mais orgulhoso de ser o presidente da Sociedade de Entomologia do que ser o chefe do Serviço secreto naval, e Stephen sentia um grande afeto por ele. Soltou a escopeta e correu velozmente para o sândalo. Quando quase o havia alcançado, o inseto iniciou seu majestoso vôo, com o corpo quase vertical. Não podia ganhar altura porque o vento soprava para a base da colina, do bosque para o mar, e seguiu voando em direção às árvores, mantendo-se entre seis e oito pés do solo. Stephen quase não podia segui-lo ainda que corria tão rápido como lhe era possível, e quando ainda não tinha

percorrido cinqüenta jardas, a inexperta criatura bateu em um comprido galho e caiu ao piso.

Quando regressou com sua presa, encontrou Clarissa sentada à sombra de uma árvore de fruta-pão, com os pés metidos no rio.

— Encontrei algo muito melhor — disse, apontando para cima.

Ali, onde o tronco da árvore se dividia nos quatro galhos principais, havia uma impossível cascata de orquídeas de três tipos diferentes, umas de colorido marrom-alaranjado, outras brancas com o centro dourado e outras de um intenso vermelho.

— É nisto que pensava quando falei de chegar a lugares distantes. Para mim podem ficar com os leões e os tigres.

Olhou ao seu redor uns momentos e disse:

— Que contente estou! Pode-se comer a fruta-pão?

— Acho que tem que cozinhá-la — respondeu Stephen. — Disseram-me que quando cozinhado adequadamente pode ser comido como vegetal ou como sobremesa. Acha que devemos imitar aos marinheiros e almoçar ao meio-dia?

— Isso me faria mais feliz ainda. Tem meia hora estou com uma fome de lobo. Além disso, sempre como ao meio-dia, pois Oakes não é mais que um guarda-marinha, sabe?

— Tanto melhor. Agora é meio-dia e o sol está sobre nossas cabeças e esta árvore, que é como uma sombrinha, graças a Deus, nos dá apenas a sombra justa. Vamos ver o que Killick nos preparou.

Abriu o outro lado do embornal, pegou uma garrafa de vinho, duas jarras de prata, vários sanduíches de carne de porco assada envolvidos em guardanapos, dois pedaços de pudim de passas frio e frutas. Os dois estavam muito famintos apesar do calor e comeram rápido e beberam o xerez com a água do rio. Ainda que não conversaram muito até que comeram as frutas, o fizeram amigavelmente. Quando a última casca de banana se afastava rio abaixo flutuando e eles se serviram e beberam todo o vinho, Clarissa reprimiu um bocejo e disse:

— Depois de tanta alegria e tanta excitação, agora tenho um sono horrível. Desculpa-me se me deito nessa parte onde há mais sombra?

— É claro, minha amiga! — disse Stephen. — Vou recolher algumas plantas pela margem do rio até os juncais que estão justo antes daquelas árvores altas. Aqui tem minha escopeta. Sabe usá-la?

Ela olhou para Stephen como se estivesse fazendo uma brincadeira de mau gosto, fazendo-o recordar-se de novo de Medea, e então baixou a vista e exclamou:

— Oh, sim!

— O cano da direita está carregado com pólvora, mas sem munição, e o da esquerda tem ambas as coisas. Ao menor indício de perigo, dispare e virei imediatamente. Mas se ouvir passos que se aproximam poderiam ser do senhor Martin e do cirurgião do baleeiro. É possível que venham reunir-se conosco.

— Duvido — disse a senhora Oakes.

Stephen Maturin deitou-se sobre o galho de uma árvore de onde se avistavam os juncais e uma série de pequenas lagunas rodeadas de barro que se encontravam mais além.

— Sem dúvida, existem os estúpidos perfeitos — disse quando passaram da esquerda para a direita, a umas quinze jardas dali, duas revoadas de aves, uma de fúlicas de colorido roxo e violeta e uma de ancudas de uma espécie desconhecida que tinham um colar marrom e de outras espécies raras, as aves maiores caminhando majestosamente e as menores, como os maçaricos anelados, correndo entre suas patas.

Depois voltaram a passar para o outro lado e Stephen disse:

— E, sem dúvida, existem os homens complacentes demais. Essa mulher nem ao menos me agradeceu pela escopeta.

Sabia que nos últimos momentos da conversa o tom havia mudado. Não tinha dúvida de que dissera algo inadequado, mas estava tão pouco dotado de perspicácia para precisar o que era, como ela, por não ser naturalista, para compreender que ele tinha renunciado a tanto: passar insubstituíveis horas percorrendo uma ilha virgem que não ia voltar a ver e que estava cheia de formas de vida desconhecidas. Mas quando descia pensou que a comparação não era acertada.

Quando regressou à árvore de fruta-pão, com um respeitável conjunto de exemplares de plantas mas nenhuma ave, naturalmente, porque não tinha a escopeta, comprovou que seu estado de ânimo não havia mudado muito. Ela tinha adormecido sem que nada a molestasse, agradeceu-lhe e disse que esperava que tivesse encontrado tudo o que esperava. Ela não se mostrou hostil nem ofendida, mas Stephen compreendeu que antes e durante a refeição seu estado de ânimo tinha chegado ao maior grau de exaltação e agora se produzia a habitual reação, que se somava à fadiga. Também se deu conta de que tinha bolhas em um calcanhar, assim que, obviamente, não seria possível fazê-la chegar até o bosque. Com o fim de restabelecer o tom anterior, falou-lhe do triunfo das meninas. Contou que o capitão Aubrey repreendera ao açougueiro e lhe ordenara acrescentar pedaços de colocásia ao grão e aos restos de comida que dava aos porcos. Acrescentou que imediatamente os animais tinham começado a dar gritos de alegria e que sua categoria tinha mudado, pois agora eram considerados ovelhas e estavam ao cargo de Jemmy Ducks.

— Sarah e Emily se comportaram de uma forma extraordinária — acrescentou Stephen —, e com uma discrição própria de pessoas de mais idade. Procuraram não mostrar uma atitude triunfante diante do açougueiro nem ferir seus sentimentos de nenhuma maneira.

— São umas criaturas encantadoras e as quero muito apesar de que cismaram comigo e isso me dói muito — disse Clarissa.

Uma revoada de incautos papagaios de diversos tipos passou voando a um tiro de escopeta e Stephen escolheu dois, os matou de um disparo e regressou com eles. Depois que ela contemplou com admiração sua plumagem, continuou:

— Detesto tanto não agradar aos outros! Isso me lembra o pobre Reade. Como se encontra?

— Está tão bem e tão ativo que acho que se levantará logo. Ordenei a Padeen que o amarre à maca se não obedecer.

— Quanto me alegro! Éramos tão bons amigos antes! Acha que poderá fazer carreira na Armada? Espero que sim, porque acha a melhor coisa do mundo.

— Não o duvido. Tem uma ferida honorável, excelentes conexões e uma estupenda recomendação de seu capitão. Se não o matarem antes, chegará a almirante.

— E os outros oficiais?

— O capitão Pullings, quase com toda certeza, será nomeado capitão de navio quando chegemos à Inglaterra.

— Acha que West e Davidge serão reabilitados?

— Com relação a isso não tenho elementos de julgamento, mas temo que não. Há em terra montes de oficiais da marinha que hão padecido fracassos, muitos deles valentes e experimentados marinheiros.

— O capitão Aubrey foi reabilitado.

— O capitão Aubrey, além de suas qualidades para a guerra, é um homem rico, tem amigos influentes e uma sólida cadeira no Parlamento.

Clarissa ficou pensativa alguns momentos e depois, com uma expressão e um tom completamente diferentes, disse:

— Que agradável é ficar sentada à sombra, sem calor demais, sob estas magníficas flores e junto de um homem que não importuna com perguntas nem solicita favores. O senhor não pensará que tento insinuar-me se lhe perguntar se o meu olho roxo ainda se nota, né? Como não tenho nenhum espelho decente a bordo, não posso saber.

— Já não se pode ser chamado de um olho roxo — disse Stephen.

Clarissa tocou-se no olho suavemente e continuou:

— Eu não me importo com os homens como homens, mas ainda gosto de ter um aspecto agradável ou pelo menos aceitável. Como lhe disse antes, detesto não agradar aos outros, e a feiúra e o desagrado parecem ir juntos... Uma vez alguém me falou da origem das meninas, mas de uma maneira confusa. Acho que não são aborígenes da Austrália, né?

— Não, não são. Procedem de Melanesia, da ilha Sweeting, um lugar muito distante. São as últimas sobreviventes de uma comunidade aniquilada pela varicela. Nós as recolhemos porque parecia improvável que pudessem sobreviver sozinhas.

— Que ocorrerá com elas?

— Não sei. Não puderam suportar ficar em um orfanato em Sidney e meu plano atual é levá-las para Londres para a hospedaria de minha amiga a senhora Broad, confortável e sempre quente, situada no distrito de Savoy. Ali tenho um quarto alugado todo o ano. A senhora Broad é uma mulher amável e tem em sua casa várias sobrinhas e primos jovens. Quero que Sarah e Emily vivam com ela até que eu possa encontrar uma solução melhor.

Clarissa vacilou um momento, depois começou a falar duas vezes e se interrompeu e finalmente disse:

— Queria que a senhora Broad as mantenha a salvo pelo menos até que saibam o que fazem, para evitar que abusem delas. E oxalá que já não tenham abusado delas, pois são umas inocentes criaturas.

— Ainda são muito pequenas, sabe?

— Eu era ainda menor...

Uma pomba posou na outra margem do rio e tomou muita água.

— Como o senhor é médico, provavelmente viu famílias nas quais houve incesto.

— Frequentemente.

— Mas talvez incesto seja uma palavra muito forte para indicar o que me passou, pois meu tutor tinha um distante parentesco comigo. Fui viver com ele quando era mais ou menos como Emily. Vivia em um lugar isolado, em uma casa enorme e bastante agradável, com um parque e um lago. Acredito que no tempo de seu pai havia cervos no parque, mas ele vivia encerrado na casa e passava a maior parte do tempo na biblioteca, sem prestar atenção aos caçadores ilegais nem fazer nenhum tipo de atividade no exterior. Era tímido, amável, e nervoso. Era alto e magro e para mim parecia muito velho, mas não podia sê-lo porque sua sobrinha Frances, a filha de sua irmã mais velha, era somente um pouco mais velha que eu. Mas os serventes sim eram muito velhos. Deviam estar ali desde o tempo de seus pais. Era um homem instruído e era um mestre muito amável, bom e paciente. Eu lhe tinha um verdadeiro afeto apesar de... Não gostava muito Frances, mas como

não tinha mais companheiros de brincadeira, nós duas brincávamos juntas e corríamos pelo jardim e o parque. Éramos ciumentas uma da outra e disputávamos sua atenção, o que favorecia muito o aproveitamento das lições. Meu tutor... Bem, eu lhe chamava de primo Edward, nos ensinava a ler e a escrever em inglês e latim, e uma série de desafortunadas tutoras francesas nos ensinavam as outras coisas. Nunca ficavam muito porque diziam que aquele lugar era muito isolado, e é verdade que os caminhos eram tão estreitos e profundos que nenhuma carruagem podia passar da igreja no inverno, salvo quando se formava uma grossa capa de gelo. Porém, afinal de contas, não estávamos tão isolados. Vinham comerciantes, o que era sempre um acontecimento, e vinha gente para visitar a tia Cheyney a anciã que vivia no andar de cima e nunca saía de seu quarto por temor de pegar um resfriado. No verão, quase todas as semanas, vinha a senhora Bellingham da diocese do bispo Thornton, e quando os caminhos ficavam muito cheios de barro vinha a cavalo cruzando o campo. Ela e a tia Cheyney nos ensinaram como entrar em uma habitação corretamente, como sair fechando a porta atrás de nós e como nos sentar e permanecer em silêncio e como fazer reverências. Também vinham outras pessoas, ainda que meu tutor não gostasse muito de visitas. Antes disse a expressão *apesar de* e não sei como explicar-lhe a que me referia sem ser grosseira. Brincávamos de vários jogos. O primo Edward brincava conosco de xadrez e de gamão e também de corda no saquão. Além disso, brincávamos com as luzes apagadas e as cortinas fechadas ao que chamávamos "jogo na escuridão", um jogo parecido ao esconde-esconde em que ele umas vezes pegava uma e outras a outra e fingia nos comer enquanto nós gritávamos. Mas depois de um tempo o jogo mudou. Ele seguiu sendo muito tenro e quase nunca me fez estrago, e aparentemente pensava que ainda que o jogo era de caráter íntimo não tinha muita importância. Frances e eu nunca falamos disso, mas quando fomos ao colégio em Winchester... Conhece Winchester?

A pergunta fez um forte contraste com o monólogo sem variação de tom.

— Só por sua boa reputação. Conheço pouco a Inglaterra.

— Era um convento de dominicanas francesas e muitas das alunas eram filhas de emigrantes franceses. Ao chegar lá e ouvir às outras falando em voz baixa e entre risos nervosos do matrimônio e do parto e o que tinha que se fazer antes, nós nos olhamos e nos entendemos perfeitamente ainda que não expressamos nada com palavras. Foi lá onde comecei a perceber o que havia passado, ainda que ainda não podia compreender por que se lhe dava tanta importância. Podia entender perfeitamente bem a primeira parte de *Foeda est in coitu et brevis voluptas*, mas não a segunda. Não podia associar isso com nenhum grau de prazer, por mínimo que fosse, assim que não podia compreender que muitas das coisas que li e ouvi, como por exemplo, sobre amores românticos e atravessar o Helesponto, estivessem encaminhados para esse fim, o verdadeiro fim. Decidimos ocultar o que sabíamos sobre esses assuntos e logo aprendemos também a controlar nosso aprendizado. Sabíamos muito mais latim que as outras garotas e essa foi uma das razões de nossa impopularidade. A outra foi minha violência.

“Quando regressamos do colégio — continuou —, pois chegou um momento em que as monjas não puderam me aguentar mais, e não as culpo, encontramos tudo mudado. A tia Cheyney tinha morrido, muitos dos serventes haviam sido despedidos e ninguém ia de visita. As únicas coisas que seguiam igual eram a biblioteca, as lições e o jogo na escuridão. Depois de um tempo começou a jogar conosco um tal senhor Southam, a única visita que tínhamos. Era um oficial do Exército corpulento, arrogante, grosseiro e de maneiras toscas. O primo Edward nos disse que devíamos ser muito amáveis com ele. Nos escondíamos nos lugares mais difíceis que podíamos quando ele estava presente, mas principalmente porque cheirava mal e era desagradável, já que a outra coisa não tinha importância.

“E a vida continuou e o tempo passava lentamente — prosseguiu. — Parecia que a maior parte do tempo era inverno e tínhamos frieiras. Só havia calefação na biblioteca.

Cada vez tínhamos mais pobreza. Os objetos de prata desapareceram; os ciganos acamparam no parque, na margem mais distante do lago, onde o muro fora derrubado; o jardim se cobriu de erva daninha. Todos os serventes se foram com excessão de duas

mulheres muito velhas que não podiam encontrar outro trabalho e preferiam ficar na paupérrima casa. Os comerciantes deixaram de vir. A carruagem estava em desuso há muito tempo e pouco antes que mandassem Frances para Yorkshire trocamos uma caleche por uma carroça puxada por mulas. O primo Edward, quando o caminho estava passável, ia a Alton na carroça com uma cesta, e no inverno, ainda que detestasse montar a cavalo, ia no pônei. A propósito de Frances, nunca voltei a vê-la, nem ouvi dizer o que lhe aconteceu. Agora, ao olhar para trás, penso que a largaram grávida e que morreu ao ter a criança ou ao tentar de se desfazer dela.

Nesse momento lhe caiu uma orquídea no colo e ela a olhou e a girou para um lado e para o outro. Pouco depois continuou seu estranho e tortuoso relato, não muito diferente de um monólogo íntimo com suas referências particulares e alusões.

— O pônei foi a causa de sua morte. Vários lavradores o encontraram jogado no caminho e o trouxeram para casa em um pedaço de cerca. A senhora Bellmgham, da diocese do bispo Thornton, encarregou-se de que lhe dessem sepultura como era devido. Reuniu-se um grupo bastante grande de pessoas que me disseram que, sem dúvida, meus amigos viriam me buscar, mas somente vieram o senhor Southam e vários advogados que andavam por toda a casa apontando tudo o que viam. Ele me disse que eu não tinha nem um penique, pois não se havia disposto nada a esse respeito, mas que me acharia um trabalho no clube Saint James. Conhece Saint James?

Sua voz voltou a mudar, adquirindo um tom enfático.

— É claro que o conheço! Acaso não me fico no Black desde que vou a Londres?

— Então que o senhor é membro de Black!

Stephen consentiu com a cabeça.

— Eu trabalhava do outro lado da rua, isto é, detrás do edifício do outro lado da rua, atrás de Button. Sim, trabalhava no estabelecimento de Mother Abbott. Mas sempre senti carinho pelo Black porque foi um de seus membros que fez o pedido para livrar-me de ser enforcada. Já foi alguma vez ao estabelecimento de Mother Abbott?

— Fui às vezes e tomei chá com ela enquanto meus amigos iam para cima.

— Então terá visto o salão da direita. Ali trabalhava eu fazendo as contas, pois uma das poucas coisas que as monjas me ensinaram, além do francês, foi a fazer muito bem as contas. Bem, ficava ali ou em um dos salãozinhos que havia detrás, fazendo companhia aos homens esperavam por sua garota. Ou com os que vinham somente para falar porque se sentiam sozinhos. Mother Abbott era muito amável comigo. Mostrou como me vestir e despir e permitiu comprasse roupa a crédito, mas nunca me obrigou a fazer nada que eu não quisesse. Não foi até muito mais tarde que comecei a ser complacente, como dizem ali, quando não havia muitas garotas e estavam muito, muito ocupadas.

— Eu me desculpe — disse Stephen, inclinando-se para frente para pegar um ortóptero e metendo-o imediatamente em uma caixa.

— É muito estranha a vida em um bordel e de certa forma se parece com a vida no mar — disse Clarissa. — A pessoa leva um tipo de vida que é como o da comunidade a que pertence, mas não se parece à da maioria da gente no mundo e termina-se por perder contato com as idéias, a linguagem e coisas similares da maioria das pessoas, assim que quando sai dali se sente tão estranho como um marinheiro em terra. Na verdade, eu não sabia muito do mundo em geral, do mundo normal dos adultos, porque nunca o vira. Tratei de conhecê-lo através de romances e obras de teatro, mas isso não me serviu de muito porque em todas se falava tanto do amor físico que parecia que tudo girava em torno dele e para mim isso não tem muita mais importância do que assuar o nariz, para mim ter ou não ter castidade é irrelevante e acho absurdo e grotesco que a fidelidade dependa das partes pudendas. Eu não tinha nenhum prazer em fazer isso, ainda que sabia proporcioná-lo quando estava com um homem que me inspirava simpatia ou quando me dava lástima e tinha alguns clientes agradáveis. Às vezes era através deles que tentava averiguar o que pensava o mundo em geral. Havia um homem solitário que vinha visitar-me e passava horas sentado ao meu lado falando de suas lebres. Fazia parte de um triângulo amoroso e sua mulher e sua amante eram muito boas amigas. Tinha

filhos com as duas, e a amante, que era viúva, tinha mais filhos. Todos viviam na mesma casa, uma enorme casa em Picadilly, e tanto ele como eles eram bem recebidos em todas as partes e muito respeitados. Então, qual é a verdade que está atrás das protestas contrários ao adultério? É tudo uma hipocrisia? Ainda estou desconcertada. É verdade que quando estava vestido era importante porque usava uma faixa azul, a faixa da ordem de Garter, né? Assim que talvez...

Ambos levantaram a cabeça ao ouvir um disparo.

— Acredito que Martin e o doutor Falconer se aproximam — disse Stephen.

— Oh, Meu Deus! — exclamou Clarissa. — Espero que não venham para aqui. Eu me há gostado muito falar com o senhor e seria uma pena estragar tudo com um simples “Como está?”. Que carga lhe joguei em cima fazendo-lhe estas confidências! Por pouco sigo falando até o pôr do sol. Talvez deveressemos regressar para a fragata.

— Se me dé os sapatos, ue os meterei no embornal. Não pode usá-los com essa bolha.

Enquanto caminhavam em direção ao mar, falaram em geral de quem vivia em um bordel e seus costumes e do comportamento umas vezes curioso e outras comovente de seus clientes. E após um momento Stephen disse:

— Por casualidade conheceu dois homens que costumavam ficar juntos, um chamado Ledward e o outro Wray?

— Oh, sim! Seus nomes apareciam muitas vezes em meus livros. Iam sobretudo à parte dos meninos e só solicitavam meninas para algo muito especial, com correntes e chicotes, sabe? Mas não eram amigos seus, né?

— Não, senhora.

— Certamente, conheciam algumas pessoas muito agradáveis. Recordo de um homem muito importante que costumava tomar parte em suas festas mais curiosas. Também usava a faixa azul. Mas fingia em público que não os conhecia. Eu o vi duas vezes passar junto deles na rua Saint James e duas vezes em Ranelagh, e apesar

dele ser um duque, só trocaram uma leve inclinação de cabeça, não tiraram o chapéu.

— Por casualidade coxeava?

— Levemente. E usava uma bota para dissimular. Meu Deus, que rouca estou! Fiquei rouca de tanto falar! Espero não ter sido indiscreta além de chata. Agradeço que tenha tido a amabilidade de me escutar, mas acho que lhe arruinei o dia.

CAPÍTULO 7

Stephen Maturin, por ser um agente dos serviços secretos navais, tinha há muitos anos se afetado, preocupado e irritado com as atividades dos admiradores de Napoleão que, de seus postos importantes na administração inglesa, passavam a valiosa informação que tinham para França. Como as mensagens geralmente continham dados do movimento de barcos, isso tivera como consequência a perda de muitos navios de guerra, o fracasso de ataques cujo êxito dependia do fator surpresa, a interceptação de comboios, cujo resultado era às vezes a captura da metade dos mercantes, e (o que mais doía a Stephen e ao seu chefe, sir Joseph Blaine), a captura de agentes secretos britânicos em todos os desafortunados países que formavam parte do desprezível império de Bonaparte.

Com a ajuda de um homem que pertencia aos serviços secretos franceses e estava cansado de seu trabalho e temia que iam trai-lo, Stephen e sir Joseph descobriram a identidade de dois desses traidores: Andrew Wray, vice-secretário interino do Almirantado, e seu amigo Ledward, um importante funcionário do Ministério da Fazenda. Mas como tentaram fazer a prisão com torpeza e a perseguição não fora realizada com suficiente zelo, escaparam para a França.

Obviamente, estavam protegidos por alguém que ocupava um cargo muito mais alto e pensava como eles. Stephen se encontrara com Ledward e Wray em Pulo Prabang, aonde ambos foram como membros de uma delegação cujo objetivo era estabelecer uma aliança entre o sultão e a França, enquanto que ele fazia parte de uma delegação com o propósito oposto. E finalmente os tinha

dissecado. Mas ainda não haviam desmascarado o seu protetor ou, possivelmente, protetores, e depois de uma discreta pausa, o fluxo de informação tinha começado outra vez, e ainda que tinha menor amplitude e já não se restringia ao terreno naval, era igualmente prejudicial.

Sentou-se em sua escrivaninha na grande cabine, o único lugar onde podia ter convenientemente espalhados os cadernos com os códigos, os despachos e a carta.

Então, no código melhor conhecida, o código que ambos sabiam de memória, escreveu:

Meu estimado Sir Joseph:

Desejo veementemente que esta carta, a primeira que lhe escrevo, chegue através do baleeiro *Daisy*, que zarpará rumo a Sidney, e do modo mais rápido (talvez até a Índia e depois por terra) que o governador tenha a sua disposição. Acho que nos beneficiamos de uma probabilidade entre um milhão. Por favor, pense em um duque bem situado na corte que seja membro da ordem de Garter, coxo, e com estranhos costumes...

— Entre!

— Chamam a todos os tripulantes, senhor, com sua permissão — disse Killick.

— Apresente meus respeitos ao capitão e peça que me desculpe — ordenou, lançando-lhe um olhar ameaçador.

Chamavam a todos os tripulantes, naturalmente, pois essa era a chamada que ouvira minutos antes.

... Com estranhos costumes. Antes de converter-se em duque, de trabalhar para o governo, de chegar a ser conselheiro particular e de receber a ordem de Garter, eu o vi na casa dos Holland...

— Entre!

Eram as meninas, que lhe sorriram e fizeram uma respeitosa inclinação de cabeça. Usavam amplos vestidos com laços nas mangas.

— Disse que queria nos ver quando estivéssemos prontas — disse Sarah.

— E estão muito bonitas — disse Stephen. — Podem dar a volta?

As duas deram uma volta devagar, com os braços muito separados das rígidas saias.

— Estes são os vestidos mais elegantes do mundo, sem dúvida. Porém, Emily, querida, o que tem na bochecha?

— Nada — respondeu Emily, empalidecendo.

— Cuspa, cuspa agora mesmo. Quer envergonhar a todos mastigando tabaco diante do próprio rei de Tonga?

Então aproximou uma papeleira, e Emily, com desânimo e muito devagar, cuspiu a mastigada de tabaco.

— Muito bem, muito bem! — exclamou, e lhes deu um beijo. — Sacudam o nariz e vão correndo porque não devem fazer esperar ao senhor Martin. Não há nem um minuto a perder.

— O senhor virá também, senhor, se puder, né? — perguntou Sarah.

“...Eu o vi na casa dos Holland...”

Nesse momento se jogou para trás para ver melhor o panorama e ouviu Jack, que, em um mundo diferente, dirigia-se aos marinheiros que abarrotavam o convés. No lado de estibordo se encontravam os que partiam de licença, a quem depois de um dia de trabalho duro ainda lhes restavam o tempo e a energia suficientes para pôr a roupa de descer a terra: casacas azul claro com botões dourados, camisas bordadas, chapéus de aba larga com fitas e sapatos com laços; no de bombordo, achavam-se os que haviam passado a noite anterior divertindo-se, que estavam extenuados porque, além de tudo, haviam passado um dia duro. Os que iam descer a terra (as fogueiras para a festa já estavam acesas) tinham muita vontade de que o capitão acabasse e se moviam nervosos em seus postos, de tal maneira que os cravos, parafusos e pedaços de ferro que haviam roubado para trocá-los por outras coisas produziam um som metálico onde estavam escondidos.

— Repito, companheiros de tripulação: zarparemos quando comece a baixar a maré — disse Jack com voz alta e clara. — Todos os marinheiros terão que voltar aos botes no momento em que apareça o segundo sinal luminoso. Terão cinco minutos depois do primeiro para se prepararem para ir. E não poderão trazer nenhuma mulher a bordo. Nenhuma mulher, ouviram?

— E o que ocorrerá com a senhora Oakes? — gritou alguém meio bêbado do bombordo.

— Escreva o nome desse homem, senhor West! — ordenou Jack.

Então todos os que estavam ao redor do açougueiro se afastaram dele e o deixaram isolado.

— Que desça a tripulação da falua! — gritou Jack.

Poucos momentos depois desceu pelo costado cerimoniosamente e Stephen voltou para sua carta.

Eu o vi na casa dos Holland durante a época de paz, quando acabara de chegar da embaixada em Paris. Quando a porta se abriu, lady Holland estava dizendo com sua voz metálica: “Adoro a esse Napoleão”. Alguns pareceram perturbar-se, e durante alguns momentos ele permaneceu ali na sombra da entrada com as mãos agarradas e o rosto radiante e aprazível como se houvesse tido uma visão, mas logo se recuperou e entrou fazendo os comentários habituais. Lady Holland correu ao seu encontro e disse: “Que notícias traz de Paris? Falem-nos da refeição com o divino primeiro cônsul”.

Esse homem ia com Ledward e Wray a festas desenfreadas, porém, apesar de ter ido ao colégio com Ledward, não reconhecia publicamente que o conhecia, e tampouco a Wray. Mas o que me convenceu de que era ele é que o nome em código que eles lhe davam era Pillywinks, o mesmo que encontramos tão amiúde nos comprometedores papéis de Wray.

Para conseguir que o senhor também se convença, permita-me falar-lhe de minha fonte: a dama que atirou nos miolos do senhor Caley com uma escopeta de dois canhões há vários anos. E como o senhor recordará, nosso colega Harry Essex conseguiu que lhe

comutassem a sentença pela extradição. Foi em Nova Gales do Sul onde ela chegou a bordo.

Então fez um breve relato da viagem, como havia se interrompido e qual era seu objetivo atual. Depois contou detalhadamente o que falara com Clarissa durante a caminhada e não pôde reprimir-se de falar sucintamente dos insetos que recolhera para sir Joseph. Depois contou com todos os detalhes o que pôde recordar de sua conversa com Clarissa com respeito à Ledward, Wray e o homem coxo, tanto na primeira vez que falaram deles como quando iam de regresso à praia, na comprida caminhada que se estendeu por causa da bolha. Mas nem sempre lhe era fácil recordar a ordem exata, e para determiná-la olhava às vezes pela janela. A fragata estava ancorada com a popa diante da praia, onde agora havia uma fila de fogueiras de grande luminosidade porque não tinha raios da lua que interferissem com elas, e as chamas se elevavam para o céu azul anegrado, sobre o núcleo incandescente e a branca areia, e se desenhavam sobre um fundo verde-escuro. O baleeiro se encontrava à direita, muito bem iluminado. Ao longo da praia se viam corpos jovens de pele morena bailando ao ritmo das canções e do toque de tambores. Faziam uma série de perfeitas evoluções com tal precisão que teriam envergonhado ao corpo da guarda real. Avanço, retrocesso e volta; volta, retrocesso e avanço; meia volta e retrocesso, cruzamento simultâneo das filas movendo os braços. No centro, do outro lado das fogueiras, havia colocado um telhado de folhas de palma temporal, sob o qual estava sentado o chefe junto com Jack, que estava a sua direita, outros homens importantes, à direita dos quais se encontravam Clarissa e seu esposo, depois Wainwright, e depois o doutor Falconer, Reade, Martin e as meninas, que tinham colares de flores pendurados e olhavam tudo com assombro e satisfação. Todos bebiam a tragos *kava*, que lhes haviam servido em tigelas de coco de uma grande tijela colocada diante do chefe.

Stephen, deslumbrado pelas chamas, voltou a ocupar-se da carta em código e riscou algumas linhas em que a ordem era incorreta. Ainda que lhe parecia que não seria capaz de transmitir a

sinceridade e o tom convincente das palavras de Clarissa, pensava que pelo menos a ordem exata, ainda que ilógica, contribuiria para isso.

Quando voltou a levantar a vista, percebeu que há um tempo não ouvia canções nem o toque dos tambores mas um confuso ruído parecido ao que havia em uma corrida de touros: havia uma briga de boxe. Ouvira falar desse esporte, porém, curiosamente, nunca vira uma briga formal mas apenas a vários garotos dar-se socos em missões anteriores ou em brigas nos cais. Mas essa parecia uma batalha singular. Pegou sua pequena luneta, que sempre tinha a mão, e a primeira impressão que teve se confirmou. Duas mulheres bonitas e vigorosas se davam fortes e violentos golpes com os punhos, que, a julgar pelos gritos dos espectadores, eram bem dados e bem recebidos. Clarissa ria; as meninas estavam encantadas; alguns marinheiros e todos os ilhéus apoiavam com firmeza a uma ou outra. Mas quando a briga chegou ao clímax, quando nenhuma das duas cedia nem uma polegada, por nenhum motivo aparente, o velho chefe deu um golpe na tijela de *kava*, um servente soprou uma concha marinha e a irmã do chefe interveio. Então as duas jovens retrocederam e se afastaram, uma delas esfregando a bochecha e a outra, o peito. Os marinheiros que estavam desfrutando da briga expressaram aos gritos sua decepção, e quase imediatamente depois, de uma ponta a outra da fila de fogueiras, apareceram porcos e cachorros assados, pescado e aves de caça envolvidos em folhas, batatas-doces, bananas e fruta-pão.

Stephen ouviu o suave som de seu relógio de prata e olhando o monte de papéis que sem perceber tinha escrito, exclamou:

— Santa Maria, mãe de Deus, nunca poderei reescrever em outro código tudo isto! Meus pobres olhos estão lacrimejantes e a ponto de saírem.

Colocou a tela verde, secou as lágrimas, trocou os óculos e abriu o livro com o outro código.

Não voltou a levantar a vista até que fortes gritos o tiraram de seu trabalho mecânico. Viu deitado de bruços a Davies *o Lerdo* e sentado em cima um ilhéu que o mantinha imóvel retorcendo-lhe o braço como se fosse parti-lo. Aparentemente, Davies fez algum sinal

ou disse algo, porque o ilhéu o soltou, ajudou a levantar-se e o conduziu amavelmente aonde estavam seus amigos.

Outra vez o relógio de Stephen voltou a dar a hora, e enquanto soava, elevou-se o primeiro dispositivo.

— Ohhh! — gritaram todos os marinheiros e depois, quando estourou o dispositivo, exclamaram:

— Ahhh!

O segundo dispositivo ascendeu menos de um quarto de página mais tarde, logo se ouviram os gritos que costumavam acompanhar as manobras navais e depois chegaram os botes. Alguns marinheiros haviam conseguido embebedar-se com o *kava* do chefe, mas a maioria regressou a bordo silenciosamente, e os homens encarregados da guarda no porto lhes deram as boas-vindas em voz baixa.

Quando terminaram de contar todas suas ovelhas, Jack entrou na cabine.

— Eu lhe interrompo? — perguntou da porta.

— De maneira nenhuma, meu amigo. Só estou copiando algo. Permita-me terminar este grupo e me reunirei contigo.

Muitos anos atrás, Jack, que não era tonto, percebera que Stephen era algo mais que um cirurgião naval, mais que um conselheiro político a quem um capitão podia pedir conselho em assuntos relacionados com o estrangeiro. E como a relação de Stephen com os serviços secretos era cada vez mais evidente, não tinha nada de raro que escrevesse mensagens em código, algumas extraordinariamente longas.

Stephen terminou de copiar o grupo, pôs um pequeno peso de chumbo sobre ele e disse:

— Espero que tenha passado uma tarde agradável.

— Muito agradável, obrigado. O chefe foi muito amável, exageradamente amável; ninguém escapou nem disse grosserias; e a única briga foi um jogo. Além disso, comemos como reis. Que tartaruga, Stephen! Contudo, acho que Bonden e Davies necessitarão sua atenção pela manhã. E Emily adoeceu.

— O que aconteceu?

— Bonden boxeou com um ilhéu e tem o nariz quebado; Davies teve os membros retorcidos fortemente lutando; e a Emily lhe disseram como se fazia o *kava*.

— Agora sabe mais que eu.

— Pois eles se sentam em torno de uma enorme tijela a mastigar as raízes de *kava* e depois que as hão mastigado o suficiente, a cospem dentro e repetem isto até que acumulam vários galões e depois os deixam fermentar. A idéia a fez vomitar, ainda que também tinha comido grande quantidade de cana-de-açúcar e já estava pálida.

— Sobreviverá.

— Vou escrever uma carta para Sophie antes de deitar-me. Tem alguma mensagem para ela?

— Muito carinho, naturalmente. Esperava poder escrever para Diana, mas não acho que tenha mais tempo do que para fazer-lhe uma breve nota.

— Então não lhe entreterei nem um momento mais — disse Jack, dirigindo-se para uma mesa que ficava do outro lado da ampla cabine.

Suas penas arranharam os papéis enquanto se ouvia o som amortecido de umas badaladas depois de outras. Em um determinado momento, Stephen ouviu que Jack saiu na ponta dos pés para a cabine dormitório e lentamente continuou reescrevendo no segundo código, um código talvez impenetrável, o texto que havia escrito no primeira código.

Finalmente, quando já não podia suportar passar os olhos de uma página para outra, tirou os óculos, cobriu os olhos com as mãos e os apertou durante alguns minutos. Quando já podia ver uma cintilação na escuridão, ouviu o contramestre dar um apito e dizer:

— Todos os marinheiros a desamarrar a fragata! Todos os marinheiros! Acima, acima, dorminhocos!

E quando tirou as mãos dos olhos pôde ver as primeiras luzes do novo dia na praia.

Rapidamente escreveu em código as seguintes palavras:

Não sei como poderei conseguir que ela regresse à Inglaterra com outra cópia desta carta, mas tentarei. Posso confiar ao senhor a sua proteção? Sei muito pouco de leis, porém, apesar de que agora está casada com um oficial da marinha, temo que a molestarão por ter voltado antes de cumprir a condenação. Ela nos deu uma valiosa informação, uma das mais valiosas que já chegou a nossas mãos, e poderia dar-nos mais se atuarmos com suma discrição. Além do mais, eu lhe tenho muito afeto. Conceder-lhe imunidade seria um acerto político e ela o agradecerá muito. Por último meu amigo, queria que enviasse a nota adjunta para minha esposa.

Há uma hora se ouviam confusos gritos que não compreendia porque estava concentrado, mas agora, enquanto ordenava os papéis, distinguiu um grito que vinha da proa:

— Recolham a âncora!

A cabine já estava cheia de luz. Nesse momento o senhor Adams bateu à porta.

— O capitão lhe apresenta seus respeitos, senhor, e diz que se tem algo para Sidney, deve terminar de prepará-lo agora. Tenho ainda sem fechar o seu despacho, mas quando o senhor Wainwright nos ajude a sair, ele o levará para a *Daisy*.

— Quer segurar a beta da serviola de uma vez? — perguntou o capitão Aubrey com voz muito forte e clara, muito longe de estar satisfeito. — Está adormecido?

O doutor Maturin e o senhor Adams se olharam surpreendidos. Ambos já haviam ouvido muito mais das ordens que habitualmente se davam no recolhimento da âncora, e também mais em voz mais alta e em tom mais irritado, mas nenhuma com tanta severidade como aquela. Stephen, sacodindo a última folha, disse:

— Esperaremos a tinta secar e imediatamente fecharemos tudo junto.

Envolveram tudo, lacraram, ataram e voltaram a envolvê-lo. Oakes desceu para perguntar-lhes se estavam prontos e eles responderam:

— Dentro de quatro minutos.

Quando subiram para o convés viram que o capitão Aubrey olhava seu relógio, o senhor Wainwright estava junto ao portaló e os tripulantes de seu bote olhavam para cima ansiosamente. Apressaram-se a dizer adeus e o bote do baleeiro zarpou. O velacho da *Surprise* se inchou, e enquanto todos continham a respiração, a fragata beirou a parte mais proeminente do arrecife.

Stephen ficou na popa, observando como Annamooka diminuía e como, quando já era muito pequena, descreveu uma curva a um ritmo constante e chegou a situar-se pelo través quando a fragata atravessou uma linha claramente visível no mar, uma linha que separava as águas de colorido água-marinha das de colorido azul-escuro e marcava o limite das correntes e, além disso, o limite entre os ventos locais e o vento fixo do este-sudeste. A fragata descreveu uma comprida curva, acompanhada por três fregatas que estavam mudando as penas, até situar-se com o vento pelo través, e o capitão Aubrey, depois de aumentar pouco a pouco o velame até desdobrar as joanetes, ordenou fazer rumo norte-nordeste quarta ao leste e desceu para a cabine, deixando atrás de si um nervoso silêncio.

Seu café da manhã já estava preparado, porém, apesar da mesa estar posta para dois, seu companheiro habitual não estava ali.

— Ainda está na enfermaria recompondo a Bonden e a Davies — disse Killick. — Posso ir buscar-lhe em um momento.

Jack negou com a cabeça, serviu-se de uma xícara de café e disse para si: “Malditos marinheiros de água doce!”

Na realidade, Stephen estava preparando pílulas no ambulatório e escutando pela metade as explicações que Martin lhe dava por ter lhe deixado para ir com Falconer. As explicações eram falsas, e como Martin notou que não convenciam, começou a dar mais detalhes, o que lhe fez perder parte de seu mérito, na opinião de Stephen. Não que Stephen se opusesse à falsidade em si mesma nem se ofendesse que alguém usasse habilmente argumentos falsos, mas porque uma das melhores qualidades que Martin tinha era a sinceridade.

Na enfermaria, onde Bonden e Davies descansavam o mais comodamente possível depois que a remédio havia feito o pouco que

podia, chegaram alguns visitantes para contar-lhes que tinham muita sorte porque haviam se salvado da ira que havia no convés.

— Não o via tão mal-humorado desde que a fragata estava diante das Dry Tortugas e ele regressou a bordo e viu que Babbington a havia deixado situar-se a uma incorreta distância da âncora — disse Plaice.

— Foi algo terrível — acrescentou Bonden com a voz de quem tem um resfriado muito forte ou o nariz recém partido —, algo terrível. Apertou Babbington pelo colarinho até que quase chorou. Dava pena ver aquilo.

— Mas isso não foi nada — interveio Archer. — Aquilo foi produto da ignorância e da imprudência, fruto da juventude, como diz a Bíblia. Mas isto foi algo horrível e como consequência por pouco não podemos aproveitar a maré. Não me admiraria que mandasse açoitar a toda a tripulação na segunda-feira e que inclusive o contramestre tivesse que surrar o seu ajudante.

— Eu tenho a consciência tranqüila — disse Williams.

— Isso será um grande consolo para você na segunda-feira, quando tenha a camisa ensangüentada, companheiro.

— Até que não colocaram um cabo sete vezes não esteve satisfeito. Foi espantoso!

— Um cabo, ah, ah! Todos aprenderão como colocá-lo na segunda-feira — disse Davies *o Lerdo*, com seu riso desagradável.

Martin, vendo que com suas explicações não obtinha nenhum proveito, deixou de dá-las, e como lhe dava vergonha falar a Maturin da excursão que fizera com o doutor Falconer, voltou a falar do temível ruído na primeira hora da manhã e das sensuras e blasfêmias que nunca ouvira antes.

— Creio que o senhor estava dormindo com os tampões de cera postos — disse —, pois, se não, teria que ouvir os gritos estrondosos do capitão. Parece que fizeram tão mal as manobras que o capitão temia não poder aproveitar a maré e que em cinco minutos o terral nos tivesse empurrado. Eu me pergunto como um oficial de sua experiência...

— Tenha a amabilidade de passar-me o mercúrio. Sem dúvida, necessitaremos dele logo. Sabe o senhor tão bem como eu que é o melhor medicamento para a sífilis.

Martin pegou a garrafa que tinha em frente e, olhando para Stephen com angústia, disse:

— Espero não lhe ter ofendido.

— Com respeito ao capitão Aubrey, acredito que sabe perfeitamente como governar um barco. Por favor, fale-me do passeio que deu com o doutor Falconer.

— Não foi tão proveitoso como esperava. Quando tomamos um atalho e tentamos passar por cima de um monte de rochas negras, o doutor Falconer caiu, torceu um tornozelo e rompeu a luneta. Não pudemos continuar nem regressar até que lhe passou a terrível dor, assim que ficamos sentados embaixo do sol sobre as rochas, falando de vulcões e da formação destas ilhas, aparentemente a partir de uma massa ígnea e em época recente. Pouco depois decidimos comer e beber, mas comprovamos que apesar de que tínhamos várias bolsas para recolher espécimes, estojos para guardá-los e redes, deixamos a mochila onde tínhamos a comida e as garrafas. Então ele me disse que fosse até alguns coqueiros que havia perto da praia e trouxesse alguns cocos, e quando regresssei com as mãos vazias, apesar dos grandes esforços que fiz para subir ainda que fosse o mais oblíquo coqueiro do bosquezinho, exasperou-se.

“Mas com o tempo recobrou a equanimidade e me falou da freqüente atividade vulcânica que há nesta região. Pensa que tem uma íntima relação entre as erupções, sobretudo as submarinas, e as enormes ondas que hão devastado tantas costas, causado tantos naufrágios e provocado o afogamento de milhares de pessoas. Diz que lhe deu muita raiva ir de Moahu sem ter subido ao vulcão que há lá, pois esperava estabelecer uma relação entre seus intermitentes rugidos e o nível do mar. Contou-me que subiu até a metade de outro vulcão muito mais importante e ativo, um dos muitos das ilhas Sanduíche, e falou muito da escória, das cinzas, da poeira incandescente, das diversas formas de lava, da pedra-pomes. Como recordará, o doutor Falconer tem uma voz muito forte, que parecia ainda mas debaixo do tórrido sol, e, além disso, lá havia eco,

assim que não vimos nenhuma ave, exceto dois alcatrazes e uma andorinha comum a grande distância. Contudo, durante a viagem de regresso, que foi lenta, com freqüentes paradas e por lugares mais agradáveis e sombreados, achei mais interessante sua conversa, que versou sobre a importância dos vulcões na Polinésia. São considerados deuses visíveis e amiúde os pobres e as pessoas de classes baixas se oferecem em sacrifícios com a esperança de poder escapar de seu destino e evitar que os maus espíritos que habitam na cratera comam pouco a pouco sua alma.

— Ah, Stephen, está aqui! — exclamou Jack e sua expressão mal-humorada se transformou em uma sorridente. — Deixei meia cafeteira par você, mas estou seguro de que necessita de outra porque ficou acordado até muito tarde. Tem os olhos tão vermelhos como um furão. Killick, Killick! Outra cafeteira para o doutor.

— Navegamos bastante rápido, né? Sem dúvida, a muitos nós. Olha como se inclina a mesa!

— Vamos muito bem. Desdobramos todo o velame que a fragata pode levar estendido e inclusive um pouco mais do que seria prudente, mas me deu tanta raiva que quase desperdiçássemos a maré pelo que esse bando de malditos marinheiros de água doce fez, que estava desejoso de respirar ar fresco. Prove uma destas rodela torradas de fruta-pão. Vão muito bem com o café. A irmã do chefe me mandou uma rede cheia de frutas secas.

Comeu devagar uma das rodela, bebeu o café e continuou:

— Mas isso não conseguiu melhorar as coisas como eu tinha pensado, sabe? Talvez melhorem dentro de pouco, quando tenhamos o vento pela alheta.

Como havia previsto, o vento chegou pela alheta quando já estava avançada a guarda da manhã. Então os marinheiros abriram as alas da *Surprise*, e quando lhes chamaram para almoçar a fragata já navegava a oito nós e três braças. Agora havia muito ar fresco com o sabor de sal do chuvisco do mar e o sol brilhava.

Os oficiais que estavam no castelo de popa olhavam o capitão passear de um lado para outro inumeráveis vezes, mas permaneciam silenciosos ali, a bombordo, e os marinheiros que

levavam o leme e o suboficial que governava a fragata, que estava do lado, ficavam rígidos quando ele passava junto deles.

— Capitão Pullings, por favor, quero falar com o senhor — disse depois de ter percorrido uma milha.

Na cabine, Pullings comentou:

— Alegro-me de que me mandasse vir, porque ia lhe pedir que amanhã, como é domingo, nos fizesse a honra de almoçar conosco na câmara dos oficiais.

— É muito amável, Tom — respondeu, olhando-lhe nos olhos —, mas devo declinar os convites dos oficiais pelo momento, ainda que isto não tenha nada a ver contigo.

— Acredito que da última vez não saiu tudo como tínhamos desejado — disse Pullings, movendo a cabeça de um lado para outro.

— Não, Tom — disse Jack depois de uma longa pausa. — A fragata está desmoronando. Quando há discórdia, uma discórdia profunda entre os oficiais, um barco desmorona ainda que a tripulação seja como esta. Já o vi uma e outra vez, e você também.

— Oh, sim! — afirmou Tom.

— Pensei remediá-lo, pelo menos até certo ponto, nomeando Oakes tenente interino.

— Oh, não, senhor! — exclamou Pullings, e a cara ficou vermelha e a horrível cicatriz que a cruzava, roxa.

— Isso aumentaria o número de comensais em sua câmara e dificultaria que dissessem grosserias e se comportassem rudemente. Também o poria em igualdade de condições com os oficiais, o que impediria aos outros de incomodá-lo e, como consequência disto, irritar aos marinheiros de sua brigada. Além disso, ele poderia ficar encarregado de sua própria guarda, pelo que seria independente. É um marinheiro bom o bastante para navegar pelo alto mar.

— Sim, senhor — disse Pullings e depois, em um tom de voz apenas audível, acrescentou que não gostava de falar de ninguém e nem era um delator e finalmente acrescentou: — mas isso significaria que a senhora Oakes comeria conosco.

— É claro! Isso é parte de meu plano.

— Bem, senhor, alguns oficiais estão enamorados da senhora Oakes.

— Não me admira que estejam, pois ela é uma jovem muito agradável.

— Não, senhor. Quero dizer que estão enamorados a sério, muito a sério, tão a sério que seriam capazes de cortar o pescoço de qualquer um.

— Oh! — exclamou Jack Aubrey, muito surpreendido. — Porém, sem dúvida, o significado das últimas palavras não é literal.

— Não, senhor, essa é minha forma de falar. Desculpe. Mas tão a sério que se ela se sentasse a sua mesa dia depois de dia...

Depois de um silêncio, Jack disse:

— O marido é o último em informar-se. Falo de mim, como se estivesse casado com a fragata, compreende? Sacanas! Estou seguro de que ela nunca deu motivos para isso. Bem, Tom, obrigado por me dizer. Agora vejo as coisas de um prisma diferente, sem dúvida. E passando para as desajeitadas manobras desta manhã, quero falar com os oficiais que estavam encarregados delas e com os poucos marinheiros que também se comportaram mal, pois fizeram seu trabalho mal-humorados, com desânimo e negligentemente. Tem que fazer uma lista e eu me encarregarei de falar-lhes. Este assunto será muito desagradável.

Então se aproximou da carta marítima e mediu a distância que ainda faltava percorrer para chegar a Moahu.

— Temos que uni-los antes que tenhamos que entrar em combate — disse. — Quer almoçar com o doutor e comigo amanhã, Tom? Talvez também convide a Martin e aos Oakes.

— Obrigado, senhor. Será um prazer.

— Também será um prazer para mim. Ah, Tom, diga a West e a Davidge que quero vê-los.

Os dois esperavam que lhes chamassem. Jack os havia encarregado de recolher âncoras porque ele e Pullings tinham que terminar de tratar certos assuntos com Wainwright abaixo, e quando regressou ao convés viu que os marinheiros estavam fazendo torpemente uma manobra comum. Mas nenhum dos dois esperava

encontrar-se com tanta raiva nem com comentários que iam além do tema.

— Estou lhes falando de sua vida pública — disse Jack. — Sabem perfeitamente bem que demonstrar publicamente aversão provoca a divisão e o descrédito de um barco. Também sabem que os conflitos entre oficiais são públicos, pois os marinheiros que servem a mesa contam tudo a seus companheiros imediatamente, assim que afetam a todos os tripulantes ainda que se tratem de manter abaixo do convés, já que cada oficial tem muitos seguidores entre os marinheiros de sua brigada. Mas os senhores nem sequer tentaram mantê-los abaixo do convés, aliás, tratam um ao outro abertamente de forma grosseira e molestam a Oakes de uma forma que provoca ressentimento em seus homens, aos quais ele atende muito bem. Obviamente, seus companheiros não são delatores, e não sabia qual era seu comportamento na câmara dos oficiais, mas não poderão negar que durante nas últimas semanas lhes indiquei muitas vezes indiretamente e muitas também diretamente que tinham um comportamento tosco e grosseiro no convés. Uma consequência da aversão, da divisão e das disputas foi o deplorável espetáculo que vi ao chegar ao convés: os senhores discutindo como duas verdureiras e a fragata como se se celebrasse nela a feira de São Bartolomeu. E tudo isso ocorreu na presença do capitão do *Daisy* e seus tripulantes. Dou graças a Deus porque não havia nenhum barco do rei por perto. Imaginem que nos achemos nesta mesma situação em uma batalha! Outra consequência foi que desacreditaram a fragata quando convidaram a senhora Oakes e seu esposo para almoçar. Os dois, tanto o senhor, West, como o senhor, Davidge, conseguiram que sua mútua antipatia fosse evidente. Não tiveram nenhum respeito por seus convidados em um ato que era essencialmente público. Por minha parte, declinei o convite do capitão Pullings para amanhã.

— Eu estava meio aturdido então, senhor — disse Davidge.

— E provavelmente apresentou suas desculpas aos Oakes no dia seguinte, né?

Davidge ficou vermelho, mas não respondeu.

— Não tenho nada a dizer com respeito às suas desavenças por razões pessoais, mas insisto em que mantenham as aparências, como corresponde aos bons oficiais, quando estejam na câmara dos oficiais e haja marinheiros presentes, mas também todo o tempo que estejam no convés. Não digo nada a respeito no meu relatório para o Almirantado, mas lhes prometo que a menos que comprovem que prestaram grande atenção a minhas palavras quando tenhamos resolvido o problema em Moahu, recolherão o que semearam: eu os substituirei por dois ajudantes do oficial de derrota, e temos quase uma vintena. Isso será o adequado.

Jack começou a escrever:

Queridíssima Sophie:

Um capitão digno de usar esse nome deve conhecer muitas coisas de seu barco: suas qualidades, suas provisões, seus pontos débeis, etcétera. Além do mais, observar diariamente aos tripulantes lhe permite apreciar seus conhecimentos de náutica e sua capacidade de lutar. Contudo, vive tão longe dos oficiais e dos marinheiros que a menos que os delatores lhe contem coisas, há muitas que não sabe. Durante as últimas semanas estive preocupado com a evidente aversão que há na câmara dos oficiais e a má influência que isso tem na disciplina. Tanto direta como indiretamente havia lhes dito que se tratassem com mais cortesia, mas não foi até esta manhã que Tom, muito perturbado porque ia falar de seus companheiros, revelou qual era a causa do ódio. Pensava que era o cansaço que uma missão longa produz porque sempre se vê as mesmas caras, ouve as mesmas piadas, às vezes ampliadas com algum comentário jocoso que vai longe demais, perde-se às cartas ou ao xadrez e tem as mesmas discussões, mas a situação chegou a um extremo que eu nunca deveria ter permitido que chegasse. Grande parte da culpa é minha. Contudo, esta manhã, justo antes de chamar os oficiais à cabine para repreendê-los pela horrível confusão que ocorreu no recolhimento de âncoras, Tom me disse que eles se odiavam por causa da senhora Oakes e que não seria conveniente nomear a Oakes tenente interino porque com ela sentada na mesa a rivalidade poderia superar os limites.

É vergonhoso que uma mulher tão decente e recatada seja perseguida dessa maneira e tenha que seguir comendo no inóspito e solitário camarote dos guardas-marinhas. Estou seguro de que ela não lhes deu motivo e de que nunca, nem com a naturalidade com que se costumam dizer as coisa a bordo, disse: “Por favor, desabotoe-me este botão porque meus dedos estão desajeitados” ou “Espero que não pense que minha blusa tem o decote muito baixo”. E em uma vergonhosa refeição que os oficiais lhe ofereceram, com meia dúzia de comensais mudos como peixes, ela evitou valentemente que a conversa decaísse. Admiro as mulheres valentes. A propósito, estava equivocado com respeito a Stephen quando disse que parecia estar muito interessado nela. Ontem foram dar um passeio juntos pelo campo e regressaram muito contentes, dando mostras de afeto e com algumas flores raras e uma bolsa com as aves e insetos de Stephen. Pensei em convidar ela e seu esposo para almoçar amanhã para celebrar o acontecimento, mas não creio de que o faça, pois me chateei tanto ao ver os marinheiros fazerem as manobras tão mal esta manhã que não tenho muito ânimo para ter convidados.

Stephen e Jack nessa tarde tocaram algumas peças de música muito satisfatoriamente, Stephen sentado com os pés firmemente apoiados em um quartel que estava sobre a quilha com esse propósito e Jack tocando o violino de pé; contudo, o capitão despertou no domingo, durante a guarda da manhã, com a viva recordação da humilhação do dia anterior e de como Wainwright, ao ver com assombro o que ocorria no convés, guardou silêncio e, com muito tato, desviou a vista. O vento tinha começado a amainar desde a guarda de meia, como lhe havia indicado um mecanismo interior, e não se surpreendeu ao ver que a fragata navegava, com as velas flácidas e úmidas de orvalho, por águas cinzentas quase sem ondulações apesar das grandes ondas que vinham do sul.

— Bom dia, senhor Davidge — disse, pegando a tabuinha com os dados de navegação de seu lugar. — Bom dia, senhor Oakes.

— Bom dia, senhor — respondeu Davidge.

— Bom dia, senhor — disse Oakes.

Ainda que as estrelas ainda brilhavam ao oeste, ao leste havia luz suficiente para ler a tabuinha. Pelo que deduziu, ao olhar o céu a estibordo, que a calmaria não ia durar.

— Viram algum tubarão? — perguntou.

Davidge perguntou gritando para o serviola e este respondeu que não havia nenhum.

— Vou olhar por cima da borda, senhor — disse Oakes. — Às vezes algum nos faz companhia.

Um momento depois informou:

— Tudo está limpo, senhor.

— Obrigado, senhor Oakes — disse Jack.

Avançou até os pontais do corrimão e pendurou sua camisa e suas calças em um cabo estendido, respirou fundo e mergulhou mais fundo ainda. As bolhas passaram por seu lado com um som sibilante e sentiu que seu peso mudou e que a água estava fria o bastante para ser refrescante. Nadou vigorosamente meia milha e ao voltar-se contemplou o aparelho e as perfeitas linhas da fragata, que subia e descia e às vezes ficava oculta no seio de uma onda. O sol já havia deixado azul claro todo o céu e Jack podia sentir seus raios quentes na nuca. Apesar disso, ainda restavam algumas zonas escuras, e ele ainda não tinha recuperado de todo sua alegria. Contudo, notou como se ia apaziguando seu mau humor quando já estava a vinte jardas da fragata e viu o senhor Oakes inclinada sobre a parte da borda do castelo mais próxima da popa. Então pensou: “Meu Deus, é possível que me veja nu!” e imediatamente mergulhou e nadou, tão rápido como pôde, prendendo a respiração.

Não tinha que ter medo nem prender a respiração quase até arrebentar, porque Oakes já corria em direção dela para tapar-lhe os olhos e Killick corria para o capitão com uma toalha para tapar seu corpo.

Como Killick vira o capitão aproximar-se desde longe, também tinha calculado cuidadosamente o tempo em que lhe serviria seu primeiro café da manhã, do mesmo modo que um domador que tivesse que viver na mesma jaula com um enorme e teimoso leão lhe serviria os pedaços de carne de cavalo quando o sino do zoológico desse a primeira badalada.

Pela primeira vez, Stephen tomou o primeiro desjejum com ele. Havia dedicado tanto tempo a escrever em código que não pudera examinar muito atentamente nem a décima parte de todos os exemplares de plantas, nem as aves, nem seus parasitas, e a recordação deles lhe fizera sair da maca ao amanhecer quase tremendo de excitação, a mesma excitação que sentia em seus primeiros anos, como a primeira vez que viu o urze de Saint Dabeoc, quando tinha sete anos, ou o vale povoado de um curioso arbusto no ano seguinte ou o rato almiscarado dos Pirineus (o raro e esquivo parente do musaranho) só umas semanas depois.

— Estive a ponto de oferecer à senhora Oakes um lamentável espetáculo faz um momento — disse Jack depois de uma pausa na qual ambos beberam duas xícaras de café. — Regressava nadando para a fragata e quando estava a um tiro de pistola notei que ela estava junto da borda. Se tivesse olhado para onde eu estava, teria visto a um homem desnudo.

— Isso teria sido terrível — respondeu Stephen. — Por favor, passe-me uma torrada de fruta-pão.

Lembrou uma ocasião anterior em que a senhora Oakes, impassível, vira a um homem desnudo desde a escotilha da cabine onde ele a examinava. Naquele momento Jack estava em um bote dando ordens para recuperar uma guindaleza que havia se cortado no arrecife de coral e estava a ponto de mergulhar. Ela o observara com interesse e tinha comentado:

— O capitão Aubrey seria considerado um homem atraente mesmo na Irlanda, né? Mas lhe fizeram feridas por toda a parte.

— Não poderia recordar o número de feridas que lhe costurei e vendei, nem a quantidade de balas de mosquete que lhe tirei — disse Stephen. — E tenha em conta, senhora, que as que estão na frente são honoráveis, as de trás não.

Isso ocorreu muito antes que dessem o passeio por Annamooka. Na realidade, essa foi a primeira vez que notou que sua atitude para os homens era estranha, quase como a atitude de um médico, e lhe desconcertou até certo ponto, porque nem em seu rosto nem em seu comportamento habitual havia sinais de que

tivesse tido uma vida irregular. Ainda pensava nela quando Jack disse:

— Falando da senhora Oakes, faz tempo que não a ouço tocar a viola de Martin. E a verdade é que a Martin tampouco.

— Acho que me disse que a viola tinha um problema na pestana ou na cabeça. Como é possível que tão pouca gente a toque? Para cada vinte pessoas que tratam de aprender o violino, só uma tenta tocar a viola, ou às vezes menos, e, contudo, tem ou pode ter um som muito doce.

— A verdade é que não sei. Talvez seja mais difícil consegui-la e chegar a tocá-la bem. Pense com é raro encontrar um intérprete de primeira classe que possa responder a um violinista como Cramer ou Kreutzer em, por exemplo, obras de Mozart... Entre! Entre, Tom — acrescentou, servindo-lhe uma xícara de café.

— Obrigado, senhor. Só vim porque esqueci de perguntar se ia celebrar a cerimônia religiosa hoje.

— Sim — disse Jack, e seu rosto se entristeceu outra vez. — Sim, sem dúvida. Não há nada como a cerimônia religiosa para pôr em ordem as coisas. Mas só lerei os salmos relacionados com a penitência e os artigos do Código Naval.

Naturalmente, ia celebrar a cerimônia religiosa, e com toldos sobre o castelo de popa, mas antes tinha que se celebrar a de passar revista, a inspeção formal de todos os marinheiros, formados atrás dos oficiais de sua brigada, e a do lugar onde se alojavam. Essa era, como Jack tinha notado, a melhor oportunidade que tinha um capitão para apreciar o estado de ânimo da tripulação. Quando passou entre as filas olhou para todos os marinheiros, suboficiais e oficiais nos olhos, e tinha que ser tonto para que a expressão ou a falta de expressão daquele monte de caras bem lavadas e recém barbeadas não lhe indicasse mais ou menos qual era o sentimento geral da tripulação.

Mas isso estabelecia a comunicação em dois sentidos, porque os tripulantes da *Surprise* também deduziam qual era o estado de ânimo do capitão. E Jack, acompanhado por Pullings, deixava a sua passagem tristeza e desalento. Apesar do banho, do café da manhã

e do vento fixo e forte, ainda sentia raiva e ressentimento. Os tripulantes haviam manobrado mal e tinham feito o ridículo. Tanto os oficiais como os marinheiros tiveram um comportamento impróprio, pois tinham gritado, blasfemado e armado um barulho ao fazer uma manobra habitual que os velhos tripulantes da *Surprise* teriam feito sem o menor alvoroço e quase sem mais ordens que “recolher âncoras!”, como os tripulantes de um barco de guerra, não como os de um negligente barco corsário. Tiveram um comportamento execrável, e agora, à medida que Jack avançava, emanava dele a indignação. Só sorriu uma vez, quando chegou à brigada do condestável, o senhor Smith, que ajudava Reade, que fazia sua primeira aparição oficial desde o acidente.

— Eu me alegro de voltar a ver-lhe, senhor Reade — cumprimentou. — Tem permissão do doutor, né?

— Oh, sim, senhor! — exclamou Reade. — Disse que estava em condições de... — começou a dizer, mas como estava mudando a voz, seu tom subiu sem que pudesse controlar antes que, em um mais grave, concluísse: — fazer tarefas leves.

— Muito bom. Ainda assim, deve se cuidar porque não temos tantos marinheiros a bordo.

Depois chegou à brigada de Oakes, formada por gavieiros. Sempre fora uma das mais alegres da fragata e agora era a mais alterada. O sentimento de culpa era em parte a causa disso, assim como o de que estivessem perfeitamente limpos e arrumados com sua roupa de domingo (gestos com o que tratavam de dissipar sua ira), mas havia outra causa a mais que não podia definir. Passou por seu lado com o rosto grave e sem dizer nenhum dos comentários que tão amiúde fazia ao passar revista. Avançou até onde estavam os marinheiros do castelo e depois se aproximou de Jemmy Ducks e as meninas que tinha ao seu cargo. Então pensou: “Como cresceram! Talvez Fanny e Charlotte já estejam muito altas agora.” Ainda que as olhou afetuosamente e perguntou como estavam, elas o olharam com mais ansiedade que o habitual. Como os atos formais a que tinham assistido na remota Melanésia nos primeiros anos de sua infância haviam terminado às vezes com sacrifícios humanos, essa era razão suficiente para que estivessem desassossegadas,

porém, além disso, seu estado de ânimo se parecia mais ao dos tripulantes que ao do capitão, assim que, elevando-se até uma extraordinária altura, responderam tremendo.

A enfermaria estava vazia, e ali Stephen e Martin, com sua melhor roupa, estavam sentados tranqüilamente escutando o ruído que Padeen fazia ao dar polimento nas últimas coisas e pondo em perfeita ordem os instrumentos cirúrgicos. Martin rompeu o silêncio ao dizer em voz baixa:

— Eu lhe devo uma explicação por minha conduta de ontem. Não fui com o senhor e a senhora Oakes porque há algum tempo sinto muito... como o definiria?... Uma inclinação por ela, uma inclinação que seria pecado tolerar. Pensei que devia evitar sua companhia mesmo à custa de mentiras e descortesias que... garanto, Maturin, lamento muito.

— Não se preocupe, meu amigo — disse Stephen, movendo a mão. — Sem dúvida, é melhor fugir do que se queimar. E olhando do ponto de vista do naturalista, que não tem relação com a moral, examinamos mais terreno.

— Pela mesma razão quebrei a viola — continuou Martin, ainda pensando na primeira idéia. Mas logo, ao assimilar o último comentário de Stephen, levou a mão ao bolso e disse: — Realmente. Em algum ponto do caminho de regresso, quando Falconer e eu estávamos sentados entre um monte de troncos de árvores velhas e apodrecidas, derrubadas por algum furacão, um tipo de lugar que, conforme acredito, não achou o senhor, encontrei uma grande variedade de insetos. Aqui tem uma seleção.

Pegou uma caixa plana do bolso e Stephen a abriu e a inclinou para a luz que se filtrava.

— O senhor é digno de glória! — exclamou. — São algavaros! Não, estes devem pertencer à família dos *Cleridae*. Que cores! Sir Joseph se assombrará ao vê-los e eu lhe estou muito agradecido. Vejo que estão todos mortos.

— Sim. Não podia suportar sua perpétua e inútil luta para escapar nem o ruído dos arranhões, assim que lhes passei álcool.

— Estimado cavalheiro, ele está justo acima — sussurrou Padeen nervosamente e, é claro, em irlandês, assomando a cabeça

pela escotilha como um coelho e retirando-a imediatamente.

— Acho que devo lhe dizer que o capitão Aubrey quer convidar-lhe para almoçar com Pullings, os Oakes e eu — disse Stephen.

— Oh, obrigado! — exclamou Martin, sorrindo com desânimo.
— Agora que estou advertido, acho que poderei conservar a serenidade o tempo que dura um almoço.

Quando Jack terminou de inspecionar a enfermaria, disse:

— Senhor Martin, espero ter o prazer de desfrutar de sua companhia hoje no almoço.

E Martin, contudo, respondeu:

— Desafortunadamente não, senhor, e lhe peço desculpas. Eu me encontro muito mal e nem mesmo poderei assistir à cerimônia religiosa. Mas permita-me dizer que aprecio muito a sua bondade. Estou realmente mal. Um homem tem que estar em muito mal estado para declinar o convite de quem é ao mesmo tempo seu chefe e seu superior hierárquico.

A recusa a um convite para almoçar de um capitão era algo exageradamente raro na Armada, um ato que se considerava hostil e muito próximo da rebeldia e mesmo da alta traição; contudo, Jack, que não considerava a Stephen nem a Martin verdadeiros marinheiros, absorveu com calma e lhe disse que talvez se devia a algo que havia comido em Annamooka e lhe aconselhou deitar-se.

— O melhor remédio para um homem é seu travesseiro, ainda que não deveria dizer isto em semelhante companhia.

Depois, o capitão lhe pediu que indicasse os salmos mais sombrios e reiniciou imediatamente a inspeção.

Quando ele e Pullings passavam pela coberta inferior para dirigir-se para a proa, um rato cruzou seu caminho.

— Meu Deus! — exclamou Jack. — Aí foi onde descobrimos a senhora Oakes vestida de homem. Isso ocorreu não faz muito tempo, se um o pensa, e, contudo, ela já parece uma parte indissolúvel da fragata, igual ao mascarão de proa.

Pullings, que venerava e detestava por igual o mascarão de proa, angustiado, murmurou uma frase de assentimento. E depois de um momento, Jack continuou:

— Sabe de onde pegou aquelas calças? Eram muito pequenas para Oakes.

— Pertenciam ao pobre Miller, senhor — disse Pullings, referindo-se a um guarda-marinha que tinha morrido no combate mais recente que Jack travara. — Quando se venderam suas coisas junto ao pau maior, Reade comprou o uniforme com a esperança de que cresceria o suficiente para colocá-lo em Nova Gales do Sul, mas não foi assim. Suponho que depois o emprestou, mas falo por falar, senhor. Não sei com certeza — acrescentou, porque não queria parecer um delator.

— É muito provável — disse Jack, recordando-se do pobre Miller. — São mais ou menos do mesmo tamanho.

Não disse nada mais até que saíram outra vez para a luz, uma luz tão brilhante que lhes fez semicerrar os olhos e também permitiu aos tripulantes compreenderem que nada do ocorrido abaixo do convés havia mudado o estado de ânimo do capitão e que ainda tinham um osso duro que roer.

A rosada cara de Jack Aubrey, onde se destacavam seus grandes olhos azuis, por mais caretas que ele fizesse, nunca poderia ter um gesto malvado, mas a indignação pelo ocorrido na fragata e o profundo ressentimento com os marinheiros que a haviam tratado tão mal lhe davam um aspecto leonino que intimidava a todos. Esse aspecto não mudou durante a cerimônia religiosa, celebrada conforme um austero ritual que não era aliviado pela presença do reverendo Nathaniel Martin, que, apesar de não se dar bem com os sermões, tornava-a mais humana do que era hoje. Depois das orações de rigor, lidas com voz forte e tom violento, e o salmo referido à confissão dos pecados, os tripulantes da *Surprise* ouviram o capitão alçar sua potente voz a um tom ou dois e ler os temíveis artigos do Código Naval em um tom ainda mais violento. Pôs mais ênfase que de costume nas palavras, "...se algum oficial, infante da marinha, soldado ou outra pessoa da Armada briga com oficiais de maior categoria enquanto desempenha suas funções ou desobedece alguma ordem de algum dos oficiais de maior categoria, se for declarado culpado, será castigado com a morte." E também em: "Se alguma pessoa da Armada briga com outra pessoa da Armada ou lhe

faz sensuras ou frases ou gestos para provocar uma briga ou desordem, se é declarada culpada, receberá o castigo que a falta mereça...” E também em: “Nenhuma pessoa que se encontre na Armada ou pertença a ela pode ser negligente no cumprimento de seu dever nem abandonar seu posto, e receberá por isso a pena de morte.”

Como a senhora Oakes e as meninas estavam presentes, saltou o artigo XXIX, que se referia à sodomia e dizia que se castigava ao sodomita com a forca, mas leu enfaticamente o XXXVI: “Todos os delitos não castigados com a pena capital que não estejam mencionados neste código ou para os quais não se tenha determinado ainda um castigo, serão castigados de acordo com as leis e os costumes e tendo em conta casos similares ocorridos no mar.” Terminou dando uma olhada para a congregação que fez a todos recordar os castigos mais cruéis que costumavam aplicar-se no mar (como ser passado por debaixo da quilha) e, além de tudo, fez empalidecer de novo a Emily, que era mais fraca que Sarah e vira como Jemmy Ducks mudava de expressão.

Depois disto e das observações do meio-dia, ordenou romper filas aos tripulantes, que imediatamente foram almoçar, mas com o pouco apetite que o grogue lhes abriu. Depois começou a percorrer a primeira de uma longa, longa série de milhas no lado de barlavento do castelo de popa.

Então o tambor tocou *Heart of Oak* para anunciar o almoço do reduzido número de oficiais e Martin se meteu em sua cabine com duas bolachas escondidas. O capitão continuou caminhando de um lado para outro com seu elegante colete branco, com uma expressão tão grave quanto a de um juiz, que pressagiava um almoço não muito alegre.

Apesar de tudo, Jack tinha um grande senso de hospitalidade, entre outras coisas porque quando tinha entrado na Armada estivera sob as ordens de um sobrinho do amável almirante Boscawen, que seguia o costume de seu tio, famoso em toda a Armada, um costume de acordo com a natureza do capitão Aubrey. Assim que quando Killick foi lhe dizer que o doutor estava arrumado e empoadado, que a casaca de sua senhoria estava pendurada no

respaldo de sua cadeira e que seus convidados estavam quase prontos, desceu correndo a escada com o rosto resplandecente e entrou na qual era oficialmente sua cabine-dormitório, agora convertida em uma cabine-refeitório porque o número de convidados era muito pequeno. Ali brilhavam entre orquídeas os objetos de prata (a alegria de Killick) e sua casaca estava na cadeira da cabeceira. Pôs a esplêndida casaca com galões e dragonas douradas, deu uma rápida olhada na mesa e na cabine e passou para o compartimento onde receberia aos convidados com suas poucas garrafas de genebra, cerveja amarga e vinho de Madeira.

Os convidados chegaram em grupo e pôde se ouvir na entrecoberta uma curta batalha para ceder a precedência. Mas a batalha estava perdida antes de começar e todos entraram de acordo com a ordem estabelecida. A senhora Oakes, *a Mulher Escarlata*, como a chamavam os seguidores de Seth e mais alguns marinheiros, entrou primeiro, com uma nova versão de seu traje de noiva, fez uma graciosa reverência ao capitão Aubrey com a costas muito retas e perfeitamente sincronizada com o balanço da fragata e deu passagem para Tom Pullings, que era quase tão honorável como um capitão de navio. Depois entrou Stephen, que, por ser simplesmente um cirurgião e um oficial assimilado, usava uma casaca azul sem galões, ainda que lhe fosse permitido ter o colarinho da camisa bordado ao redor do olhal. E por último entrou Oakes, que não tinha direito de preceder a ninguém e cujo único adorno era o intenso brilho de seus polidos botões.

Apesae disso, era o mais alegre do grupo e sorria como para si. Era óbvio que havia se arrebatado por beber grogue, e quando Jack perguntou a Clarissa o que queria que lhe servisse, ela disse no tom próprio de uma esposa, um tom que fez aos homens casados, incluídos Killick e seu ajudante, rirem interiormente, que lhe encantaria que permitisse compartilhar o vinho de Madeira de seu esposo. Quando soou o sino todos entraram na cabine-refeitório e para Clarissa lhe designaram o lugar da direita de Jack. Pullings se sentou diante dela e Stephen ao seu lado. Oakes se sentou à esquerda de Pullings, separado dela por um amplo pedaço de toalha de mesa, e amiúde a olhava com submissa admiração, e às vezes ela

o olhava de tal maneira que ele entendia “Basta!” quando Killick apenas lhe havia servido vinho até a metade da taça.

Mas nem a restrição do vinho nem a atmosfera pessimista da fragata afetou seu ânimo. Stephen, que estava sentado *vis-a-vis*, teve a impressão de que entre ele e Clarissa ocorrera algo ou tinha algum novo acordo que talvez fora ratificado fisicamente.

— Doutor — disse sorridente, inclinando-se sobre a mesa. — O senhor é uma pessoa muito instruída, porém, sabe o que é que cresce mais quanto mais se corta?

Stephen esteve pensativo alguns momentos com a cabeça inclinada, depois bebeu um trago de vinho e, em meio do expectante silêncio, perguntou:

— O aipo?

— Não, senhor, não é o aipo. — Respondeu Oakes com grande satisfação.

Outros sugeriram que eram o feno, a barba ou as unhas e Killick disse ao ouvido de Stephen:

— Tente com o rabanete picante, senhor.

Mas ninguém acertou, e finalmente, quando levavam a sopa, Oakes teve que dizer que o que crescia mais quanto mais se cortava era uma vala. Todos, inclusive Pullings, esquecendo seu sentimento de culpa pelo estado atual da fragata, disseram que era a costure mais aguda que tinham ouvido, e a opinião que Jack tinha de Oakes melhorou. Então pôde ouvir-se a Killick explicar a adivinhação ao seu ajudante, Jack *o Mal-encarado*, quando levavam o pescado para a cabine pela entrecoberta.

Oakes fez ostentação de seu triunfo, ainda que modestamente, enquanto comiam o pescado, um excelente pescado parecido com o bonito, mas com manchas vermelhas. Entretanto, Jack explicou a Clarissa como eram os ventos alísios enquanto Pullings escutava atentamente e Stephen observava a anatomia do pescado.

— Doutor — disse Oakes depois de limpar o prato —, recorda-se da taberna Bathurst de Sidney? Pois bem, um militar costumava ir ali com um par de amigos e jogávamos juntos ao *whist* apostando meio penique. Depois de duas ou três mãos, sempre pedia um cachimbo com tabaco, mas um dia não o pediu, assim que lhe

perguntamos: “Não vai fumar hoje?”. Então ele respondeu: “Não, porque ontem à noite acendi o cachimbo com a partitura de uma balada enrolada e desde então ouço uma melodia dentro da cabeça. Acho que a balada ainda está aí.”

Stephen observou que Clarisa olhava com expressão angustiada para seu esposo, que, encantado com a recepção de sua piada, não fez caso disso e contou a história de um homem que tinha o cabelo comprido até os ombros e que, quando um companheiro que era calvo lhe perguntou por que o deixava tão longo, respondeu que era para ver se o cabelo dava sementes para plantar nas calvas de outros.

— Muito bem, muito bem, senhor Oakes! — exclamou Jack, golpeando a mesa com a mão. — Bebamos a sua saúde.

Enquanto comiam o porco assado, bebeu à saúde de todos os convidados, e em especial de Clarissa, cujo aspecto lhe parecia ter melhorado por ter estado exposta ao sol e à chuva.

— Voltando aos ventos alísios, senhora — continuou —, espero encontrar dentro de pouco os do nordeste, e então a senhora verá o que a fragata pode fazer, pois teremos que navegar para barlavento dando bordejadas, pois é contra um vento forte e fixo que navega melhor.

— Oh, ficarei encantada! — exclamou Clarissa. — Não há nada mais emocionante que agarrar-se com as duas mãos quando a fragata se inclina e a espuma passa rápido pelos costados.

Falou com sincero entusiasmo e Jack lhe lançou um olhar de aprovação ou inclusive algo mais que aprovação, mas imediatamente afastou a vista para que não notassem sua admiração.

— Doutor — disse, projetando a voz para o outro lado da mesa —, tem a garrafa ao lado.

Oakes estava silencioso há um tempo. Permaneceu silencioso enquanto serviram o pudim de passas e também enquanto o comiam, mas quando engoliu a última colherada levantou a taça e, olhando sorridente ao seu redor, disse:

Desfrutemos da vida enquanto possamos, pois nada chega tão rápido quanto a morte.

No castelo, em troca, não havia muita alegria, ainda que era a hora da guarda do segundo quartilho, a hora do dia em que nos domingos costumava haver baile, e a tranqüila e bonita tarde era muito apropriada para isso. Só as meninas brincavam uma versão de amarelinha que os marinheiros de Orkney lhes ensinaram, mas brincavam sem fazer muito ruído enquanto os marinheiros as olhavam sem dizer nada.

Havia ainda menos alegria no castelo de popa. Quando Stephen chegou ali pouco antes do pôr do sol, viu a Davidge, o oficial de guarda, que estava de pé junto à borda, com expressão de cansaço e tristeza, e parecia um homem de meia idade e também a Clarissa, que estava sentada sozinha no lugar costumeiro junto ao coroamento.

— Quanto me alegro de que tenha vindo! — exclamou. — Estava ficando triste, o que seria uma lástima depois de tão esplêndida refeição. Mas isso é estranho porque nunca me há incomodado a solidão e em Nova Gales do Sul desejava com ânsia ficar sozinha. Talvez aqui me sinta assim porque me desgosta muito não agradar aos outros... Reade, Sarah e Emily... Éramos tão bons amigos! Não sei em que os ofendi.

— Os jovens são muito inconstantes.

— Sim, eu também acho. Mas é decepcionante. Olhe, o sol está a ponto de tocar o mar!

Quando a última porção do cerco alaranjado desapareceu e só se via um resplendor amarelo limão na névoa, continuou:

— Para o capitão Aubrey as coisas são diferentes porque o senhor está a bordo, mas a maioria dos capitães estão encerrados no barco sem ninguém com quem falar... São muitos os que levam suas esposas ou amantes para navegar com eles?

— Não é usual que levem suas esposas, e é muito raro nas viagens longas. Quanto às amantes, todos desaprovam sua presença, desde os lordes do Almirantado aos marinheiros comuns. Tiram a autoridade dos oficiais e prejudicam sua reputação.

— Ah, é? Contudo, nem os marinheiros nem os oficiais da marinha são famosos por sua castidade.

— Não em terra, mas no mar se segue um conjunto completamente diferente de réguas. Talvez não seja lógico nem coerente, mas todos o conhecem muito bem e o respeitam.

— Ah, é? — perguntou, realmente interessada, inclinando-se para frente. Depois suspirou e, movendo a cabeça de um lado para outro, prosseguiu: — Sei muito pouco dos homens, quero dizer, de como são em geral na vida cotidiana, de como são de dia, não de noite.

CAPÍTULO 8

Na segunda-feira o dia amanheceu muito brilhante e sua luz iluminou aos homens da guarda de estibordo quando estavam trabalhando na popa, limpando o convés com areia úmida, pedra arenito e esfregões. O sol saiu quando estavam perto do cabrestante, onde West estava sentado com as calças arregaçadas para que não se molhassem com a água que corria. Geralmente o amanhecer era o momento para expressar discretamente alegria e dizer coisas criativas como: "Aqui estamos outra vez, companheiros" ou "Está contente com seu trabalho?". Mas nesse dia não se ouviu nada, além do ruído das pedras arenitos quando os marinheiros as moviam conscienciosamente, o choque dos baldes e algumas duras advertências como: "Tenha cuidado não vá parar debaixo do maldito gradeado, Joe". E Tudo isso apesar do brilhantismo do dia, do suave movimento da fragata, que tinha um forte cabeceio e se inclinava ao atravessar as ondas, e do vento favorável, um vento do leste que ondeava o mar e trazia consigo um excelente frescor.

Quando soaram as sete badaladas, deram a ordem de subir as macas, e os homens da guarda de bombordo, com elas enroladas em forma de cilindro e perfeitamente atadas, subiram correndo para o convés de forma exemplar. Ali um suboficial os colocava no anteparo, umas em cima das outras, com meticulosa regularidade, como se um almirante fosse fazer uma inspeção. Tampouco entre esses homens havia alegria: não houve quando saíram à luz do sol nem meia hora depois, quando chamaram a todos para desjejuar.

Os antigos tripulantes da *Surprise*, ou seja, os que haviam navegado com o capitão Aubrey em missões anteriores, obviamente, comiam juntos, ainda que às vezes isso implicava estar na

desagradável e às vezes perigosa companhia de Davies *o Lerdo*. Agora todos escutavam em silêncio como contava que o capitão tinha chegado ao convés ao amanhecer e dera bom dia a West com tal frieza que suas bolas poderiam ter se congelado, depois do que Wilson comentou: “Ele está bem”. Acrescentou que havia passeado de um lado para outro em camisa de dormir enquanto olhava mal-humorado para barlavento, como um leão que procurava a presa que ia devorar.

— A mim não podem fazer nada — disse Plaice. — Só fiz o que os oficiais me mandaram. Um me disse: “Amarre esse cabo, Plaice, maldito seja!”. E eu o amarrei, ainda que sabia que assim o vento chegaria à vela pelo lado que deveria ficar a sotavento. Depois outro me ordenou: “Solta, solta, solta, Plaice, maldito seja!”. E eu soltei. Negar-se teria sido sublevar-se. Sou inocente como um cordeiro.

Com certa dificuldade Padeen disse que Deus não tinha criado nenhuma manhã mais bonita que aquela nem um vento mais favorável, um vento que teria dulcificado a Héctor e ao mesmíssimo Poncio Pilatos.

Gostavam de Padeen por seu trato amável na enfermaria e porque tinha passado um período muito difícil em Botany Bay, e todos acreditavam que havia absorvido conhecimentos do doutor. Agora alguns se tranqüilizaram ao ouvir suas palavras.

Mas a tranqüilidade foi breve e desapareceu pouco antes de que soassem as seis badaladas na guarda da manhã, quando os oficiais e os guardas-marinhas apareceram no castelo de popa com seus uniformes, seus chapéus de dois bicos e sabres ou adagas. Pullings deu ordem de preparar o gradeado e o senhor Adams subiu apressadamente a escada do castelinho com o Código Naval. Assim que soaram as seis badaladas, os ajudantes do contramestre gritaram:

— Todos os marinheiros a presenciar os castigos!

Nesse momento, a tripulação da fragata, com um sentimento geral de culpa, foi à popa como um desordenado rebanho.

— Todas as mulheres para baixo! — gritou o capitão Aubrey.

Então Sarah e Emily desapareceram.

Pullings, que estava ao lado do capitão, disse:

— A senhora Oakes já está abaixo com o doutor, senhor.

— Muito bem. Adiante, capitão Pullings.

Na atualidade não havia nenhum cabo a bordo da *Surprise*, assim que o próprio Pullings começou a chamar os marinheiros que cometeram faltas e a dizer qual era a que tinha cometido cada um enquanto eles se afastavam da multidão. O primeiro foi Weightman.

— Insolência e falta de atenção em seu trabalho, senhor, com sua permissão.

— Tem algo a dizer em sua defesa?

— Sou inocente, sua senhoria, eu lhe juro — disse o açougueiro.

— Algum dos oficiais tem algo a dizer a seu favor?

Esperou alguns momentos. Entretanto o vento sussurrava na exércia e os oficiais olhavam para o vazio.

— Tire a camisa! — disse Jack.

Weightman a tirou lentamente.

— Amarrem-no!

Os suboficiais ataram Weightman ao gradeado pelos pulsos, situando-os um pouco acima dos ombros, e disseram:

— Está amarrado.

Jack pegou o Código Naval e imitado pelos oficiais e guardas-marinhas, tirou o chapéu e leu:

Nenhuma pessoa que se encontre ou pertença à Armada deve dormir-se enquanto faz a guarda nem *ser negligente na realização das tarefas encomendadas* nem abandonar seu posto, sob pena de morte ou de receber o castigo que o caso ou as circunstâncias requeiram.

Em continuação disse:

— Doze açoites.

Então, voltando-se para o ajudante do contramestre, ordenou:

— Vowles, cumpra com seu dever.

Vowles pegou o açoite de um saco de veludo vermelho, tranqüilamente adotou a posição apropriada e quando a fragata subiu com o balanço descarregou o primeiro golpe.

— Oh, Meu Deus! — gritou Weightman.

A senhora Oakes e Stephen levantaram a vista.

— Estão aplicando castigos — disse Stephen. — Alguns marinheiros se comportaram mal quando recolhíamos âncora.

— Oakes me contou isso— disse ela. — Quantos açoites o capitão costuma dar?

— Jamais o vi dar mais de uma dúzia e quase nunca essa quantidade. Nos barcos que estão sob seu comando, raras vezes há surras.

— Uma dúzia? Meu Deus, isso assombraria às pessoas em Nova Gales do Sul! Havia um homem horrível, que era pastor e magistrado, que só dava açoites em centenas. O doutor Redfern o odiava.

— Eu sei, minha amiga. E eu também. Agora respire fundo e prenda a respiração? Muito bem. É suficiente. Pode vestir-se outra vez.

— O senhor diz isso no mesmo tom que o estimado doutor Redfern — disse Clarissa por baixo das dobras de seu vestido de algodão azul e depois, tirando a cabeça, acrescentou: — Que afeto senti por aquele homem quando me disse que não estava grávida nem... Enferma! Poderia ter sofrido qualquer dos dois estados porque haviam me violado com freqüência suficiente para isso.

— Eu sinto muito, muitíssimo — disse Stephen.

— Para algumas jovens isso teria sido aterrador, mas para mim, desde que não tivesse consequências, não tinha muita importância.

De fato, nos barcos que estavam sob o comando de Jack Aubrey raras vezes havia surras, mas desta vez os marinheiros o haviam humilhado e ofendido e castigou a muitos duramente, com sete chicotadas e a supressão do grogue. Dos homens que foram amarrados nenhum gritou além de Weightman, mas nenhum se foi sem marcas. Quando os soltavam, Padeen, com lágrimas correndo pelas bochechas, avançava para eles e limpava suas costas com uma esponja com vinagre e Martin os untava as bolhas com linimento e lhes dava a camisa, o que eles agradeciam muito. Tudo isso se realizou com a mesma formalidade que em um barco de guerra (acusação, resposta, prova do comportamento, circunstâncias atenuantes, decisão, leitura do artigo relevante, sentença e castigo),

e ainda que as últimas sentenças não excediam os seis açoites, duraram muito tempo, o mesmo que Stephen e Clarissa passaram falando tranqüilamente dos homens em geral, dos homens normais e comuns.

O caso do último marinheiro que foi açoitado era inusual. Era James Masón, um ajudante do contramestre e um bom marinheiro. Os oficiais falaram em seu favor, mas como tinha cometido uma falta muito grave (desobediência), Jack ordenou que o amarrassem ao gradeado e disse:

— Em vista do que dizem os oficiais, só receberás meia dúzia. Senhor Bulkeley, cumpra com seu dever.

Certamente, um contramestre tinha o dever de açoitar seus ajudantes, ainda que isso ocorresse muito poucas vezes. Apesar de que fazia anos que não ordenavam a Bulkeley aplicar um castigo e já havia perdido o costume, pegou o chicote das mãos de Vowles, mas permaneceu alguns momentos enquanto alisava as cordas ensangüentadas do chicote. Tinha afeto pelo jovem James e se dava muito bem com ele, mas todos os tripulantes da fragata o estavam olhando atentamente e não deviam vê-lo dar um trato favorável ao seu ajudante, assim que desferiu o primeiro golpe de tal maneira que Masón estremeceu e deu um forte arquejo, apesar de que ser como uma rocha. Quando o soltaram, cambaleou, secou o rosto e lançou ao confuso e envergonhado contramestre um olhar de censura.

Na cabine de Stephen, o tema da conversa passou da dor para a enorme dificuldade de definir as emoções e de atribuir-lhes um valor quantitativo ou um grau de intensidade.

— Voltando à dor — disse Stephen —, recordo que quando o capitão Cook esteve aqui surrava os ilhéus por roubar, mas dizia que era inútil, que daria no mesmol açoitar um poste. E vi a alguns aborígenes de Nova Gales do Sul que suportavam dores produzidas por queimaduras, golpes e espinhos que eu não teria podido resistir. Por outro lado, geralmente os marinheiros aguentam uma dúzia de chicotadas sem um burburinho. Com relação à senhora, depois de considerar tudo, a resistência e a fortaleza da juventude, a dependência psicológica, o orgulho e outras coisas, assombra-me

que as experiências que teve não tenham acabado com sua bondade e seus sentimentos mais tenros, convertendo-a em uma pessoa mal-humorada, amargurada e esquiva.

— No que se refere aos sentimentos tenros, talvez nunca experimentei muitos. Tinha aversão à maioria dos gatos, dos cachorros e das crianças e nunca gostei de bonecas nem dos coelhos domesticados e às vezes reagia violentamente quando me repreendiam, mas não estava mal-humorada nem amargurada então nem o estou agora, e tampouco sou esquiva. Acho que sou bastante amável ou trato de sê-lo com pessoas que também o são comigo ou que necessitam ser tratadas assim. Sei que gosto muito de inspirar simpatia e de ficar em boa e alegre companhia. *Sic erimus cuncti postquam nos auferet Orcus / ergo vivamus dum licet esse, bene.* E também sei que não sou um monstro incapaz de sentir afeto. — Então pôs a mão no joelho de Stephen e, ruborizando apesar de seu leve bronzeado, disse: — O que ocorre é que não posso conectá-lo com... como poderia chamá-lo sem ser grosseira?... Com essa relação carnal com gemidos, luta e jogos amorosos. Acho que ambas as coisas são pólos opostos.

— Estou seguro de que são. *Sic erimus cuncti...* Então foi daí que o senhor Oakes tirou overshoes de ontem. Ele me assombrou.

— Sim. Eram umas aleluias que fiz enquanto colocava o vestido. Fiquei surpresa que as recordasse.

Os únicos pacientes que Stephen teve naquela tarde foram o açougueiro e o ajudante do contramestre, pois ambos, especialmente Maçom, necessitava ser enfaixado. Martin tinha posto bandagens comuns, mas tinha pouca experiência em feridas desse tipo porque geralmente os tripulantes da *Surprise* tinham um bom comportamento, e para colocar a bandagem ao redor do torso de maneira que pudessem mover-se com certa facilidade se necessitava de uma pessoa com mais experiência.

Para essa pessoa com mais experiência era óbvio que a enfermaria se encheria muito cedo. Jack tinha ordenado esticar cabos por todas as partes da fragata, e também, ao desculpar-se por não ir almoçar (disse que comeria um bocadinho pela tarde e que se o

vento seguisse assim, provavelmente poderiam comer pescado fresco à hora de tocar música), tinha falado de uma coluna volante, e ainda que Stephen não sabia muito bem o que havia querido dizer com isso, baseando-se no axioma de que tudo o que sobe, desce, supunha que teria muitos casos de membros, costelas e inclusive crânios quebrados.

Esteve pensando nisso enquanto comia na câmara dos oficiais, onde havia relativo silêncio e ansiedade e um comportamento bastante amistoso havia substituído a malevolência. Martin devorou a refeição como um lobo e pediu a Pullings duas vezes que o servisse “outro pedaço desse excelente porco assado”. Depois que por fim lhe tiraram o prato vazio e antes da sobremesa, disse a Stephen que vira uma grande quantidade de alcatrazes ao norte e que o velho Macaulay, que conhecia esses mares, confirmara sua idéia de que isso indicava que ali havia um cardume, assim que poderiam ir pescar se a tarde fosse tranqüila.

— Os senhores os médicos podem ir pescar — disse Pullings —, mas acredito que nós vamos ficar aqui fazendo manobras até o Natal.

Nunca disse nada mais verdadeiro. A *Surprise* não tinha atravessado ainda a zona de ventos variáveis, e durante a guarda da tarde, o vento, que tratava de esquartejar a bússula há tempo, diminuiu de intensidade até que quase cessou, mas o fez quando a fragata já estava a uma milha da zona onde os alcatrazes pescavam e fazia muito pouco que haviam baixado o esquite de Stephen para a água.

Martin e Stephen remaram trabalhosamente, levando a bordo varas de pescar, redes, peneiras para pegar animais microscópicos, potes, frascos e cestas, os quais atrapalhavam seus desajeitados movimentos e, como consequência, avançavam mais lentamente e tinham muito mais calor em meio do ar úmido e imóvel. Stephen, que não sentia vergonha ao despir-se e o havia feito muitas vezes e não tinha medo de queimar-se com o sol, tirou a roupa; Martin, em troca, muito mais pudoroso, só desabotoou a camisa e arregaçou as calças e teve que sofrer.

Valeu a pena o esforço que fizeram. O cardume estava bem definido, e assim que ultrapassaram o limite e se encontraram entre os alcatrazes viram que tinha pelo menos dois níveis. Em um havia um monte de lulas perseguindo caranguejos e larvas de várias espécies marinhas que não puderam identificar, ainda que estavam quase seguros de que eram de madrepérolas; em outro, que ficava duas ou três braças mais abaixo e podia ver-se claramente, sobretudo na parte onde o esquife fazia sombra, havia revoadas de peixes do tipo da cavala que iam de um lado para outro, emitindo lampejos ao girar, e se alimentavam de uma grande massa de alevinos que formavam um conjunto opaco dentro das claras águas verdes. Os alcatrazes pescavam nos dois. Às vezes roçavam ligeiramente a água para capturar uma lula que estava justo abaixo da superfície; outras mergulhavam na água, da mesma altura que um projétil lançado por um morteiro, para chegar à profundidade onde estavam os peixes. Não prestavam atenção aos dois homens e em ocasiões se submergiam tão perto do esquife que o salpicavam de água. E depois de um tempo, quando os dois homens terminaram de classificar os alcatrazes (pertenciam a duas espécies, nenhuma muito rara), deixaram de prestar-lhes atenção. Pegaram várias lulas com as redes e viram que pertenciam pelo menos a onze variedades diferentes, ainda que desconheciam o nome de duas delas. Depois pegaram com a peneira grande quantidade dos animais que serviam de alimento para as lulas e os meteram em potes que fecharam muito bem. Depois pegaram alguns peixes bastante grandes, de umas duas libras, cevando o anzol com torresmos cortados em forma de peixinhos.

— O Paraíso deve de ter sido assim — disse Martin, metendo outro na cesta e acrescentou: — Que contentes todos ficarão quando voltarmos com nossa captura! Não há nada como o pescado fresco.

Nesse momento olhou para a fragata e sua expressão mudou por completo.

— Oh! — gritou. — Ela perdeu um mastro!

Sem dúvida, tinha um aspecto horrível, parecia disforme.

— Oh, não, não! — disse Stephen e depois procurou entre sua roupa a luneta de bolso, dirigiu-a para a fragata e continuou: — Não, meu amigo. Somente estão trocando os mastarésus.

Pela grande atividade que havia no cesto da gávea do maior, onde estavam colocando novos amantilhos para o mastaréu maior, compreendeu que estavam fazendo aquele trabalho, um dos mais duros que um homem pode fazer, da popa à proa.

Pullings e Oakes estavam no castelo; Davidge se encontrava no cesto da gávea do traquete; West estava colocado sobre a cruzeta. Tanto eles como os marinheiros que estavam sob seu comando trabalhavam com diligência e Jack, flanqueado por Reade e Adams, tinha o relógio aberto e media o tempo.

— Acho que nunca vio fazerem isto — disse Stephen, dando-lhe a luneta. — Quer que lhe conte o que estão fazendo?

— Se é tão amável.

— Primeiro desenvergam as joanetes e as descem para o convés e depois tiram a verga. Depois descem o mastaréu de joanete, uma manobra com que todos estamos familiarizados e que os marinheiros experimentados e atenciosos de seu dever podem fazer em questão de minutos. Depois fazem o mesmo com a gávea, sua enorme verga e o próprio mastro, o que, sem dúvida, é um duro trabalho. É evidente que já fizeram a operação no pau mezena e no maior e que agora a estão fazendo no traquete. E pelas figuras que vi avançar para o gurupés, deduzo que também pensam trocar a espicha.

— Procuram as partes que estão defeituosas e as substituem?

— Suponho que sim, mas acredito que os verdadeiros objetivos são que os marinheiros aprendam bem as tarefas próprias de seu ofício, para trabalharem mais rápido e talvez também perfeitamente sincronizados. Às vezes isto não é feito para ser forçar a observar estritamente a disciplina ou cumprir imediatamente as ordens mas por espírito competitivo e inclusive por vaidade. Os antigos tripulantes da *Surprise*, que estão bastante tempo juntos e são todos marinheiros de barcos de guerra, faziam-no muito bem. Recordo-me que uma vez, quando estávamos nas Antilhas, trocaram os mastarésus ao mesmo tempo que no *Hussar*, cujos marinheiros se

consideravam experimentados, e terminaram em uma hora e vinte e três minutos. Todos já estavam bailando e tocando a charamela no castelo quando os tripulantes do *Hussar* ainda não haviam colocado a verga da joanete maior. Olhe como o mastaréu sobe oscilando, seguro por um complexo sistema de cabos. Sobe e sobe enquanto o cabrestante dá voltas... Sobe mais, cada vez mais... Já está a suficiente altura. Tom grita: "Colocado!" Agora lhe põem a cunha e o amarram. Os marinheiros se lançam aos mastaréus e desatam alguns cabos. Agora lhe segue o bonito mastaréu de joanete...

Assim foi. E quando a fragata voltou a ter um aspecto decente (a troca da espicha não tinha importância para os médicos), voltaram a ocupar-se das lulas, que agora estavam mais ativas que antes.

— Estou quase seguro de que ali há espécies desconhecidas — disse Martin.

Inclinou-se para frente com a rede de cabo longo, mas antes de metê-la na água se jogou para trás e, horrorizado, disse:

— Não se mova. Não bote o braço para fora da borda. O símile que fiz do Paraíso era muito real. O demônio está conosco.

Os dois olharam cautelosamente por cima da borda e viram a conhecida figura de um tubarão abaixo do frágil esquite. Sem dúvida, era um dos muitos tipos do gênero *Carcharias*, ainda que para determiná-lo teriam que olhar-lhe a dentadura. Não obstante, parecia maior que a maioria, muito maior.

— Acha que é provável que se choque com o esquite? — perguntou Martin em voz baixa.

— Indubtavelmente poderia fazê-lo se subisse de repente. Dizem que às vezes pegam impulso e se lançam contra os botes pelo centro ou, como dizemos nós, pelo través, e dão rabadas para a direita e esquerda.

— Não sei como pode falar com tão pouca seriedade, sobretudo sendo um homem casado também — disse Martin.

Ficaram em silêncio, um silêncio que só rompiam de vez em quando o chape de algum alcatraz ao submergir muito fundo e os distantes gritos do contramestre. Um alcatraz mergulhou muito perto e o tubarão saiu devagar de baixo do esquite e se adentrou nas

profundidades, tapando a ave com seu enorme corpo, e ainda que cada vez ficava mais borrado, quando desapareceu ainda se via enorme. Depois três ou quatro penas saíram flutuando.

— Acredita que regressará? — perguntou Martin, ainda olhando para baixo fazendo sombra sobre os olhos com a mão.

— Não sei — respondeu Stephen. — Mas creio de que pensa que pertencemos à mesma espécie que o alcatraz, cuja carne tem sabor acre e é fedorento.

Ao longe se ouviram fortes apitos e o vozeirão do capitão Aubrey gritando para os marinheiros que se apressassem. Em rápida sucessão desceram todos os botes da fragata e seus tripulantes saltaram para eles tão velozmente como se acabassem de avistar uma presa e depois de atar alguns cabos começaram a rebocar a fragata em direção aonde estavam os alcatrazes.

Quando a *Surprise* chegou onde eles estavam, o sol já estava muito baixo no céu, os peixes tinham deixado de picar e as lulas e suas presas tinham descido muito e não se viam. Assim que os marinheiros subiram os botes a bordo, foram chamados para jantar, ainda que com atraso, e lhes deram muito pouco rum na janta.

— Que grande consolo é ter sólidas pranchas de carvalho maciço debaixo dos pés! — exclamou Martin quando tiravam do esquite os potes, os baldes, as varas, os espécimes microscópicos e as cestas com pescado. Stephen escondeu os espécimes microscópicos e um grande número de lulas no jardim e foi apressadamente à enfermaria, seu posto de combate. Já haviam desatado os grandes canhões e os exaustos oficiais informaram:

— Todos presentes e sóbrios, com sua permissão.

E estavam um pouco mais que sóbrios quando terminaram de fazer as práticas de tiro com os gigantescos canhões (quinhentas vezes mais pesados que um homem). Puxaram-nos e voltaram a sacar o mais fora possível; dirigiram-nos para um dado ponto; deram todos os passos necessários para dispará-los, voltaram a puxá-los para limpá-los, cevá-los e voltar a carregá-los; substituíram os tapabocas; guardaram-nos e os amarraram; fizeram doze disparos com cada um enquanto o inflexível capitão media o tempo, e depois dispararam uma descarga, ainda que silenciosamente porque tudo

era simulado; e aducharam perfeitamente as betas dos moitões. Não foi permitido disparar nem uma só série com munição verdadeira porque, apesar da santa-bárbara estar bastante cheia (tudo que puderam fornecer-lhes em Nova Gales do Sul), Jack Aubrey não tinha nenhuma intenção de dar-lhes esse gosto. Estava profundamente desgostoso pelo comportamento dos oficiais e dos marinheiros e também consigo mesmo por não ter detectado antes a divisão que havia entre eles. Não estava de humor para dar satisfação a ninguém e os tripulantes o sabiam.

Não houve bailes nem cantos no castelo durante o restante da formosíssima tarde. Os marinheiros se sentaram por todas as partes e assim permaneceram até que chamaram para fazer a guarda. Não estavam ressentidos com o capitão por seu mau humor, pois sabiam que era justificado, mas tinham a esperança de que não durasse muito.

Vã esperança. Enquanto atravessavam a zona de ventos de variáveis lhes mantiveram ativos, preparando os botes com apetrechos e depois baixando-os para a água e subindo-os a bordo até que conseguiram fazer o primeiro em vinte e cinco minutos e vinte segundos e o segundo em dezenove minutos e cinquenta segundos. Também chegaram a colocar as vergas baixas, e as dos mastaréis e dos mastaréis de joanete em quatro minutos e quatro segundos. E além de trocar os mastaréis de vez em quando, envergavam constantemente novas velas, pintavam a fragata e faziam numerosas práticas com as armas leves e os sabres.

Durante todo esse tempo Jack reservava sua severidade para o castelo de popa. Quando estava na cabine se mostrava tão amável como sempre e tocava o violino, acompanhado por Stephen ao violoncelo, com sua alegria habitual, e em seu rosto curtido pelos elementos, além de algumas profundas rugas quase nada revelava a pressão a que estava submetido.

— Stephen, não tenho palavras para expressar o alívio que sinto por poder refugiar-me na cabine e a alegria que me proporciona poder falar e tocar música contigo — disse depois de um dia totalmente esgotador. — A maioria dos capitães têm de vez em quando problemas com os tripulantes, que às vezes se

convertem em uma guerra solapada, e a menos que estabeleçam uma íntima amizade com o imediato, como fazem alguns, têm que suportar tudo sozinhos. Não me admira que tantos se tornem solitários ou sanguinários ou melancólicos ou irascíveis.

Mesmo depois de chegar à zona dos ventos alísios do nordeste, sua severidade no convés não diminuiu. Tinha uma atitude cordial para Pullings, Oakes e Reade; sempre era cortês com Martin e muito mais com Clarissa, quando a via; mas mantinha uma atitude reservada e hostil na presença dos demais oficiais e dos marinheiros e era muito exigente com eles. Tampouco diminuiu o duro trabalho que todos realizavam dia e noite. Como os ventos alísios haviam rolado muito para o norte e mudavam de intensidade mais que o desejável, era preciso fazer um grande esforço para levar bem o leme, atender constantemente as braças e as bolinas e mudar com freqüência as bujarronas e as velas de estai para que a *Surprise* pudesse manter o rumo e avançar duzentas milhas desde as medições do meio-dia até as do dia seguinte. Jack passava a maior parte do dia no convés com Pullings, e procurava que West, Davidge e Oakes a passassem no alto da exércia, assegurando-se de que suas ordens se cumpriam estritamente e mesmo antecipando-se a elas. Os três emagreceram e estavam tão cansados que temiam dormir quando faziam guarda. E as refeições na câmara dos oficiais eram silenciosas, não devido à hostilidade mas ao profundo cansaço. Nenhum deles já vira governar um barco com tanta dureza.

Stephen escreveu:

Meu amor:

Agora estamos na zona dos ventos alísios e navegamos a grande velocidade, mas navegar contra o vento (ou tão perto da direção contrária como pode fazê-lo uma embarcação de exércia de cruz) é muito diferente de fazê-lo com o vento em popa, como quando nos dirigíamos a Santa Helena. Naquela ocasião, passamos alguns dias muito agradáveis sentados sob um toldo contemplando o mar ou lendo um livro e os marinheiros não tinham que tocar as escotas, que ficavam soltas. Agora a fragata se inclina perigosamente e a água e a espuma chegam a bordo de forma

violenta. Jack, cuja presença no convés é necessária quando navegamos assim, desce para a cabine empapado. Seria muito, muito mais conveniente para todos, que mandasse desdobrar menos velas e mantivesse a fragata a dez graus a mais da direção do vento, mas ele não só quer chegar a Moahu assim que seja possível como também, sobretudo, acabar com a atual situação encomendando tarefas a todos os marinheiros. E está demonstrando que tem mais autoridade do que eu acreditava.

Mas não sei se conseguirá seu objetivo. Para ele a causa do problema é a inimizade entre os oficiais que se sentem atraídos pela senhora Oakes, pois por estarem apoiados pelos homens de suas brigada, formaram-se clãs rivais na fragata; contudo, o caso é muito complexo e tem aspectos que lhe escapam. Agora que tenho tempo de sobra e a cabine para mim sozinho, esforçar-me-ei para precisá-los. Se produziu uma divisão, se pode chamar-se assim, em pelo menos meia dúzia de partes. Alguns (a maioria) censuram Clarissa por deitar-se com qualquer um dos oficiais além de seu marido; outros a censuram por deitar-se com qualquer oficial que não seja o chefe de sua brigada; outros apoiam a Oakes sem reserva (a maioria deles são de sua brigada e lhes dizem "bolotas"), outros o censuram por ter golpeado a sua esposa; outros apoiam ao oficial que é chefe de sua brigada, seja qual seja sua relação com ela; e outros ainda sentem afeto por Clarissa, como o veleiro, que lhe fez uma capa de lona alcatroada que ela põe para sentar-se junto ao coroamento.

Ainda que fosse apropriado que eu falasse sinceramente com Jack, duvido que isso servisse de algo. Não acredito que possa fazer-lhe compreender que para ela o ato sexual é algo trivial, sem nenhuma importância. Para nós dar um beijo é um cumprimento normal, enquanto que para os japoneses é algo indigno se feito em público. Conforme pinto, para eles é algo tabu ou tão íntimo como as relações carnavais para nós. Para ela, pelo modo peculiar como a criaram, o beijo tem tão pouca importância como o coito, e nenhuma das duas coisas lhe produzem prazer. Portanto, se por diversos motivos como, por exemplo, a bondade, a compaixão e o desejo de agradar, admitiu a vários homens em seu leito, fez isso inocentemente, pois pensa: "Se um tipo com mau aspecto tem, por

exemplo, uma espinho cravado no pé, e pede a alguém que o saque, consente-se ainda que fazê-lo seja desagradável.” Mas viu com assombro que em vez de agradar simplesmente a quem há comprazido, o que conseguiu foi que a queiram ou a odeiem com diversa intensidade. E, além disso, fez com que os que não têm nada a ver com isso a censurem.

Várias vezes tentei explicar-lhe que os homens desejam com veemência a posse exclusiva, que se ter vários mulheres e inclusive ser promíscuo é louvável em um homem, é censurável em uma mulher, que o desejo de uma seqüência e inclusive da mais elementar sinceridade levam consigo uma firme convicção, que os ciúmes são um profundo e penoso sentimento (que ela desconhece quase por completo), e que a rivalidade tem muita força. Também lhe disse, plenamente convencido disso, que não se pode fazer nada na fragata sem que se saiba. Cada vez lhe falei durante longo tempo, mostrando minha sincera preocupação por ela, e me escutou atentamente e acho que acreditou em mim. De qualquer maneira ela está disposta a renunciar à fornicção, ainda que não sei como o conseguirá, porque acendeu um fogo que não será fácil apagar. Pelo momento Jack mantém todos os tripulantes em atividade constante e os oficiais quase não podem dar um passo quando descem para a câmara dos oficiais, mas suas paixões reprimidas poderiam estourar mais tarde.

Ficou sentado ali, absorto em suas meditações, até que Killick entrou e disse:

— Mas está sentado na escuridão, senhor!

Então trouxe uma lanterna sobre um pivô e Stephen passou a refletir outra vez, sustentando a pena no ar.

— O doutor Maturin rabisca e rabisca — disse Jack.

— Vejo que não está molhado — observou Stephen.

— Não — replicou Jack. — A verdade é que estou completamente seco, e se fosse ao convés e olhasse o catavento, saberia por que. O vento amainou dez graus e a espuma passa mais lá de sotavento, ou seja, que o mar se acalmou. Quer tomar uma xícara de café e uma bolacha de fruta-pão?

— É claro!

— Killick! Killick!

— Senhor? — perguntou, ainda com uma inusual atitude submissa, ainda que atrás dela se podia detectar a sombra de seu habitual mau humor.

Na verdade, já havia recobrado bastante confiança em si mesmo como para trazer-lhes uma bandeja com muito poucas fatias secas de fruta-pão, porque também gostava muito.

Chegou o café. E quando já haviam bebido a metade, Jack perguntou:

— Recorda-se que te falei de uma coluna volante?

— Recordo muito bem e me perguntei, então, como e onde ela ia voar.

Jack pegou uma folha de sua escrivadinha.

— Esta é a carta marítima que Wainwright me deu — continuou —, onde aparece Moahu. Eu lhe estou muito agradecido porque tem a medida da profundidade no arrecife que fica diante de Pabay, aqui no norte, e do canal que leva ao porto. E também tem a de Eahu, que fica ao sul. Estas linhas curtas e paralelas no gargalo desta espécie de relógio de areia, um gargalo bastante grande na verdade, representam as montanhas que separam os dois lóbulos, o território de Kalahua ao norte e o da rainha Puolani ao sul. Meu plano é ir diretamente a Pabay, entrar no porto com a fragata com um aspecto muito parecido ao de um baleeiro, preferivelmente de noite, ainda que isso dependerá do tempo e da maré e imediatamente abordar o *Franklin*. Assim pegaremos seus homens desprevenidos, como fizemos com os da *Diane* em Saint Martin. Mas talvez nem tudo dependa do tempo e da maré. É possível que seus homens tenham formado baterias de ambos os lados do canal com os canhões do *Truelove* e tenhamos que deter-nos diante do porto e tratar de destruí-las. Acho que as coisas não estão tão bem como em Saint Martin, poderíamos desembarcar um destacamento aqui — acrescentou apontando uma baía situada a meia milha ao sul do porto — para fazer uma distração estratégica e atacar-lhes pelas costas enquanto lhes disparamos pela frente. Essa é a coluna volante. E eu gostaria que, como médico, me ajudasse a escolher os

vinte ou trinta homens que poderíamos mandar, que seriam os mais ativos, inteligentes e, sem dúvida, sãos. Não quero nenhum marinheiro sífilítico, e sei que houve um monte de casos depois que zarpamos de Annamooka, como é habitual, e tampouco a nenhum herniado, por mais valente que seja, nem a nenhum mais velho de trinta e cinco anos. Têm que ser muito ágeis. Por favor, olhe a lista que Tom e eu fizemos e diga-me se tem alguma objeção a fazer a algum deles do ponto de vista médico.

— Muito bem — disse Stephen, e depois de olhar a lista continuou: — diga-me, estamos muito longe de Moahu?

— A uns quatro dias de navegação. Quero suavizar as coisas amanhã e deixar que todos passem o domingo descansando. Na segunda-feira faremos práticas de tiro para que despertem e pela tarde é possível que lhes diga o que se passa.

— Compreendo. Com respeito à lista, pus uma marca junto ao nome dos menos apropriados do ponto de vista médico, mas isso não os desacredita.

— Muito obrigado. Depois, naturalmente, fica o assunto de quem terá o comando, mas não sei se perguntar a você por seus companheiros...

Stephen pôs uma expressão grave e disse:

— Falando somente como cirurgião da fragata, direi que não excluiria a nenhum deles.

— Alegra-me sabê-lo.

Houve um embaraçoso silêncio e Stephen, para rompê-lo, comentou:

— Se tivéssemos tempo e espaço suficiente, poderia escolhê-los ao estilo irlandês. Eu lhe falei alguma vez de Finn Mac Cool?

— O cavalheiro que gostava tanto de salmão?

— O próprio. Estava ao comando do exército da nação, o Fianna Eirion, e ninguém, cito isto de memória, Jack, e ainda que seja falível, pelo menos estou seguro das cifras, ninguém era admitido em nenhuma das sete cortes que o compunham até que não se aprendesse os doze livros de poesia irlandesa e pudesse recitá-las todas de memória. O candidato também tinha que defender-se com a rodela e a espada de um ataque consistente no lançamento de um

dardo por nove membros da companhia separados dele por nove sulcos, e se cortasse o dardo com a espada ou parasse o golpe com a rodela e não tivesse nenhuma parte do corpo ensangüentada, era admitido, se não, não. Além disso, se o candidato, ao atravessar o bosque mais denso da Irlanda, perseguido por as sete cortes correndo o mais rápido possível, fosse alcançado por alguma delas, não era admitido em nenhuma; contudo, se ultrapassasse a todas sem perder nem um cabelo nem romper nenhum galho caído pisando-o, saltando por em cima de qualquer árvore de sua própria altura que encontrasse a sua passagem e passando por debaixo de arbustos da altura do joelho e fosse capaz de tirar com as unhas um espinho do pé, no caso de que se cravasse algum, sem interromper a corrida, era admitido, se não, não.

— Disse doze livros?

— Doze livros, dou a minha palavra.

— E todos de memória? Por desgraça, como há um domingo pelo meio, não acredito que se possa conseguir.

O domingo em questão foi, sem dúvida, um dia de descanso, ou pelo menos de tanto descanso como era possível em um barco que estava navegando. É verdade que aos marinheiros lhes ordenaram subir as macas meia hora mais cedo e que desjejuaram rápido para que o convés pudesse alcançar imediatamente um alto grau de perfeição e os poucos objetos de latão que havia na fragata brilhassem ao sol. Além disso, os marinheiros com compridas tranças (a *Surprise* estava um pouco passada de moda em alguns aspectos, e na dotação havia mais de cinquenta homens que as tinham extraordinariamente longas) tinham que soltá-las e pedir a algum companheiro que a fizesse de novo, em muitos casos depois de lavar o cabelo, e todos os tripulantes deviam pôr a roupa que tinham lavado na quinta-feira e arrumar-se para a revista.

A revista foi perfeitamente bem. O vento, ainda que fosse mais fraco que dias atrás, tinha uma intensidade constante, não formava rajadas nem redemoinhos, e chegava pela alheta. E quanto ao capitão, ainda que não estivesse muito alegre, podia se dizer que já não tinha ressentimento. Quando tudo estava preparado para

celebrar a cerimônia religiosa, os tripulantes observaram que não pegava o Código Naval e deixava que Martin pronunciasse o sermão.

Martin não tinha alma de pregador. Não se considerava capacitado para guiar aos outros em questões morais e muito menos em questões espirituais e os poucos sermões que tinha pronunciado na *Surprise*, muito tempo atrás, quando viajava nela como capelão em vez de ajudante de cirurgião, haviam sido mal recebidos. Agora se limitava a ler os que haviam escrito outros mais dotados para isso ou pelo menos com mais confiança em si mesmos. Quando Stephen passava pela entrecoberta para ir da enfermaria para a cabine, onde havia rezado um rosário com Padeen e outros papistas, ouviu a voz de Martin, que dizia:

Que nenhum homem diga: "Não posso deixar de fazer uma fortuna porque passei toda minha juventude estudando". Quantos homens estudaram matemática mais noites que ele, até que ficaram cegos ou se tornaram loucos e terminaram mendigando em uma esquina? Que nenhum diga: "Mas eu estudei uma profissão que representa benefícios." Quantos fizeram isso também e, contudo, não conseguiram ganhar o favor de um juiz? E quantos que fizeram tudo isso se chocaram contra uma rocha no mar, ainda que a maré era alta, e pereceram?

E um pouco mais tarde ouviu:

Que escasso tom festivo e que escassa importância tem a celebração dos 900 anos de Matusalém! Que pouco valor tem um homem que diz: "Esta terra tem estado em meu nome e de meus antepassados desde a conquista"!

Que ontem é esse? Nem seiscentos anos. Se acreditasse na transmigração das almas e pensasse que minha alma há habitado sucessivamente em uma ou outra criatura desde a Criação, que ontem é esse? Que ontem para o passado e que amanhã para o futuro é qualquer termo que pode se entender mediante cifras ou fichas?

Jack comeu nesse dia, e muito bem. Comeu pescado do que Stephen havia trazido, cordeiro do ano anterior e um excelente cachorro manchado, com vários convidados: Stephen, naturalmente, Pullings, Martin e Reade. Como a fragata navegava a tão grande velocidade, com a água passando rapidamente pelos costados com um sussurro, era impossível que não tivessem alegria, ainda que a de Pullings e Reade era menos intensa porque ambos ainda sentiam vergonha pela deplorável exibição que tinham feito em Annamooka, e depois que terminou a refeição todos subiram ao castelo de popa para tomar o café.

A senhora Oakes, que comia pouco depois das doze, estava lá há um pouco. Tinha a cadeira colocada perto da parte do coroamento próxima de sotavento e apoiava os pés em uma bucha em forma de queijo que havia posto ali William Honey, um marinheiro que ainda era seu admirador, como todos os que comiam na sua mesa. Estava sozinha, pois seu esposo estava dormindo, assim como West e Adams e quase todos os marinheiros que não estavam de serviço, pelo que os cestos das gáveas do maior e do traquete estavam cheios de marinheiros deitados sobre as abas dobradas, com os olhos fechados e a boca aberta como pastranos holandeses em um campo cultivado. Davidge, o oficial de guarda, estava em seu posto habitual, junto ao *empalletado*^{10}, no lado de barlavento. Jack conduziu seu grupo até o coroamento e perguntou a Clarissa como estava.

— Muito bem, senhor. Seria uma ingrata se não me sentisse muito contente quando me levam pelo mar desta forma esplêndida. Avançar com rapidez por um caminho em uma carruagem bem segura é encantador, mas não tem comparação com isto.

Jack lhe serviu café e iniciou uma conversa sobre as desvantagens de viajar por terra, pois as carruagens viravam, os cavalos fugiam ou se negavam a caminhar e as pousadas ficavam abarrotadas. Na realidade, somente Jack, Clarissa e Stephen falavam, porque os outros se limitavam a apoiar as delicadas xícaras de café enquanto faziam todo o possível para parecerem tranquilos e para tomarem um trago de vez em quando. Por fim Martin fez sua contribuição com um relato de uma terrível viagem por Dartmoor em

uma caleche. Suas rodas caíram quando foi alcançada por uma tormenta que vinha do oeste e estava anoitecendo e caiu no lamaçal e os cavalos começaram a dar fortes relinchos. Martin não era um desses homens que podia falar com naturalidade quando estava em uma situação delicada, e Stephen se deu conta de que para Clarissa isso era engraçado, ainda que ocultasse e o animasse a prosseguir prestando atenção e fazendo oportunas exclamações como: “Céus!”, “Meu Deus!”, “Que horrível deve de ter sido!”

Daí, talvez para ilustrar que a viagem pelo mar era muito mais cômodo, passaram a falar do banquinho onde apoiava os pés.

— Por que o chamam bucha de queijo? — perguntou ela.

— Acho que é queijo de bucha, senhora — disse Jack. — Chamam-lhe de queijo porque tem a forma cilíndrica e alongada como a de um queijo de Stilton, e bucha porque serve para tampar as armas. Já viu a algum homem carregar sua escopeta, né?

Clarissa respondeu com um movimento de cabeça.

— Primeiro mete a pólvora, depois a bala e depois, com o atacante, coloca um bucha em cima para que tudo se mantenha em seu lugar até que decida disparar. É o mesmo que fazemos com os grandes canhões, porém, naturalmente, suas buchas são muito maiores.

Clarissa voltou a assentir com a cabeça e Stephen teve a impressão, isto é, a certeza de que se falasse seu tom seria tão pouco natural como o de Martin.

— Agora que o penso — disse Jack, virando a cabeça para o leste e olhando comprazido o horizonte, onde dentro de pouco apareceria a Ilha de Páscoa se as medições feitas com seus dois cronômetros, e as últimas lunares e do meio-dia eram corretas. — Agora que o penso, acho que nunca viu essa operação porque sempre esteve debaixo do convés. Amanhã vamos fazer práticas de tiro disparando em um alvo e desejar vê-las, suba ao convés. Poderia ver bem tudo desde a coxia, junto ao *empalletado*. Mas talvez não lhe agradem as explosões. Sei que nem todas as damas elegantes gostam de ouvir uma detonação de perto, ainda que seja apenas a de uma escopeta — acrescentou, sorrindo.

— Oh, senhor, não sou uma dama tão elegante a ponto de que o estrondo de um canhão me afete! — exclamou Clarissa. — Eu gostaria muito de presenciar as práticas de tiro amanhã. Mas agora tenho que ir porque devo despertar ao meu esposo, pois me encarregou de chamá-lo muito antes de começar a guarda.

Levantou-se e eles fizeram uma inclinação de cabeça. Quando descia a escada do castelinho, o vigia que estava no tope de um mastro gritou:

— Terra à vista! Convés, terra pela amura de estibordo! — depois, em voz mais baixa, para que só os companheiros que estavam no cesto da gávea o ouvissem, acrescentou: — É uma ilha comprida com mais um monte dessas malditas palmeiras.

Na segunda-feira pela manhã cedo, quando o sol, além das tranqüilas águas, estava muito baixo, e se viam os dois pontos mais distantes de seu halo separados por uma distância de um estádio, ainda que dentro de pouco ficariam ocultos atrás das pequenas cristas das ondas, o capitão Aubrey mandou desdobrar as joanetes. Os marinheiros subiram correndo ao alto da exércia e quase esmagaram Stephen e Martin, que estavam no cesto da gávea do mezena com a luneta apoiada na grade e dirigida para trás, para a ilha e a nuvem de pássaros que a sobrevoava.

— Estou convencido de que é um atol e de que é vasto, sumamente extenso — afirmou Stephen. — Se subíssemos um pouco mais, talvez pudéssemos vê-lo até o outro lado ou pelo menos ver uma parte do grande círculo.

— Eu não gostaria de interromper o trabalho dos marinheiros — disse Martin.

Stephen olhou para cima quando os marinheiros se deslocaram para abaixo com rapidez e os que estavam nos penóis se moveram para dentro de um salto, como gibões, assim que não insistiu.

— Estivemos navegando diante do atol por toda a noite, e ainda que em qualquer ponto da borda da laguna tem apenas uma distância de um tiro de mosquete entre a parte exterior e a interior, sua superfície é enorme e, sem dúvida, também é enorme a quantidade de animais e plantas que vivem ali, como as palmeiras,

os pássaros e alguns arbustos baixos que vimos de longe. Mas quem sabe se hospeda interessantes aves rapaces, parasitas desconhecidos, espécies não descritas de moluscos e insetos, sobretudo aracnídeos! E é possível que também haja mamíferos de antes do dilúvio ou algum morcego singular que nos façam conseguir a imortalidade. Porém, nós a veremos algum dia? Não, senhor, não a veremos. Dentro de pouco a fragata orçará e se afastará e os tripulantes passarão horas, horas, repito, disparando ao deserto mar com a desculpa de que isso “lhes abre o entendimento”, ainda que, na verdade, só o que faz é assustar aos pássaros. Mas não se deterá nem cinco minutos para que possamos pegar pelo menos um anelídeo.

Stephen sabia que havia dito isso antes, diante das numerosas ilhas e costas de lugares desabitados pelas quais tinham passado e já não voltariam a passar. Além disso, pensava que possivelmente fosse chato, e, apesar disso, o sorriso tolerante de Martin, ainda que, na realidade, fosse um esboço de sorriso, incomodou-lhe muito.

Depois do almoço, onde estiveram os dois sozinhos, disse a Jack:

— Ontem no café da manhã, quando me falou de seus primeiros dias no mar, citei umas palavras de Hobbes.

— Aquele tipo instruído que disse que os guardas-marinhas eram desagradáveis, desajeitados e pequenos?

— Bem, a verdade é que falava da vida do homem, da vida que não alcança o desenvolvimento que potencialmente tem, e eu peguei emprestadas suas palavras e as apliquei aos guardas-marinhas.

— E muito bem aplicadas.

— Sem dúvida. Mas depois minha consciência me disse que minhas palavras não só eram inapropriadas como também inexatas. Procurei essa passagem esta manhã e, naturalmente, minha consciência tinha razão... Acaso se equivoca alguma vez? Pois bem, tinha omitido as palavras *solitário* e *pobre*. Disse: “Solitário, pobre, desagradável, desajeitado e pequeno”. Ainda que *pobre* poderia ser apropriado...

— Muito apropriado.

— A *solidão* não tinha nada que ver com o abarrotado camarote dos guardas-marinhas de sua juventude. A falsa citação foi, portanto, uma dessas desprezíveis e pretenciosas tentativas de dizer algo criativo que tanto critiquei nos outros. Contudo, contei tudo isto não com o propósito de golpear-me o peito dizendo *mea culpa, mea máxima culpa*, mas para dizer que na mesma página encontrei que Hobbes, um tipo instruído, como muito bem disse, pensava que o orgulho, depois da rivalidade e da falta de confiança em si mesmo, era a causa principal das brigas, e que coisas tão insignificantes como uma palavra, um sorriso, uma opinião contrária ou qualquer sinal de que um é subvalorizado basta para provocar uma reação violenta, isto é, destruidora. Havia lido essa passagem antes, sem dúvida, porque estava na mesma página que a outra, como disse, mas sua força tinha passado despercebida até hoje, quando justamente uma coisa tão insignificante...

— Entre! — gritou Jack.

— O capitão Pullings, que está de guarda, apresenta seus respeitos, senhor — disse Reade. — E diz que acha que o senhor gostaria de saber que os alvos estão preparados.

Já estavam preparados os alvos, que eram balsas compostas de barris de carne vazios e de quantos pedaços de tábua o carpinteiro tinha conseguido desprender, e em cima de cada uma havia várias bandeiras ondeando. Os marinheiros também estavam preparados. Na verdade, já estavam desde que alguém repetira no castelo as palavras que o capitão dissera a Clarissa, confirmadas mais tarde pelas mensagens enviados ao carpinteiro e o desaparecimento do condestável e seus ajudantes, que foram ao paiol de proa onde se guardava a pólvora. E lá, no compartimento onde se punha a luz, com infinita precaução, acenderam uma lanterna e se sentaram no contíguo, sob a luz que atravessava a dupla janela de vidro, para encher cartuchos, pequenas bolsinhas de rígido feltro feitas para caber a apropriada quantidade de pólvora.

Naturalmente, os artilheiros de uma brigada queriam superar não só aos da que tinham ao lado como também aos de todas as demais. Mas também queriam apaziguar ao capitão, em parte porque era mais agradável navegar sob o comando de um capitão

que não castigava com açoites nem reduzia a ração de grogue, mas sobretudo porque todos o admiravam por ser um experimentado e combativo marinheiro e muitos sentiam um grande afeto por ele e estavam desejosos de recuperar sua estima. Portanto, durante a guarda do segundo quartilho do domingo e nos momentos livres que tiveram durante as guardas da manhã e da tarde da segunda-feira, eles e seus chefes prepararam suas peças de artilharia e se asseguraram de que todos os moitões se moviam sem dificuldade e todas as manivelas, barras, esponjas, alavancas e outros instrumentos estavam onde tinham que estar. Também poliram as já polidas balas e limpavam com delicadeza os nomes dos canhões (*Perrazo, Nancy Dawson, Cospe-fogo, Vingança*) que estavam pintados sobre as portalós. As sucessivas comprovações as levaram a cabo todos os membros de cada brigada, os guardas-marinhas a cargo dos diferentes grupos de canhões, os oficiais e, naturalmente, o próprio senhor Smith, o condestável. E revisaram todos os canhões, desde os de doze libras, que ficavam na cobertura superior, e os longos de nove libras, que se encontravam no castelo, até as caronadas de vinte e quatro libras do castelo de popa.

Portanto, ninguém se assombrou nem estava desprevenido quando, depois do toque de tambor que chama todos para seus postos e a chegada ao convés da senhora Oakes, o capitão Aubrey, em meio de um silêncio expectante, gritou:

— Silêncio! Desatem os canhões! Adiante, senhor Bulkeley!

Depois não foram necessárias mais ordens. O contramestre e seus ajudantes desceram o primeiro alvo pela amura, esperaram até que percorreu pouco mais de um quarto de milha em direção à popa e por sotavento e logo desceram outro, e assim sucessivamente até que se formou uma fila de cinco que se deslocava para o sudoeste. Enquanto isso, a *Surprise* navegava de bolina com as gáveas e as joanetes desdobradas, mas depois de refletir alguns momentos, Jack ordenou mudar de bordo de modo que o vento chegasse pela alheta de bombordo. Os marinheiros que ajustavam as velas, ao conhecer sua intenção, abandonaram os canhões sem dizer palavra, soltaram as braças e as escotas até que a fragata tomou o novo rumo e,

depois de amarrar estas últimas, voltaram a seus postos como autômatos, ainda sem falar.

Com o vento pela alheta, havia menos ruído na exércia e era menor o que produziam as ondas formadas pela proa e as águas ao mover-se na direção da fragata. A maioria dos homens haviam se desnudado da cintura para cima; os que tinham tranças as tinham recolhido; e muitos puseram lenços vermelhos ou negros ao redor da cabeça. Estavam de pé ou ajoelhados em seus postos. Os encarregados da pólvora se encontravam a certa distância para atrás dos canhões correspondentes, no lado de bombordo, com sua caixa cheia de cartuchos; os que levantavam os canhões estavam apoiados contra o costado com alavancas ou manivelas; os que formavam o destacamento de abordagem estavam armados com sabres e pistolas; os que apagavam o fogo estavam rígidos como estátuas com o balde na mão; os encarregados das mechas de combustão lenta estavam ajoelhados onde os canhões não podiam golpear-lhes ao retroceder. Os chefes das brigadas olhavam justo por cima dos cilindros dos canhões e quando o alvo esteve à vista, murmuraram algo a seus homens para que os elevassem e apontassem. Enquanto isso, o odor das mechas de combustão lenta se espalhou pelo convés.

— De proa a popa! — gritou Jack. — Estão me ouvindo? De proa a popa!

Os encarregados das mechas de combustão lenta pegaram as mechas que tinham detrás e, ajoelhando-se de novo junto ao chefe de sua brigada, sopraram-nas para tirar as cinzas.

— Dez graus para estibordo — disse Jack ao timoneiro e depois, muito mais alto, ordenou: — De proa a popa, disparem!

A enorme tensão cessou quando o chefe da brigada do canhão de proa meteu a mecha que lhe passaram no ouvido e o canhão disparou com um ruído ensurdecido, saiu fora do convés subitamente e imediatamente retrocedeu a grande velocidade entre os que o manejavam. Mas antes que as retrancas o detivessem, seu som vibrante e o chiado da carreta foram afogados pelo estalido do canhão do lado e o mesmo ocorreu ao longo da fila. O ruído aumentou, enquanto alaranjadas línguas de fogo atravessavam as

colunas de fumaça, e continuou em outro tom quando dispararam as caronadas. O vento arrastou a fumaça para sotavento e todos puderam ver a última bala formando brancos penachos nas águas onde estivera o alvo, que agora pareciam ferver, e chegar mais além dando imensos quiques.

Os artilheiros dos canhões mais próximos da proa, depois de segurá-los depois do retrocesso, já estavam nivelando-os, limpando e carregando de novo. Mas antes que todos voltem a sacar os canhões um depois do outro, com o habitual estrépito, Jack ouviu um aplauso que lhe pareceu distante porque agora estava um pouco surdo, virou-se e viu a senhora Oakes, radiante de alegria e com os olhos escurecidos pela emoção.

— Esplêndido! — exclamou ela. — Magnífico!

— Só foi uma descarga leve— disse Jack —, que não fez muita pressão nas balizas. Vão começar imediatamente.

— Quanto eu gostaria que o doutor Maturin estivesse aqui! — disse. — Que prodigioso...! — acrescentou, mas não pôde encontrar a palavra.

Neste caso, “imediatamente” significava dois minutos depois da primeira descarga, um período de tempo bastante longo em comparação com os três minutos e oito segundos que a dotação da *Surprise* tardava em disparar três precisas descargas em outro tempo, quando era formada exclusivamente por experimentados marinheiros de barcos de guerra. Agora muitos de seus membros era marinheiros de barcos corsários, que navegavam por temporadas e não tinham salário, recebiam uma parte do butim obtido em cada viagem, do qual se deduziam os gastos. Por essa razão eram resistentes a fazer gastos e não era possível conseguir que os aumentassem fazendo disparos com pólvora de dezoito peniques a libra como se fosse grátis, ainda que fosse paga pelo rei. Na maioria das brigadas Jack havia mesclado os tripulantes para evitar ciúmes, mas a do canhão *Morte Súbita*, por exemplo, só era composta pelos seguidores de Seth, que além de ser membros dessa seita religiosa de Shelmerston, eram marinheiros de barcos corsários. Eram experimentados marinheiros, sóbrios e confiáveis, mas mais resistentes que os outros a malgastar um disparo, assim que

apontavam muito bem. E tirando o canhão o mais tarde possível, conseguiram que quase todos os disparos caíssem perto dos restos do alvo.

— Esta foi uma descarga medíocre e superficial — disse Jack à senhora Oakes. — Espero que o façam melhor da próxima vez.

Fizeram melhor, muito melhor, pois apenas levaram um minuto e quarenta segundos entre duas descargas. Com a primeira fizeram o alvo elevar-se sobre uma turbulenta massa de água; com a segunda o destroçaram.

— Amarrem os canhões! — gritou Jack em meio das vivas.

A voz de Clarissa, tão aguda como a de Reade, podia ouvir-se claramente. Jack ordenou que a fragata atravessasse a fila de alvos para que pudessem disparar aos outros dois com os canhões de bombordo, que os subchefes das brigadas já haviam desatado.

Disparar para sotavento significava que se poderia ver melhor a trajetória da bala e onde caía, e Jack se voltou para Clarissa para perguntar-lhe, não sem orgulho, se tinha gostado depois de dar a ordem:

— Guardem os canhões!

— Oh, senhor, estou rouca de tanto gritar e assombrada de ter ouvido este magnífico som! Meu Deus, não sabia que...! Uma batalha deve de ser algo terrível e esplêndido, como o dia do juízo final. — Então fez uma breve pausa e acrescentou: — Por favor, diga-me, senhor, o que pensa fazer com o quinto alvo?

— Esse é para os canhões de proa, senhora.

A olhou afetuosamente e viu refletido em sua face um verdadeiro entusiasmo. Pensou que nunca estivera tão animada nem a metade de bonita que agora e por um momento teve desejos de convidá-la para a proa para que conhecesse o arte de disparar um canhão, mas vacilou e finalmente descartou a idéia por considerá-la fora de lugar. Então avançou pelo corrimão, por em cima dos suados e alegres artilheiros do castelo, que estavam atando os canhões com cabos muito tensos e falando ao ouvido, como costumavam fazer depois de disparar bombardeios, de sua maravilhosa precisão e rapidez.

— Cuidado! — exclamou o chefe da brigada do *Cospe-fogo*. — Poderíamos ter sido mais rápidos se alguns tivessem sido mais *súbitos* que *mortos*.

O artilheiro que estava ao seu lado, Slade, um barbudo seguidor de Seth que era o chefe da brigada do *Morte súbita*, imediatamente respondeu:

— E poderíamos ter sido mais precisos se outros tivessem sido mais *mortos* que *súbitos*.

O respeito dos seguidores de Seth pelo capitão, que estava justo em cima, fez com que reprimissem sua alegria, mas deram palmadinhas nas costas de Slade e apertaram suas duas mãos. E até os membros da brigada do *Cospe-fogo* riram e disseram:

— Acertaram em suas bolas, Ned.

Os canhões de proa ficavam situados no castelo, eram de nove libras e na Armada eram chamados de canhões longos. Ainda que se costumava dizer que eram de latão, na realidade eram feitos de bronze, mas a palavra tinha tanta força que os marinheiros os poliam com assiduidade, tirando-lhes todo o brilho que o bronze podia chegar a ter. Mas eram realmente longos e disparavam balas de nove libras. Além disso, eram exageradamente precisos e fáceis de apontar. Jack era proprietário dos dois: um comprara em Sidney e o outro o tinha desde tempo imemorial e conhecia seu caráter, sua potência e sua tendência a disparar melhor do terceiro tiro ao décimo segundo, desde que se deixasse esfriar um pouco, pois se não, podia dar um salto e romper as retrancas.

Tanto Jack como Pullings gostavam de disparar canhões. Cada um tinha uma brigada de artilheiros escolhida pessoalmente, apontava sua própria peça de artilharia e disparava três vezes. Como Jack tinha ensinado a Pullings a apontar um canhão, ambos tinham um estilo muito similar. No primeiro disparo, ainda que muito preciso, a bala caiu longe demais; no segundo, não alcançou o alvo por muito pouco; no terceiro, a bala que Jack disparou rompeu os barris em pedaços e a de Pullings passou quicando por entre eles. A fragata quase não cabeceava, e como as ondas chocavam contra ela pelo través, o balanço quase não afetava a precisão dos canhões de proa, assim que disparar a um alvo a uma distância de quinhentas

jardas que se encurtava com rapidez, não era nenhuma façanha, mas eles estavam muito satisfeitos, e os marinheiros, encantados. A senhora Oakes o felicitou com as frases mais amáveis que pôde, e tanto West como Davidge estavam tão entusiasmados que se atreveram a dizer:

— Prabéns pelos disparos, senhor.

Tudo isso tardara pouco se o tempo se calculasse pelo relógio em vez de pela atividade e emoção, e pouco antes do pôr do sol, ordenaram a todos os marinheiros que se reunissem na popa. Quando se amontoaram ali de forma inapropriada, como costumavam fazer, o capitão os olhou com uma benevolência que não tinham visto durante todos esses dias e noites esgotadores, e, com seu vozeirão, disse:

— Companheiros de tripulação, esquentamos os canhões e lhes pusemos cargas novas, assim que não haverá o que temer que tenha que trocá-las porque a pólvora esteja úmida. E é melhor assim porque possivelmente teremos que usá-los dentro de um par de dias. Eu lhes direi qual é a situação. Um barco britânico e seus tripulantes foram capturados pelos nativos da ilha Moahu, para a qual nos dirigimos, e por seus amigos, os franceses que tripulam um barco corsário norte-americano, o *Franklin*, que tem aparelho de navio e canhões de vinte e duas libras. À ilha vão para reabastecer alguns comerciantes de peles britânicos que fazem a rota de Nootka-Cantão e vários baleeiros de Nova Gales do Sul, e é possível que eles tratem de apresar alguns barcos mais. Como ouviram em Annamooka, estiveram a ponto de capturar o *Daisy*. Temos que pôr fim a seus abusos. Quando íamos sacar a *Diane* de Saint Martin, pude dizer-lhes como estava atracada, mas desta vez não posso, apesar de que o capitão do *Daisy* me deu uma carta marítima onde aparecem o porto e seus arredores, mas acredito que não nos equivocaremos muito se abordamos a fragata com o barco e passarmos para a abordagem em meio da fumaça.

Os tripulantes da *Surprise*, que haviam escutado com grande atenção, assentiram com a cabeça e emitiram sons guturais que

indicavam aprovação entre frases como: “É isso aí, companheiro” e “passaremos para a abordagem no meio da fumaça. Ah, ah, ah!”

— Mas não queremos problemas — continuou Jack. — Não queremos que matem nenhum de nossos companheiros e trataremos de evitá-lo. E como lhes agradará ver um baleeiro, tanto britânico como norte-americano, nosso plano é que a fragata entre no porto com um aspecto similar na medida do possível. Naturalmente, também é possível que não entre no porto, porque se eles, que têm colocadas baterias em cada lado do canal, descobrirem nosso propósito, teremos que afrontar a situação de outra maneira. Mas o primeiro que temos que fazer é transformar a fragata em um baleeiro. Uma vez a transformamos em um típico barco azul espanhol, como provavelmente recordarão, e nos deu muito bom resultado.

— Todos riram e alguém gritou:

— Deus bendito, como suamos!

— Sei que pelo menos uma vintena dos senhores já trabalharam na indústria pesqueira na Groenlândia ou no Pacífico Sul em algum momento de sua vida. Pois bem, queria que esses marinheiros escolhessem entre eles os três mais inteligentes e mais experientes para que nos ajudem a converter a fragata em um baleeiro velho, descuidado, com a popa mais afundada do que a proa, que pareça que está há três anos navegando e que tenha poucos e pacíficos tripulantes.

CAPÍTULO 9

Um velho e descuidado baleeiro com uma pequena plataforma no tope de um mastro, com aparelhos gastos e o convés e os costados exageradamente sujos, entrou em Pabay, o porto situado a nordeste de Moahu, no território de Kalahua. Navegava a uma velocidade apenas suficiente para manobrar e contra a baixa-mar com uma gávea com remendos azuis.

Na plataforma se encontrava seu capitão, com um aspecto ainda mais descuidado e um embaçado chapéu-coco e colado ao seu ajudante, que estava sem se barbear. Ambos tratavam de calcular a intensidade do vento e a distância entre os dois cabos da entrada.

— Deveríamos entrar dando duas bordejadas quando há pouco fluxo de ondas ou maré baixa — disse Jack.

Depois seguiram observando o extremo mais distante do canal, onde a ampla e abrigada baía formava um estreitamento antes de alargar-se para formar o porto.

— Chegaremos ao canal em qualquer momento, senhor — informou Pullings.

Jack assentiu com a cabeça.

— Não vejo nem rastro de baterias em nenhum lado — disse, e quando chegaram ao canal ordenou: — Senhor West, suba as escotas e jogue a âncora pequena.

— Tampouco há nenhum barco corsário — disse Pullings. — Aquela carraca gorducha que está ancorada justo diante da desembocadura do rio parece um mercante de Nootka que comercia peles.

Jack voltou a assentir com a cabeça. Há pouco a estava observando pela luneta e depois de alguns momentos de silêncio

disse:

— Deve ser o *Truelove*. Estavam querendo-o ali mesmo quando Wainwright se foi. Já taparam o lugar por onde entrava água e os marinheiros colocaram as vergas e envergaram as velas. Está tão afundada na água que provavelmente já carregaram as provisões e a água.

— Nada poderia ser um melhor exemplo da tese do doutor Falconer — disse Stephen a Martin no cesto da gávea do mezena. — Toda a ilha é vulcânica, ainda que tem formações coralíneas superpostas nos arrecifes que a rodeiam. Aquela montanha em forma de cone truncado que se eleva atrás da cordilheira tem, sem dúvida, uma cratera no cume. Provavelmente esse era o vulcão que ele queria explorar. Tem em cima uma pequena nuvem que muito bem poderia ser de fumaça.

— Sem dúvida! Ademais, a vegetação exuberante demonstra que o solo é de origem vulcânica. Fixe-se no impenetrável bosque... Eu disse impenetrável, mas acabo de ver um caminho paralelo ao rio.

— E a alternância de praias de areia coralínea e de areia negra como a lava demonstram que houve várias erupções.

— Dizem que em alguns casos há erupções submarinas muito violentas.

— Conforme sir Joseph Blaine, Islândia não só tem a fortuna de ser habitada por aves extraordinárias, como o falcão marinheiro, o pato arlequim e os dois tipos de falaropo, como também intensa atividade vulcânica em quase todas as estações.

— Há algo nesse povoado que não me agrada — disse Jack. — Wainwright disse que estava cheio, isto é, abarrotado de gente, mas agora se vêem muito poucas pessoas andando de um lado para outro. E só são mulheres e crianças e um ou outro velho. Além disso, as canoas estão na praia e bastante acima.

Pullings estava pensando em tudo isso e em que tampouco havia redes postas para secar, quando duas jovens, ajudadas por um grupo de crianças, deslizaram uma canoa de casco duplo pela areia

e se fizeram ao mar. Manobravam a imensa vela aparentemente sem dificuldade e navegavam contra o vento e a grande velocidade.

Jack desceu da plataforma e o mastaréu do joanete fez um premonitório rangido.

— Tenha cuidado, senhor — disse Pullings.

Jack franziu o cenho e lentamente chegou à cruzeta. Depois se agarrou a um contraestai que estava à mão e, como um meteoro, desceu por ele para o convés, onde aterrizou com estrépito ao mesmo tempo que separava as mãos da parte que queimava.

— Chamem ao senhor Owen — ordenou.

E depois disse a Owen:

— Quando a canoa se aproximar ao canal, cumprimente gritando algo na língua desta parte do Pacífico Sul. E seja muito cortês.

— Muito cortês, sim, senhor — repetiu Owen.

Mas não teve tempo de dizer nenhuma cortesia, porque as jovens, com a típica afabilidade Polinésia, cumprimentaram primeiro, sorrindo e agitando a mão que tinham livre.

— Convide-as para subir a bordo — ordenou Jack. — Diga que temos penas e lenços coloridos.

Ele disse, mas as jovens, ainda que estivessem alegres e as penas e os lenços de coloridos as tentassem, decidiram não subir pelo costado, provavelmente porque os poucos tripulantes visíveis tinham um aspecto muito pouco atraente. Contudo, ficaram por perto o tempo suficiente para dar três voltas na fragata, governando a embarcação com tanta habilidade que eram dignas de se ver, e para responder várias perguntas.

— Onde está o *Franklin*?

— Foi perseguir um barco.

— Onde estão os homens?

— Foram à guerra. Kalahua vai devorar a rainha Puolani e levou o canhão.

A terceira coisa que disseram, ainda que alto e com voz aguda, não se pôde entender muito bem porque as duas falaram ao mesmo tempo e parte do que era compreensível o vento levou quando começaram a se afastar com rapidez. Mas para os tripulantes da

Surprise, que agora navegava com bandeira estadunidense, acharam que haviam dito que poderiam encontrar seus amigos em Eeahu quando o *Franklin* capturasse a presa.

— Os tripulantes do *Truelove* estão baixando um bote, senhor — disse Pullings.

Era um cúter de oito remos, e ainda que alguns dos que o baixaram fossem marinheiros, era óbvio que os que se sentaram na bancada de popa não eram. Jack observou o cúter afastar-se da costa e também o barco, onde havia poucos tripulantes.

— Senhor West, que todos os botes estejam preparados para zarpar a qualquer momento — ordenou.

— Senhor Davidge — disse, assomando-se à escotilha —, espere.

Davidge era o chefe da coluna volante, cujos membros já estavam armados e preparados para o caso de alguma emergência e permaneciam abaixo do convés, onde quase não podiam respirar.

Depois mandou recolher a âncora pequena, mover as escotas para trás e atravessar o canal. Então observou com muita atenção o terreno que havia entre o povoado e as montanhas, por onde o rio descia em direção ao porto.

Quando o cúter chegou a uma distância da qual era possível comunicar-se a gritos, um homem se levantou, caiu e voltou a erguer-se, apoiando a mão no ombro do timoneiro.

— Que barco vai? — gritou com um sotaque parecido ao norte-americano e retorcendo a cara para um lado para consegui-lo.

— O *Titus Oates*. Onde está monsieur Dutourd?

— Foi perseguir um barco. Ele se reunirá conosco dentro de três ou quatro dias em Eeahu. Têm tabaco ou vinho?

— Claro! Subam a bordo.

O próprio Jack levava o leme e fez a *Surprise* avançar mais além do lugar onde se encontrava o cúter e depois virou para situá-la entre o cúter e a costa. Então, em voz baixa, disse ao suboficial encarregado dos sinais, um dos poucos marinheiros que havia no convés:

— Quando engatem o croque, ize nossa bandeira.

Isso era um truque, pois a bandeira ondearia de maneira que não poderia ser vista nem do *Truelove* nem de uma embarcação enganchada ao pescante de barlavento da *Surprise*, mas tinha que guardar as formas.

O homem que tinha gritado e os outros três que estavam na bancada de popa, subiram torpemente. Levavam pistolas no cinto, como os que haviam ficado abaixo. Como não eram marinheiros, as lonas que ocultavam a maioria dos canhões da fragata não lhes chamaram a atenção, nem tampouco os apetrechos para a pesca da baleia, cuja autenticidade era improvável se se viam de perto.

— O Libertador disse que logo receberíamos tabaco e vinho — assegurou o líder, sorrindo tão amavelmente como pôde.

— Senhor West — disse Jack —, por favor, diga ao senhor Davidge que se encarregue de que estes cavalheiros sejam bem atendidos. As instalações da bodega de proa são muito apropriadas. Bonden, acompanhe-os — acrescentou, pensando que talvez West não tinha entendido bem as últimas palavras que tinha murmurado.

A verdade era que todos a bordo, com excessão desses malvados mercenários brancos ou quase brancos, sabiam qual era a intenção de Jack Aubrey; inclusive Stephen e Martin que acabavam de descer do cesto da gávea do mezena. Depois, quando Jack viu Bonden regressar com um sorriso satisfeito, disse ao doutor em voz baixa:

— Doutor, por favor, consiga que esse tipo mal-encarado que está na bancada de popa suba a bordo.

Stephen não necessitou de mais explicações e, em francês, perguntou aos gritos como estava monsieur Dutourd e sugeriu ao homem que subisse com cuidado pelo costado com um marinheiro ou dois que fossem capazes de carregar grandes pesos. Um dos marinheiros a quem assinalou, o que levava o primeiro remo, olhava atentamente para cima há um tempo, e Stephen estava quase seguro de que era um dos mil pacientes que tinha atendido.

O mercenário subiu sem necessidade de que insistisse mais, seguido pelo marinheiro que levava o primeiro remo, que, depois de cumprimentar aos que estavam no castelo de popa, deu ao mercenário um terrível chute e o lançou com uma força incrível

contra o cabrestante. Então Bonden lhe tirou a pistola como se tivesse ensaiado a cena com ele durante semanas. O marinheiro se voltou para Jack e, tirando o chapéu, apresentou-se:

— Sou William Hoskins, senhor, ajudante de armeiro do *Polychrest* e atualmente tripulante do *Truelove*.

— Encantado de voltar a ver-lhe, Hoskins — disse Jack, apertando-lhe a mão. — Diga-me, há muitos mais franceses no *Truelove*?

— Em torno de uma vintena, senhor. Deixaram-nos aqui para que nos fizessem trabalhar e para evitar que os nativos roubassem enquanto os outros estão lutando junto a Kalahua. Nos trataram cruelmente e os que sabem falar inglês nos falaram com sarcasmo.

— Os outros tripulantes do cúter pertencem à dotação do *Truelove*?

— Todos menos o timoneiro, senhor, mas aposto que já lhe torceram o pescoço. Esse bastardo matou o capitão.

Jack se assomou por cima da borda e viu que os tripulantes do *Truelove*, silenciosamente, estavam afogando o timoneiro. Movido por seu grande senso do dever, Jack gritou:

— Parem!

Eles pararam e, ágeis como gatos, subiram a bordo para tomar um copo de grogue que lhes serviram na entrecoberta.

— Percebemos que este não era um autêntico baleeiro desde que estávamos na costa — disse um a Killick —, porém, acha que dissemos algo a estes malditos sacanas? Não, companheiro, não.

Entretanto, os tripulantes da *Surprise* tinham largado a gávea e a fragata se dirigia ao lado sul do porto para ancorar. O cúter ia a reboque e todas os botes da fragata estavam quase preparados para descer à água.

— Senhor Davidge, é muito importante que o senhor e seus homens cheguem àquele caminho que vai para as montanhas, aquele que vai paralelo ao rio, antes que os franceses do *Truelove*. Muito provavelmente fugirão quando virem nossos canhões, mas se chegarem a encontrar Kalahua, estaremos perdidos. Kalahua e seus homens se encontram a dois dias de distância ou talvez menos, porque transportam um canhão.

Mesmo em uma fragata tão bem governada como a *Surprise*, quando se ordenava aos marinheiros preparar e armar os botes, a operação raras vezes se fazia em menos de vinte e cinco minutos, porque o sistema de polias que iam até os penóis da verga maior e do traquete era muito complicado. Apenas o bote desceu à água, levantou as suspeitas dos franceses do *Truelove*, que, carregados com pacotes, reuniram-se na praia e começaram a atravessar o povoado em direção sul, seguindo o curso do rio.

Quando o bote e o cúter azul já estavam cheios de homens, Jack ordenou:

— Vá com os homens que tem, senhor Davidge, e faça todo o possível para retê-los enquanto os outros chegam.

— Farei todo o possível, senhor — disse Davidge, olhando para cima e sorrindo. — Vamos zarpar! Retroceder!

Os botes alcançaram a costa muito rápido e chegaram até a parte superior da faixa de areia. Os tripulantes desceram imediatamente e, segurando para o alto os mosquetes, desapareceram quase imediatamente entre as samambaias.

Quando o outro cúter e o esquife estavam a caminho, Jack subiu apressadamente ao cesto da gávea do traquete. Atrás da larga faixa de samambaias havia um terreno coberto de mato alto e salpicado de arbustos e densos bosquezinhos cheios de cipós. De vez em quando era possível ver a coluna, ainda bastante ordenada, mas muito lenta, ainda que os homens que a encabeçavam faziam o possível para seguir a Davidge, que tinha uma extraordinária agilidade. Os mosquetes brilhavam embaixo do sol e também os sabres quando cortavam os cipós e as plantas que cresciam sob as árvores.

Os franceses começaram a correr também, depois de jogar seus pacotes, mas não suas armas. Era óbvio que tanto eles como Davidge se dirigiam a um estreito desfiladeiro por onde o rio atravessava as montanhas, e ainda que a distância do lugar do desembarque da coluna até lá era igual à que havia do povoado, os franceses tinham a vantagem de poder seguir o caminho feito para levar o canhão.

— Mesmo assim — disse Jack, juntando as mãos e apertando-as com força —, levamos meia hora de vantagem.

A coluna parecia mais lenta agora porque Davidge corria como um cavalo puro sangue, corria não para salvar sua vida mas para vivê-la, por tudo aquilo pelo que valia à pena vivê-la. Já os homens das outros botes tinham desembarcado e corriam pelo caminho entre as samambaias, que se moviam a sua passagem. Nesse momento um grupo que ficara para trás tratou de alcançar aos outros atravessando um matagal cheio de trepadeiras espinhosas.

— Oh, não! — gritou Jack. — Oxalá tivesse ido com eles.

E estava a ponto de inclinar-se para a frente e gritar: “Tom, dispare um canhão para os franceses que estão no caminho!”, quando se deu conta de que o estrondo atuaria como um estímulo e provavelmente seria mais prejudicial que benéfico.

Os tripulantes da *Surprise* tinham chegado agora a um descampado e ambos os grupos se aproximavam com rapidez. Davidge chegou ao rio e o cruzou, e avançou pela margem até o desfiladeiro, onde, com o sabre na mão, enfrentou os três franceses que encabeçavam o grupo. Atravessou o primeiro com o sabre; disparou um tiro com a pistola no segundo; mas o terceiro o derrubou com um tiro de mosquete. A partir desse momento foi impossível distinguir as ações individuais. Mais tripulantes da *Surprise* cruzaram o rio; mais franceses subiram pelo caminho tão rápido como podiam. Uma nuvem de poeira se formou sobre o desfiladeiro, onde se travava aquela concorrida batalha corpo a corpo. Ouviram-se tiros de mosquete quando os reforços alcançaram a retaguarda francesa e dispararam nos que não estavam lutando ou tentavam retroceder.

De repente cessaram os gritos e a poeira se dispersou. Era óbvio que os homens de Davidge haviam ganhado. Jack ordenou levar a fragata para o outro lado do porto e abordá-la com o *Truelove*. Foi até a costa no bote com Stephen, Martin e Owen, que faria as vezes de intérprete, e depois pegou o caminho para ir ao desfiladeiro. Estava silencioso e mais cansado do que se tivesse tomado parte na batalha.

Encontraram-se com um pequeno grupo de homens de Davidge que levavam seu cadáver.

— Morreu alguém mais? — perguntou Jack.

— Morreu Harry Weaver, senhor — respondeu Paget, o encarregado do cesto da gávea do traquete —, e William Brymer, George Young e Bob Stewart estão gravemente feridos e não nos atrevemos a movê-los. E há mais alguns feridos que agora seus companheiros estão ajudando a descer para os botes.

— Escapou algum sobrevivente francês?

— Não há sobreviventes, senhor.

Quando a maré subiu, tudo já havia terminado. Os feridos já estavam abaixo; os tripulantes do *Truelove* que se refugiaram em um *puuhonua* (um santuário, um lugar proibido que Kalahua não permitiu que os franceses violassem), foram trazidos de novo; e a *Surprise*, seguida do *Truelove*, já havia atravessado o porto a reboque até um lugar próximo ao lado norte do canal, onde esperava que a maré começasse a baixar para sair.

Stephen entrou na cabine, e Jack levantou a vista e perguntou:

— Como estão seus pacientes?

— Bastante bem, obrigado. Em um determinado momento, duvidei se Stewart poderia conservar a perna e inclusive peguei a serra, mas agora acho que, se Deus quiser, sanará. A maioria dos outros tripulantes da fragata têm cortes ou feridas leves de arma branca; contudo, alguns do *Truelove* estão em muito mau estado. Resta café nessa cafeteira?

— Acho que sim. Não tinha ânimo para terminá-lo. Mas suponho que está frio.

Stephen serviu-se de uma xícara em silêncio. Sabia que Jack não gostava de ver as batalhas mas participar nelas, e que pensaria muito sobre as ordens que poderia ter dado, as ordens ideais que tivessem levado à vitória sem a perda de nenhum de seus homens.

— Pelo menos posso dar uma boa notícia — continuou Jack. — Um dos tripulantes do *Truelove* que estava naquele lugar proibido nasceu nas ilhas Sanduíche. Chama-se Tapia e é filho do chefe de uma tribo. É inteligente, fala inglês estupendamente e conhece

muito bem esta zona. Foi ele que disse aos outros que existia esse *puuhonua* quando fugiram depois da morte do capitão e seu ajudante. Diz que confia que quando saíamos, se conseguirmos sair, poderá nos guiar através dos arrecifes. Eu me alegro muito, porque apesar da carta marítima que Wainwright me deu ser muito boa, seria angustiante tratar de distinguir em uma noite sem lua as marcas que ele pegou.

— Senhor, trouxe café e uma garrafa de conhaque — disse Killick, entrando com uma bandeja.

— Que Deus te proteja da morte, Preserved Killick! — exclamou Stephen. — Os dois me vêm bem, palavra de honra.

— E sua senhoria gostaria que lhe trouxesse água quente?

— Sim — respondeu olhando suas mãos cobertas de sangue seco. — É curioso que, apesar de sempre lavar meus instrumentos, às vezes me esqueço de minha pessoa.

Lavou as mãos e começou a beber a tragos, alternativamente, café e conhaque, e disse:

— Porém, diga-me, meu amigo, por que quer buscar às apalpadelas as coisas na escuridão? O sol sempre sai.

— Não há nem um minuto a perder. Kalahua planeja atacar na sexta-feira pela manhã, tanto se o canhão chegar lá a tempo como se não, porque seu Deus lhe disse que não falhará.

— Como o sabe?

— Tapia me disse, que se informou por sua noiva quando foi ao *puuhonua* levar-lhe comida e todas as notícias. Se não saímos quando baixe a maré e com este vento bastante favorável, perderemos dias essenciais e talvez tenhamos que esperar a mudança da lua. Tenho esperanças, muitas esperanças de que possa chegar a Eeahu na quarta-feira, avisar a Puolani que vão atacá-la, prometer que a defenderemos contra Kalahua e o *Franklin* caso se comprometa a honrar ao rei Jorge, e preparar tudo para enfrentarmos a um deles, ou aos dois juntos, pelo menos com um dia de antecedência.

— Muito bem — disse Stephen e, depois de pensar alguns momentos, perguntou: — O que sabe do *Franklin*?

— Parece que Dutourd não é um grande marinheiro, mas tem um oficial de derrota ianque, como dizem na América do Norte, que é. Dizem que faz trabalhar muito duro à dotação para conseguir que o barco seja muito veloz. É claro que esse barco, com apenas onze canhões de nove libras em cada costado, dispara descargas de noventa e nove libras, ainda que não possa competir com a fragata, cujas descargas são de cento e sessenta e oito libras, sem contar os disparos das caronadas; contudo, uma batalha naval pode mudar com um disparo afortunado, como sabe muito bem, e preferiria não lutar contra ele e possivelmente com sua presa ao mesmo tempo que contra Kalahua. A propósito! Deveria ter dito que Dutourd tirou todos seus homens do *Truelove* para perseguir a presa, assim que dispõe de muitos marinheiros para disparar os canhões. Entre!

— Com sua permissão, senhor — disse Reade. — O senhor West diz que a maré começou a mudar.

Esperaram até que o caudal da corrente aumentou tanto que a água borbulhava ao redor da popa, as guindalezas com que estava amarrada ao cais ficaram tão esticadas que uma parte, quase completamente reta, sobressaiu da superfície, enquanto a parte submersa formou uma leve curva, e os troncos de palma que serviam de cabeços se inclinaram ainda mais.

— Soltem as amarras! — ordenou Jack.

E os dois barcos atravessaram devagar o canal e saíram do porto.

Tomaram numerosas precauções, mas foram desnecessárias. Um bote ancorado fora da baía estava preparado para mover a proa da fragata a reboque para barlavento se se desviasse para sotavento; vários marinheiros estavam colocados nos lados para afastá-la das rochas; um complexo conjunto de cabos uniam a fragata ao *Truelove*... Os dois barcos atravessavam o canal com uma folga de dez jardas e imediatamente os tripulantes largaram as gáveas para ganhar suficiente velocidade e assim dar a primeira bordejada. A *Surprise* tinha os fundos muito limpos e sempre virava para frente com soltura, assim que virou facilmente. Mas quando Jack observou o *Truelove*, que tinha a proa quase plana e estava muito carregado, teve o horrível pressentimento de que não

conseguiria mudar de bordo assim, e como não havia espaço para aproar e ainda menos para mudar de bordo em redondo, Tom Pullings teve que fazê-lo alternando um movimento para barlavento e outro para sotavento, uma manobra que era perigosa quando se fazia com uma tripulação desconhecida. Quando passou o momento crítico e, ao mesmo tempo, desapareceu a angústia de Jack, os tripulantes amuraram as velas para estibordo e o mercante terminou de mudar de bordo. Então os tripulantes do *Truelove* deram vivas e os da *Surprise*, que pensavam que era uma estupenda presa, teriam lhes acompanhado se não fosse porque na fragata se encontrava o cadáver de Davidge, que estava envolvido junto com quatro balas de canhão em uma maca com as bordas costurados juntos e coberto por uma bandeira.

Ao dar a bordejada seguinte os dois barcos saíram do porto, ainda que o *Truelove* ainda estava muito perto do cabo. A noiva de Tapia, que ia em sua canoa ao mesmo ritmo, disse adeus, e então o jovem fez a fragata passar pela borda do arrecife mais próximo da terra para depois atravessar uma tortuosa passagem, enquanto o *Truelove* a seguia. Ali, sob a luz mortiça, ambos viraram contra o vento fixo e de pouca intensidade. A bordo da *Surprise* soou o sino. Martin pronunciou então as apropriadas e comoventes palavras, e os membros da brigada de Davidge fizeram três salvas e deixaram seu cadáver cair pela borda.

As velas voltaram a inchar e os barcos passaram diante de duas ilhotas rodeadas por um arrecife. Tapia assinalou as marcas, que se desenhavam sobre os escuros picos de Moahu, e pouco depois chegaram ao alto mar.

Oakes estava encarregado da guarda de prima e, enquanto estava de serviço, Stephen subiu ao convés para respirar ar puro. Na enfermaria, apesar das mangueiras de ventilação, o ar era fétido, já que, além do calor e dos numerosos pacientes, dois dos tripulantes do *Truelove* resgatados tinham feridas mau curadas e chagas gangrenosas. Clarissa estava sentada ali debaixo da luz do farol de popa, e durante um tempo ambos falaram da extraordinária fosforescência do mar, da esteira, que parecia uma pálida chama

estendendo-se até as ondas formadas pela proa do *Truelove* e do brilho das estrelas no firmamento. Depois Clarissa disse:

— Oakes estava muito triste porque não era membro do destacamento de desembarque. E suponho que o capitão Aubrey esteja muito aflito por... Pelas baixas.

— Está, mas tenha em conta que se os homens que entabulam combates, acostumados a lutar desde jovens, chorassem a morte de seus companheiros tanto tempo como se fossem civis, ficariam loucos ou melancólicos.

Oakes foi até a popa e disse:

— Felicitações pela presa, doutor. Quase não o vira desde que a capturamos. É verdade que todos seus canhões estavam bloqueados?

— Acho que todos menos um. Tapia me disse que o capitão Hardy e seus ajudantes estavam bloqueando o último quando os franceses os mataram.

— Como se bloqueia um canhão? — perguntou Clarissa.

— Coloca-se um prego ou algo parecido no ouvido para que a faísca do cevo não chegue à carga — respondeu Oakes. — Não se pode disparar o canhão até que não se tire o prego.

— Parece que usaram pregos de aço e que o condestável do *Franklin* não sabia como tirá-los — disse Stephen. — Ia abrir um novo ouvido com uma broca quando iniciaram a perseguição que ainda continua.

Soaram duas badaladas. Os serviolas de um lado para outro da fragata gritaram:

— Tudo bem!

Oakes se aproximou da proa para escutar o informe do suboficial:

— Seis nós, senhor, com sua permissão.

Depois apontou a cifra na tabuinha com os dados de navegação e regressou para a popa.

— Sei que não é um ato de cortesia falar de dinheiro, senhor, mas devo dizer que, no que diz respeito a Clarissa e a mim, a presa não podia ter chegado em melhor momento.

Falou com uma comovente sinceridade, e Stephen, à luz do farol de popa, viu que o gesto de Clarissa transluzia certo afeto.

— Todos os marinheiros estão tratando de calcular sua parte. O ajudante do contador do *Truelove* lhes disse qual era o valor exato do carregamento, e, conforme Jemmy Ducks, é provável que as meninas recebam entorno de nove libras cada uma, e elas vão dando saltos pelo convés pensando em presentes. Dizem que para o senhor, senhor, darão uma casaca azul forrada de branco, custe o que custar.

— Deus as bendiga! — exclamou Stephen. — Mas não sabia que eram membros da dotação da fragata.

— Oh, sim, senhor! Faz tempo que o capitão as classificou como grumetes, como marinheiros de terceira classe, para que Jemmy Ducks recebesse a subvenção que lhes corresponde e se animasse.

— Oh! — exclamou Clarissa, levantando algo viscoso que se retorcia. — Que... que é isto?

— É uma lula voadora — respondeu Stephen. — Se contar as patas, verá que tem dez.

— Ainda que tenha cinqüenta, não permitirei que estrague meu vestido — disse Clarissa docemente e, jogando-a pela borda acrescentou: — Vá, senhor.

Com o vento fixo que chegava pela alheta de bombordo, a fragata navegava tranqüilamente com as gáveas com um rizes. Seguiram sentados naquela ilha de luz rodeada de escuridão formada pelo farol e conversando amigavelmente enquanto se sucediam as badaladas, o vento sussurrava na exércia, os moitões davam rítmicos rangidos e os gritos de ritual se repetiam a intervalos fixos.

Na metade da guarda, Oakes os deixou sozinhos.

— Eu me alegro de ter a ocasião de falar com a senhora — disse Stephen —, porque queria perguntar se gostaria de ter a oportunidade de regressar à Inglaterra.

— Quase não pensei nisso — disse Clarissa. — Meu único desejo era sair de Nova Gales do Sul, queria sair dali, não ir a alguma parte. O presente, com todos seus inconvenientes, acho o

presente natural, e se não fosse ter conseguido a pulso desagradar à generalidade das pessoas, nada me pareceria melhor do que seguir e seguir e seguir navegando.

— Estimada Clarissa, acalme-se. Terei que regressar à enfermaria dentro de pouco... Suponha que o capitão Aubrey decida mandar a presa para a Inglaterra sob o comando de Oakes, gostaria da idéia de voltar a vê-la?

— Estimado doutor, por favor, reflita. É claro que eu gostaria ir de novo à Inglaterra, mas me deportaram e se regresso antes de completar a condenação poderiam me aprisionar e deportar outra vez, o que não poderia suportar.

— Não sendo uma mulher casada, conforme acredito. E se se mantivesse afastada da rua Saint James, teria menos possibilidades de ser reconhecida que atingida por um raio. E ainda que assim fosse, tenho conexões que seriam, por assim dizer, condutores de raios. Eu lhe falo desta maneira, Clarissa, porque acredito que a senhora é uma mulher discreta e digna, que me aprecia como amigo assim que eu, como amiga e que entende o valor do silêncio. Se regressar, dar-lhe-ei uma carta para um amigo meu que vive perto do mercado Shepherd, um homem bom e decente a quem agradaria ouvir tudo o que me contou e mais, e que a protegerá, sem dúvida, no improvável caso de que seja aprisionada.

Depois de um longo silêncio, Clarissa disse:

— Indubtavelmente, preferiria estar na Inglaterra a estar em outro lugar, porém, o que poderia fazer lá? Como o senhor sabe, Oakes é um guarda-marinha e não receberá meio soldo. E agora eu não poderia voltar à casa de Mother Abbot.

— Não, não, nunca! Não há a menor dúvida sobre isso. Mas o capitão Aubrey tem muita influência no Almirantado e meu amigo mais ainda, e se não conseguirem um barco para Oakes assim que passe no exame de tenente, terá que ficar em casa com ele durante um tempo. Se o conseguem, como provavelmente a senhora se sentirá sozinha, assim como minha esposa quando estou navegando, talvez gostasse de ficar com ela. Tem uma casa enorme no condado... No condado que fica atrás de Portsmouth. É muito grande para uma mulher que vive em companhia apenas de nossa

pequena Brigid e de alguns serventes e dos cavalos. Cria cavalos árabes.

Seguiu falando de forma desconexa e era provável que Clarissa, visivelmente perturbada, não estivesse atendendo.

— Sim, mas suponha que em Nova Gales do Sul cometi um grave delito, como jogar um menino em um poço, e suponha que quando descubram que escapei comuniquem à Inglaterra, não me aprisionariam e me mandariam ali para ser julgada?

— Escute, minha amiga, com hipóteses não se vai a nenhuma parte. A proteção que lhe ofereço, se a senhora for razoavelmente discreta, cobrirá muitas faltas, muitas ou a maioria graves. Maldito seja, aí vem Padeen! Tenho que ir. Pense no que lhe disse, mas não conte a ninguém, e leve em conta que tudo é uma suposição, pois é possível que não possa persuadir ao capitão Aubrey. E por favor, responda sim ou não com um olhar amanhã pela manhã. Venha para que a examine quando tenha tempo. Que Deus a bendiga.

Já era de dia quando Stephen voltou ao castelo de popa. A manhã era brilhante, o sol tinha subido muito e paralela ao costado de estibordo havia uma faixa de terra coberta de erva verde que terminava no cabo Eeahu. Tapia estava no tope do mastro traquete, guiando a fragata através do arrecife do sudeste.

— Via livre, senhor! — gritou. — Nove braças de profundidade até a baía!

Desceu e continuou a conversa com os tripulantes das duas canoas que estavam abordadas com a fragata há algum tempo. Então Jack viu que o bote se afastava do *Truelove* com o armeiro a bordo e, com o fim de diminuir a velocidade da fragata, ordenou:

— Subam um pouco as escotas.

Mas falou em vão porque os diligentes marinheiros já o haviam feito.

— O café está esfriando e não valerá a pena comer as lulas — disse Killick.

— O senhor Smith quer que lhe comunique que o armeiro desbloqueou todos os canhões do *Truelove* — disse Pullings, tirando o chapéu, depois de atravessar o convés.

A resposta passou pela cadeia de comando até chegar ao armeiro, que deu um passo a frente, e, ofegando e rindo entre os dentes, entregou a Jack um lenço cheio de pregos lustrosos porque estavam untados com azeite de oliva e com uma ranhura como a de um parafuso talhada na cabeça.

— Aprendi este truque quando estava no *Illustrious* — contou, rindo ainda.

— E te fez *ilustre* — disse Jack. — Muito bem, Rogers. Bom dia, doutor. Não poderia ter chegado em um momento mais oportuno: temos lulas voadoras fritas para desjejuar.

Depois que terminaram as lulas, Jack fez as perguntas de rigor sobre os pacientes e chegou outra cafeteira de café recém feito, Jack disse em voz baixa:

— Acho que é um desafio ao destino falar do que vai se fazer depois de um combate antes de realizá-lo, mas algumas coisas, como pôr os contraestais, têm que se fazer com antecedência, ainda que ao final resultem inúteis. Assim que vou dizer uma coisa: a melhor solução para os problemas dos oficiais é mandar Oakes com a presa para um porto inglês. Porém, o que pensará sua esposa? Não queria obrigar essa jovem boa e honrada a regressar se não quiser. O que você acha? Conhece-a melhor que eu.

— Não sei, mas vou vê-la esta manhã um pouco mais tarde e me esforçarei para averiguá-lo. Quando pensa em desembarcar?

— Depois do almoço. Vou deixar que as canoas se abordem com a fragata para que os tripulantes murmurem e Puolani chegue a saber tudo sobre nós e o que ocorre. Assim não a pegaremos desprevenida. É horrível que se detenha diante de sua porta um coche cheio de gente e que desça sorrindo e entre em sua casa quando está desordenada, os tapetes estão tirados, está se fazendo uma limpeza a fundo, as crianças gritam e você está na latrina porque tomou um purgante e sua mulher foi a Pompey para buscar uma nova cozinheira.

A rainha não foi pega desprevenida e os tripulantes da *Surprise* tampouco. Os marinheiros prepararam as caronadas do castelo de popa, que eram muito mais leves que os canhões longos e causavam

mais estrago a curta distância, para levá-las a terra junto com a pólvora e a metralha, sobretudo metralha em potes de vinte e quatro libras. Além disso, tiveram que deixar os mosquetes mais escuros que já estavam um pouco enegrecidos pelo uso no mar, porque, dada à tendência natural dos homens do mar de polir tudo, brilhavam mais do que o conveniente, como Jack notara em Pabay. Depois que Jack observou atentamente o terreno que ficava à vista e refletiu sobre o que Tapia lhe contara, pensou que havia muitas possibilidades de realizar uma emboscada. Em um lado já estavam colocadas ordenadamente as lanças, as baionetas, os machados de abordagem, os sabres, as pistolas e outras armas mortíferas; no outro, as vendas, as ripas, as agulhas e o fio de seda e de cânhamo encerados. Naturalmente, o aspecto civil era de grande importância também, assim que em um baú de sândalo estavam metidos os presentes: um grande espelho, plumas, tecido estampado e fundos de garrafas. Além disso, Jack tinha colocado no bolso uma fita azul que tinha pendurada uma coroa com a face do rei Jorge. Como os oficiais sabiam que os polinésios davam muita importância à classe, puseram sapatos com fivelas de prata, meias de seda, calções, magníficas casacas e chapéu de dois bicos. Além disso, os barqueiros do capitão estavam de uniforme completo, composto de calças brancas, casacas azuis-claras com botões de latão e sapatos com um laço que eram um tormento porque tinham os pés alargados por ter caminhado descalços pela coberta tanto tempo. Porém, devido ao calor e ao medo de se sujar, ninguém vestiu nada até que a *Surprise*, seguida pelo *Truelove* acompanhada de muitas canoas, bordejou o cabo Eeahu, parou onde as águas tinham cinco braças de profundidade e içou um bonito conjunto de bandeiras.

Durante esse comprido intervalo Clarissa foi ver Stephen e ambos falaram da saúde dela sem se atreverem a citar a conversa do dia anterior.

— Está melhor que nunca — disse Stephen. — Suspenderei o mercúrio e isso acabará com a salivação que mencionou. Como sabe, esse é um medicamento específico para a doença que temia padecer, e a pesar de que o diagnóstico do doutor Redfern estava acertado, eu o usei para eliminar os incômodos que me relatou na

primeira consulta, e fez efeito. Mas acho que devemos continuar com o ferro e a quina um pouco mais de tempo para consolidar a melhora geral.

— Obrigado, querido doutor, por cuidar tanto de mim — respondeu ela e se sentou com as mãos cruzadas sobre o colo, e alguns momentos depois prosseguiu: — Tive pensado no regresso à Inglaterra, e se surge a ocasião, eu gostaria muito de voltar.

— Minha amiga, alegro-me muito de que diga isso. A ocasião já surgiu. Esta manhã, no café da manhã, o capitão Aubrey me disse que tinha pensado de encarregar o seu esposo de levar o *Truelove* a um porto inglês, mas por sua causa duvidava se devia fazê-lo, pois não sabia se lhe agradaria, e me pediu que investigasse. Mas eu estava tão seguro de que diria que sim que já escrevi a carta para meu amigo. Seu nome é sir Joseph Blaine e tem um posto na administração. Peço desculpas por tê-la lacrado, mas era necessário porque essa é a prova de sua autenticidade. Não contei nada sobre sua infância e sua juventude nela, só que trabalhou como contadora na casa de Mother Abbott, um lugar que ele conhece tão bem como eu, e sabe de muitas coisas que passaram ali.

— Disse por que me enviaram a Botany Bay?

— Eu lhe disse que um membro do clube Black, do qual ele também é membro; intercedeu pela senhora e isso é suficiente. É a própria discricção, assim que não deve ter medo de que lhe faça perguntas pessoais. Se lhe disser tudo o que me contou sobre Wray, Ledward e seus amigos, ficará satisfeito. E este — acrescentou, pegando um pequeno pacote — é um pacote com insetos para ele. Ele é apaixonado pelos insetos e nada seria mais apropriado para demonstrar que a senhora tem boa vontade. Não lhe desagradam os insetos, minha amiga?

— Oh, não, em absoluto! — exclamou Clarissa. — Na verdade, às vezes tentei ajudá-los a subir pelas pedras, mas sempre em vão.

— Muito bem. Detesto as mulheres que gritam: “Oh, insetos! Oh, serpentes! Oh, ratos! Oh, uma centopéia!” e estão desejosas de esmagar-lhes a cabeça. Minha amiga, é provável que os acontecimentos ocorram depressa e nenhum de nós disponhamos de tempo para falar, assim que permita-me dizer-lhe uma ou duas

coisas importantes. Como provavelmente irão a Batavia, onde a presa será declarada presa de lei e vendida, e dali viajarão para a Inglaterra em um mercante dos que fazem o comércio com as Índias procedente de Cantão, aqui tem uma carta para meu banqueiro em Batavia, que lhe proporcionará o dinheiro para viajar bastante comodamente. E como os mercantes que chegam à Inglaterra das Índias Orientais deixam seus passageiros no Tâmis ou perto, aqui tem uma letra que aqueles miseráveis que são meus banqueiros em Londres aceitarão, e com esse dinheiro a senhora e Oakes poderão viver até que ele receba seu pagamento e o butim.

— O senhor é muito, muito...

— Um pequeno empréstimo entre amigos não tem importância, minha amiga. E aqui tem uma nota para a senhora Broad, de quem já lhe falei, a dona de uma confortável hospedaria no distrito de Savoy. O mais conveniente seria que ficasse ali, enviasse uma mensagem para sir Joseph Blaine pedindo para encontrar-se com ele pela noite e alugasse um carro para ir a sua casa. Não deve ter medo dele, pois ainda que seja sensível aos encantos das jovens, não é um sátiro. E não esqueça dos insetos, Clarissa. Por último, aqui tem uma carta para minha esposa. Se o senhor Oakes for aprovado no exame de tenente e lhe derem o comando de um barco, como acredito que ocorrerá, provavelmente ela lhe pedirá que lhe faça companhia até que nós dois regressemos do mar... Não sei como lhe dizer que é necessário que o senhor Oakes tenha discricção.

— Pode contar com isso — disse Clarissa com um estranho sorriso —, em parte porque ele, realmente, não sabe nada e em parte porque...

As palavras restantes foram afogadas por fortes gritos, apitos e o ruído de passos rápidos.

— Jesus, María e José! — exclamou Stephen.

Então tirou as sapatilhas e as calças de lona e pôs os elegantes calções que estavam preparados. Clarissa lhe vestiu a camisa por trás, abotoou seu colarinho, dobrou sua gravata-borboleta e lhe pôs o grampo, passou-lhe pelos ombros o cinto para pendurar a espada, segurou no ar sua casaca, que ainda que estivesse desgastada era a melhor que tinha, arrumou-lhe a peruca e lhe deu o chapéu.

— Deus a bendiga, minha amiga — disse e correu para o convés.

Lá, ouviu um vozeirão que dizia:

— Maldito seja! Onde está o doutor? Ninguém pode chamar o doutor?

Avançaram para a costa por entre as filas das grandes canoas de guerra de casco duplo de propriedade de Puolani. Jack e Pullings, com suas casacas com dragonas e galões dourados; os outros, com seus respectivos trajes de gala. Receberam-lhes com todas as formalidades que requeria uma recepção oficial, pois apesar do *Truelove* ser para eles um velho amigo, nunca haviam visto naquelas águas nenhuma embarcação como a *Surprise*, com uma plataforma como a dos baleeiros, mas sem botes como os que costumavam levar e com muitos mais canhões.

Jack e Pullings, seguidos de Stephen e Martin, Oakes e Adams e finalmente Bonden, que levava o baú de sândalo, e Tapia, que seria o intérprete, avançaram desde a margem do mar por entre duas filas de homens de meia idade, com gesto grave, que sustentavam galhos de samambaia, e se dirigiram a uma espaçosa construção sem paredes. Ali, em um amplo banco que ia de lado a lado, havia uma mulher sentada no meio de vários ilhéus. Jack notou que ela usava uma esplêndida capa de penas, mas todos os outros, homens jovens e velhos, mulheres e meninas, estavam desnudos da cintura para cima.

Quando já estavam a algumas jardas de distância dela, um velho com muitas tatuagens e um osso atravessado no septo nasal, entregou a Jack um galho da árvore da frut-pão com muitas folhas. Então, os últimos da fila jogaram no piso os galhos que tinham e Tapia lhe disse:

— Isso significa que desejam a paz. Se o senhor puser a sua em cima, isso quer dizer que o senhor também a deseja.

Jack colocou solenemente seu galho sobre os outros e a mulher se levantou. Era tão alta e tão larga de ombros como Jack, mas não tão gorda.

— Esta é a rainha Puolani — disse Tapia, tirando o chapéu.

Jack fez uma elegante reverência adiantando uma perna e pondo o chapéu sob o braço esquerdo. Ela deu um passo para frente e lhe apertou a mão ao estilo europeu, apertando-se fortemente, convidou-lhe para passar e sentar-se ao seu lado. Depois nomeou aos outros conforme a ordem hierárquica, fazendo uma inclinação de cabeça para cada um deles e sorrindo amavelmente. Tinha um bonito rosto, a pele não mais morena que a de uma italiana e muito poucas tatuagens, e aparentava trinta ou trinta e cinco anos. Naquele lugar agradável e bem ventilado estavam sentadas umas quarenta pessoas, entre homens e mulheres, e quando todos os recém chegados se sentaram, todos trocaram saudações. A rainha propôs que comessem, mas Jack recusou dando como desculpa que haviam acabado de comer; contudo, aceitou a proposta de beber *kava*. Enquanto o passava de uns para os outros mandou trazer os presentes, que foram bem recebidos; especialmente os penachos de penas, que, por sugestão de Tapia, ofereceu às tias e primas de Puolani. Era óbvio que ela e seus conselheiros estavam muito angustiados para prestar atenção às contas de colares e aos espelhos, e também, pelas generalidades da conversa, que muitas de suas perguntas eram puramente formais, que as fazia somente por cortesia, já que sabia quase tudo o que havia ocorrido por seus súditos, que tinham obtido informação de seus amigos do *Truelove*, e de outras fontes.

Pouco depois se despediu da maioria das pessoas, acompanhando-as até diferentes pontos da praça que havia diante da casa ou até o umbral ou simplesmente sorrindo-lhes. O grupo ficou reduzido a Puolani, dois conselheiros, Jack, Stephen e Tapia. Então Jack disse:

— Kalahua está a ponto de atacá-la com ajuda dos norte-americanos.

— Eu sei — disse ela. — Já chegou ao manancial Oratonga, de onde nasce o rio que desce até nossa baía. Está acompanhado por trinta e sete homens brancos e tem mosquetes e um canhão, um único canhão. É possível que cheguem depois de amanhã cedo.

— Foi o que ouvi — disse Jack. — Quanto ao canhão, ele o subiu arrastando, mas talvez nunca possa descê-lo assim se não o

levar por um caminho. Não há nada mais difícil de transportar que um canhão. Porém, ainda que o conseguisse, isso não tem importância porque nós temos muitos mais, de maior tamanho e melhores, e também muitos, muitos mosquetes. Tenho que lhe dizer, senhora... (Tapia, diga isto o mais elegantemente possível, ouviu?). Tenho que dizer que os norte-americanos são inimigos de meu rei. Seu país está em guerra com o nosso, e nós a defenderemos tanto deles como de Kalahua, que maltratou nossos compatriotas, se aceitar a proteção do rei Jorge... É assim como devo dizê-lo, Stephen? E se prometer ser uma fiel e respeitosa aliada.

Os rostos dos polinésios resplandeceram. Depois de falar alguns minutos com seus conselheiros, Puolani, radiante e com um intenso brilho nos olhos, virou-se para Jack e disse:

— Aceito a proteção do rei Jorge e serei uma fiel e respeitosa aliada, tão fiel e respeitosa como ao meu esposo.

Tapia traduziu as últimas palavras e acrescentou um comentário, ainda que sem variar o tom, e os conselheiros baixaram a vista.

Jack pensou: “É uma excelente pessoa” e em voz alta disse:

— Muito bem. De acordo. Permita-me dar-lhe uma imagem de seu protetor.

Pegou a brilhante coroa do bolso e, depois de fazer uma pausa para esperar a tradução, pendurou-a em seu pescoço.

— Agora, senhora — acrescentou, pondo-se de pé e olhando-a com admiração —, queria falar com os chefes de suas tropas para começar a levar as caronadas à costa e fazer os preparativos. Não há nem um minuto a perder.

Não perderam nem um minuto. Quando o sol se punha, os dois barcos foram ancorados fora da baía, diante ao cabo do lado sul, em um lugar onde a âncora agarrava bem e não podiam ser vistos desde as montanhas por onde Kalahua ia chegar. Ainda que já haviam escolhido a localização, nem ao menos desembarcariam as caronadas antes que estivesse escuro, para o caso de que alguma brigada os visse quando os estivessem subindo pela praia, antes de chegar ao impenetrável bosque. E quando o sol se punha, Jack já

tinha explorado os tradicionais campos de batalha, três lugares ao longo do único caminho que atravessava as montanhas e onde cabia um considerável número de homens; sobretudo, de homens que puxavam um canhão.

— Lamento que tenha tido que ficar com seus pacientes — disse Jack, que por fim descansava na cabine com um tijela de frutas para acalmar sua sede. — Teria desfrutado vendo os pássaros. Havia um com um bico...

— Somente por isso já teria valido a pena fazer essa viagem.

— Era um pássaro amarelo com um grande bico em forma de foice. E havia muitos mais. Ficaria encantado. Mas poderá vê-los mais tarde. Pois bem, há três campos de batalha principais. O primeiro é uma planície coberta de mato situada entre as montanhas escarpadas e os campos cultivados, e lá é onde os do sul esperam aos do norte formados em fila e lhes jogam lanças e pedras com fundas e depois lutam de maneira antiquada, com paus e coisas parecidas; contudo, tem a desvantagem de que se encontram nele três bosques sagrados e qualquer um que entre um palmo neles, tanto se for perseguido como perseguidor, ocasionará a derrota de seu bando, e sua alma, junto com as almas de seus familiares, ficarão toda a eternidade lá encima no vulcão.

— É ativo?

— Muito ativo, conforme acredito. Bem, o outro campo é muito alto e tem um vale natural com mais de um cabo de largura cujos lados são quase verticais. Quando nossos amigos, que são melhores no mar que em terra, sabem que os homens do norte vêm, geralmente mandam uma esquadra de canoas de guerra a Pabay e um grupo de homens a esse vale e levantam um muro de pedra, o que fazem com grande habilidade e muito rápido se têm as pedras a mão. Às vezes resistem, porque são bem escolhidos, mas outras os atacantes os derrotam porque têm a vantagem de ficar ladeira abaixo. Contudo, ainda que isto último ocorra, os do sul raras vezes sofrem graves danos, pois os homens de Pabay têm que retroceder por causa das canoas de guerra. O terceiro campo é onde se travaram as batalhas realmente decisivas. Fica mais acima e é um terreno do tipo vulcânico, desmatado e flanqueado por escarpados.

Tem um desagradável odor de enxofre e ainda está cheio de ossos que já estão muito brancos. Eu mesmo pude ver centenas de crânios, ou talvez milhares.

— Importaria de me dizer o que pensa?

— Oh, prefiro o do vale! Kalahua sabe que Puolani não pode enviar canoas de guerra a Pabay porque o *Franklin* pode aparecer a qualquer momento, assim que empregará todas suas tropas, derrubará o muro imediatamente se conseguir levar o canhão tão longe e lutará sem medo. Vou desenhar-lhe o campo do vale. Aqui está. Como mede duzentas jardas de comprimento e vinte de largura, há espaço para todos os homens de Kalahua. Minha idéia é colocar duas caronadas aqui na entrada norte e tapá-las com um muro, e repito que estes homens fazem muros de pedra com grande habilidade. Poria quatro mais na parte sul, ocultas da mesma forma e bastante separadas entre si, mas de modo que duas possam disparar para baixo e as outras duas, as dos extremos, obliquamente, pois ainda que o desvio seja mínimo, bastará para que cubram todo o campo. Mandarei vários súditos de Puolani se posicionarem justo atrás do vale e lhes encarregarei que quando Kalahua chegue, façam uma escaramuça para que todos seus homens se concentrem ali, e que depois regressem rapidamente para aonde estamos para atrai-los para o vale. Quando estejam dentro, as caronadas da parte norte farão fogo, e então a retaguarda empurrará a vanguarda do grupo e as caronadas da parte sul começarão a disparar.

— Os habitantes do norte não terão possibilidades de se retirarem?

— Nenhuma.

— Pensava que nas guerras era uma norma que o inimigo tivesse uma via de retirada.

— Talvez seja assim no Exército, mas na Armada é preciso capturar, afundar, queimar ou destruir o inimigo. Por favor, não se aflija, Stephen. Afinal de contas, um homem que começa uma guerra, quando é aniquilado, recebe o que merece. E sempre pode pedir uma trégua.

Quando Stephen regressou para a enfermaria, Jack mandou buscar Oakes e lhe disse.

— Sente-se, senhor Oakes. Como sabe, amanhã nos prepararemos para ajudar a rainha Puolani a lutar contra as tropas que vêm de Pabay junto com os norte-americanos. O capitão Pullings, o senhor West, os oficiais assimilados e eu estaremos em terra e provavelmente passaremos a noite em algum lugar das montanhas, e o senhor se ficará a bordo da fragata e tomará o comando, enquanto que Reade fará o mesmo com a presa. Se durante minha ausência o *Franklin*, o barco corsário norte-americano, entrar na baía, deve içar nossa bandeira e entrar em combate, mas não a mais de um quarto de milha de distância. Deixarei a bordo marinheiros suficientes para manejar uma bateria e o ajudante do condestável para que lhe ajude. Se tiver que cortar as amarras das âncoras em vez de recolhê-las, o que é provável que ocorra se o barco norte-americano chegar, deve marcar sua posição o mais exatamente possível com uma baliza. E se o *Franklin* escapar, não deve persegui-lo além da linha que une os dois cabos. Quero insistir nisso, senhor Oakes. Alguma pergunta?

— Não, senhor, porém, com todo respeito, queira dizer que não fiz nada em Pabay, não fiz nada para... Por assim dizer, recuperar sua estima.

— Não. Isso não é verdade. Estava chateado com o senhor por ter trazido a bordo a senhora Oakes, mas se comportou como um oficial da Armada deve fazer. Acho que tem suficientes qualidades para ser nomeado capitão temporal do *Truelove* e encarregar-lhe que o leve a Batavia para que seja declarado presa de lei, em caso de que a batalha termine como desejamos e o senhor se considere competente para ter o comando.

— Oh, senhor! — exclamou Oakes. — Não sei como agradecer. Vou dizer a Clarissa, quer dizer, com sua permissão. Gosto de navegação e acho que sei como governar um barco, ainda que não como o senhor, senhor, sem dúvida, mas bastante bem.

— Não lhe será muito difícil. Está bem equipado e terá o monção a seu favor. Se tudo vai bem, eu lhe nomearei tenente interino, e ainda que possivelmente terá poucos tripulantes, deixarei

que leve um par de nossos marinheiros de primeira, por exemplo, Slade e Georges, que sabem se encarregar de uma guarda e fazer uma estimativa, e também os três prisioneiros franceses, pois pelo menos podem puxar os cabos. E lhe adiantarei o dinheiro do pagamento e do butim para levar a sua esposa de Batavia para a Inglaterra. Ainda que tudo dependa de termos êxito depois de amanhã, seria conveniente que fosse ao *Truelove* para examiná-lo e conhecer a dotação.

— Poderia ir dizer a minha esposa primeiro?

— É claro! E felicite à senhora Oakes de minha parte. Depois diga ao senhor Reade que quero vê-lo.

Na escuridão os botes regressaram para a fragata depois de largar sua pesada carga na costa. Os marinheiros as subiram a bordo, pois, por precaução, os artilheiros e os homens que disparavam as armas leves iriam ao amanhecer nas canoas de Puolani. Quando o bote já estava dentro da lancha e amarrado, West comunicou a Pullings, que por sua vez informou a Jack, que todos os tripulantes, exceto dois dos mais libertinos, estavam a bordo.

— Muito bem — disse Jack e, morto de fome, desceu para a cabine.

Durante a janta suspendeu o ataque ao bolo marinheiro para dizer:

— Nunca nada me causara tanto assombro. Acabo de dizer a Oakes que, se tudo sair bem na sexta-feira, vou nomea-lo tenente interino para que leve o *Truelove* a um porto inglês e ficou surpreso, agradavelmente surpreso. Sua esposa não lhe dissera absolutamente nada ainda que devia sabê-lo por suas perguntas.

— É uma jóia — disse Stephen. — Vale muito.

Jack moveu a cabeça de um lado para outro e voltou ao bolo marinheiro. Ao terminá-lo se jogou para trás e disse:

— Não lhe perguntei o que pensa de Puolani.

— Acho que é uma magnífica rainha. Ela se parece com Juno. Tem os mesmos olhos grandes e expressivos, mas espero que não tenha as mesmas falhas.

— Sem dúvida, é muito amável. Mandou seus homens construirem uma casa para que eu dormisse nela, mas lhe disse que amanhã pela manhã já estaria lá encima, onde estão as caronadas.

Guardou silêncio durante a sobremesa e depois continuou:

— Acredito que não lhe disse que estou muito satisfeito com os chefes militares e seus homens, que são muito disciplinados e profissionais e não têm nada que invejar aos da marinha de guerra, como ocorre tão amiúde na Inglaterra. Estavam dispostos a aceitar minhas sugestões, e apenas havia mencionado a conveniência de que tivesse uma enfermaria em um pequeno patamar com sombra agradável que fica a menos de meia hora do vale, quando começaram a construí-lo.

— A menos de meia hora do vale?

— Sim. Aqui não se têm o costume de fazer prisioneiros de guerra e não posso fazer nada a respeito. Penso que vai haver uma matança e não posso permitir que uma batalha desse tipo seja interrompida por razões humanitárias.

— Já me viu alguma vez interferir em uma batalha?

— Não, mas acho que é todo coração e que, em um caso como este, é melhor que esteja no lugar adequado, em uma enfermaria na retaguarda, que corresponderia à cobertura inferior em um barco.

Foi nessa enfermaria onde Jack, Stephen, Pullings, West e Adams passaram a noite da quinta-feira, depois de subirem pelo caminho conhecido, que cheirava a erva esmagada pelas caronadas que os marinheiros tinham subido antes. Essas peças de artilharia de curto alcance eram bastante fáceis de transportar manualmente ao longo de uma distância assim e em ladeira, porque não pesavam mais de meia tonelada, três vezes menos que o canhão de Kalahua.

E foi ali, obviamente, onde Stephen se despertou com as primeiras luzes. Seus companheiros já tinham ido, movendo-se tão silenciosamente como costumavam fazer os marinheiros nas guardas da noite, e também a maioria dos guerreiros, mas quando estava na porta, ouvindo o canto e as chamadas dos pássaros que estavam nas árvores ao redor, chegaram correndo pelo caminho mais homens da tribo. Eram homens robustos, morenos e alegres que estavam

armados com lanças, paus ou perigosas espadas de sândalo com dentes de tubarão incrustados no fio, e alguns tinham armaduras feitas de esteira.

Quando todos subiram, correndo para não perderem a batalha, Stephen se sentou à porta sob a luz do sol nascente.

Pouco depois o canto dos pássaros foi cessando até limitar-se a algum ou outro chiado (não tinham um canto melodioso) e Padeen pôde fazer saltar uma faísca para fazer fogo e esquentar o café.

Numerosos pássaros passaram por perto, alguns dos quais eram provavelmente melifágicos, mas ele os escutava com mais atenção que os olhava. Na noite anterior se podiam ver as fogueiras do acampamento de Kalahua, a uma hora de caminho do vale, e mesmo arrastando o canhão os habitantes do norte e seus amigos, os mercenários brancos, poderiam chegar lá antes de que o sol subisse outro palmo.

A pouco olhava para o extenso mar que terminava na tensa linha do horizonte e, naturalmente, estava imóvel. Pensou na gloriosa rainha Puolani. Diziam que seu defunto esposo era um homem de poucas luzes e que ela o havia posto na vanguarda da milícia em uma batalha como essa no vale. Tratou de recordar alguns versos, mas os que sabia bem, os que recordava com mais facilidade, não faziam uma descrição que correspondesse a sua idéia do desfiladeiro de duzentas jardas por vinte cheio de homens aos quais se disparavam pela frente, pelas costas e obliquamente. As caronadas de vinte e quatro libras lançariam potes de metralha em cada descarga, quer dizer, umas duzentas bolas de ferro, e seriam manejadas por experimentados artilheiros, capazes de disparar, recarregar a caronada, apontá-la e voltar a disparar em menos de um minuto. Em cinco minutos seis caronadas descarregariam pelo menos seis mil mortíferas bolas sobre aqueles homens apanhados. Com sua voz pouco melodiosa começou um canto gregoriano, que lhe parecia o mais apropriado agora, e quando entoava o *Benedictus* na modalidade dórica e se esforçava por subir o tom para o *qui venit*, o rugido das caronadas o interrompeu. Achou que dispararam quatro ao mesmo tempo e depois duas, mas o eco provocou uma

confusão. Imediatamente se ouviram outras quatro detonações e depois se fez o silêncio.

Padeen e ele olharam para o alto da montanha, mas conseguiram perceber uma vaga gritaria. Os pássaros haviam fugido das árvores espantados pelos disparos das caronadas. Era possível que os inimigos tivessem superado as caronadas e a luta corpo a corpo tivesse começado.

Passou o tempo, ainda que menos lento agora. Pouco depois se ouviram passos no caminho e um homem de pernas compridas passou correndo junto deles. Era um mensageiro que, obviamente, tinha boas notícias, porque estava radiante de alegria, e ao passar gritou algo que, sem dúvida alguma, incluía a palavra "vitória".

Atrás dele, a vários minutos de distância, passaram dois homens, cada um segurando pelo cabelo uma cabeça humana, uma de um polinésio e outra de um europeu. As duas cabeças tinham os olhos abertos e uma tinha uma expressão indignada e a outra neutra.

Depois, graças a uma rajada de vento, puderam ouvir os gritos:
— Um, dois, três, puxar!

Era evidente que estavam descendo uma caronada pelo caminho, mas muito antes de que passasse junto deles, puderam ouvir a alguns dos marinheiros armados com armas leves falando e rindo. Quando eles estavam à vista, Stephen perguntou:

— Há muitos feridos, Wilton?

— Nenhum, que eu saiba, senhor. Não é verdade, Bob?

— Uma verdade como um punho, companheiro.

— Mas há um monte de desgraçados no vale — disse o encarregado da bodega, um velho companheiro de tripulação de Stephen que, por essa razão, tinha direito de falar abertamente. — Que Deus nos perdoe, senhor. Foi uma carnificina.

Na ladeira já havia muitos homens. Eram ilhéus que tinham tomado atalhos por onde as caronadas não podiam passar, e a maioria deles levava despojos do inimigo: armas, escudos de esteira, adornos, orelhas...

Pouco depois Jack apareceu na curva do caminho. Tinha uma expressão angustiada e Bonden o seguia a certa distância. Stephen

subiu pelo caminho e, quando se encontrou com ele, disse:

— Permita-me felicitar-lhe pela vitória.

— Obrigado, Stephen — respondeu Jack, sorrindo.

— Há algum ferido que atender?

— Todos os que não fugiram já estarão mortos, meu amigo.

Tomamos um caminho secundário? Contanto que desça pela ladeira e atravesse o rio Eahu, nos levará abaixo. Tom vai se ocupar das caronadas. Bonden, pode dar uma mão a Padeen com o estojo de remédios?

Pegaram uma vereda que existia à esquerda, que atravessava um bosque de samambaias até chegar a um sinuoso arroio. A vereda era tão estreita e escabrosa que não lhes foi possível manter nenhuma conversa até onde se cruzava com o arroio, que se alargava ali sob uma frondosa árvore. Jack se ajoelhou, lavou o rosto e as mãos e bebeu muito.

— Meu Deus! — exclamou. — Agora estou melhor — acrescentou, sentando-se sobre uma das raízes cobertas de mofo. — Gostaria de saber como foram as coisas?

— Acho que te dói falar disso agora.

— Sim, mas isto passa logo, sabe? O plano saiu perfeitamente bem, como se tivéssemos seguido um livro de instruções. Os inimigos estavam cansados porque tinham feito todo o caminho ladeira acima e arrastando o canhão e, além de tudo, tinham comido muito pouco. Os marinheiros jovens que tínhamos posicionado no extremo para provocar-lhes e trazer-lhes ao vale tiveram tempo de sobra para correrem para longe das caronadas e deixar o campo livre. Nunca imaginei que os potes de metralha pudessem fazer tanto estrago. Devo admitir que os franceses avançaram com valentia, saltando por cima dos cadáveres, ainda que duas séries bastaram para acabar com eles. Apesar disso, os homens de Kalahua se agruparam e abriram fogo dando gritos. Alguns disparos quase alcançaram as primeiras caronadas antes que lançassem a última descarga. Quando paramos de disparar, os que podiam correr fugiram, e alguns dos homens de Puolani os perseguiram, ainda que não foram muitos nem chegaram muito longe, pois conforme me disseram os chefes, o terreno é muito abrupto. Nos apoderamos de

seu canhão, sem dúvida, e acho que Puolani o levará abaixo oportunamente.

Depois de uma pausa, acrescentou:

— Só disparamos dez séries, Stephen, mas fizemos uma matança comparável à de uma batalha entre esquadras navais. Ainda que, naturalmente, os marinheiros estavam satisfeitos, quase todos, por vontade própria, abstiveram-se de dar vivas.

— Acho que não pois em prática o plano de cortar a saída pelo outro extremo, porque alguns puderam escapar.

— Esse plano? Oh, não! Tentava impressioná-lo, como você faz quando me fala dos horrores da cirurgia. Acho que nem sempre reconhece quando estou brincando.

Esse foi o primeiro sinal de que estava se recuperando, pelo menos levemente, de sua depressão, e quando terminaram de descer para o povoado de Puolani, amiúde por caminhos equivocados, pôde responder perfeitamente à alegre boas-vindas que lhe deram. Era esperado pelo caminho principal, através do canavial, onde construíram arcos com galhos e tinham colocado duas caronadas debaixo de cada um. A rainha o fez retroceder por um atalho até detrás do primeiro e depois o guiou através dos três arcos entre o estrépito dos tambores de madeira e os vivas. Depois o fizeram passar de um grupo a outro (Tapia, que foi resgatado da multidão, disse que representavam os diferentes ramos da tribo) e os membros de todos os grupos puseram uma expressão grave, ainda que não tanto como para ocultar seus sorrisos satisfeitos.

Como a tribo tinha muitos ramos, as repetidas cerimônias, o incessante toque de tambores, o forte som dos conchas, a amabilidade e o profundo afeto que lhe demonstravam a medida que Puolani o guiava de uma a outra e a beleza do dia (pelo céu brilhante passavam as brancas nuvens que vinham do nordeste e uma brisa suave e fragante contrariava o calor que o sol expelia) conseguiram pôr uma barreira entre esse ato e a sangrenta batalha da manhã. E foi por isso que ao entrar na casa de Puolani já era capaz de sentir satisfação ao receber atenções. Quando entrou ali todos se puseram de pé, vestidos com trajes, e entre eles Jack viu com assombro que Stephen, Pullings, West e Adams estavam

cobertos com magníficas capas de penas. Então Puolani lhe colocou sobre os ombros uma capa de cor escarlata, olhou-a com grande satisfação e lhe disse algo em voz baixa. E Tapia disse:

— Diz que pertenceu a um de seus tios, que agora é um Deus.

— Qualquer Deus se sentiria bajulado ao receber uma capa como esta — disse Jack —, e um mortal muito mais.

— É um presente — murmurou Tapia.

Jack se voltou, fez uma reverência e agradeceu. Puolani baixou os olhos com humildade, algo inusual nela, e lhe indicou um lugar livre no banco ou sofá acolchoado junto dela. Do outro lado ela tinha a Pullings, com sua capa de penas amarelas; Stephen, com sua capa azul e negra, estava à esquerda de Jack, que lhe perguntou muito baixo:

— Está com fome? Nunca em minha vida tive mais fome. Apareceu de repente.

Depois, ao ver Tapia falando com um chefe com todo o corpo tatuado que estava sentado junto dele, disse:

— Tapia, por favor, pergunte ao chefe se pode fornecer uma canoa a Bonden para que vá à fragata e diga ao senhor Oakes que tudo vai bem, que os botes regressarão amanhã pela manhã e que dormirei em terra.

O avô de Puolani tinha comprado as panelas de cobre de três barcos, mas raras vezes se usavam porque quase todas as comidas polinésias se faziam em pedras quentes em um forno escavado na terra e ficavam envolvidas em folhas; contudo, agora vários homens levavam as panelas, que brilhavam como se fossem de ouro avermelhado, até um fogão situado diante da casa. Um excelente aroma penetrou nela e Jack começou a engolir saliva. Para se distrair, pediu a Tapia que dissesse à rainha que admirava muito a ordem em que estavam todos os participantes no ato: à direita, fora da casa, estava primeiro a guarda de estibordo, respeitando a precedência; depois a de bombordo, cujos membros tinham grinaldas de flores, e do outro lado deles, fechando o quadrado, estavam agrupados os ilhéus. Em cada extremo os serventes preparavam a refeição.

Além das panelas de cobre, tinham chegado a Moahu sete tigelas de porcelana, e agora os serventes os colocaram, junto com colheres de madeira e pratos de madeira com purê de colocásia, sobre pequenas almofadas diante da rainha, Jack, Stephen, Pullings, West, Adams e um velho chefe. Várias conchas soaram em coro três vezes. Os serventes se colocaram junto das panelas e olharam para a rainha expectantes. Tapia sussurrou:

— À esquerda está a tartaruga; no centro, o pescado, e à direita, a carne.

A rainha olhou para Jack sorrindo, e ele, devolvendo-lhe o sorriso, disse:

— Carne, senhora, por favor.

Os serventes encheram as tigelas. A rainha havia escolhido começar com pescado e quase todos os oficiais da *Surprise* também. Mas fazia muito calor, e enquanto mechiam o vaso e a boca se enchia d'água, Stephen notou a inconfundível forma helicoidal de uma orelha humana em sua tigela e voltando-se para Tapia, disse:

— Por favor, diga à rainha que a carne humana é tabu para nós.

— Mas é de Kalahua e do chefe francês! — disse Tapia.

— Apesar disso — replicou Stephen e se inclinou para trás para falar por atrás de Puolani e, alçando a voz, disse:

— Capitão Pullings, senhor West, esta é carne proibida.

Quando Puolani se informou disso riu alegremente, trocou a tigela Jack pela sua e lhe assegurou que os marinheiros não estavam em perigo porque lhes haviam dado porco, que era tabu para ela. Depois, ainda sorrindo, exclamou:

— Há tantos tabus!

Na verdade, na ilha havia tantos tabus do tipo pessoal e relacionados com a tribo e a nação que esse pequeno incidente passou quase despercebido e Puolani não lhe deu importância. O banquete continuou e a maioria dos marinheiros recuperaram o apetite. Depois do pescado e da tartaruga, a melhor tartaruga do Pacífico Sul, trouxeram aves cozidas ao estilo polinésio e também cachorros, ovos e leitões. Além disso, trouxeram grande quantidade

de *kava* preparada especialmente para os chefes, que era mais forte que a normal.

O grande banquete durou muito tempo e foi acompanhado por cantos, música de flauta e de outro instrumento aparentado com a harpa e a lira e toque de tambores de diversa gravidade. E apenas acabaram de comer a fruta-pão, começou o baile.

Teve danças com as mesmas evoluções perfeitamente sincronizadas que vira muito mais ao sul, em Annamooka, e foram recebidas com aplausos. Mas houve aplausos ainda mais fortes quando um grupo de mulheres jovens, com muita graça e destreza, bailaram *hula*, uma dança muito mais livre.

— Eu me alegro de que Martin não esteja aqui — disse Stephen ao ouvido de Jack —, porque não teria aprovado essas posturas provocadoras e esses olhares maliciosos.

— Talvez não — replicou Jack. — Mas para mim não parecem censuráveis.

Para West tampouco. Ainda que tenha perdido o apetite ao ver o dedo anular do francês em sua tigela, o recuperou, e agora estava inclinado para frente contemplando abstraído à segunda jovem da esquerda.

Ainda que Jack não achasse isso censurável em absoluto, não fechava os olhos porque tinha tanto sono há algum tempo que temia cochilar ou mesmo ficar profundamente adormecido. Reprimiu um bocejo e olhou ansioso para a grande tigela onde estava o *kava*, mas o que o servia também olhava embasbacado para a segunda jovem da esquerda. Puolani observou seu olhar e lhe encheu o copo até a borda falando em tom amável e desculpando-se.

Ouviram-se mais conchas, muitas conchas. As jovens se retiraram em meio de fortes aplausos e, além de tudo, dos assobios e vivas dos tripulantes da fragata. Então Jack viu com assombro que o sol já estava abaixo do horizonte. Quando o silêncio voltou por fim, entrou uma figura com um traje de vime e ficou de pé diante da rainha. Era um homem de oito pés de altura e a seu lado havia outros dois com tambores, um que emitia um som grave e o outro, um som agudo. Depois de que cada um tocasse três redobres, o homem começou a cantar com voz de falsete e subia ou baixava o

tom conforme um ritmo que, sem dúvida, existia para a maioria de quem o escutava, já que assentiam com a cabeça, mas que nem Jack nem Stephen podiam distinguir. Nesse momento, Tapia murmurou:

— Está cantando aos antepassados da rainha.

Uma e outra vez Jack tratou de distinguir a estrutura, mas sempre, no momento crucial, distraía-se e tinha que voltar a começar. Então fechou os olhos para se concentrar no canto e isso foi fatal.

Quando despertou, perturbou-se ao ver que todos que o rodeavam lhe olhavam sorridentes. O homem vestido com o traje de vime já tinha ido e as vermelhas chamas das tochas se destacavam na penumbra.

Dois fortes homens o ajudaram a se levantar lentamente e a sair dali. Ao chegar à porta se voltou e, como em sonho, fez uma inclinação de cabeça. Puolani o olhou afetuosamente e respondeu do mesmo modo. Depois tudo se tronou escuro e Jack teve a sensação de estar seguro entre aqueles braços, que depois lhe tiraram a capa de plumas. Então ele se despiu e eles o ajudaram a meter-se no grande e cômodo sofá da casa que lhe construíram.

Raras vezes estivera tão cansado e tinha perdido tantas forças, mas quando despertou na manhã seguinte já não tinha a mente turva, mas completamente limpa e não olhava incrédulo ao seu redor. Como todos os marinheiros, sabia que a guarda de meia estava a ponto de acabar e que a maré estava mudando. Além disso, sabia que tinha mais alguém no quarto, e quando tentou se sentar, um braço forte, morno e cheiroso o empurrou para trás. Não ficou muito surpreso, talvez porque quando estava meio acordado tinha reconhecido o aroma, que não era em absoluto desagradável. O coração lhe começou a pulsar com força e se afastou para deixar um lugar livre.

A luz do amanhecer entrava pela porta quando ouviu que Tom Pullings lhe murmurava:

— Senhor, senhor, desculpe-me, senhor. Já avistamos o *Franklin*, senhor. Senhor...

— Espere, Tom! — disse, pondo a roupa.

Ela ainda estava adormecida. Estava deitada de boca para cima com a boca aberta e tinha um aspecto muito bonito. Jack saiu silenciosamente e desceu rapidamente para a praia. Todos no povoado, menos alguns pescadores, dormiam. Oakes tinha mandado os botes à costa e a segunda caronada já avançava por entre as grandes ondas.

— O senhor Oakes, o encarregado da guarda, senhor — disse Bonden —, diz que avistaram o *Franklin* no oeste quando amanheceu. O *Franklin* se aproximou da costa, mas seu capitão, duvidando que tudo tivesse ido bem, mandou largar as maiores e fez rumo para sudoeste. Diz que dobrará o cabo a qualquer momento, senhor, e que mande os tambores.

— Muito bem, Bonden. Watkins, chame todos às armas. Doutor, senhor Adams, venham comigo. Capitão Pullings, adiante.

Quando o bote atravessava a baía, apareceu o *Franklin*, que era um barco corsário alongado e baixo. Seu capitão parecia suspeitar de algo, mas não, estar alarmado, pois não havia desdobrado as joanetes nem tirara os rizes que as gáveas costumavam levar para passar a noite.

Jack se sentia muito bem quando subia rapidamente pelo costado.

— Bom dia, senhor Oakes — cumprimentou. — Muito bem feito. — Virou-se por o ajudante de Killick (este ainda se encontrava em terra) e disse: — O café da manhã dentro de vinte minutos. — Depois, olhando para Adams, ordenou: — Senhor Adams, por favor, escreva como é devido uma nomeação de tenente interino para o senhor Oakes e faça o favor de passar a limpo os rascunhos dos despachos e das cartas que redigimos.

Então lançou uma olhada para a costa, onde os tripulantes da *Surprise* se moviam como laboriosas abelhas, tirou a camisa e as calças no cabrestante e mergulhou nas profundas águas de cor verde-claro.

Mesmo depois do desjejum era evidente que o capitão do *Franklin* estava indeciso, pois fez um sinal que, com toda segurança, seus compatriotas em terra conheceriam. Jack, que era um veterano em questões de truque, respondeu com uma fileira de bandeiras que

não se viam claramente porque subiam e desciam como se a adriça estivesse enguçada, com o fim de que perdesse irrecuperáveis minutos.

As caronadas e a munição chegaram à fragata com incrível rapidez. Havia um pouco de caos, pois subiam pelo costado os marinheiros que tinham ajudado o *Truelove* a recolher âncoras, que eram muito pesadas, e outros marinheiros subiam a bordo os botes. Mas pouco depois Pullings disse:

— Todos os tripulantes estão a bordo, senhor, e a guindola já está preparada.

Jack se voltou para Oakes e disse:

— Senhor Oakes, aqui está sua nomeação provisória e neste grande pacote estão todos os outros documentos. Agora, se a senhora Oakes estiver pronta, pode subir a bordo de seu barco.

Clarissa avançou desde o corrimão e, com voz clara, disse:

— Permita-me agradecer-lhe por tratar-me tão amavelmente, senhor. Sempre lhe serei agradecida.

— Nós nos alegramos de que tenha estado conosco — respondeu Jack. — Desejo boa viagem aos dois e lhes rogo que sejam portadores de meu carinho à Inglaterra.

Ela se voltou para Stephen, que a beijou em ambas as faces e disse:

— Deus a bendiga, minha amiga.

Ajudou-a a subir na guindola, que a desceria até o bote do *Truelove* e observou como subiam a bordo. Depois ouviu os gritos que lançaram com todas suas forças os tripulantes que tinham sido resgatados:

— Três hurras para a *Surprise*! Hurra, hurra, hurra!

— Três hurras para o *Truelove*! — gritou Jack.

Os tripulantes da *Surprise* interromperam seu trabalho e, com grande alegria porque muitos estimavam a Oakes e apreciavam a presa, gritaram:

— Hurra, hurra, hurra!

O *Truelove* começou a se afastar. Clarissa apareceu no coroamento e ela e Stephen se cumprimentaram agitando a mão.

— Todos a soltar amarras! — ordenou Jack, com sua voz potente e poderosa. Depois, voltando-se para Pullings, em tom coloquial, disse: — Podemos tirar a plataforma enquanto saímos.

Stephen permaneceu atrás dele enquanto o cabrestante girava e se ouviam os cliques e os gritos habituais. Cada âncora subiu no momento correspondente entre as invariáveis ordens e respostas, e Stephen de repente notou que a fragata ganhava velocidade. A fragata desdobrava cada vez mais velas e avançava cada vez mais rápido para o leste atrás da presa, que fugia a tanta velocidade que a distância entre as embarcações aumentava com uma rapidez extraordinária. Antes do que Stephen esperava, o *Truelove* era simplesmente um distante barco no mar e o contato humano havia se perdido.



- {1} Jardim: nome dado ao sanitário nos barcos.
- {2} Monterilla: vela triangular que em tempo sereno se larga sobre os últimos joanetes.
- {3} Más Afuera: atualmente, ilha Robson Crusoe do arquipélago de Juan Fernadez na costa do Chile.
- {4} Noite de Guy Fawkes: em 5 de novembro de 1605 os católicos fracassaram em sua tentativa de voltar ao Parlamento inglês, como protesto às leis ditadas contra eles e como parte de um complô ("Conspiração da pólvora") para acabar com Jacobo I. Seu líder, Guy Fawkes, foi capturado e executado. Os protestantes comemoram essa data queimando pela noite um boneco de palha que o representa.
- {5} Cachorro com manchas: Pudim de sebo com passas.
- {6} Menino afogado: Nome que davam os marinheiros a um pudim de sebo que se fazia envolto em um pano e fervido.
- {7} Pinzote: Mar. Ferro dobrado em forma de escápula que se prega para servir de dobradiça ou macho, como os do leme onde se engancham as correspondentes fêmeas.
- {8} Escrúpulo: Med. Medida de peso antiga, utilizada em farmácia e equivalente a 24 grãos, ou seja 1198 mg.
- {9} Bulárcama: Mar. Cada uma das ligações que, de intervalo em intervalo, colocam-se sobre o forro interior do navio, e que, cavilhadas à sobrequilha e às balizas, servem para reforço destas.
- {10} Empalletado: Mar. Espécie de colchão que se formava no costado das embarcações quando iam entrar em combate, pondo juntos numa rede as trouxas de roupa dos marinheiros, e servia para defesa contra a fuzilaria inimiga.

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base tradução do *Espanhol* para o *Português* feita em
17/06/2012 por
Kleber de Souza Andrade

